O PRIMEIRO HOMEM MAU

—

MIRANDA JULY



COMPANHIA DAS LETRAS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



MIRANDA JULY

O primeiro homem mau

Tradução
Caroline Chang
Christina Baum



COMPANHIA DAS LETRAS

Para Michael Chadbourne Mills

Um

Fui de carro ao consultório médico, dirigindo como se estivesse estrelando um filme a que Phillip assistia — janelas abaixadas, cabelo esvoaçante e só uma mão no volante. Quando parei no sinal, olhei para a frente com um ar misterioso. *Quem é ela?* As pessoas perguntariam. *Quem é essa coroa num Honda azul?* Saí da garagem, caminhei até o elevador e apertei o 12 com um dedo descontraído e divertido. Do tipo que topa qualquer coisa. Assim que a porta fechou, dei uma espiada no espelho do teto e ensaiei a cara que faria se Phillip estivesse na sala de espera. Surpresa, mas não surpresa demais, e como ele não estaria no teto, o meu pescoço não estaria tão espichado assim. Enquanto andava pelo corredor, fazia a tal cara. Oh! Oh, oi!

Lá estava a porta.

DR. JENS BROYARD
CROMOTERAPIA

Puxei e abri.

Phillip não estava lá.

Levei uns instantes para me recuperar. Quase dei meia-volta e fui para casa — mas se eu fosse, não poderia ligar para ele e agradecer a indicação. A recepcionista me deu uma prancheta com o formulário para os pacientes novos; sentei numa poltrona estofada. Não havia nenhum espaço que dissesse "indicado por", então escrevi no topo da folha: *indicada por Phillip Bettelheim*.

"Eu não diria que ele é o melhor do mundo", Phillip me disse no evento de caridade da Open Palm. Ele estava com um suéter de caxemira cinza que combinava com sua barba. "Tem um doutor especializado em cores em Zurique que é tão bom quanto ele. Mas Jens é o melhor em Los Angeles e, certamente, o melhor da zona oeste. Ele curou o meu tendão de aquiles." Levantou o pé e o abaixou de volta no chão antes que eu tivesse tempo de cheirá-lo. "Ele passa a maior parte do tempo em Amsterdam e só atende pouquíssimos pacientes, é muito seletivo. Diga a ele que foi o Phil Bettelheim quem te indicou." Ele anotou o número no guardanapo e saiu sambando.

"Foi Phil Bettelheim quem me indicou."

"Isso mesmo!", gritou por cima do ombro. Ele passou o resto da noite na pista de dança.

Encarei a recepcionista — ela conhecia o Phillip. Talvez ele tivesse acabado de sair. Quem sabe estava sendo atendido pelo médico naquele exato momento. Não tinha pensado nisso. Prendi o cabelo atrás da orelha e fiquei observando a porta

do consultório. Depois de um minuto, uma mulher esguia, com um bebê no colo, saiu de lá. O bebê balançava um cristal pendurado num cordão. Olhei bem para ver se tínhamos uma ligação maior do que a do bebê com a mãe. Não tínhamos.

Dr. Broyard tinha traços escandinavos e usava uns óculos minúsculos e críticos. Enquanto ele lia o meu formulário de paciente novo, eu esperava sentada no sofá carnudo de couro que ficava em frente a um biombo japonês de papel. Não havia nenhuma varinha de condão ou esfera à vista, mas eu estava preparada para uma coisa assim esotérica. Se o Phillip acreditava em cromoterapia, isso já me bastava. Dr. Broyard abaixou os óculos.

"Então. *Globus hystericus*."

Comecei a explicar o que era, mas ele me cortou. "Eu sou médico."

"Desculpa." Mas será que os médicos de verdade dizem "Eu sou médico"?

Ele examinou calmamente minhas bochechas, enquanto espetava um pedaço de papel com uma caneta vermelha. Havia um rosto no papel, um rosto genérico com a legenda CHERYL GLICKMAN.

"Essas marcas são…?"

"Sua rosácea."

Os olhos no papel eram grandes e redondos, mas os meus desaparecem completamente quando sorrio, e meu nariz é mais batatudo. Mesmo assim, os espaços *entre* meus traços são perfeitamente proporcionais. Mas até agora ninguém notou. As minhas orelhas também: as queridas conchinhas. Uso o cabelo preso atrás da orelha e tento entrar em espaços lotados, andando de lado, com a orelha em primeiro plano. Ele desenhou um círculo no pescoço do desenho e encheu de linhas diagonais.

"Há quanto tempo você tem *globus*?"

"Intermitentemente, há uns trinta anos. Trinta a quarenta anos."

"Já fez algum tratamento?"

"Tentei ver se conseguia fazer uma cirurgia."

"Cirurgia."

"Para tirar o caroço."

"Você sabe que não se trata de um caroço de verdade."

"É o que dizem."

"O tratamento de praxe é psicoterapia."

"Eu sei." Não expliquei que eu era solteira. Terapia é para casais. O Natal também. Acampar também. Acampar na praia também. Dr. Broyard chacoalhou uma gaveta cheia de vidrinhos e pegou um com o rótulo VERMELHO. Olhei de soslaio para o líquido completamente transparente. Parecia muito com água.

"É *essência* de vermelho", disse rispidamente. Ele percebia o meu ceticismo. "O vermelho é uma energia que só apresenta cor em seu estado bruto. Tome trinta mililitros agora e depois pela manhã, antes da primeira urina." Engoli um

conta-gotas inteiro.

"Por que antes da primeira urina?"

"Antes de você se levantar e começar a se mexer — o movimento aumenta a temperatura corporal basal."

Refleti sobre a questão. E se uma pessoa acordar e em seguida tiver relações sexuais, antes de urinar? Isso, certamente, aumentaria a temperatura corporal basal. Se estivesse na casa dos trinta em vez dos quarenta, será que ele teria dito antes da primeira urina *ou relação sexual*? Esse é o problema dos homens da minha idade: eu sou, de certa forma, mais velha do que eles. Phillip está na casa dos sessenta, então ele provavelmente me vê como uma mulher mais jovem, quase uma menina. Não que ele já pense em mim — sou apenas uma pessoa que trabalha na Open Palm. Mas isso pode mudar de uma hora para outra. Poderia acontecer hoje, na sala de espera. Talvez ainda aconteça, se eu telefonar para ele. Dr. Broyard me entregou um formulário.

"Dê isso para Ruthie na recepção. Marque uma segunda consulta, mas se antes disso o *globus* piorar, talvez você devesse pensar num tipo de terapia."

"Vou ganhar um cristal desses?", apontei para o cacho pendurado na janela.

"Uma gota de sol? Da próxima vez."

* * *

A recepcionista xerocou a carteira do seguro-saúde enquanto explicava que o plano não cobria a cromoterapia.

"A próxima consulta disponível é no dia 19 de junho. Você prefere pela manhã ou à tarde?" O cabelo grisalho dela, na altura da cintura, era repugnante. O meu também é grisalho, mas está sempre arrumado.

"Não sei… manhã?" Estávamos em fevereiro. Até junho eu e o Phillip talvez já sejamos um casal, poderemos ir juntos, de mãos dadas, à consulta do dr. Broyard.

"Não tem nenhum horário antes?"

"O doutor só atende neste consultório três vezes por ano."

Dei uma olhada na sala de espera. "Quem vai regar esta planta?" Me inclinei e enfiei o dedo no substrato da samambaia. Estava úmido.

"Tem outra médica que trabalha aqui." Ela deu um tapinha nas caixas de acrílico com duas pilhas de cartões do dr. Broyard e da dra. Tibbets, LCSW. Tentei pegar um de cada sem usar os meus dedos sujos.

"Que tal às 9h45?", ela perguntou, segurando uma caixa de lenço de papel.

Corri até o estacionamento, segurando o telefone com as duas mãos. Assim que as portas estavam trancadas e o ar-condicionado ligado, disquei os nove dígitos do número do Phillip, e hesitei. Eu nunca tinha ligado para ele; nos últimos

seis anos era sempre ele que me ligava, e só da Open Palm e como membro da diretoria. Talvez não fosse uma boa ideia. Suzanne diria que sim. Foi ela quem abordou pela primeira vez o Carl. Suzanne e Carl eram meus chefes.

"Se você se sente atraída, não seja tímida", ela me disse uma vez.

"O que devo fazer para mostrar que não sou tímida?"

"Mostre a ele como você é quente."

Esperei quatro dias, para espaçar as perguntas, e então pedi a ela que me desse um exemplo de como ser sexy. Ela me encarou por um bom tempo, pegou um envelope velho do lixo e desenhou uma pera. "Essa é a forma do seu corpo. Entendeu? Bem pequeno na parte superior e não tão pequeno na parte inferior." Então ela explicou sobre a ilusão de óptica de usar cores escuras embaixo e cores vivas em cima. Quando eu vejo outras mulheres com a mesma combinação de cores, dou uma olhada para ver se elas também são peras e sempre são — uma pera nunca engana a outra.

Sob o desenho, anotou o número de telefone de alguém que ela achava que tinha mais a ver comigo do que o Phillip — um pai divorciado e alcoólatra chamado Mark Kwon. Ele me levou para jantar no Mandarette, em Beverly. Como não deu em nada, ela me perguntou se eu não estava enganada. "Talvez não seja do Mark que você não gosta? Talvez seja dos homens?" As pessoas às vezes acham isso por causa do meu cabelo; ele é curto. Eu também uso sapatos que realmente foram feitos para andar. Mocassins ou tênis simples em vez de saltos altos com brilhos. Mas será que o coração de uma mulher homossexual dispararia ao deparar com um homem de sessenta e cinco anos vestindo um suéter cinza? Mark Kwon se casou novamente há uns anos. Suzanne fez questão de me contar. Teclei o último dígito do telefone do Phillip.

"Alô?", ele parecia estar dormindo.

"Oi, sou eu, Cheryl."

"Hein?"

"Da Open Palm."

"Ah! Oi, oi! Foi uma festa e tanto, eu me diverti a valer. Em que posso ajudá-la, Cheryl?"

"Só queria lhe dizer que fui ver o dr. Broyard." Houve uma longa pausa. "O cromoterapeuta", acrescentei.

"Jens! Ele é ótimo, não é?"

Eu disse que achei o terapeuta fenomenal.

Esse era o meu plano, usar a mesma palavra que ele havia usado para descrever o meu colar na festa. Ele levantou as contas pesadas do meu pescoço e disse: "É fenomenal, onde você comprou?", e respondi: "Numa barraca na feira", e então ele usou o colar para me puxar para perto dele. "Ei", ele disse, "gostei, é útil." Uma pessoa de fora, como a Nakako, escritora especialista em captação de recursos, poderia achar humilhante, mas eu sabia que era apenas

uma piada; ele estava gozando do tipo de homem que faria uma coisa dessas. Ele fazia esse tipo de coisa havia anos; uma vez, numa reunião de diretoria, ele cismou que o zíper nas costas da minha blusa estava aberto, e então o abriu ainda mais, às gargalhadas. A piada era: *Dá para acreditar nas pessoas? As brincadeiras de mau gosto que as pessoas pregam?* Mas podemos interpretar isso de outra maneira, porque imitar uma pessoa grossa é uma forma de libertação — como, por exemplo, fingir que você é uma criança ou um maluco. Você só pode agir assim com uma pessoa em quem você realmente confia, alguém que sabe o quão bom e competente você é. Depois de soltar o colar, ele teve uma breve crise de tosse, que acabou gerando uma discussão sobre o meu *globus hystericus* e o médico de cores.

A palavra "fenomenal" não parecia provocar nenhuma reação nele; ele disse que o dr. Broyard era caro, mas valia a pena, e começou a entoar uma saída educada. "Bom, então nos vemos na reunião de diretoria a…", mas antes que ele pudesse dizer *manhã*, eu o interrompi.

"Se precisar, é só chamar!"

"O quê?"

"Estou aqui para ajudá-lo. Se precisar, é só me chamar."

Que silêncio. As cúpulas das catedrais nunca sustentaram um vazio tão grande. Ele pigarreou. O som reverberou, ecoando pela cúpula, assustando os pombos.

"Cheryl?"

"Sim?"

"Eu preciso ir."

Eu não disse nada. Ele teria que passar pelo meu cadáver para terminar a ligação.

"Tchau", ele disse, e então, depois de uma pausa, desligou.

Guardei o telefone na bolsa. Se o vermelho já estivesse funcionando, o meu nariz e meus olhos já estariam tomados por uma sensação de ardência, um milhão de pequenas alfinetadas, culminando com uma torrente salgada, a vergonha se manifestava através das minhas lágrimas e em direção à sarjeta. O choro subia pela garganta, espalhando-se, mas em vez de elevar-se, ficou parado ali, no caroço beligerante. O *globus hystericus*.

Algo bateu no meu carro. Foi a porta do carro que estava ao meu lado; uma mulher estava acomodando o filho no bebê conforto. Segurei a garganta e me inclinei para a frente e dei uma olhada, mas o cabelo dela tampava o rosto da criança e eu não conseguia ver se era um dos bebês que gosto de imaginar que são meus. Não biologicamente, mas… familiar. Chamo-os de Kubelko Bondy. Só leva um segundo para verificar; na maioria das vezes não percebo o que estou fazendo até já ter feito.

Os Bondy foram amigos dos meus pais por um curto período, no início dos anos 70. O senhor e a senhora Bondy e o filho pequeno, Kubelko. Mais tarde,

quando perguntei a minha mãe sobre ele, ela disse que tinha certeza de que não era esse o nome dele, mas *qual* seria o nome? Kevin? Marco? Ela não conseguia se lembrar. Os pais bebiam vinho na sala e me mandavam brincar com o Kubelko. Mostre a ele seus brinquedos. Ele ficava sentado, em silêncio, perto da porta do meu quarto, segurando uma colher de pau que, às vezes, batia no chão. Olhos grandes e pretos, e uma papada cor-de-rosa. Ele era bem pequeno, tinha menos de um ano. Depois de um tempo ele jogou a colher e abriu o berreiro. Fiquei observando-o chorar e esperei que alguém viesse, mas não apareceu ninguém. Então o peguei no colo e balancei o seu corpo rechonchudo. Ele se acalmou quase que de imediato. Continuei abraçando-o e ele me olhou e eu olhei para ele e ele me olhou e eu sabia que ele me amava mais do que amava sua mãe e seu pai e que, de uma maneira bastante real e permanente, ele me pertencia. Como eu só tinha nove anos, não estava claro se ele me pertencia como uma criança ou como esposo, mas não importava, estava me preparando para o sofrimento. Apertei seu rosto contra o meu e o segurei pelo que esperava que fosse uma eternidade. Ele adormeceu e eu oscilava entre momentos de consciência, livre de tempo e dimensão, seu corpo quente enorme e depois pequeno — até que foi abruptamente arrancado dos meus braços por uma mulher que se considerava sua mãe. Enquanto os adultos se dirigiam à porta agradecendo, em voz alta e de maneira bastante cansada, Kubelko Bondy me encarava com os olhos amedrontados.

Faça alguma coisa. Eles estão me levando embora.

Eu vou, não se preocupe, farei alguma coisa.

É claro que eu não o deixaria navegar pela noite afora, não o meu querido menino. *Parem! Tirem as mãos de cima dele!*

Mas minha voz não era forte o suficiente, nem sequer saiu da minha cabeça. Segundos mais tarde, ele navegou pela noite afora, o meu querido menino. Nunca mais foi visto.

Só que eu o vi novamente — de novo e de novo. Às vezes ele é um recém-nascido, às vezes já está engatinhando. Estaciono o carro na vaga e consigo ver melhor o bebê no carro ao lado. É só uma criança qualquer.

Dois

Acordei cedo com o barulho de galhos caindo no jardim. Tomei trinta mililitros de vermelho e fiquei ouvindo alguém serrando com força. Era Rick, o jardineiro sem-teto que herdei quando comprei a casa. Eu nunca contrataria alguém para espreitar minha propriedade e invadir minha privacidade, mas resolvi não mandá-lo embora quando me mudei porque não queria que ele achasse que eu era mais careta do que os antigos proprietários, os Goldfarb. Eles haviam lhe dado uma cópia da chave; às vezes ele usa o banheiro ou deixa limões na cozinha. Tento achar um motivo para sair antes de ele chegar, o que não é fácil às sete da manhã. De vez em quando vou passear de carro por três horas até ele ir embora. Ou estaciono a umas quadras da minha casa e tiro uma soneca. Uma vez, quando estava voltando para sua barraca ou seu pequeno abrigo, ele me viu e pressionou o rosto sorridente, com a barba por fazer, no vidro do carro. Ainda sonolenta, foi difícil achar uma explicação.

Hoje eu cheguei cedo à Open Palm e deixei tudo pronto para a reunião de diretoria. Meu plano era agir com tanta elegância que a mulher desajeitada com que Phillip havia conversado na véspera seria completamente esquecida. Não falaria com sotaque britânico, mas teria um na cabeça e ele se prorrogaria.

Jim e Michelle já estavam no escritório, e a estagiária, Sarah, também. Ela tinha levado seu bebê e tentava escondê-lo debaixo da mesa, mas é claro que conseguíamos ouvi-lo. Limpei a mesa da sala de reuniões e pus blocos de papel e canetas. É uma atividade subalterna para o meu cargo de gerente, mas gosto de deixar tudo arrumado para o Phillip. Jim gritou: "Entrando!", que queria dizer que Carl e Suzanne estavam chegando. Peguei dois vasos enormes com flores mortas e corri até a cozinha dos funcionários.

"Eu faço isso!", disse Michelle. Ela era a nova funcionária — eu não a teria escolhido.

"Tarde demais", eu disse. "Já estou segurando os vasos."

Ela correu ao meu lado e puxou o vaso da minha mão, ignorante demais para entender o meu sistema de contrapeso. Um deles estava escorregando, graças à ajuda dela, e deixei para ela pegar, mas ela não pegou. Carl e Suzanne entraram no momento em que o vaso caía no carpete. Phillip estava com eles.

"Saudações", disse Carl. Phillip estava com um lindo suéter cor de vinho. Minha respiração diminuiu. Tinha sempre que resistir ao impulso de me aproximar como se fosse uma esposa, como se já fôssemos um casal havia cem mil vidas. Homem e mulher das cavernas. Rei e rainha. Freiras.

"Esta é a Michelle, a nossa nova coordenadora de mídia", eu disse, gesticulando para baixo de uma forma estranha. Ela estava de quatro, catando as

flores marrons gosmentas; estava com dificuldade de se levantar.

"Eu sou Phillip." Michelle estirou a mão para cumprimentá-lo de joelhos numa posição confusa, seu rosto era um círculo quente de lágrimas. Eu tinha acidentalmente sido cruel; esse tipo de coisa só acontece em momentos de grande estresse e sempre me arrependo enormemente. Eu lhe daria algo amanhã, um vale-brinde ou um liquidificador ninja. Eu deveria ter lhe dado um presente, preventivamente; gosto de fazer isso para os novos empregados. Quando chegam em casa, dizem: "O meu trabalho novo é ótimo, não dá nem para acreditar… olha só o que a gerente me deu!". Então se chegam em casa aos prantos o marido ou a mulher dirão: "Mas, amor, e o liquidificador? Tem certeza?". E os novos funcionários irão se criticar ou até mesmo se sentir culpados.

Suzanne e Carl partiram descontraidamente com Phillip, e Sarah, a estagiária, veio correndo limpar a bagunça. O bebê teimava em balbuciar de uma maneira agressiva. Finalmente, me aproximei de sua mesa e dei uma espiada. Ele arrulhava como um pombo triste e sorria para mim com a ternura do completo reconhecimento.

Eu continuo nascendo para as pessoas erradas, ele disse.

Assenti com pesar. *Eu sei.*

O que eu podia fazer? Queria tirá-lo de sua cadeira e enfim abraçá-lo de novo, mas essa opção não era possível. Gesticulei meu pedido de desculpas e ele aceitou com uma piscadela lenta e sábia que fez meu peito doer de tristeza e meu *globus* começou a inchar. Eu envelhecia enquanto ele, meu pequeno marido, continuava jovem. Ou, mais provável naquele estágio: meu filho. Sarah apareceu correndo e balançou a cadeira do bebê para o outro lado da mesa. O pé dele chutando enlouquecidamente.

Não desista, não desista.

Não vou desistir, disse. *Nunca.*

Seria doloroso demais vê-lo com frequência. Pigarreei com força.

"Você deve saber que não é adequado trazer o seu bebê para o trabalho."

"A Suzanne disse que não tinha problema. Ela disse que sempre trazia a Clee quando ela era pequena."

Era verdade. A filha do Carl e da Suzanne vinha à antiga academia depois da escola e estava sempre nas salas de aula, à solta, correndo, berrando e desviando a atenção de todos. Disse a Sarah que o bebê podia ficar até o final do dia, mas que não se tornasse uma rotina. Ela me lançou um olhar traiçoeiro, porque é uma mulher, feminista, mãe que trabalha fora etc. Lancei de volta o mesmo olhar, porque sou uma mulher num cargo superior, e ela está tirando proveito, feminismo etc. Ela abaixou a cabeça ligeiramente. Carl e Suzanne estão sempre com pena das estagiárias. Eu fui uma delas, há vinte e cinco anos. Naquela época, a Open Palm era apenas uma academia de autodefesa para mulheres;

adaptada de um antigo dojo de tae kwon do.

Um homem agarra seu peito — o que você faz? Uma gangue de homens te cerca e te derruba no chão, e começa a abrir o zíper da sua calça — o que você faz? Um cara que você achava que conhecia te pressiona contra a parede e não te deixa sair — o que você faz? Um homem faz um comentário, aos brados, sobre uma parte do seu corpo que ele quer que você lhe mostre — você mostra? Não. Você se vira e olha bem nos olhos dele, aponta o dedo no seu nariz, e, usando o diafragma, dá um grito bem alto e gutural "Aiaiaiaiaiai!". As alunas sempre gostam dessa parte, do grito. O clima mudou quando os agressores entraram vestindo macacões enormes de espuma e começaram a simular estupros, estupros em grupo, humilhações sexuais e bolinações. Os homens dentro dos macacões eram na verdade gentis e pacíficos — quase em demasia —, mas se tornaram bastante vulgares e esquentados durante a representação. As emoções de várias mulheres vieram à tona, o que era o ponto do exercício — qualquer um podia revidar, desde que elas não estivessem apavoradas ou humilhadas, quando não estivessem aos prantos e pedindo o dinheiro de volta. A sensação de conquista na última aula era sempre comovente. Os agressores e as alunas se abraçavam e agradeciam uns aos outros enquanto bebiam sidra com gás. Tudo estava perdoado.

Ainda damos uma aula para meninas adolescentes, mas é só para manter o nosso perfil de sem fins lucrativos — atualmente, o nosso negócio de verdade é o DVD de fitness. Vender autodefesa como exercício foi ideia minha. A nossa linha compete com os melhores vídeos de ginástica; a maioria dos compradores diz que nem presta atenção ao aspecto do combate, só gosta do ritmo animado da música e de como contribui para melhorar sua silhueta. Quem quer ver uma mulher ser abordada no parque? Ninguém. Se não fosse por mim, Carl e Suzanne ainda estariam fazendo aquele tipo de vídeo deprimente de "como fazer". Eles mais ou menos se aposentaram desde que se mudaram para Ojai, mas ainda se intrometem nos assuntos dos empregados e participam das reuniões de diretoria. Na prática, porém não oficialmente, faço parte da diretoria. Sou encarregada das atas.

Phillip sentou-se o mais longe possível de mim e parecia evitar olhar para o meu lado da sala durante toda a reunião. Espero que seja só paranoia minha, mas depois a Suzanne me perguntou se havia algum problema entre nós. Confessei que havia lhe mostrado como eu era quente.

"O que você quer dizer?"

Fazia cinco anos que ela havia feito essa sugestão — acho que era uma expressão que ela não usava mais.

"Eu disse para ele que se precisasse…", não era fácil dizer.

"O quê?", Suzanne se inclinou, seus brincos balançando para a frente.

"Se precisar, é só chamar", sussurrei.

"Você disse isso para ele? É bastante provocante."

"É mesmo?"

"Para uma mulher dizer a um homem? Claro. Você com certeza mostrou a ele… como posso dizer?"

"Que eu sou quente."

Carl caminhava pelo escritório carregando um saco de lona sujo, escrito COMIDA NATURAL OJAI, e cheio de biscoitos e chá verde e um recipiente com leite de amêndoa, então foi até o armário em que ficava o material de escritório e se serviu de resmas de papel, um punhado de canetas e marcadores, e umas canetas corretivas. Eles também descarregaram coisas com as quais não sabiam o que fazer — um carro velho que não funciona, uma ninhada de gatos, um sofá velho que eles não sabem onde colocar. Dessa vez havia uma quantidade enorme de carne.

"Essa carne se chama *beefalo* — é um híbrido fértil de bovino com bisão", disse Carl.

Suzanne abriu a caixa térmica: "Nós encomendamos carne demais", explicou, "e a data de validade é amanhã".

"Então, em vez de deixar a carne apodrecer, achamos que todos poderiam desfrutar um *beefalo* hoje à noite — por nossa conta!", gritou Carl, jogando as mãos para o ar como Papai Noel.

Começaram a chamar pelos nomes. Cada empregado se levantou e recebeu um pacotinho branco com um rótulo com o seu nome. Suzanne chamou o nome de Phillip e o meu logo em seguida. Nos aproximamos juntos e ela nos entregou as carnes ao mesmo tempo. Meu pacote era maior. Ele percebeu e finalmente me fitou.

"Vamos trocar", sussurrou.

Franzi a testa para manter o ar de alegria. Ele me deu a carne com o rótulo de PHILLIP e eu lhe dei a carne com o rótulo de CHERYL.

Enquanto o *beefalo* era distribuído, Suzanne perguntou se alguém poderia hospedar a filha por umas semanas até ela achar um apartamento e um emprego em LA.

"Ela é uma atriz extremamente talentosa."

Ninguém disse nada.

Suzanne balançou ligeiramente a saia longa. Carl esfregou seu barrigão e ergueu a sobrancelha, esperando as ofertas. Na última vez em que Clee esteve no escritório ela tinha catorze anos. Seu cabelo pálido estava preso para trás num rabo de cavalo, muito delineador, brincos de argola grandes, a calça caindo. Parecia pertencer a uma gangue. Faz seis anos, mas mesmo assim ninguém se ofereceu. Até que apareceu uma voluntária: Michelle.

O *beefalo* deixava um gosto primitivo na boca. Limpei a panela e rasguei o

papel branco com o nome do Phillip. Quando estava quase terminando, o telefone tocou. Por que será que o ato de rasgar o nome faz com que a pessoa ligue — a ciência não explica. Apagar o nome também funciona.

"Liguei para dar um alô", ele disse.

Fui até o quarto e me deitei na cama. A princípio, era igual aos outros telefonemas, só que em seis anos ele nunca tinha ligado para o meu celular pessoal à noite. Conversamos sobre a Open Palm e os tópicos da reunião como se não fosse oito da noite e eu não estivesse de camisola. Então, no momento em que a conversa normalmente terminaria, houve um longo silêncio. Fiquei sentada no escuro me perguntando se ele havia desligado sem se dar ao trabalho de pôr o fone no gancho. Finalmente, num sussurro, "acho que talvez eu seja uma pessoa horrível".

Por meio segundo, eu acreditei — achei que ele estava a ponto de confessar um crime, talvez um assassinato. Então, percebi que todos nós achamos que talvez sejamos pessoas horríveis. Mas só revelamos esse fato pouco antes de pedir a alguém que nos ame. É uma maneira de se despir.

"Não", disse sussurrando. "Você é uma boa pessoa."

"Na verdade, não sou!", ele protestou, com a voz cada vez mais empolgada. "Você não sabe."

Respondi com o mesmo volume e fervor: "Eu sei, Phillip! Conheço você melhor do que você pensa". Ele se calou por um instante. Fechei os olhos. Com todos os travesseiros jogados, numa pose bem íntima — me senti como um rei. Um rei no trono perante um banquete.

"Você pode conversar agora?", ele perguntou.

"Se você puder."

"Quero dizer, você está sozinha?"

"Eu moro sozinha."

"Eu imaginei."

"É mesmo? O que você achou quando pensou sobre isso?"

"Bem, pensei: *acho que ela mora sozinha*."

"Você estava certo."

"Tenho que te confessar uma coisa."

Fechei os olhos novamente, um rei.

"Preciso desabafar", ele continuou. "Você não precisa responder, mas se puder só ouvir."

"Está bem."

"Que droga! Estou nervoso. Estou suando. Lembra que você não precisa dizer nada. Vou falar o que tenho pra dizer e depois podemos desligar e você pode dormir."

"Eu já estou na cama."

"Ótimo. Então você pode dormir direto e me telefonar pela manhã."

“É isso que eu vou fazer.”

“Tudo bem. Falo com você amanhã.”

“Espere aí… você ainda não disse o que tinha para dizer.”

“Eu sei, mas fiquei com medo e… sei lá. O momento passou. Melhor você dormir.”

Sentei na cama.

“Você ainda quer que eu te ligue amanhã pela manhã?”

“Eu te ligo amanhã à noite.”

“Obrigada.”

“Boa noite.”

Era difícil imaginar que tipo de confissão fazia uma pessoa suar que não fosse sobre crime ou romance. E com que frequência uma pessoa, alguém que a gente conhece, comete um crime sério? Fiquei nervosa; não consegui dormir. De madrugada, vivenciei um completo esvaziamento involuntário do intestino. Tomei trinta mililitros de vermelho e apertei meu *globus*. Ainda estava duro como uma pedra. Jim ligou às onze e disse que era uma miniemergência. Jim é o gerente de escritório in loco.

“Aconteceu alguma coisa com Phillip?” Talvez tivéssemos que ir às pressas à casa dele, e eu poderia ver onde ele morava.

“A Michelle mudou de ideia sobre a Clee.”

“Nossa.”

“Ela quer que Clee saia da casa dela.”

“Tudo bem.”

“Então, você pode ficar com ela?”

Se você vive sozinha, as pessoas sempre acham que podem ficar com você, quando na verdade é o contrário: eles deveriam ficar com uma pessoa que já está num estado de desorganização por causa de outras pessoas, então uma a mais não fará diferença.

“Bem que eu gostaria, eu realmente gostaria de poder ajudar.”

“A ideia não partiu de mim, foi do Carl e da Suzanne. Acho que eles ficaram imaginando por que você não se oferecera logo de início, já que é praticamente da família.”

Franzi os lábios. Uma vez Carl me chamou de *ginjo*, e eu achei que significava “irmã”, até ele me dizer que significava homem em japonês, normalmente um velho, que vive isolado mantendo a fogueira acesa para toda a aldeia.

“Na mitologia antiga ele queima suas roupas e depois os ossos para manter o fogo aceso”, disse o Carl. Fiquei imóvel esperando que ele continuasse; adoro quando as pessoas me descrevem. “Então ele tem que achar algo para manter o fogo aceso, e ele tem os *ubitsu*. Não é fácil traduzir essa palavra, mas basicamente significa sonhos tão pesados que têm uma massa e um peso infinito.

Ele queima esses sonhos e o fogo nunca se apaga." Aí ele me disse que a minha forma de gerenciar era mais eficaz à distância, e meu emprego agora era trabalhar em casa, mas eu podia ir ao escritório uma vez por semana e para as reuniões de diretoria.

A minha casa não é muito grande; tentei imaginar outra pessoa aqui.

"Eles disseram que eu era praticamente da família?"

"É evidente… quero dizer, você acha que a sua mãe é praticamente da família?"

"Não."

"Viu?"

"Quando que ela viria?"

"Ela pode trazer as coisas dela hoje à noite."

"Eu tenho um telefonema importante para dar hoje, mais tarde."

"Muito obrigado, Cheryl."

Tirei meu computador do quartinho de passar roupa e instalei uma cama de armar que é mais confortável do que parece. Dobrei uma toalha de rosto em cima da toalha de mão, em cima de uma toalha de banho e coloquei-as em cima de um cobre-leito que ela poderia usar em cima do cobertor dela. Pus umas balinhas de hortelã sem açúcar em cima da toalha de rosto. Borrifei um limpa-vidros na banheira e nas torneiras para que elas parecessem novas, e na descarga da privada. Coloquei frutas no pote de cerâmica para que eu pudesse gesticular quando dissesse: "Sirva-se à vontade. Sinta-se como se estivesse em casa". O resto da casa estava todo arrumado, como sempre, graças ao meu sistema de organização.

Não tem um nome — só chamo de meu sistema de organização. Digamos que uma pessoa está deprimida, ou talvez só com preguiça, e não lava mais a louça. Logo os pratos ficam empilhados até o teto e não dá para encontrar sequer um garfo limpo. Então a tal pessoa começa a usar os garfos sujos para comer nos pratos sujos e isso faz com que ela se sinta como um sem-teto. Então deixa de tomar banho. O que faz com que ela não queira sair de casa. Ela começa a jogar o lixo em qualquer canto e faz xixi em xícaras porque estão mais perto da cama. Todos nós já fomos essa pessoa, então não podemos criticar, mas a solução é simples:

Menos pratos.

Se você não tem muitos pratos, não dá para empilhar. Isso é o principal, mas também:

Pare de ficar mudando as coisas de lugar.

Quanto tempo se gasta mudando os objetos de um lado para o outro? Antes de deslocar uma coisa para longe de seu lugar habitual, lembre-se de que você vai ter que colocar o objeto de volta ao seu lugar original — realmente vale a pena?

Não dá para você ler o livro, em pé, do lado da prateleira, com o dedo marcando o local onde você vai guardá-lo depois? Ou melhor ainda: não leia. E se *está* carregando um objeto, aproveite para pegar alguma coisa que você possa precisar guardar na mesma direção. Isso se chama transporte solidário. Colocar um novo sabonete no banheiro? Espere até que as toalhas na máquina de secar estejam prontas e carregue as toalhas e o sabonete de uma vez só. Talvez ponha o sabonete em cima da máquina de lavar por um tempo. E talvez seja melhor não dobrar as toalhas até a próxima vez que você precise usar o lavabo. Quando chegar a hora, veja se consegue guardar o sabonete e dobrar as toalhas enquanto está sentado na privada, já que suas mãos estão livres. Antes de se limpar, use o papel higiênico para enxugar o excesso de óleo no rosto. Na hora do jantar: não use o prato. Simplesmente coloque a panela num descanso de mesa. Os pratos são uma etapa a mais que você pode oferecer aos seus convidados para que eles se sintam como se estivessem num restaurante. É preciso lavar a panela? Não se você só comer coisas salgadas direto da panela.

Todos nós fazemos a maioria dessas coisas em algum momento; com o meu sistema de organização você faz todas elas o tempo todo. Nunca deixe de fazê-las. Antes que você perceba, já se tornou automático e, da próxima vez que você estiver deprimido, o sistema funcionará automaticamente. Como uma pessoa rica, eu tenho uma empregada fixa que dorme em casa e mantém tudo em ordem — e como essa empregada sou eu, não existe invasão de privacidade. Na melhor das hipóteses, o meu sistema me proporciona uma vida mais tranquila. Meus dias se tornam mais oníricos, sem arestas, sem nenhuma das dificuldades e confusões que a vida oferece. Depois de dias e dias sozinha, tudo se torna tão sedoso que eu não consigo sentir a minha própria presença, é como se eu não existisse.

A campainha toca às 20h45 e eu ainda não tive notícias do Phillip. Se ele me ligar quando eu estiver com ela, simplesmente pedirei licença. E se ela ainda parecesse uma garota que pertence a uma gangue? Ou se ela se sentisse mal por impor sua presença e começasse a se desculpar no momento em que me visse. Quando passei pela porta, o mapa-múndi desgrudou da parede e deslizou ruidosamente até o chão. Não que isso tenha algum significado.

Ela estava bem mais velha do que quando eu a vira com catorze anos. Era uma mulher. Ela era tão mulher que, por um momento, eu não sabia mais quem eu era. Uma mala de lona roxa enorme estava pendurada em seu ombro.

"Clee! Bem-vinda!" Ela deu um passo rápido para trás como se eu fosse abraçá-la. "Não usamos sapatos dentro de casa, você pode deixar os seus logo ali." Apontei e sorri e esperei e apontei novamente. Ela olhou para a fileira de sapatos, marrons e de formatos diferentes, e depois olhou para os seus sapatos, que pareciam ser feitos de chiclete rosa.

"Acho melhor não", disse numa voz surpreendentemente baixa e rouca.

Ficamos paradas no mesmo lugar por um instante. Disse para ela esperar, e fui buscar um saco plástico. Ela me encarou agressivamente com um olhar inexpressivo enquanto tirava os sapatos e os punha na sacola.

"Quando você sair, por favor, tranque as duas fechaduras, mas quando estiver em casa pode trancar uma só. Se a campainha tocar, você pode abrir esta aqui" — abri uma portinhola pequena dentro da porta da frente e espreitei — "para ver quem é." Quanto afastei o rosto do olho mágico, ela estava na cozinha.

"Pode comer o que quiser", eu disse, correndo para alcançá-la. "Sinta-se como se estivesse em casa." Ela pegou duas maçãs e ia enfiá-las na bolsa, mas notou que uma delas estava amassada e trocou por outra. Mostrei-lhe o quartinho de passar roupa. Ela pôs uma bala de menta na boca e deixou o papel na toalha de rosto.

"Não tem TV aqui?"

"A TV fica na área coletiva. Na sala de estar."

Fomos até a sala e ela ficou olhando para a TV. Não era do tipo com tela plana, mas era grande, e estava embutida na estante. Tinha um pequeno pano tibetano pendurado nela.

"Você tem TV a cabo?"

"Não. Mas tenho uma boa antena, e todos os canais locais pegam bem." Antes que eu tivesse terminado de falar, ela pegou o telefone e começou a digitar. Fiquei parada esperando por um instante, esperando, até que ela me lançou um olhar do tipo *O que você ainda está fazendo aqui?*

Fui até a cozinha e liguei a chaleira elétrica. Usando a minha visão periférica, ainda dava para vê-la e não era difícil imaginar se a mãe do Carl tinha sido bem peituda. Suzanne, apesar de alta e atraente, não se podia dizer que era um "avião", enquanto aquela pessoa jogada no sofá me fazia pensar nessa palavra. Não eram só as dimensões de seu peito — ela era loura, bronzeada e alta. Talvez ela estivesse um pouco acima do peso. Ou talvez não, podia ser só o jeito como ela se vestia, calça de moletom cor magenta na altura dos quadris e várias camisetas regatas, ou talvez um sutiã roxo e duas regatas — havia um acúmulo de alças no ombro. Seu rosto era bonito, mas não se comparava com o corpo. Havia um espaço muito grande entre os olhos e o pequeno nariz. Também tinha um excesso de rosto abaixo da boca. Um grande queixo. Com certeza os seus traços eram melhores que os meus, mas se só olhássemos nos espaços entre os traços, eu ganhava. Ela poderia ter me agradecido; uma lembrancinha de boas-vindas não era tão incomum. A chaleira apitou. Ela ergueu os olhos do telefone, arregalando-os de um jeito zombeteiro, do tipo eu sou assim.

Na hora do jantar, perguntei a Clee se ela queria comer comigo torradas com frango e couve. Se ela se surpreendesse com a escolha de torrada para o jantar, explicaria que é mais fácil de preparar do que arroz ou massa, mas não deixa de ser um tipo de grão. Eu não apresentaria o meu sistema de uma vez só, apenas

uma dica aqui, outra ali. Ela disse que tinha trazido comida.

"Você quer um prato?"

"Posso comer fora dessa coisa."

"Quer um garfo?"

"Tudo bem."

Dei-lhe o garfo e aumentei o volume do meu telefone. "Estou esperando um telefonema importante", expliquei. Ela olhou para trás, como se estivesse procurando uma pessoa que se interessasse pelo que eu dizia.

"Quando você terminar, é só lavar o garfo e colocar de volta com as suas outras coisas", apontei para um pequeno recipiente na prateleira onde estavam sua xícara, cumbuca, prato, faca e colher. "A minha louça fica aqui, mas é claro que estou usando elas agora." Dei uns tapinhas no recipiente ao lado dela.

Ela ficou olhando para os dois recipientes, depois para o garfo, e para os recipientes novamente.

"Sei que pode parecer confuso, porque as nossas louças parecem iguais, mas desde que estejam sendo usadas ou lavadas ou guardadas em seu recipiente, não haverá problema."

"Onde está o resto da louça?"

"Faço dessa maneira há anos, porque não existe nada pior do que uma pia cheia de louça suja."

"Mas onde é que estão?"

"Bom, eu tenho mais. Se, por acaso, você quiser convidar um amigo para jantar…" Quanto mais eu tentava não olhar para a caixa na prateleira de cima, mas eu olhava para ela. Ela seguiu os meus olhos e sorriu.

Na noite seguinte, a pia estava cheia de louça suja e o Phillip não tinha ligado. Como o quartinho de passar roupa não tinha TV, Clee se aninhou na sala com suas roupas, comidas e litros de Pepsi diet perto do sofá, que ela decorou com um travesseiro florido e um saco de dormir roxo. Ela falava ao telefone no sofá, enviava mensagens de texto no sofá e, mais que qualquer coisa, assistia TV no sofá. Eu levei o meu computador de volta para o quartinho de passar roupa, dobrei a cama de armar e guardei-a no sótão. Enquanto estava com a cabeça no outro lado do teto, ela me disse que alguém apareceu na porta oferecendo uma promoção de um mês gratuito de TV a cabo.

"Quando você estiver no trabalho. Você pode cancelar a promoção no final do mês, depois que eu tiver ido embora. Então, não vai custar nada."

Não briguei com ela porque pareceria um tipo de garantia para que ela fosse embora. A TV ficava ligada o tempo todo, dia e noite, ela estivesse ou não, acordada, estivesse assistindo ou não. Eu havia ouvido falar de pessoas como ela, ou visto, na realidade, na TV. Quando já haviam se passado três dias, escrevi o nome do Phillip num pedaço de papel e rasguei, mas o truque não funcionou — nunca funciona quando você conta muito com isso. Tentei também discar o seu

número ao contrário, o que não significa nada, e depois o código da área, e, por último, os dez dígitos, mas de maneira aleatória.

Um cheiro começou a coagular em torno de Clee, e ela parecia não perceber, ou não se importar. Eu achava que ela tomaria uma ducha todas as manhãs, que usaria um gel nocivo azul de limpeza e loções doces. Mas, na realidade, ela não se lavava. Não no dia depois de sua chegada ou no dia subsequente. O seu odor corporal tinha um cheiro forte de chulé, fungo pungente, que alcançava as narinas dois segundos depois que ela passava — tinha um atraso sorrateiro. No fim da semana, ela finalmente tomou banho com algo que cheirava a xampu.

"Você pode usar o meu xampu, se quiser", disse quando ela saiu do banheiro. Seu cabelo estava penteado para trás e ela tinha uma toalha em volta do pescoço.

"Eu usei."

Ri e ela riu de volta — não um riso verdadeiro, mas mordaz, bufando e gargalhando por um bom tempo, cada vez mais, até parar friamente. Pisquei os olhos, feliz de pelo menos dessa vez não chorar, e ela passou por mim, esbarrando ligeiramente no meu ombro. A expressão no meu rosto dizia: *Ei, toma cuidado! Não é legal me ridicularizar na minha própria casa, que eu generosamente abri para você. Vou deixar passar desta vez, mas no futuro espero uma virada de cento e oitenta graus no seu comportamento, minha filha.* Mas ela estava discando um número no celular e não viu a minha expressão. Peguei o telefone e disquei também. Todos os dez números, na ordem correta.

"Oi!", gritei. Ela jogou a cabeça para trás. Provavelmente achava que eu não conhecia ninguém.

"Oi", ele disse. "Cheryl?"

"É, é a Cher Bear", berrei, andando descontraidamente até o meu quarto. Fechei a porta com rapidez.

"Aquela não era a minha voz de verdade", sussurrei, me agachando na cama, "e, na realidade, não precisamos conversar, eu precisava testar o meu telefone e aleatoriamente liguei para o seu número." A explicação parecia mais plausível no início do que no final da frase.

"Desculpa", disse Phillip. "Eu não te liguei quando havia marcado."

"Bom, agora estamos quites, porque eu te usei para testar o meu telefone."

"Eu acho que estava com medo."

"De mim?"

"É, e também da sociedade. Você está me ouvindo? Eu estou dirigindo."

"Aonde você está indo?"

"Ao supermercado. Ralphs. Deixa eu te fazer uma pergunta: a diferença de idade é importante para você? Você teria um amante que é muito mais velho ou muito mais novo do que você?"

Meus dentes começaram a ranger, muita energia de uma só vez. Phillip era vinte e dois anos mais velho que eu.

"É essa a confissão?"

"Tem a ver com isso."

"Tudo bem, a minha resposta é sim, eu teria." Segurei meu queixo para silenciar os dentes. "E você?"

"Você quer realmente saber o que eu penso, Cheryl?"

Sim!

"Sim."

"Eu acho que todo mundo que está vivo na Terra na mesma época é um alvo fácil. A grande maioria das pessoas será jovem demais ou velha demais que a vida delas não irá nem mesmo coincidir com a sua — e essas pessoas estão fora do alcance."

"Em tantos níveis."

"Isso mesmo. Se uma pessoa por acaso nasce nesse pontinho da sua vida, por que discutir sobre uma mera questão de anos? É quase uma blasfêmia."

"Porém há pessoas que *quase* não coincidem", sugeri. "Talvez essas pessoas estejam fora do alcance."

"Você está se referindo a…?"

"Bebês."

"Bem, não sei", ele disse, pensativo. "Tem que ser mútuo. E fisicamente confortável para ambas as partes. Acho que no caso de um bebê, se for possível, de alguma maneira, determinar que o bebê sente a mesma coisa, então o relacionamento poderia ser somente sensual ou talvez apenas energético. Mas não menos romântico ou significativo." Fez uma pausa. "Sei que isso é controverso, mas acho que você entende o que eu quero dizer."

"Eu realmente entendo." Ele estava nervoso — os homens sempre acham que se falarem de seus sentimentos serão acusados de algum crime terrível. Para tranquilizá-lo, descrevi Kubelko Bondy, nossos trinta anos de conexões perdidas.

"Então ele não é um bebê… ele é vários?" Será que percebi um tom estranho em sua voz? Seria ciúme?

"Não, ele é um bebê. Mas ele é representado por muitos bebês. Ou acolhido, talvez essa seja a palavra correta."

"Entendi. Kubelko… esse nome é tcheco?"

"É só como eu o chamo. Talvez seja invenção minha."

Parecia que ele tinha se afastado. Me perguntei se estávamos prestes a fazer sexo por telefone. Eu nunca tinha feito antes, mas achei que seria boa nisso. Algumas pessoas acham que é realmente importante curtir o momento com sexo, de estar consciente da presença da outra pessoa; para mim, é importante bloquear a outra pessoa e substituí-la, completamente se possível, com o meu negócio. Isso seria muito mais fácil por telefone. Meu negócio é apenas uma fantasia privada específica que gosto de imaginar. Perguntei a ele o que estava vestindo.

"Calça e camisa. Meias. Sapatos."

"Soa bom. Tem alguma coisa que você gostaria de me dizer?"

"Acho que não."

"Nenhuma confissão?"

Ele riu nervosamente. "Cheryl? Eu cheguei."

Por um instante achei que ele queria dizer aqui na minha casa, lá fora. Mas era no Ralphs. Será que era um convite discreto?

Supondo que ele estivesse na região leste, havia dois Ralphs aonde ele poderia ter ido. Coloquei uma camisa-vestido longa listrada masculina que ia guardar. Se me visse usando esse traje, ele iria inconscientemente sentir como se tivéssemos acordados juntos e eu tivesse vestido a sua camisa. Uma sensação relaxada, eu pensaria. As sacolas reutilizáveis do supermercado estavam na cozinha; tentei entrar e sair sem que Clee me visse.

"Você vai ao supermercado? Eu preciso de umas coisas."

Não tinha uma maneira fácil de explicar que eu não estava realmente indo fazer compras. Ela colocou os pés no painel do carro, com chinelo azul-claro e dedos sujos e bronzeados. O cheiro era irreal.

Depois de mudar de ideia algumas vezes, optei pelo Ralphs mais sofisticado. Passeamos pelos corredores de comida processada, Clee empurrando o carrinho uns passos à minha frente, seu peito ridiculamente inflado. As mulheres, depois de passarem por ela, a olhavam de cima a baixo. Os homens não desviavam o olhar — continuavam fitando depois que ela havia passado, para ver o traseiro. Eu me virava para eles com uma cara severa, mas eles não davam a mínima. Alguns homens até disseram "oi", como se a conhecessem, ou estivessem prestes a conhecê-la. Vários funcionários do Ralphs perguntaram se ela estava procurando alguma coisa e se precisava de ajuda. Eu estava pronta para esbarrar com Phillip a cada virada e para ele ficar encantado e para nós fazermos as compras juntos como um velho casal que já tinha sido casado mais de cem mil vidas antes desta. Nós o tínhamos perdido ou ele estava em outro Ralphs. O homem à nossa frente, na fila do caixa, espontaneamente começou a dizer a Clee o quanto amava o filho, que estava sentado espaçosamente no carrinho de compras. Ele tinha conhecido o amor antes de ter o menino, disse, mas, na realidade, nenhum amor se compara ao amor por um filho. Olhei nos olhos do bebê, mas não havia nenhuma ressonância entre nós. Sua boca idiotamente aberta. Um empacotador ruivo rapidamente abandonou o seu posto para empacotar as compras de Clee.

Ela comprou catorze refeições congeladas, um pote de macarrão instantâneo Cup Noodles, um pão de fôrma branco e três litros de Pepsi diet. O rolo de papel higiênico que comprei cabia na minha mochila. No caminho de volta para casa disse a ela algumas palavras sobre o bairro de Los Feliz, sua diversidade, antes de se esvair. Me sentia ridícula vestindo uma camisa masculina; a decepção tomou

conta do carro. Ela examinava as batatas da perna em busca de pelos encravados que puxava com as unhas.

"Então, o que você realmente deseja, atuar?", perguntei.

"O que você quer dizer?"

"Você quer fazer filmes? Ou peças de teatro?"

"Oh. Foi isso que a minha mãe disse?" Ela bufou. "Eu não quero ser atriz."

Não era uma notícia boa. Já estava imaginando a grande oportunidade, o encontro ou teste que a tiraria da minha casa.

Couve e ovos, comi direto da panela, não ofereci nada para ela. Fui para a cama cedo. Do meu quarto escuro, escutava cada movimento dela. TV ligada, a caminhada silenciosa até o banheiro, o puxar da descarga sem lavar as mãos depois, a ida até o carro dela para pegar alguma coisa, a batida da porta do carro, a batida da porta da frente. A geladeira aberta, o freezer aberto, então um bipe estranho. Pulei da cama.

"Ele não funciona", eu disse, esfregando os olhos. Clee apertava os botões do micro-ondas. "Já estava na casa quando me mudei e tem milhões de anos. Não é seguro e não funciona."

"Bom, eu só vou tentar", ela disse, pressionando o botão de ligar. O micro-ondas zumbiu, o jantar girava lentamente. Ela espreitava pelo vidro. "Parece funcionar."

"Se eu fosse você, me afastaria dele. Radiação. Faz mal aos órgãos reprodutores." Ela fitava as minhas pernas nuas. Eu nunca as exponho, e é por isso que não estão depiladas. Não é por uma questão política, é só para economizar tempo. Voltei para a cama. O micro-ondas apitou, ela abriu e bateu a porta com força.

Na quinta, saí antes das sete para evitar o Rick. Quando estava entrando no escritório, ele me ligou.

"Desculpe incomodar a senhora, mas tem uma mulher aqui e ela acaba de dizer para eu ir embora."

Fiquei surpresa por ele ter o meu número, ou um aparelho de telefone.

"Com licença, ela quer falar com a senhora."

Ouvi um barulho, o telefone caiu, Clee apareceu.

"Ele acabou de entrar na sua propriedade, sem carro, sem nada." Ela se afastou do telefone. "Posso ver a sua identidade? Ou um cartão de visita?" Eu morri de vergonha com a falta de educação dela. Mas eu não teria mais que lidar com ele.

"Oi, Clee. Desculpa, mas eu esqueci de te falar do Rick; ele é o meu jardineiro." Talvez ela o proibisse de voltar e não teria nada que eu pudesse fazer.

"Quanto você paga para ele?"

"Eu… às vezes dou uns vinte dólares para ele." Nada; eu nunca lhe dei nada.

De repente me senti julgada, e bastante incriminada. “Ele é praticamente da família”, expliquei. Isso não é nem um pouco verdade — eu nem sabia qual era o sobrenome dele. “Você poderia passar o telefone para ele?”

Achei que ela tivesse jogado o telefone no chão.

Rick apareceu novamente. “Talvez não seja o momento certo?”

“Mil, mil desculpas. Ela não é muito bem-educada.”

“Eu tinha um acordo com os Goldfarb… eles apreciavam… mas talvez você…”

“Eu aprecio ainda mais do que os Goldfarb. *Mi casa es tu casa*.”

“O quê?”

Eu sempre achei que ele fosse latino, mas me enganei. De qualquer maneira, talvez não fosse a coisa mais adequada para se dizer.

“Por favor, continue fazendo um bom trabalho, foi um mal-entendido.”

“A terceira semana do próximo mês eu preciso vir na terça-feira.”

“Não tem problema, Rick.”

“Obrigado. E quanto tempo a sua hóspede vai ficar?”, ele perguntou educadamente.

“Não muito tempo. Ela vai embora dentro de poucos dias e tudo vai voltar ao normal.”

Três

O quartinho de passar roupa e o quarto de dormir eram o meu domínio, a sala e a cozinha eram o dela. A porta da frente e o banheiro eram zonas neutras. Quando eu ia à cozinha pegar comida, saía correndo, curvada sobre o prato, como se estivesse roubando. Comia olhando pela janela alta demais do quartinho de passar roupa, escutando os programas de TV dela. Os personagens estavam sempre gritando, então não era difícil seguir as tramas sem as imagens. Durante a nossa videoconferência da sexta-feira, Jim me perguntou o que era aquele alvoroço.

"É Clee", eu disse. "Você se lembra? Ela está hospedada aqui até encontrar um emprego."

Em vez de aproveitarem a oportunidade para me elogiar e mostrar sua compaixão, meus colegas de trabalho consentiram em um silêncio culpado. Especialmente Michelle. Alguém de suéter cor de vinho rondava o escritório atrás da cabeça de Jim. Ergui a minha cabeça.

"Será que é… quem eu estou pensando?"

"Phillip", disse Michelle. "Ele acaba de doar uma máquina de café espresso para a sala dos funcionários."

Ele passou segurando uma xícara mínima.

"Phillip", eu gritei. A figura parou, com um ar confuso.

"É a Cheryl", disse Jim, apontando para a tela.

Phillip se aproximou do computador, se abaixou e apareceu no meu campo de visão.

Quando ele me viu, levantou a sua enorme impressão digital em frente da câmera — eu rapidamente apontei para minha câmera. Nós nos "tocamos". Ele sorriu e se afastou lentamente.

"O que foi isso?", perguntou Jim.

Depois da videoconferência, vesti o roupão e fui passear na cozinha. Estava cansada de me esconder. Se ela fosse grossa, eu deixaria a coisa rolar. Ela vestia uma camiseta grande que dizia PEGAR, LEVANTAR, CORTAR… É ASSIM QUE NÓS GOSTAMOS, e estava sem calça ou a camiseta cobria totalmente os shorts. Ela parecia estar esperando pela chaleira elétrica. O que me dava esperança; talvez ela estivesse reconsiderando o micro-ondas.

"Tem água quente suficiente pra duas pessoas?"

Ela deu de ombros. Acho que saberíamos quando ela fosse se servir. Peguei a minha caneca na minha caixa: apesar de a pia estar cheia de pratos, continuava

usando a minha louça. Encostei na parede e massageei os ombros, sorrindo preguiçosamente para o ar. Vai, vai, vai levando. Esperamos até a água ferver. Ela espetava o garfo nas camadas de comida calcificadas na minha panela de alimentos salgados, como se estivessem vivas.

"É para ganhar sabor", eu disse de maneira protetora, esquecendo de ir levando por um momento.

Ela riu, hehehe, e em vez de ficar na defensiva, juntei-me a ela, e o fato de rir tornou a situação engraçada, realmente engraçada — a panela e até mesmo eu. Meu peito parecia leve e aberto, fiquei maravilhada com o universo e seu jeito vigarista.

"Por que você está rindo?" O rosto dela, de repente, se tornou duro como uma pedra.

"É só porque…", apontei para a panela.

"Você achou que eu estava rindo da panela? Tipo haha, você é tão maluquete com sua panela suja e o jeito estranho de fazer as coisas?"

"Não."

"Sim. Foi isso que você pensou." Ela deu um passo na minha direção e me encarou. "Eu estava rindo porque" — senti os olhos dela se movendo sobre o meu cabelo grisalho, o meu rosto, e os poros dilatados — "você está triste. Tãããão. Triiiiste." Ao dizer a palavra "triste" ela pressionou a palma da mão na minha clavícula, me pressionando contra a parede. Emiti, involuntariamente, um uuh e o meu coração começou a bater forte. Ela podia sentir a batida, com sua mão. O rosto dela parecia acelerado e ela pressionou um pouco mais forte, depois um pouco mais forte, pausando de vez em quando, como se quisesse me dar uma chance de reagir. Eu estava a ponto de dizer *Ei, você está quase passando dos limites* ou *Tudo bem, chega, você passou dos limites*, mas de repente senti que ela estava triturando os meus ossos, não só meu peito, mas minhas clavículas, que estavam sendo esmagadas na parede, e eu queria viver e permanecer inteira, sem lesões. Então eu disse: "Tudo bem, eu estou triste". A chaleira começou a apitar.

"O quê?"

"Estou triste."

"Por que eu me importaria de você estar triste?"

Eu rapidamente assenti para mostrar o quão eu estava do lado dela, contra mim mesma. A chaleira berrava. Ela retirou a mão e despejou a água no pote de isopor de macarrão — sem estar apaziguada, somente revoltada com a nossa associação. Fui embora, uma mulher livre com pernas trêmulas.

Me enrosquei na cama e segurei o meu *globus*. Como se chamaria a situação por que eu passei? Qual seria a categoria? Fui assaltada uma vez, em Seattle, quando tinha vinte e poucos anos, e tive uma sensação parecida depois. Mas daquela vez eu fui à polícia e nesse caso não posso fazer isso.

Liguei para o meu chefe em Ojai. Carl atendeu de imediato.

"Trabalho ou lazer?", ele perguntou.

"É sobre Clee", sussurrei. "Está sendo ótimo tê-la aqui em casa, mas eu acho…"

"Peraí. Suz… atende! A Clee está dando trabalho! Não esse telefone… o da sala!"

"Alô?", a voz da Suzanne estava quase inaudível naquela conexão crepitante.

"Você está falando no telefone ruim!", gritou Carl.

"Não estou!", berrou Suzanne. "Estou falando no telefone da sala! Por que nós dois precisamos falar ao mesmo tempo?" Ela desligou o telefone da sala, mas ainda dava para ouvir a voz dela à distância pelo telefone do Carl. "Sai do telefone, vou falar com a Cheryl sozinha."

"Você está implicando comigo o dia todo, Suz."

Suzanne pegou o fone e pausou antes de aproximá-lo da boca. "Você pode sair daqui? Eu não preciso que você fique monitorando cada movimento meu."

"Você vai oferecer dinheiro pra ela?", disse o Carl num sussurro que parecia mais alto do que o normal.

"Claro que não. Você acha que vou simplesmente sair distribuindo…" Suzanne pôs a mão sobre o fone. Esperei, imaginando sobre o que eles estariam discutindo já que ambos concordaram que não deveriam oferecer nenhum dinheiro.

"Cheryl!", ela voltou.

"Oi."

"Desculpa, mas eu não estou me divertindo nesse casamento neste momento."

"Puxa, que pena", eu disse, embora esse sempre fosse o jeito de eles tratarem um ao outro.

"Ele me faz me sentir uma merda", ela disse, e depois para o Carl: "Bem, então vá embora — Estou tendo uma conversa particular e posso dizer o que eu bem entender", e então me cumprimentou: "Como vai você?".

"Bem."

"Nós nunca lhe agradecemos por tomar conta da Clee, mas somos muito gratos" — sua voz engrossou e hesitou, conseguia imaginar seu rímel começando a escorrer — "é bom saber que ela está tendo uma boa influência. É importante lembrar que ela cresceu em *Ojai*."

O Carl atendeu.

"Desculpe o dramalhão, Cheryl, você não precisa ficar ouvindo isso. Se quiser, pode desligar."

"Vai à merda, Carl, estou tentando conversar. Todo mundo acha que é uma ótima ideia sair da cidade para criar os filhos. Bem, então é de esperar que o filho seja pró-vida e contra o controle das armas. Você precisa ver os amigos dela. Ela tem feito testes para papéis no cinema ou teatro?"

"Não tenho certeza."

"Posso falar com ela?"

Será que eu ainda podia desligar quando quisesse?

"Ela talvez possa lhe telefonar depois."

"Cheryl, querida, chama ela." Ela percebeu que eu estava com medo de sua filha.

Abri a porta. Clee estava tomando uma sopa lámen no sofá.

"É a sua mãe." Passei o telefone para ela.

Clee agarrou o fone e foi até o jardim, fechando a porta com força. Vi ela passar pela janela, fazendo beicinho. A família inteira apoiava tremendamente uns aos outros, estavam sempre sofrendo de paixão o tempo todo. Segurei meu cotovelo e olhei para o chão. Tinha um Cheetos laranja no tapete. Ao lado do Cheetos havia uma lata de Pepsi diet vazia e ao lado dela uma calcinha fio dental com uma coisa branca no fundilho. E essa era apenas a área ao meu redor. Pressionei a minha garganta, dura como uma pedra. Mas não tão grave que me forçasse a cuspir em vez de engolir.

Clee entrou raivosa.

"Alguém ligou" — ela olhou para a tela do telefone — "Phillip Betelheim te ligou três vezes."

Liguei de volta para ele do meu carro. Quando ele me perguntou como eu estava, fiz o que para mim equivalia a cair no pranto — minha garganta fechou, fiz uma careta, e emiti um som tão agudo que era inaudível. Então ouvi um choro. Phillip estava aos prantos.

"Oh, não, o que foi?" Ele parecia bem quando tocamos os dedos na tela do computador.

"Não é nada não, estou bem, é aquilo que eu estava lhe dizendo antes", ele deu uma fungada ranhosa.

"A confissão."

"É. Tá me deixando louco."

Ele riu e isso fez com que chorasse ainda mais. Ofegou e disse: "Tu-do bem? Posso só… chorar… por um tempo?"

Eu disse claro. Eu podia contar para ele sobre Clee uma outra hora.

Inicialmente a permissão parecia sufocá-lo, mas depois de um minuto caiu num novo tipo de pranto que pude perceber que ele gostava — era como se estivesse chorando como uma criança, um menininho sem fôlego e que perdeu o controle e não se consola. Mas consegui confortá-lo. Eu disse, "Sh-sh-shhh", e "Isso mesmo, bota pra fora", e cada um desses comentários parecia ser exatamente o que ele precisava, permitia que chorasse ainda mais. Eu de fato senti como se fizesse parte daquilo, como se o estivesse ajudando a ir até onde sempre quisera ir, e chorava de gratidão e surpresa. *Foi* realmente incrível, quando pensava nisso, que, passados alguns minutos, eu tive tempo de fazê-lo.

Olhei para as cortinas da minha própria casa e torci para que Clee não estivesse quebrando nada. Não podia imaginar que um homem pudesse chorar tanto, ou mesmo uma mulher adulta. Nós provavelmente trocaríamos de papel, em algum momento da nossa trajetória, e ele iria me amparar enquanto eu me debulhava em lágrimas. Imaginava ele, carinhosamente, me convencendo a cair no pranto; o alívio seria enorme. "Você está linda", ele diria, acariciando minha bochecha borrada de lágrimas e segurando minha mão e colocando-a na sua braguilha. Movi-me um pouco e o assento do carro ficou praticamente plano; quando seu gemido recomeçou, eu silenciosamente tirei a calcinha e deslizei minha mão para baixo. Assoaríamos o nariz e tiraríamos as roupas, mas só as que precisássemos. Por exemplo, eu ficaria de blusa e meias e talvez até sapatos, e o Phillip faria o mesmo. Tiraríamos a calcinha e a cueca, mas não as dobraríamos senão teríamos que desdobrá-las para vesti-las mais tarde. Estiraríamos elas no chão de uma maneira que seria fácil vesti-las mais tarde. Deitaríamos um ao lado do outro na cama e nos abraçaríamos e nos beijaríamos muito. O Phillip ficaria em cima de mim e introduziria seu pênis entre as minhas pernas e depois, numa voz grave e autoritária, sussurraria: "Pense na sua coisa". Eu sorriria, grata pela permissão de me voltar para dentro, e fecharia os olhos — me transportando até um quarto muito semelhante onde as nossas roupas de baixo estariam estiradas no chão e Phillip estaria em cima e dentro de mim. Numa voz grave e autoritária ele diria: "Pense na sua coisa", e eu seria tomada por uma onda de gratidão e alívio, mais ainda do que da última vez. Fechei os meus olhos e novamente fui transportada para um quarto similar, uma fantasia dentro de uma fantasia dentro de uma fantasia, e continuava assim, cada vez mais intensa até que estava tão dentro de mim que não dava para ir além. É isso. Essa é a minha coisa, o que gosto de pensar quando estou transando ou me masturbando. Termina com uma pontada na virilha seguida por um cansaço relaxante.

Enquanto eu vestia a calcinha ele começava a ir mais devagar, tentando recuperar o fôlego. Ele assoou o nariz algumas vezes. Eu disse: "É isso aí, isso mesmo", o que o fez chorar um pouco mais, talvez para educadamente mostrar a sua gratidão pelas minhas palavras. Finalmente tudo ficou em silêncio.

"Foi muito, muito bom."

"É", concordei. "Foi incrível."

"Estou surpreso. Eu normalmente não sou bom de chorar na frente de outras pessoas. Com você é diferente."

"Você sente como se nos conhecêssemos há mais tempo do que na realidade?"

"É algo assim."

Eu poderia contar para ele ou não contar para ele. Decidi contar.

"Talvez exista uma razão para isso", arrisquei.

"O.k." Ele assoou o nariz novamente.

"Você sabe o que é?"

"Me dá uma pista."

"Uma pista. Deixa eu ver… na verdade, não posso. Não tem peças pequenas, é um todo grande."

Respirei fundo e fechei os olhos.

"Estou vendo uma tundra rochosa e uma figura agachada com cara de macaco, parecida comigo. Ela modelou uma bolsa da tripa de um animal e agora está dando o objeto ao seu macho, um homem pré-histórico forte e peludo que se parece muito com você. Ele enfia o dedo grosso na bolsa e pesca uma pedra colorida. O presente dela para ele. Você está entendendo aonde eu quero chegar?"

"Mais ou menos. Pelo que entendi você está falando dos homens das cavernas que se parecem conosco."

"Que *somos* nós."

"Certo, eu não tinha certeza… O.k. Reencarnação?"

"Eu não gosto dessa palavra."

"Não, certo, eu também não."

"Mas é claro. Imagino nós dois no período medieval, vestindo casaco comprido e aconchegados um ao outro. Ambos com coroas na cabeça. Imagino nós dois lá pela década de 40."

"Nos anos 1940?"

"É."

"Eu nasci em 1948."

"Faz sentido porque imagino nós dois como um casal bem velho nos anos 40. Essa talvez tenha sido a vida anterior à atual." Fiz uma pausa. Tinha falado muito. Falei demais? Tudo dependeria do que ele diria em seguida. Ele pigarreou, depois ficou em silêncio. Talvez ele não diga mais nada, o que é a pior coisa que os homens fazem.

"Por que será que continuamos voltando?", ele perguntou, sussurrando.

Sorri ao telefone. Que pergunta fantástica que ele me fez. Nesse momento, no calor e aconchego do meu carro, diante dessa pergunta difícil de responder — talvez esse tenha sido meu momento predileto de todas as minhas vidas.

"Não sei", sussurrei. Inclinei tranquilamente a cabeça sobre a direção e nós nadamos no tempo, em silêncio e juntos.

"Cheryl, você está livre na hora do jantar na sexta? Estou pronto para confessar."

* * *

O resto da semana voou. Tudo era maravilhoso e todos estavam perdoados, até mesmo Clee, exceto o rosto dela. Ela era jovem! Enquanto comíamos em pé na cozinha dos funcionários, Jim me garantiu que os jovens de hoje são fisicamente mais expansivos do que éramos; a sobrinha dele, por exemplo, era bastante

física.

"Eles são violentos", eu disse.

"Eles não têm medo de mostrar os seus sentimentos", ele disse.

"O que talvez não seja lá uma boa coisa?", eu sugeri.

"O que talvez seja saudável", ele disse.

"A longo prazo, sim", eu disse. "Talvez."

"Eles se abraçam mais", ele falou. "Mais do que abraçávamos."

"Abraçar", eu disse.

"Os meninos e as meninas se abraçam, sem ser de uma maneira romântica."

A conclusão a que cheguei — e era importante chegar a uma conclusão porque você não iria querer que esse tipo de pensamento continuasse pairando sem estar categorizado e concluído — foi que, quando as meninas de hoje em dia não estão abraçando os meninos de uma maneira romântica, estão geralmente ocupadas sendo agressivas. Enquanto as meninas da minha juventude ficavam com raiva, mas a direcionavam para dentro e se cortavam e ficavam deprimidas, as garotas de hoje simplesmente fazem *arrrrgh* e empurram as pessoas contra a parede. Quem sabe qual é o melhor? No passado, as garotas se feriam; agora quando mais uma pessoa inocente e insuspeita é ferida, as garotas parecem que não estão nem aí. Em termos de justiça, talvez o passado fosse uma época melhor.

Na sexta-feira à noite, eu vesti novamente a minha camisa-vestido listrada e passei uma quantidade pequena de sombra cinza no olho. O meu cabelo estava ótimo — um pouco Julie Andrews, um pouco Geraldine Ferraro. Quando Phillip buzinou, atravessei a sala correndo, pulando para evitar Clee.

"Venha cá", ela disse. Ela estava parada na porta da cozinha, comendo um pedaço de torrada branca.

Apontei para a porta.

"Venha cá."

Fui até ela.

"Que barulho é esse?"

"As minhas pulseiras?", eu disse, sacudindo o pulso. Eu havia colocado duas pulseiras de metal para parecer mais feminina. Sua manzorra segurou meu braço e lentamente começou a apertá-lo.

"Você está arrumada", ela disse. "Você quer ficar bonita e tal" — ela apertou ainda mais —, "é o melhor que você pode fazer."

Ele buzinou novamente, duas vezes.

Ela deu outra dentada na torrada. "Quem é?"

"Ele se chama Phillip."

"Você tem um encontro romântico?"

"Não."

Fitei o teto. Talvez ela sempre fizesse isso e sabia alguma coisa sobre a pele,

como poderia aguentar uma certa quantidade de pressão antes de rachar. Felizmente, ela guardou essa informação em sua mente e não foi adiante. Phillip bateu na porta da frente. Ela terminou de comer a torrada e usou a mão livre para, cuidadosamente, abaixar meu queixo de forma que meus olhos fossem forçados a encontrar com os dela.

"Se você tem um problema em relação a *mim*, gostaria que falasse comigo, e não com os meus pais."

"Eu não tenho nenhum problema com você", eu disse rapidamente.

"Foi o que eu disse pra eles." E ficamos assim, na mesma posição. E Phillip bateu novamente. E ficamos assim, na mesma posição. E Phillip bateu novamente. E ficamos assim, na mesma posição. E então ela me deixou ir.

Abri a porta o suficiente para poder sair.

Quando estávamos a salvo longe do bairro, pedi a ele que parasse o carro e examinamos meu pulso; não tinha nenhuma marca. Ele ligou a luz interna do carro; nada. Descrevi como ela era grande e o jeito como me agarrou, e ele disse que imaginava que ela pudesse apertar uma pessoa achando que estava usando um grau de força normal, mas para uma pessoa delicada como eu, poderia machucar.

"Eu não sou realmente delicada."

"Bem, comparada a ela, você é."

"Você a viu recentemente?"

"Não, faz uns anos."

"Ela tem uma ossatura larga", eu disse. "Muitos homens a acham atraente."

"Claro, uma mulher com esse tipo de corpo tem uma reserva de gordura que permite que produza leite para a filha dela mesmo que o marido não consiga levar carne para casa. Eu tenho certeza de que posso levar carne para casa."

As palavras "leite", "reserva de gordura" e "carne" embaçaram as janelas mais rápido do que se tivéssemos usado palavras magras. Estávamos numa espécie de nuvem cremosa.

"E se em vez de irmos ao restaurante", disse Phillip, "fôssemos jantar na minha casa?"

Ele dirigiu como vivia, com propriedade, sem usar o pisca-pisca, simplesmente deslizando muito rápido pelas vielas no seu Land Rover. A princípio, eu me virava para trás para verificar se o caminho estava realmente livre ou se iríamos morrer, mas depois de um tempo eu chutei o balde, me recostei no assento aquecido de couro. Medo era para os pobres. Talvez esse momento fosse o mais feliz da minha vida.

Os objetos em sua cobertura eram brancos ou cinza ou pretos. O chão era uma vasta superfície lisa. Não havia nenhum objeto pessoal — nenhum livro ou pilhas de contas, nenhum brinquedo de dar corda que tivesse ganhado de um amigo. O detergente estava em um recipiente de pedra preta; alguém havia transferido o

conteúdo da embalagem de plástico para esse bem mais sério. Phillip guardou as chaves e segurou meu braço. "Você quer saber uma coisa louca?"

"Sim."

"As nossas camisas."

Fiz uma cara de espanto exagerada demais e rapidamente suavizei para uma expressão de surpresa perplexa.

"Você é a minha versão feminina."

Meu coração começou de repente a bater forte, como se estivesse pendurado por uma corda longa. Ele disse que esperava que eu gostasse de sushi. Perguntei se ele poderia me mostrar onde era o banheiro.

O lavabo era todo branco. Sentei na privada e olhei para as minhas coxas com saudade. Logo elas estariam perpetuamente entrelaçadas nas dele, nunca mais estariam a sós, nem mesmo quando quisessem estar. Mas não havia jeito. Nós tivemos uma boa corrida, eu e eu. Imaginei-me atirando num cão velho, um cão velho e leal, porque era isso que eu era para mim mesma. Vamos lá, garoto, pega. Vi-me obedientemente trotando na frente. Depois abaixei meu rifle e o que aconteceu, na realidade, é que eu fiquei com dor de barriga. Não foi planejado, mas uma vez começado é melhor terminar. Puxei a descarga e lavei as mãos, e só por sorte é que acabei olhando de relance para a privada, atrás de mim. Ainda estava lá. Poderia se supor que era o cão, que levou o tiro, mas se recusava a morrer. Essa situação poderia fugir ao controle, eu poderia dar a descarga mais uma vez e Phillip estaria imaginando o que estaria se passando, e eu teria que dizer *O cão não quer morrer dignamente*.

O cão é você, como você se vê até este momento?

Sim.

Não precisa matá-lo, meu docinho, ele diria, se abaixando no vaso sanitário, com uma escumadeira. *Nós precisamos de um cão.*

Mas ele é velho e tem umas manias estranhas e teimosas.

Eu também, meu amor, todos nós temos.

Apertei novamente a descarga e desceu. Eu poderia falar sobre isso com ele mais tarde.

Comemos sem dizer nada e então vi que as mãos dele estavam tremendo um pouco e percebi que era o momento. Ele estava para confessar. Devo ter sentado à sua frente em cem reuniões de diretoria, mas nunca realmente me permiti estudar o seu rosto. Era como se eu soubesse como deveria ser a aparência da Lua sem ter nunca parado para encontrar o homem nela. Ele tinha rugas que iam dos olhos até as bochechas. Seu cabelo era grosso e encaracolado nas laterais, ralo no topo do crânio. Barba cerrada, sobrancelhas rebeldes. Sorrimos um para o outro como velhos amigos que, até certo ponto, somos. Ele soltou um longo suspiro e rimos um pouco.

"Preciso te dizer uma coisa", ele começou.

"Sim."

Ele riu novamente. "Pois é, você provavelmente já percebeu o que quero dizer. Eu fiz uma grande tempestade sobre uma coisa que provavelmente não é tão importante assim."

"É e não é", eu disse.

"É isso mesmo, ela é e não é. É para algumas pessoas, mas não é para mim. Quero dizer, não é tão importante assim… é enorme, mas só que…", ele se calou e expirou um longo *xooooooo*. Então abaixou a cabelo e ficou completamente imóvel. "Eu… estou apaixonado… por uma mulher que está à minha altura em todos os sentidos, que me desafia, que me faz sentir, que me deixa humilde. Ela tem dezesseis anos. O nome dela é Kirsten."

A primeira coisa que me veio à cabeça foi Clee, como se ela estivesse lá, observando o meu rosto despencar. Com a cabeça jogada para trás, um rouco hehehe. Pressionei a unha numa fatia bem fina de gengibre.

"Como você" — tentei engolir, mas minha garganta estava completamente fechada — "conheceu a Kristen?"

"*Kir*" — ele segurou a orelha, um lóbulo pendente com um tufo de cabelo grisalho saltando do ouvido — "*sten*. Kirsten. A gente se conheceu no meu curso de terapia craniossacral."

Hehehe.

Eu assenti.

"Incrível, né? Com dezesseis anos? Ela é tão adiantada para a idade. Ela é um ser muito sábio, e avançado — e ela tem o background mais improvável, a mãe dela é completamente pirada e usa drogas. Mas a Kirsten simplesmente" — ele suspirou com os olhos aflitos — "transcende."

Fingi dar um gole no vinho, mas na realidade juntei-o ao cuspe que estava se acumulando na minha boca.

"Ela sente a mesma coisa por você?"

Ele assentiu. "Na verdade, ela é que está pressionando para a consumação."

"Ah, então vocês ainda…?"

"Não. Até há pouco tempo ela estava namorando. Com o nosso professor, na verdade. Ele é jovem, bem mais próximo à idade dela. Um cara bem bacana — de certa forma, eu acho que ela deveria ter ficado com ele."

"Talvez ele a aceite de volta", eu sugeri.

"Cheryl", ele de súbito segurou minha mão. "Nós queremos a sua bênção."

Sua mão tinha o calor e o peso que só as mãos verdadeiras têm. Uma centena de mãos imaginárias nunca seriam tão quentes. Fitei suas unhas quadradas e primitivas.

"Não sei o que você quer dizer."

"Bem. Eu quero, e ela quer — mas a atração é tão forte que nós quase não confiamos. É real ou é apenas o poder do tabu? Falei de você para ela e do nosso

relacionamento e expliquei o quanto você é forte, como você é feminista e vive sozinha, e ela concordou que devemos esperar até ter a sua opinião."

Eu cuspi novamente no vinho. "Quando você estava explicando sobre o nosso relacionamento, o que você disse pra ela?"

"Eu disse que você era…" — ele olhou para baixo, para os nós de seus dedos vermelhos — "alguém com que eu tenho muito a aprender." Com uma empurrada firme ele pressionou os seus dedos entre os meus. "E eu disse a ela como você é perfeitamente equilibrada em termos de energias masculina e feminina." Nós começamos a fazer um pequeno movimento ondulante, costurando e recosturando as nossas mãos. "Então você pode ver as coisas por um ponto de vista masculino, mas sem ser ofuscada pelo yang."

Agora estávamos fazendo o movimento com ambas as mãos e olhando um nos olhos do outro. A nossa história exercia pressão sobre nós, cem mil vidas fazendo amor. Levantamo-nos com só dois centímetros entre nós, com nossas palmas das mãos juntas.

"Cheryl", ele sussurrou.

"Phillip."

"Não consigo dormir, não consigo pensar. Estou enlouquecendo."

Os dois centímetros eram agora um. Eu palpitava.

"Não temos nenhum ancião", ele resmungou. "Ninguém para nos guiar. Você pode nos guiar?"

"Mas eu sou mais jovem do que você."

"Talvez."

"Não, eu sou. Eu sou vinte e dois anos mais nova do que você."

"Eu sou quarenta e nove anos mais velho do que ela", ele respirou. "Só me diz se tudo bem para você. Não quero que uma pessoa como você ache que eu… não consigo nem dizer. Não tem nada a ver com a idade… você concorda, certo?"

Cada vez que eu inspirava, a abóbada do meu estômago pressionava a virilha dele, e cada vez que eu expirava, ela se afastava discretamente. Dentro, fora, dentro, fora. A minha respiração se tornou mais acentuada e rápida, do tipo propulsionada, e Phillip segurava minhas mãos. Em um segundo, eu usaria a minha barriga para apalpá-lo e explorá-lo, sacudindo para cima e para baixo. Dei um passo para trás.

"É uma decisão difícil." Peguei o meu guardanapo do jantar no chão e pus cuidadosamente em cima de uma fileira de carnes rosadas de peixe. "E séria."

"O.k.", disse Phillip, se ajeitando e piscando como se seu eu tivesse de súbito ligado as luzes. Ele me seguiu até o closet, onde encontrei minha bolsa e casaco. "E?"

"E eu te avisarei quando decidir. Agora, por favor, me leve para casa."

Clee estava meio adormecida e assistindo TV. Quando cheguei, ela ergueu os olhos, surpresa, como se aquela não fosse a minha casa. A mera imagem do seu belo rosto e queixo grande me enfureceu. Joguei a bolsa na mesa de centro, que é onde eu costumava deixá-la antes de ela se mudar para lá.

"Você precisa tomar vergonha na cara e começar a procurar um emprego", eu disse, me ajeitando na cadeira. "Ou talvez eu devesse ligar para seus pais e contar para eles o que está acontecendo."

Ela sorriu devagar para mim, estreitando os olhos.

"O que está acontecendo aqui?", ela disse.

Eu abri a boca. Sua violência estava fora do alcance. De súbito, duvidei, como se ela soubesse algo sobre mim, como se, num tribunal, eu fosse a pessoa a ser incriminada.

"E de qualquer maneira", ela disse, pegando o controle remoto. "Eu *tenho* um emprego."

O que parecia improvável.

"Legal. Onde?"

"No supermercado, aquele aonde nós fomos."

"Você foi ao Ralphs e preencheu o formulário e foi entrevistada?"

"Não, eles só me perguntaram — da última vez que eu estive lá. Eu começo amanhã."

Imaginava as mãos trêmulas de um homem alfinetando um crachá no peito dela e me lembrei do que Phillip disse sobre a reserva de gordura. Apenas duas horas antes estávamos sentados no carro e eu pensava: *Não vamos perder tempo falando sobre ela quando temos tanto para dizer um ao outro.* Levantei a ponta do saco de dormir e arranquei uma das almofadas do sofá.

"Este sofá não é para ser usado como cama. Você tem que virar as almofadas para que elas não fiquem permanentemente deformadas." Virei as almofadas e comecei a puxar outra que ela estava sentada em cima. Os meus músculos se tensionaram; eu sabia que não era uma boa ideia, mas continuei puxando com força a almofada. Puxando. Puxando.

Nem percebi quando ela se levantou. A dobra do braço dela se prendeu ao meu pescoço e me atirou para trás. Caí no sofá — o meu diafragma espasmou. Antes que eu pudesse recobrar o equilíbrio, ela empurrou o meu quadril com o joelho. Eu arfei. Ela segurou meu ombro, atentamente observando como o pânico transformava o meu rosto. Então, de repente, ela me largou e foi embora. Permaneci deitada tremendo incontrolavelmente. Ela trancou o banheiro com um clique.

Phillip ligou cedo pela manhã.

"Kirsten e eu gostaríamos de saber se você teve tempo de pensar sobre o

assunto."

"Posso te perguntar uma coisa?", eu disse, pressionando uma mancha roxa na minha batata da perna.

"O que você quiser", disse Phillip.

"Ela é bonita?"

"Isso vai afetar a sua decisão?"

"Não."

"Deslumbrante."

"De que cor é o cabelo dela?"

"Louro."

Cuspi no lenço. Meu *globus* havia inchado durante a noite — eu não conseguia mais engolir.

"Não, eu ainda não decidi."

Nas três horas seguintes fiquei deitada na cama, com a cabeça onde os meus pés deveriam estar. Ele estava apaixonado por uma garota de dezesseis anos. Gastei anos me condicionando a ser minha própria serva, de maneira que, quando eu deparasse com uma situação de total desgraça, alguém tomaria conta de mim. Mas a casa não funcionava mais como antes; Clee havia desfeito anos de manutenção. A louça estava toda lá, e a baderna geral estava muito além do razoável — não havia nada entre mim e o animal imundo que vivia ali. Então urinei nas xícaras, derrubei uma delas e não limpei. Mastigava o pão até virar um purê, umedecendo com goles de água até que pudesse sugar a tal massa como um cavalo faria. Somente líquidos conseguiam atravessar o meu *globus*, e só quando era uma situação de engolir. O garanhão preto que comia a papa de pão. Para a água pura, eu era Heidi, mergulhava uma concha de metal no poço. Na parte final do livro, quando ela já vivia nos Alpes. Para o suco de laranja, eu era o Sargento Tainha da revistinha *Recruta Zero*, quando o Sargento Tainha e o Recruta Zero foram à Flórida e beberam o-quanto-puderam-beber de suco de laranja. Glub, glub, glub. Funcionava porque não era eu, era o personagem que engolia, improvisadamente — apenas um momento breve numa longa história. Existe uma hipótese para cada bebida, exceto as cervejas e os vinhos, porque eu era muito jovem para bebidas alcoólicas quando inventei essa técnica. Deixava a boca aberta para que a saliva pudesse girar com mais facilidade. Não se tratava apenas de uma garota de dezesseis anos, era uma garota de dezesseis anos deslumbrante. Ela o estava enlouquecendo. Alguém apareceu na porta dos fundos. Rick. A TV estava altíssima. Não era o Rick.

Ela já tinha voltado do Ralphs: era mais tarde do que eu imaginava. Levantei-me e escutei-a trocando os canais de maneira arrítmica. As minhas costas doíam na parte em que ela tinha me jogado no chão, mas era quase um agradável subterfúgio para o meu *globus*. Meu pescoço parecia um objeto desvinculado de mim, uma pasta de executivo fora do lugar. Quando dava uns tapinhas na

garganta, ela fazia um som de osso, e de súbito o músculo começava a apertar, e apertar, como um nó sendo puxado — entrei em pânico, sacudindo minhas mãos no ar — não, não, não…

E então fechou.

Li sobre isso na internet, mas nunca tinha acontecido comigo. O músculo esternotireoídeo se torna tão rígido que se contrai, às vezes permanentemente.

"Testando", sussurrei, para ver se ainda conseguia falar. "Testando, testando." Com muito cuidado, sem mexer o pescoço, alcancei uma garrafa de vidro na mesa de cabeceira. Usando o cenário da Heidi, bebi todo o vermelho. Não aconteceu nada. Cuidadosamente levei o meu pescoço ao telefone e liguei para o dr. Broyard, mas ele estava em Amsterdam; a mensagem me convidava a ligar para 911 ou deixar meu nome e telefone para a dra. Ruth-Anne Tibbets. Eu me lembro de duas pilhas de cartões de visita na caixa de acrílico — ela era a outra médica. A que estava encarregada de regar a samambaia na sala de espera. Desliguei, em seguida liguei novamente e deixei um recado com meu nome e telefone. A mensagem parecia curta demais para uma terapeuta.

"Eu tenho quarenta e três anos", acrescentei, ainda sussurrando. "Altura mediana. Cabelo escuro que agora está grisalho. Não tenho filhos. Obrigada, por favor, me ligue de volta. Agradeço."

A dra. Tibbets via seus pacientes às terças e quintas. Quando sugeri hoje, uma quinta, ela contrapropôs a próxima terça. Seis dias de líquidos; vou morrer de fome. Percebendo a minha angústia, ela perguntou se era muito sério. Talvez seja, eu disse, até a próxima terça. Se eu pudesse ir agora mesmo, a dra. Tibbets disse, ela poderia me ver durante a sua hora de almoço.

Fui de carro até o mesmo prédio e peguei o mesmo elevador até o mesmo andar. O nome do dr. Broyard na porta tinha sido substituído pelo da DRA. RUTH-ANNE TIBBETS, LCSW — uma placa que deslizava num trilho de alumínio. Olhei para baixo em direção ao hall e imaginei quantos escritórios eram divididos. A maioria dos pacientes nunca saberia; raramente uma pessoa precisaria dos serviços de dois especialistas sem vínculo um com o outro. A recepção estava vazia. Li uma revista sobre golfe por uns quinze segundos até a porta se abrir.

A dra. Tibbets era alta, tinha o cabelo grisalho e uma cara equina e andrógina; ela parecia com alguém, mas não tinha certeza de quem. Isso talvez fosse o sinal de uma boa terapeuta, aparentemente familiar a todos. Ela me perguntou se a temperatura da sala estava quente o suficiente — ela tinha um pequeno aquecedor portátil que podia ligar. Eu disse que estava bom.

"O que fez você vir aqui hoje?"

Havia uma marmita *bentô* em cima de sua agenda. Será que ela havia se empanturrado o mais rápido possível depois do paciente anterior? Ou ela estava

esperando, fraca de fome? "Você pode comer o seu lanche se quiser, eu não me importo." Ela sorriu pacientemente. "Pode começar quando estiver pronta." Deitada no sofá de couro, olhei para os lados e percebi que não havia espaço suficiente para minhas pernas, então me levantei novamente. Ela não era esse tipo de terapeuta.

Contei a ela sobre o meu *globus hystericus* e como meu esternotireoídeo havia se contraído. Ela me perguntou se eu me lembrava do que podia ter desencadeado esse episódio. Não me sentia pronta para lhe contar sobre o Phillip, então descrevi a minha hóspede, a maneira como andava pela casa, balançando sua enorme cabeça pesada como uma vaca, um touro fedorento e bronco.

"Os touros são machos", disse a dra. Tibbets.

Mas era isso mesmo. Uma mulher fala demais — e se preocupa demais — e acaba cedendo. Uma mulher toma banho.

"Ela não toma banho?"

"Quase nunca."

Descrevi como ela não estava nem aí para minha casa e elenquei uma série de coisas que ela tinha feito contra mim, que pressionara meu peito e apertara o meu pulso. Ela puxou o meu cabelo e me soltei com dificuldade.

"Pode parecer que não dói porque sou responsável pelo que se passa."

"Não duvido que doa", ela disse. "O que você faz para resistir?"

Soltei o braço e me reclinei no sofá.

"O que você quer dizer?"

"Você reage?"

"Você quer dizer em autodefesa?"

"Claro."

"Ah, não é exatamente isso. É mais um caso de falta de educação." Sorri para mim mesma porque parecia que eu estava num estado de negação. "Você já ouviu falar da Open Palm? A aula de autodefesa que ajuda a queimar gordura e a ganhar músculo? Eu praticamente inventei esse método."

"Você já gritou?"

"Não."

"Ou disse 'não' para ela?"

"Não."

Dra. Tibbets ficou quieta, como uma advogada que não tem mais nenhuma pergunta a fazer. Meu rosto se contorcia, e meu *globus* estava dolorosamente inchado, ela me estendeu uma caixa de lenço de papel.

De repente, percebi por que ela parecia tão familiar.

Ela era a recepcionista do dr. Broyard. Fiquei furiosa. Será que ela se chamava Ruth-Anne Tibbets ou ela também era recepcionista da Ruth-Anne Tibbets? O que ela teria feito com a dra. Tibbets? Esse tipo de coisa tinha que ser denunciado. Para quem eu poderia telefonar? Não ao dr. Broyard ou à dra.

Tibbets, já que essa usurpadora, falsa, certamente atenderia o telefone. Vagarosamente peguei minha bolsa e o suéter. Era melhor não perturbá-la ou deixá-la perceber.

"Você me ajudou muito, obrigada."

"Você ainda tem mais trinta minutos."

"Acho que não preciso. Era um problema de vinte minutos e está resolvido."

Ela hesitou, ergueu os olhos na minha direção.

"Vou ter que cobrar pela sessão inteira."

Eu já havia preparado o cheque. Tirei-o da minha bolsa.

"Se for possível, por favor, doe os trinta minutos para alguém que não tem dinheiro para fazer terapia."

"Eu não posso fazer isso."

"Obrigada."

Clee estava no Ralphs, então fiquei em casa e apliquei umas compressas quentes, tentando gradualmente relaxar a garganta. De vez em quando, pressionava uma colher de metal quente na garganta; tem gente que diz que ajuda. Logo quando eu achava que estava melhorando, o Phillip ligou.

"Eu vou ver a Kirsten hoje à noite. Vou buscá-la às oito."

Eu não disse nada.

"Você acha que é possível eu ter uma resposta sua antes das oito, ou…?"

"Não."

"Não pode ser hoje à noite mesmo? Mesmo que não seja antes das oito?"

Desliguei. Um surto de raiva silenciosamente subiu pelo meu peito até a garganta. O caroço começou a inchar novamente, apertando como o punho de um homem furioso. Ou o meu punho. Olhei para minhas mãos cheias de veias. Curvando-se, vagarosamente, em forma de bolas. É isso que ela quis dizer com reagir? Só de pensar na cara de cavalo presunçosa da recepcionista fez com que o meu *globus* ficasse ainda mais duro. Pulei e olhei os títulos da minha coleção de DVDs. Eu provavelmente não tinha sequer uma cópia. Eu tinha: *Sobrevivência de quem está mais em forma*. Não era a versão mais recente; Carl e Suzanne haviam me dado esse DVD de Natal fazia quatro anos. É claro que tive muitas oportunidades de aprender autodefesa na antiga academia, só que nunca tive vontade de passar vergonha na frente dos meus colegas de trabalho. O grande lance do nosso DVD (e vídeo on-line), além de queimar gordura e ganhar músculo, é que você pode praticar sozinha, sem ninguém em volta. Pressionei o play.

"Oi! Vamos começar!", era a Shamira Tye, a fisiculturista. Ela não compete mais, mas ainda é muito cara e ocupada. "Eu sugiro que você faça os exercícios em frente ao espelho para que possa ver o seu traseiro encolher." Fiquei em pé na sala de pijama. Ela chamava os chutes de chutes, mas os socos eram "pops".

“Pop, pop, pop, pop!”, disse Shamira. “Eu dou um *pop* quando estou dormindo! E você também pode fazer o mesmo!” Um movimento de joelho-arranca-virilha foi apresentado como o cancã — “Sim, você pode! You can-can.” Se alguém estiver te estrangulando, “a borboleta” te liberta e ao mesmo tempo tonifica a parte superior dos braços; “É um beco sem saída”, refletiu Shamira no final. “Se você tem um tronco torneado, você pode ser atacada com mais frequência!” Caí de joelhos. O suor escorria nas laterais do meu torso e pela cinta elástica.

Clee chegou em casa às nove horas com uma caixa de sacos de lixo. Esperava que fosse biodegradável, mas como estávamos sem sacos de lixo, eu realmente não queria brigar. Mas ela havia usado todos os sacos para transportar suas roupas, toalhas de praia mofadas e comidas e equipamentos eletrônicos que aparentemente estavam no carro dela o tempo todo. Eu a vi depositando os quatro sacos no canto da sala. Cada gole exigia concentração, mas eu consegui. Algumas pessoas que têm *globus* só conseguem cuspir; elas têm que levar uma escarradeira para onde forem. Às 23h15 Phillip me enviou uma mensagem de texto. ELA QUER QUE EU LHE DIGA QUE EU ROCEI NO JEANS DELA. NÃO ACHAMOS QUE ISSO CONTA. NÃO HOUVE ORGASMO. Só letras maiúsculas, como se estivesse gritando da janela de uma cobertura. Uma vez lido, era impossível não ver a cena — a virilha do jeans apertado, as suas mãos grossas e peludas esfregando freneticamente. Na sala, Clee triturava sem parar o gelo com o dente. Ela mastigava tão alto que comecei a imaginar se não estava fazendo isso de propósito, para me irritar. Encostei o ouvido na porta. Agora ela estava imitando a imitação — um som de mordida com duas aspas em volta. Tarde demais eu percebi que era inútil pensar dessa maneira — a autorrepresentação dela quadruplicou, e depois aumentou dezesseis vezes, os globos oculares dela saltando para fora da cabeça, o jeans ferozmente friccionado, os dentes como presas, a língua batendo pela sala, o gelo voando por todos os cantos. Cuspi na minha manga, abri a porta com força e marchei em direção ao sofá. Deitada no saco de dormir, ela ergueu os olhos na minha direção, silenciosamente regurgitando um único cubo de gelo.

“Você poderia, por favor, parar de fazer esse barulho, por favor?” Eu não deveria ter dito *por favor* duas vezes, mas minha voz era baixa e o meu contato visual era direto. Segurei minhas mãos na minha frente, numa posição de alerta. Meu coração batia tão forte que soava como um soco. E se ela fizesse um movimento que não estava no DVD? Olhei de relance para baixo para me assegurar de que estava numa posição firme.

Ela semicerrou os olhos para mim, observando as minhas mãos no ar e os meus pés plantados no chão, então inclinou a cabeça para trás e encheu a boca de gelo. Arranquei a xícara de sua mão. Ela piscou ao ver a palma da mão vazia, vagarosamente mastigando o gelo, depois o engoliu e olhou para a TV. Não iria rolar; não iríamos lutar. Mas ela percebeu que era o que eu queria. Clee notou

que eu estava toda preparada — uma mulher de quarenta e três anos com uma camisola, pronta para brigar. E ela ria por causa disso, dessa vez, para dentro. Hehehe.

Quatro

Precisei de um dia para me acalmar e recobrar o meu orgulho. “Delicada” foi a palavra que Phillip usara para me descrever. Uma mulher delicada não daria socos na sua própria casa. Que mentalidade bárbara! Como se não houvesse outras milhões de maneiras de lidar com conflitos. Esbocei uma carta para Clee. Era bem clara e inequívoca; na verdade, fiquei emocionada ao lê-la em voz alta; ao convidá-la para se relacionar de uma maneira civilizada, eu provavelmente demonstrava que tinha respeito por ela como poucas pessoas já haviam feito. No caminho da dignidade. Cuspi num pote de manteiga de amêndoa vazio; uma escarradeira é algo curioso. Ela não precisaria me agradecer pela franca honestidade, mas, se insistisse, eu seria forçada a aceitar. Aceitei algumas vezes para praticar. Pus a carta num envelope com o nome de Clee, prendi com fita adesiva no espelho do banheiro, e saí para não estar em casa quando ela lesse a carta.

Pedi um garfo no restaurante etíope. Eles explicaram que eu tinha que comer com as mãos, então pedi uma quentinha, peguei um garfo no Starbucks e me sentei no carro. Mas a minha garganta não aceitava nem mesmo aquela comida macia. Deixei a refeição na calçada para um mendigo. Um mendigo etíope ficaria muito satisfeito. Que pensamento triste, encontrar a sua comida nativa dessa maneira.

Quando voltei, ela estava comendo o jantar do dia de Ação de Graças, a comida de micro-ondas predileta dela. Eu estava um pouco nervosa por causa da carta, mas ela parecia estar animada — enviando mensagens de texto e lendo uma revista com a TV ligada. Ela estava reagindo bem. Vesti minha camisola e levei a minha bolsa de maquiagem para o banheiro. O envelope com o nome da Clee ainda estava preso no espelho. Ou ela tinha visto e não tinha lido, ou ainda não tinha ido ao banheiro. Fui para a cama e dei uma olhada no telefone. Nada. O Phillip estava se esfregando no jeans da Kirsten esse tempo todo, ainda sem clímax. O jeans deveria estar em farrapos agora, os dedos dele cheios de bolhas, esperando pela minha carta branca. Ouvi a descarga no banheiro.

Um minuto mais tarde a porta do meu quarto se escancarou.

“Quem é o hóspede?”, ela disse. O quarto estava escuro, mas dava para ver a carta na sua mão.

“Quem?”

“O que vai chegar na sexta-feira e por isso eu tenho que ir embora.”

“Ah, o meu velho amigo.”

“Um velho amigo?”

“É.”

"Qual é o nome do seu velho amigo?"

"O nome dele é Kubelko Bondy."

"Esse nome soa inventado." Ela se aproximava da minha cama.

"Bem, eu vou contar isso para ele."

Saí de mansinho da cama e me afastei vagarosamente dela. Se eu corresse seria uma caçada e seria horrível demais, então me forcei a andar informalmente em direção à porta. Ela a fechou com força antes que eu pudesse chegar. O coração galopava e dava microssacudidas. A Shamira Tye chama isso de "o seu momento de adrenalina", uma vez que começa, tem que ir adiante — não é possível parar ou reverter. A escuridão era desorientadora, eu não conseguia entender onde ela estava até que ela empurrou a minha cabeça para baixo, me afundando como se eu estivesse numa piscina.

"Você está tentando se livrar de mim?", ela ofegou. "É isso?"

"Não!" Era a palavra certa, mas na hora errada. Tentei me levantar, mas ela me empurrou ainda mais. Percebi que estava perdendo o fôlego, estava me sufocando. Que movimento nós estávamos fazendo? Eu precisava do DVD. O meu nariz estava perto demais dos pés rançosos dela. Fiquei verde de enjoo. Emiti um grito que parecia mais um sussurro áspero preso na garganta. O meu pico estava próximo. Se você não reage antes de alcançar o ponto máximo de medo, você nunca mais reage. Você vai morrer — talvez não fisicamente, mas vai morrer.

Então berrei, o barulho mais alto que eu já havia produzido. Não foi um *não*, mas o grito de guerra da Open Palm: *Aiaiaiaiai!* Minhas coxas catapultaram para cima; eu quase pulei no ar. Clee ficou parada por um instante, e depois correu na minha direção, me puxando para baixo e tentando me prender. Ela era muito pesada. Fiz o passo de cancã com toda a força, chutando tudo o que via pela frente, e dando socos com toda a minha força. Ela repetidamente tentou me jogar no chão até que eu tentei a borboleta. Funcionou — me libertei dela. Ela se levantou e saiu do quarto. A porta do banheiro foi trancada com um clique. As torneiras da pia abertas no máximo.

Deitei ao lado da minha cama, sugando grandes lufadas de ar. Umas cordas soltas e compridas de dor vibravam pelos membros. Foi embora. Não somente o *globus*, mas toda a estrutura à sua volta, o aperto no peito, a mandíbula presa. Girei a cabeça de um lado para o outro. Requintado. Um milhão de sensações pequenas e delicadas. A pele queimava por causa do que ela tinha feito, mas fora isso eu estava solta como uma borboleta. Ri e enviei uma onda para cima de um braço, através dos ombros até o outro lado. Como é mesmo que se chamava? A escorregada eletrônica? Quem era a grande pateta? Señorita sem-vergonha. Vi-me dançando flamenco, algo parecido com castanholas. A água ainda corria no banheiro, uma tentativa patética de agressão passiva. Gasta toda a água se quiser! Se ela fosse embora amanhã eu poderia pôr a casa em ordem antes do fim de

semana. Os meus músculos novos tremiam violentamente enquanto alcançava o telefone. Deixei o meu nome e telefone e pedi uma sessão para o mesmo horário na próxima terça-feira. A recepcionista da dra. Tibbets era uma fraude e uma ladra e uma ótima terapeuta.

Clee não foi embora no dia seguinte. Ou no dia depois desse. Ela ainda estava lá na terça-feira, mas fui à terapia de qualquer maneira. A recepcionista sorriu para mim calorosamente enquanto eu deitava no divã da Ruth-Anne Tibbets.

"Como você…"

Eu a interrompi. "Antes de responder, posso lhe fazer uma pergunta?"

"Claro."

"Você tem licença para clinicar?"

"Sim, sou graduada em psicologia clínica e assistência social pela UC Davis." Ela apontou para o pedaço de papel emoldurado na parede, o diploma de Ruth-Anne Tibbets. Eu ia lhe pedir que mostrasse a carteira de motorista, mas ela continuou. "Eu não quero violar a sua confidencialidade de paciente com o dr. Broyard, mas me lembro de ter marcado a sua consulta com ele. Sou a recepcionista dele, três vezes por ano, quando ele usa esse consultório. Isso talvez a tenha deixado confusa."

Claro. Por que eu não pensei nessa explicação óbvia e simples? Pedi desculpas e ela disse que não era necessário e eu me desculpei novamente. Os sapatos dela. Eram do tipo europeu sofisticado. Será que ela realmente precisava dessa renda extra?

"Quanto que você ganha como recepcionista?"

"Por volta de cem dólares por dia."

"É menos do que eu lhe pago por uma hora."

Ela assentiu. "Não faço isso pelo dinheiro. Eu gosto. Atender o telefone e marcar as consultas para o dr. Broyard é um ótimo descanso da responsabilidade deste trabalho."

Tudo o que ela dizia fazia sentido, mas só por uns poucos segundos, depois passou. Um ótimo descanso? Não parecia tão ótimo assim. Ela se recostou um pouco, esperando que eu começasse a falar da minha vida privada. Também esperei por um sentimento de confiança. O ambiente estava muito quieto.

"Preciso ir ao banheiro", eu disse finalmente, só para quebrar o silêncio.

"Oh, que pena. Você realmente precisa ir?"

Eu assenti.

"O.k. Você tem duas opções. Tem uma chave com um pato de plástico na sala de espera. Pode pegar a chave e ir ao banheiro no nono andar, que, infelizmente, você só pode acessar descendo de elevador até o térreo e pedindo ao porteiro para usar a chave dele para destrancar o elevador de serviço. Essa opção normalmente leva quinze minutos no total. Alternativamente, se você olhar atrás

do biombo de papel, você vai ver que tem uma pilha de recipientes para quentinha de comida chinesa. Você pode usar um deles, atrás do biombo, e levar com você quando for embora. Você tem trinta minutos da sua sessão."

O xixi fez um barulho alto e constrangedor, mas me lembrei de que ela tinha estudado na UC Davis etc. Havia o perigo de transbordar, mas isso não ocorreu. Segurei o recipiente quente nas mãos e espiei a dra. Tibbets através de um pequeno rasgo no biombo. Ela estava olhando para o teto.

"O dr. Broyard é casado?"

Ela estava bem parada. "Ele é casado. Ele tem uma esposa e família em Amsterdam."

"Mas a sua relação com ele é…?"

"Três dias ao ano, eu exerço um papel submisso. É um jogo que gostamos de brincar, um jogo entre adultos extremamente satisfatório." Ela continuava olhando para o teto, esperando a minha próxima pergunta.

"Como é que vocês se conheceram?"

"Ele era meu paciente. E então, muitos anos depois, bem, depois que ele parou de fazer análise comigo, nós nos encontramos novamente numa aula de renascimento e ele me disse que estava procurando um consultório, então sugeri esse acordo. Isso foi há oito anos."

"Você sugeriu só a parte do consultório ou a coisa toda?"

"Eu sou uma mulher madura, Cheryl — eu peço o que quero, e se o desejo não for mútuo, bem, pelo menos não perdi tempo pensando sobre isso."

Eu saí de trás do biombo e sentei novamente, e coloquei o recipiente cuidadosamente na minha bolsa.

"É sexual?"

"Sexo é algo que ele pode fazer com a esposa. O nosso relacionamento é muito mais poderoso e emocionante para mim sem comprimir a nossa energia em nossos órgãos genitais."

Os órgãos genitais dela, comprimidos. A imagem desencadeou uma náusea. Apertei a ponta dos dedos na minha boca e me inclinei ligeiramente para a frente.

"Você está se sentindo mal? Tem uma cesta de lixo logo ali se você precisar vomitar", ela disse inexpressivamente.

"Ah, não é por isso que eu…", toquei os meus lábios várias vezes para mostrar como era algo que eu fazia. "Você está apaixonada por ele?"

"Apaixonada? Não. Eu não me conecto com ele intelectual ou emocionalmente. Nós combinamos de não nos apaixonarmos; é uma das cláusulas do nosso contrato."

Sorri. Depois parei de sorrir — ela estava falando sério.

"Eu tenho certeza de que a lógica em vigor é que é mais romântico adivinhar as intenções de ambas as partes." Ela agitou sua mão enorme no ar e eu vi

galinhas com penas despenteadas, idiotas e cacarejando.

"O contrato é escrito ou verbal?" As minhas pernas estavam contorcidas e os meus braços seguravam um ao outro.

"Como você se sente com todas essas informações novas?", ela perguntou com seriedade.

"Foi feito por um advogado?"

"Baixei o formulário da internet. É só uma lista do que é permitido e do que não é permitido na relação. Eu não tenho o documento aqui comigo."

"Tudo bem", sussurrei. "Vamos falar de outra coisa agora."

"Sobre o que você gostaria de falar?"

Contei para ela sobre o meu problema de reagir. A história foi bem menos triunfante do que eu achava que seria, especialmente pelo fato de Clee ainda estar na minha casa.

"E como você se sentiu depois que ela saiu do quarto?"

"Eu me senti bem, eu acho."

"E neste momento? Como está o *globus*?"

A sensação do flamenco não tinha durado muito. De manhã, Clee não parecia nem um pouco intimidada por mim — ela parecia até que estava mais relaxada depois da briga, se sentindo mais em casa.

"Não está lá muito bem", admiti, apertando a minha garganta um pouco com a mão. Ruth-Anne perguntou se poderia examinar; inclinei-me para a frente e ela gentilmente pressionou o meu pomo de adão com a ponta de quatro dedos. A mão dela, pelo menos, cheirava a limpeza.

"Está *bem* tenso. Que desconfortável."

Sua compaixão desencadeou uma reação de choro. A bola subiu e se apertou; eu fiz uma careta, segurando o pescoço. Era duro acreditar que estava tão solto havia pouco tempo.

"Talvez melhore hoje à noite."

"Hoje à noite?"

"Se você e Clee tiverem um outro" — ela fechou os punhos como um boxeador — "encontro."

"Ah, não. Não, não… ela tem que ir embora. Eu já aturei essa situação mais do que devia." Pensei na Michelle, como ela rapidamente a chutaria para fora. Agora era a vez do Jim, ou da Nakako.

"Mas e se o *globus*…"

Eu meneei a cabeça. "Existem alternativas… cirurgia… bem, não, cirurgia não, mas terapia."

"Mas isso é terapia."

Os meus olhos se dirigiram para as suas unhas cor de malva. Bem cuidadas, mas curtas. Uma recepcionista precisava de unhas como essas, mas uma terapeuta não. Ela voltaria à manicure dentro de três meses.

Fui de carro direto para a Open Palm: era o meu dia de trabalhar no escritório. Todos os funcionários me olhavam de um jeito estranho e desconfiado, como se, por debaixo da mesa, eu estivesse sem calça, com a minha genitália descontraída. Será que a Ruth-Anne estava sem calça atrás da mesa da recepção no dia em que a conheci? Era uma imagem repulsiva e nada higiênica; eliminei esse pensamento e fui trabalhar. Jim e eu fizemos um brainstorming com o web designer sobre o site KickIt.com, nossa iniciativa para jovens. Michelle foi chamada para coordenar a mídia. Antes de se sentar, ela pigarreou e disse: "Só Jim e Cheryl precisam anotar; eles são os melhores para fazer atas…".

Jim interrompeu-a: "Sente-se, Michelle. Isso é só para trabalho de grupo".

Ela ficou corada. O hábito pseudojaponês era sempre complicado para os novos funcionários. Em 1998, Carl foi ao Japão para um congresso de artes marciais e ficou maravilhado com a cultura de lá. "Eles oferecem presentes toda vez que conhecem alguém novo, e todos perfeitamente embalados."

Ele me deu uma coisa embrulhada num guardanapo de pano. Eu ainda era estagiária naquela época.

"Isto é um guardanapo?"

"Eles usam tecidos como papel de embrulho. Mas eu não consegui achar nenhum."

Desenrolei o guardanapo e minha carteira de dinheiro caiu.

"Essa é a minha carteira."

"Eu não estava realmente te dando um presente… eu só queria te mostrar a cultura. A lembrança seria um jogo de copos de saquê ou algo assim. Foi o que o presidente do congresso me deu."

"Você mexeu na minha bolsa e pegou a carteira? Quando é que você fez isso?"

"Quando você estava no banheiro, há uns minutos."

Ele redigiu uma lista de diretrizes de trabalho para que o ambiente do escritório fosse mais japonês. Era difícil saber se realmente era autêntica, já que nenhum de nós tinha estado no Japão. Quase duas décadas depois, eu sou a única que sabe a origem das regras da empresa, mas nunca entro em detalhes porque agora nós temos, de fato, funcionárias nipo-americanas trabalhando na equipe (Nakako e Aya no departamento de educação e divulgação) e não quero ofendê-las.

Se uma tarefa exige um esforço coletivo — por exemplo, mudar uma mesa pesada de lugar —, a atividade deve ser iniciada por uma pessoa, e depois de uma respeitável pausa uma segunda pessoa pode participar, com a cabeça abaixada, dizendo: "Jim pode carregar a mesa sozinho, ele é o melhor para isso, eu vou ajudá-lo apesar de ele não precisar da minha assistência, porque não sou bom para esse tipo de coisa". Então, depois de um momento, uma terceira pessoa pode se juntar aos dois, primeiramente se curvando e afirmando: "Jim e Cheryl podem carregar a mesa sozinhos" etc. E assim por diante, até que haja

um número suficiente de pessoas para realizar a tarefa. É o tipo de coisa que de cara parece uma chatice, mas depois se torna automático, até que não agir dessa maneira parece grosseiro, quase agressivo.

Quando a reunião tinha terminado, pedi a Michelle que ficasse um pouco.

"Eu quero conversar com você sobre uma coisa."

"Desculpa."

"O quê?"

"Não sei."

"Eu queria te perguntar sobre Clee."

O rosto dela se fechou. "O Carl e a Suzanne estão com raiva de mim?"

"Ela foi cruel com você?"

Ela olhou para as próprias mãos.

"Ela foi. Foi violenta? Ela te machucou?" Eu disse, continuando.

Ela parecia surpresa, quase horrorizada.

"Não, claro que não. É só que ela…" Ela escolhia as palavras com cuidado. "O comportamento dela é diferente do que estou acostumada."

"É só isso? Por que você a expulsou?"

"Oh, eu não a expulsei", ela disse. "Ela simplesmente foi embora. Ela disse que queria morar com você."

Entrei em casa silenciosamente, apesar de ela estar no Ralphs. Eu nunca havia xeretado nas coisas dela nem nunca tive vontade, mas não era pecado sentar no meu próprio sofá. O saco de dormir de náilon exalou uma baforada de odor corporal quando me sentei. Tive o cuidado de não tocar nas embalagens velhas de comida nem na escova entupida de fios de cabelo loiro nem na bolsa de vinil rosa abarrotada de calcinhas fio dental coloridas saindo para fora. Abaixei a cabeça em cima do travesseiro dela. O couro cabeludo deixara um cheiro tão forte que tive que prender a respiração por um momento, sem saber se iria aguentar. Aguentei. Inspirei e expirei. O meu corpo estava rígido, quase flutuando, para manter o saco de dormir roxo longe da minha pele. Contei até três, levantei os joelhos e entrei dentro, fazendo dele a minha toca. Estava úmido de tão sujo. Será que foi a porta? Pulei, fui pega no flagra, emudecida — não, era só a chuva, rugindo no telhado. Puxei a mandíbula de náilon até o meu queixo. O ninho dela sem ela era completamente vulnerável, cada uma das suas porcarias expostas à luz da tarde sombria. Engoli com emoção, sorrindo um pouco à medida que o meu *globus* apertava. Estávamos juntos nisso. Eu tinha um parceiro, um colega de equipe.

Hoje à noite eu iria socar, fazer a borboleta, morder, chutar.

Ela me escolheu.

O único jeito de chegar rapidamente ao Ralphs era ir correndo. A urgência precede os carros — era eu sozinha me impulsionando pelo espaço, com o peito empinado, o cabelo esvoaçante. Todos os motoristas que me viram devem ter pensado: *Ela está correndo para se salvar, ela vai morrer se não chegar lá*, e eles estavam certos. Exceto que era um pouco mais longe a pé do que eu esperava, e a chuva havia engrossado. As minhas roupas ficaram pesadas com a água, meu rosto foi lavado várias vezes. Os motoristas que passavam por mim pensavam: *Ela é uma rata gigante ou algum outro animal molhado e covarde cuja fome a priva de qualquer dignidade*. E eles estavam certos.

Eu assustava as pessoas que me viam passar pelo supermercado, um monstro grotesco e molhado. Os caixas ficaram de queixo caído, e o homem atrás do balcão dos frios derrubou um peixe. Ensopei a fileira de corredores, olhando, olhando. O empacotador de compras, um menino ruivo e magro, apontou para o corredor 15.

Clee estava de costas para mim.

Ela descarregava os condimentos de uma paleta para a prateleira. Mostarda amarela com chapéus pontudos, quatro por vez. Ela se virou, cansada. *Quem é esse homem que está me fitando agora?* Ela pensava. Mas eu não sou um homem.

A cabeça dela se empinou para trás num vacilo automático. Como quando a gente vê a nossa mãe na escola.

"O que você está fazendo aqui?"

Passei os dedos pelo cabelo encharcado e me ajeitei. Não tinha um plano para aquele momento; ela deveria simplesmente entender o que eu sabia. Eu estava por dentro disso. Estávamos brincando um jogo, um jogo para adultos. Sorri e ergui as sobrancelhas algumas vezes. Sua boca engrossou; ela não estava entendendo.

"Eu sei", eu disse. "O que está acontecendo." E para não haver nenhuma confusão, apontei para ela e para mim algumas vezes.

Ela corou de raiva e rapidamente olhou para trás e à sua volta, então se virou para as mostardas e começou colocá-las com força nas prateleiras. Ela tinha entendido.

A chuva havia parado. Eu me sequei e voltei confiante para casa. Os motoristas que passavam por mim pensavam: *Essa é uma pessoa que acaba de se formar ou de ser promovida ou de ganhar um prêmio*. E eles estavam certos.

Eu estava lavando a louça quando ela chegou em casa. Abri pouco a torneira para que pudesse ouvi-la. Ligar a TV. Fazer o que sempre fazia. Ela entrou na cozinha, pegou a sua comida, ficou parada atrás de mim enquanto assistia ao prato girar, e depois comeu no sofá. Eu já tinha feito isso antes. Eu, várias vezes, dei muita importância a coisas que não eram importantes. Era ridículo imaginar que o Phillip ainda estava se roçando na calça jeans da Kirsten. Ele já devia ter

tirado a calça dela e transado sem a minha bênção. Deixei a água correr sobre as minhas mãos. Clee tinha vinte anos; nada do que ela fazia tinha algum significado.

Vesti minha camisola e fui para a cama cedo, com as mãos em cima do meu peito. A torneira da cozinha pingava. Tirei as cobertas e me levantei.

Quando abri a porta ela estava bem na minha frente, pronta para entrar. Levei um susto tão grande que por um instante esqueci que era um jogo. Passei por ela e fui até a cozinha, a torneira pingava, precisava fechá-la. Ela estava bem atrás de mim. No instante em que passei pela porta, ela me imprensou contra a parede da cozinha, como da primeira vez. A pressão aumentou, os meus ossos entraram em pânico, e então um tipo de ritmo começou a zumbir nas minhas veias, como se fosse uma valsa — então eu valsei. Dei uma borboleta nos cotovelos dela e eles, por causa do reflexo, se dobraram. Deslizei ao longo da parede, usando o meu equilíbrio como se estivesse tentando bater a cabeça dela contra a superfície. Quando comecei o cancã, ela me atirou no chão, primeiro a cabeça, me prendendo com o joelho. Na última vez ela se contivera — ficava claro agora. Algo enorme moía minha espinha e eu não podia parar de gritar, um barulhinho feio pairando no ar. Tentei posicionar meus braços sob meu corpo e empurrar para cima, mas ela pressionava para baixo com seu tronco, com o crânio dela contra o meu.

"Você não tem permissão de ir ao supermercado", ela sibilava, com os lábios no meu ouvido. "Eu vou para lá só para não ter que olhar para você."

Juntei toda a minha força e tentei girá-la com um grito gutural. Ela me observava, sem se mexer. Desisti. E logo quando as minhas costas começavam a queimar de dor, as endorfinas chegaram, assim como da última vez, só que mais fortes. A minha garganta era uma poça tranquila e morna; meu rosto espremido no chão estava frio e maravilhoso. Era um jogo de adulto bastante satisfatório, exatamente como Ruth-Anne havia dito. Olhando de lado, eu só conseguia ver a ponta dos cílios inferiores dela e a parte de cima do seu lábio, pontilhado com suor e ofegante. Ela provavelmente achava que eu não conseguia vê-la. Era quase comovente para mim, esse momento que experimentávamos, embora houvesse algo martirizante, ou talvez fosse isso que eu quisesse dizer por comovente: doloroso. Ela lentamente saiu de cima de mim, gemi de alívio. Em vez de ir correndo ao banheiro, ela ficou deitada lá, tentando recuperar o fôlego, os nossos ombros se tocando ligeiramente. O chão girava vagarosamente, meus braços e pernas trinavam e tremiam. Ela também sentia isso? Os minutos se passaram caleidoscopicamente, depois, bem aos poucos, a cozinha se reconstituiu, as bancadas, a pia, lá em cima. À medida que Clee se mexia e começava a se levantar, uma ridícula onda de abandono estourava sobre mim. O seu rosto burro e inexpressivo se encaminhava para a porta. E então, no último momento possível, os olhos dela foram ao encontro dos meus. Eu rapidamente

levantei a cabeça me apoiando nos cotovelos, me preparando para uma pergunta, mas ela já tinha ido embora.

Estava tão animada para ver Ruth-Anne que cheguei quinze minutos mais cedo. Limpei o carro e então dei uma olhada na loja de presentes no lobby do prédio dela. Cheirava a vitaminas e estava quente demais. Uma indiana, bem grávida, inspecionava os bibelôs de duendes. Girei uma estante rotativa de livros de leitura até ter certeza, então fiquei em pé, discretamente, ao lado dela, segurando um duende esquiador. A barriga da mulher estava tão saliente que o umbigo estava mais perto de mim do que dela.

Kubelko?

Sim. Eu estou em você?

Não. Você está em outra pessoa.

Em seguida, houve um silêncio constrangedor e triste. Eu andava tentando expressar o pesar que sentia todas as vezes que nós nos esbarrávamos. Uma mensagem de texto vibrou no meu bolso.

Com licença.

ELA SE DESPIU PARA MIM: EU VI A SUA VAGINA E PEITOS. UHHHHH. GUARDEI MINHAS MÃOS SÓ PARA MIM. A minha bênção ainda reinava. É claro que sim. Eu acreditava nele. Já tínhamos estado juntos pré-historicamente, no período medieval, como rei e rainha — agora nós éramos isso. Tudo isso fazia parte da resposta à pergunta dele: *Por que será que continuamos voltando?* Ele não tinha terminado comigo, e eu não tinha terminado com ele. E os detalhes — as mensagens de texto — eram apenas enigmas do universo. Pistas. Quando voltei para Kubelko, a mulher grávida já tinha partido.

O sofá da Ruth-Anne estava aquecido pelo paciente anterior e ela parecia corada e radiante.

"Foi boa a sessão?", perguntei.

"Perdão?"

"Você parece feliz."

"Ah", ela disse, esmorecendo um pouco. "Eu acabei de voltar do almoço — e tirei uma soneca. Como você está?"

Então o calor do divã era dela. Pressionei o couro com os dedos e tentei pensar por onde começar.

"O tal negócio que você e o dr. Broyard, aquilo… como é que você chamou?"

"Representação? Um jogo de adultos?"

"Certo. Você diria que é incomum?"

"Defina *incomum*."

"Bem, é mais comum do que você pensa."

Eu contei a ela o que havia acontecido — comecei pelo que Michelle havia dito e terminei com o chão da cozinha.

"E o meu *globus* sumiu, e ainda não voltou! Não sei se dá para você ver" — eu me inclinei para a frente e degluti —, "mas é muito mais fácil engolir. Eu devo isso a você, Ruth-Anne." Eu peguei a bolsa e tirei uma caixa.

Às vezes as pessoas agradecem antes mesmo de abrirem o presente — obrigada por ter se lembrado de mim. Ruth-Anne não fez isso; ela olhou de relance para o relógio enquanto abria bruscamente o papel de embrulho. Era uma vela de soja. Não do tipo pequena, mas uma coluna dentro de um pote de vidro com uma tampa de madeira.

"É de romã e groselha", eu disse.

Ela me devolveu a vela sem nem mesmo cheirá-la.

"Eu não acho que isso seja para mim."

"É sim! Eu acabei de comprar." Apontei para baixo, indicando a loja no térreo.

Ela assentiu, esperando.

"Pra quem você acha que é?", perguntei, finalmente.

"Pra quem você acha que é?"

"Além de você?"

Ela assentia fechando e abrindo os olhos vagarosamente. Eu segurava a vela, nervosa, como se fosse uma batata quente.

"Os meus pais?"

"Por que os seus pais?"

"Não sei. Eu achei que como isso é uma terapia talvez essa fosse a resposta certa."

"Talvez você queira dar uma vela para? Vela, chama, luz… iluminação…"

"… pavio… cera… soja…"

"Quem? Pense."

"Clee?"

"Isso é interessante. Por que Clee?"

"Então estava certo? Era pra Clee?"

O papel de embrulho ainda estava em bom estado, então eu só tinha que colar com fita adesiva. Quando Clee estava no banheiro, pus o presente no seu travesseiro, mas ele rolou e caiu no chão fazendo um barulho; ela entrou justamente na hora em que eu estava tentando alcançar o objeto embaixo da mesa de centro. Não queria entregar o presente pessoalmente.

"Aqui está." Coloquei o cilindro pesado na mão dela. A fragrância era abundante e nada parecida com romã ou groselha, nenhuma dessas frutas é famosa pelo aroma. Era tão óbvio que era uma vela, o presente mais bobo que alguém poderia dar a uma pessoa. Clee desfez a fita adesiva e cheirou a vela

com cautela. Ela leu o rótulo. Finalmente, disse: "Obrigada". Eu disse: "De nada". Foi uma situação horrível e eu não tinha como consertá-la.

Eu me tranquei no quarto de passar e escrevi um e-mail longo e protelado para todos os funcionários sobre reciclagem, superpopulação e petróleo, depois suavizei um pouco; em seguida, apaguei a mensagem. O chuveiro foi ligado. Ela estava tomando uma ducha. Liguei para Jim e conversamos sobre os funcionários do depósito.

"Kristof está fazendo campanha para colocarmos uma cesta de basquete", ele disse.

"Nós já tentamos uma vez e ninguém mais trabalhou." Estava torcendo para ele continuar insistindo na ideia da cesta para que eu pudesse ser mais enfática. Mas ele desistiu. A mulher dele o estava esperando; ele tinha que ir embora.

"Como *está* Gina?"

Mas ele realmente tinha que ir embora.

Quando saí do quarto de passar, já tinha anoitecido. Ela estava sentada na ponta do sofá, com os joelhos bem afastados. O cabelo estava molhado e penteado para trás, a toalha estava pendurada no pescoço; ela parecia um boxeador. Suas mãos estavam entrelaçadas na frente do corpo e ela fitava os joelhos com a testa franzida. A TV estava desligada. Clee estava à minha espera.

Eu nunca tinha sentado na minha poltrona. Não era confortável. Ela abaixou a cabeça, mostrando que percebera a minha chegada para a reunião, e fez um som com a garganta como se quisesse escarrar muco.

"Eu talvez tenha dado a impressão…" — ela procurava a palavra — "errada."

Clee olhou de relance para mim, para ter certeza de que eu estava familiarizada com a palavra. Assenti.

"Eu apreciei o presente, mas eu não… você sabe. Eu tenho interesse em pênis." Ela deu uma tossida rouca e cuspiu numa das garrafas vazias de Pepsi na mesa de centro.

"Nós estamos no mesmo barco, em relação a isso." Eu disse. Imaginei nós duas juntas num pequeno bote, lambendo um pênis no grande mar escuro.

"Para mim é um pouco mais intenso." Ela quicava o joelho inconscientemente. "Eu acho que sou misógina ou algo parecido."

Eu nunca tinha ouvido essa palavra ser usada assim, como uma orientação.

"Se você quiser, eu posso parar", ela disse, olhando abstratamente para longe. A princípio pensei que ela queria dizer "falar", parar de falar. Não era o que ela tinha em mente.

"Você quer?", eu perguntei.

"O quê?"

"Parar."

Ela deu de ombros. Completamente indiferente. Talvez essa tenha sido a pior coisa que ela já fez. Então Clee deu de ombros de novo, exatamente igual, mas

acrescentou “Não”, depois, como se fosse isso que ela estivesse dizendo em primeiro lugar. Não. Ela não queria parar de me atacar.

Eu me senti um pouco sem fôlego, um pouco tonta. Estávamos chegando a um acordo; isso era real. Olhei timidamente e percebi que ela estava obcecada por uma ramificação de veias roxas aranhosas na minha batata da perna exposta. Senti um arrepio — ela estava apegada ao sentimento de uma raiva superespecial que eu havia lhe dado.

“Você quer fazer um contrato?” Murmurei completamente inaudível.

“Fazer o quê?”

“Um contrato que diz o que nós queremos fazer e o que não queremos fazer. A gente pode baixar um modelo da internet.” Eu disse isso bem alto, como se ela fosse surda.

Ela piscou algumas vezes. “Eu não tenho ideia do que você está falando, mas não estou interessada nesse tipo de coisa.” Clee pressionou as juntas na testa e depois deixou a mão cair, de súbito, com uma irritação inesperada. “Você já fez isso antes? Com contratos e diabo a quatro?”

“Não”, eu disse rapidamente. “Uma amiga me falou sobre isso.”

“Você tem conversado sobre isso com as pessoas?” O joelho dela quicava freneticamente.

“Não uma amiga. Uma terapeuta. É completamente confidencial.”

A angústia dela parecia ter sumido. Ela contemplava, de longe, o controle remoto. Eu o entreguei para ela e ela passou os dedos em cima dos botões de borracha algumas vezes.

“Tem mais alguma coisa que nós precisamos…?”

“Acho que nós cobrimos praticamente tudo”, eu disse, tentando me lembrar do que havíamos estabelecido. Ela assentiu bruscamente e ligou a TV.

Cinco

Não estava claro como ou por que brigar, agora que nós havíamos formalmente concordado. Algumas vezes parecia que ela ia começar alguma coisa e depois mudava de ideia. E, obviamente, eu não poderia iniciar — seria um ato perverso. A coisa toda, se fosse uma coisa, fazia menos e menos sentido à medida que os dias passavam, e ficava cada vez mais constrangedora. Eu comecei a ir ao escritório o máximo de vezes possível, e ao entrar eu gritava "Visita informal!" para não violar o meu status trabalho em domicílio. Carl me deu um molho picante tailandês para entregar a Clee. "Você já comeu uma comida picante com ela? Já? Não é de outro mundo?" Eu assenti mudamente e deixei a garrafa na mala do carro.

Na manhã seguinte, Clee estava na cozinha quando eu precisava usar a cozinha e então nós estávamos as duas na cozinha ao mesmo tempo. A atmosfera era tensa. Ela deixou uma tampa cair e rigidamente pegou de volta. Eu tossi e disse: "Com licença". Isso era ridículo; era a hora de anular o contrato e seguir em frente.

"Escuta", eu disse, "nenhuma de nós…"

"Faz assim", ela interrompeu, colocando a mão no lado direito do rosto. Eu a copiei, semicerrando os olhos no caso de ela me dar um tapa ou soco.

"Era o que eu tinha pensado", ela disse. "Metade do seu rosto é mais velha e mais feia do que a outra metade. Os poros são todos grandes, e é como se a sua pálpebra caísse dentro do olho. Eu não estou dizendo que o outro lado parece bom, mas se os dois lados fossem como o lado esquerdo, as pessoas achariam que você tem setenta anos."

Abaixei a mão. Ninguém nunca tinha falado comigo assim, de maneira tão cruel. E ao mesmo tempo atenciosa. A minha pálpebra caiu no olho. O meu lado esquerdo sempre foi mais feio. O pequeno discurso tinha sido previamente elaborado — não se tratava de um mero ato de hostilidade descuidada. Eu olhei para as sobrancelhas depiladas ao extremo e me perguntei se poderia jogar na cara dela algo sobre a ignorância grosseira do seu rosto, e então eu vi as suas mãos; elas esfregavam as pernas felpudas de sua calça de maneira agitada e sua boca estava se abrindo. Essa pequena ode à humilhação a tinha agitado, ela estava a fim de atacar, e quando ela percebeu o medo no meu rosto, o corpo dela parecia se carregar e acelerar. O meu antebraço desviou a mão dela com um tapão.

Entrei na Open Palm aos saltos e disse: "Oi, oi, oi!". A nossa primeira luta

depois do novo contrato tinha sido longa e suja e acontecera em todos os cômodos da casa. Eu fiz o cancã e soquei, não somente para me defender, mas também porque estava realmente com raiva, primeiro dela e depois de pessoas *como* ela, pessoas burras. Eu a via como uma jovem sem humildade, enquanto tive muita humildade na idade dela — humildade demais. Eu mordi e quase rasguei a pele do seu antebraço. Quando ela me empurrou contra a minha escrivaninha, dei uma cabeçada nela e em todas as pessoas que não eram capazes de entender como eu era sutil. Ela me atacou de uma maneira que só uma pessoa treinada desde o berço a praticar artes marciais poderia. Sucinta. Não houve sequer um segundo em que eu achasse que estava ganhando dela. Depois de trinta e cinco minutos, tiramos um instante para recobrar as forças e bebemos um copo de água. Quando recomecei, a minha pele estava tenra, manchas roxas começaram a se formar, e cada músculo do corpo tremia. Foi bom, mais profundo e mais focado. Senti meu rosto se contorcer com uma raiva que eu não reconhecia; parecia fora de escala para a minha espécie. Era o oposto de ser assaltada. Fui assaltada todos os dias da minha vida e esse foi o primeiro dia em que não fui assaltada. No final, ela apertou a minha mão duas vezes: boa jogada.

Eu fui chacoalhando pelas reuniões com um sentimento doloroso, bruto e secreto que me fez ficar tonta e engraçada; todo mundo concordou. Organizar o evento de caridade para o Kick era normalmente tão estressante que eu só arranhava, ferindo os sentimentos de todos a torto e a direito. Mas tudo era diferente agora — quando Jim idiotamente sugeriu um número musical ao vivo em vez de um DJ, eu disse: "É interessante!", e deixei pra lá. Então, mais tarde, abordei novamente o assunto e fiz umas perguntas amáveis que o inspiraram a mudar de ideia. Então eu disse: "Você tem certeza? Parecia uma ideia bem divertida", e fingi tocar maracás invisíveis, no meu novo jeito de ser, mas foi um pouco exagerado demais. Mas isso, essa coisa num estádio de beisebol, era o que eu realmente era. Quando eu ria, dava uma gargalhada grave de uma pessoa sábia, sem histeria, sem pânico.

Mas quanto tempo isso duraria? Quando chegou a hora do almoço, os meus braços e pernas tinham parado de latejar; ela era habilidosa demais para realmente me machucar. No final do dia, me sentei no banco do banheiro e experimentei engolir — o meu *globus* não tinha voltado, mas a leveza ainda estava lá? Apertei os ombros e abaixei a cabeça, persuadindo minhas ansiedades a virem à tona. A bagunça caótica da casa… não era realmente um problema. O Phillip? Ele queria a minha bênção… a minha! Kubelko Bondy? Meus olhos repousaram no chão de linóleo cinza e me perguntei quantas outras mulheres haviam sentado nesse banheiro e fitado esse chão. Cada uma delas era o centro do seu próprio mundo, todas ansiando por alguém em quem depositar seu amor de maneira que pudessem ver o amor delas, ver o que lhes pertencia. *Oh,*

Kubelko, meu garoto, faz tanto tempo desde que segurei você no colo. Abaixei os cotovelos até os joelhos e larguei minha cabeça pesada na palma das mãos.

Então era bom estar afastado, tremer por causa do resplendor, mas depois disso já era hora de brigar novamente. Agora o *globus* estava relaxado, eu tinha uma nova consciência do meu corpo todo. Estava rígido e nervoso, e não mais divertido; eu nunca havia notado porque nunca tinha tido algo para comparar. Naquela semana, nós lutamos todas as manhãs antes de ir para o trabalho. No sábado, brigamos e logo depois eu saí; assim que eu me sentia solta e com um formigamento, não queria mais ficar perto dela — não tínhamos nada a dizer uma para a outra. Eu comprei uma blusa cor de caqui que imaginei que o Phillip fosse gostar e saí da loja com ela no corpo. Dei uma aparada no cabelo. Saí esvoaçante pelas ruas com as pessoas se virando para me olhar ou passando por elas quando se viravam para me olhar. Comi bolo feito com farinha branca e açúcar refinado e fiquei olhando o casal sentado ao meu lado dar pedaços de omelete um para o outro. Era difícil acreditar que eles brincassem de jogos para adultos, mas era bem provável que sim, talvez com os colegas de trabalho ou parentes. Como seriam os jogos das outras pessoas? Talvez alguns pais fingindo que são filhos dos seus filhos e fazendo bagunça. Ou uma viúva que de vez em quando se transforma no seu falecido marido para se vingar de todos. Eram atividades muito pessoais; nenhum dos jogos fazia sentido para as outras pessoas. Eu observava homens e mulheres aparentemente chatos passando rápido em seus carros. Duvido que todos tenham redigido contratos como o da Ruth-Anne, mas alguns devem sim ter redigido. Alguns, provavelmente, tinham vários contratos. Alguns contratos devem ter sido anulados ou transferidos. As pessoas se divertiam, eu também. Fiz sinal para o garçom e pedi um suco de frutas caro apesar de eles oferecerem água de graça com refil de graça. Será que eu ainda me sentia solta? Sim. Estava sumindo? Só um pouco. Eu tinha várias horas pela frente.

Estava escuro quando estacionei na entrada de casa. Ela estava na varanda; eu nem sequer tive chance de guardar minha bolsa. Ela bateu a porta com força e empurrou os meus ombros para baixo com bastante vigor. Minhas pernas cederam e caí de quatro, com as chaves batendo no chão.

Mas na maioria das noites nós não fazíamos nada. Eu cozinhava, tomava um banho, lia na cama; ela conversava ao telefone, assistia TV, esquentava suas comidas congeladas. Nós nos ignorávamos com uma sensação de plenitude e fermentação. Phillip me mandou uma mensagem de texto (KIRSTEN QUER A SUA PERMISSÃO PARA FAZER UM ORAL???! SEM PRESSÃO. AGUARDO O SEU AVAL) e não senti nenhuma animosidade. Oh, Kirsten. Talvez ela fosse o nosso gato das nossas últimas cem mil vidas, sempre na cama, roçando pelas cobertas, nos observando. Parabéns, gatinha; desta vez você é a namorada — mas sou eu quem dá as ordens. Sentia-me flexível e generosa. Phillip está lidando

com a situação — foi isso que disse para uma amiga próxima, em confidência. Eu permiti que ele tivesse um caso com uma mulher mais jovem.

Você é tão corajosa, você confia muito.

Não é nada. Já passamos por altos e baixos, por fogo e chuva, eu disse, citando a música.

Obviamente, era mais um pré-caso, uma vez que eles ainda não estavam juntos, pelo menos não da maneira tradicional, não nesta vida. E o fogo e a chuva, que ainda estavam por vir. Além disso: eu não tinha amigos próximos para me abrir. Mas não deixava a peteca cair quando via o carteiro e acenava para os vizinhos — eu acenava antes. Até puxei um papo com o Rick, que caminhava por aí com seus sapatos especiais que furavam a grama.

"Eu gostaria de te pagar", anunciei, "pelo seu trabalho árduo." Era uma atitude generosa, mas por que não.

"Não, não. O seu jardim é o meu pagamento. Eu preciso de um lugar para pôr em prática a minha mão para as plantas." Ele levantou a mão e olhou para ela com afeição, mas em seguida o seu rosto ficou sério, como se ele tivesse se lembrado de algo horrível. Ele respirou fundo. "Eu coloquei as suas lixeiras pra fora na semana passada."

"Obrigada", eu ri. "É uma mão na roda." *Era* uma mão na roda, eu não estava mentindo. "Se não for muito abuso, você poderia fazer isso todas as semanas."

"Eu faria", ele disse tranquilamente, "mas eu não costumo trabalhar às terças-feiras." Ele me encarou com um ar nervoso. "Quarta-feira é o dia de coleta do lixo. Eu geralmente venho às quintas-feiras. Se você está correndo perigo, por favor, me avise. Eu vou proteger você."

Alguma coisa ruim estava acontecendo, ou já tinha acontecido. Peguei uma folha de grama.

"Por que você estava aqui na terça-feira?"

"Eu te perguntei se estava tudo bem se, em vez da terceira quinta deste mês, eu viesse na terça-feira. Você se lembra?" Ele olhava para baixo, com o rosto vermelho.

"Lembro."

"Eu precisei usar o banheiro. Bati na porta dos fundos antes de entrar, mas ninguém me ouviu. Esqueça, são seus assuntos particulares."

Terça-feira. O que eu fiz na terça-feira? Talvez nada. Talvez ele não tenha visto nada.

"Caracóis", disse Rick.

Terça-feira foi a manhã em que ela me encurralou no chão. Eu resisti numa posição de defesa íntima, o meu traseiro abastado virado para cima.

"Eu preciso de caracóis." Ele tentava mudar de assunto. "Para o jardim. Do tipo africano… eles arejam."

Se nós não o ouvimos, deve ter sido porque Clee gritava e me atacava

verbalmente.

"Eu não estou correndo perigo, Rick. É o contrário do que você está pensando", eu disse.

"Eu entendo agora. Ela é o seu… negócio particular."

"Não, não é particular, não, não…"

Ele começou a andar para longe, apunhalando a grama com os seus sapatos especiais.

"É um jogo!" Implorei, em seguida. "Eu faço isso para minha saúde! Eu faço terapia." Ele examinava o jardim, fingindo não me ouvir.

"Quatro ou cinco é mais do que o suficiente", ele acrescentou.

"Eu vou conseguir sete. Ou uma dúzia. Meia dúzia… que tal?" Ele arrastava os pés na calçada do lado da casa. "Cem caracóis!" Eu gritei. Mas ele tinha ido embora.

Fiquei, de repente, desajeitada. Quando Clee cobriu minha boca e agarrou meu pescoço na sala, eu não conseguia reagir porque não queria tocá-la. Antes de qualquer impulso havia uma pausa — eu nos vi através dos olhos do jardineiro sem-teto e achei obsceno. Como estava à margem da sociedade, ele não entendia os jogos de adultos; ele era como eu antes de conhecer Ruth-Anne, que achava que tudo que acontecia na vida era real. No dia seguinte, saí de casa cedo, mas evitá-la acarretava outros problemas. Senti uma dor de cabeça tão forte quanto uma enxaqueca; a minha garganta pulsava assustadoramente. Ao meio-dia, eu tentava freneticamente achar uma forma mais clínica de lutar, de uma maneira organizada e respeitável, menos febril. Luvas de boxe? Não, mas tive outra ideia.

Cambaleei pela rua até o depósito; Kristof me ajudou a garimpar o nosso estoque antigo.

"Você quer um videocassete?"

"Quando é que nós paramos de fazer enredos? Foi em 2000?"

"Enredos?"

"Do tipo uma mulher sentada no banco da praça e diabo a quatro. Antes do exercício de autodefesa."

"Esses vídeos foram todos feitos antes de 2002. Você está compilando alguma coisa para o aniversário de vinte anos?"

"Estou?"

"Aqui tem um monte de 1996, 1997… serve?"

Combat with No Bat (1996) começava com uma simulação de ataque intitulada "Um dia no parque." Uma mulher de sandália sentada num banco de parque passa loção de bronzear nos braços, tira os óculos escuros da bolsa e abre o

jornal.

Eu pus de lado o saco de dormir roxo da Clee e me empoleirei no sofá, com a bolsa ao meu lado. Peguei minha loção de bronzear. Clee me observava da cozinha.

"O que você está fazendo?"

Eu esfregava lentamente o olho e colocava os óculos escuros.

"Você me ataca assim que eu pegar o jornal", sussurrei. Abri o jornal e bocejei do jeito que a mulher bocejou no vídeo, um pouco exagerado. O nome dela era Dana não sei das quantas, dava aula nos fins de semana. Não tinha a barriga nem o carisma da sua sucessora, Shamira Tye; acho que a gente nem pagava a ela. Clee hesitou, depois se sentou ao meu lado. Ela colocou o braço no meu ombro mais rápido do que o agressor do DVD, mas, assim como ele, agarrou os meus seios, e então, como a Dana, eu dei uma cotovelada e gritei: "Não!".

Ela tentou me jogar no chão, o que não estava incluído nessa simulação, mas na próxima, então eu avancei.

"Não, não, não!", gritei, fingindo que estava dando uma joelhada na virilha dela. Levantei-me e saí correndo. Como não tinha muito espaço para correr, corri no mesmo lugar por uns segundos, de frente para a parede. E então corri um pouco mais para evitar me virar. A cena era ridícula. Tirei os óculos e dei uma olhada para trás na direção dela. Ela me entregou o jornal.

"De novo."

Repetimos aquela sequência mais duas vezes e depois tentei fazer um passo a passo da "Aula 2: Armadilhas domésticas", que acontece na cozinha. Senti-me como uma idiota, dando socos de mentira, mas Clee não se importava de não estarmos realmente lutando; ela me lançou um olhar de desprezo e me atazanou com uma pose de mafiosa. No DVD, o agressor da Dana usava um boné de beisebol virado para trás e dizia coisas do tipo *Ei, gatinha* ou *Vem cá, meu docinho*. Na "Aula 3: Uma coisa engraçada aconteceu no caminho até a porta de casa", ele ronronava *Yum, yum, yum* nas sombras. Obviamente Clee não disse nada disso, mas eu poderia meio que guiá-la pelos movimentos de bloqueio básicos com as hesitações e expressões de terror de Dana, na prática, Clee sabia exatamente o que fazer — ela tinha assistido a centenas de demonstrações como essa antes de completar cinco anos de idade.

Depois de uma hora, nós estávamos exaustas, mas sem manchas roxas. Ela apertou fortemente minha mão e me lançou um olhar estranho antes de cada uma seguir o seu caminho. Fechei a porta do quarto e massageei a cabeça. A enxaqueca tinha sumido; a minha garganta estava relaxada. Não fiquei eufórica, mas sabia que isso poderia funcionar. Se pelo menos Rick tivesse visto "As armadilhas domésticas" em vez daquilo que nós estávamos fazendo antes. Isso não era nada, só uma recriação de uma simulação do tipo de coisa que poderia

acontecer com uma mulher se ela não perdesse a cabeça.

Enquanto Clee estava no trabalho, aprendi o resto de *Combat with No Bat*. "Aula 4: Lutando dentro do carro" usando um sofá e um molho de chaves. "Defesa contra gangues" era muito complicado — então pulei. "Uma mulher pedindo indicações" era rapidinho; minha única fala era "Você sabe onde fica a farmácia mais próxima?". Para encerrar, Dana pediu que eu telefonasse à minha secretária eletrônica e emitir, com a voz mais alta possível, dez nãos e depois ouvir a gravação: NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO.

"Nossa!", ela disse. "Quem é essa mulher assustadora berrando na sua secretária eletrônica?! É *você*?" Eu ensaiei não só os chutes e ataques, mas todo o diálogo e a encenação. Dana realmente havia se empenhado na criação dos esquetes; horror, medo, raiva — ela demonstrava não só o que fazer, mas o que sentir. Meus trechos favoritos eram um pouco antes do ataque — recostada no banco do parque, andando descontraída em direção à porta de casa. Meu cabelo parecia comprido e pesado; rebolei um pouco, sabendo que estava sendo observada, ou mesmo caçada. Era interessante ser esse tipo de pessoa, tão segura de si e aberta, tão feminina. Dana poderia ter tido uma carreira como atriz, estrelando em vídeos como esse para todas as ocasiões — acordando, atendendo o telefone, saindo de casa; uma mulher poderia acompanhar e aprender o que fazer quando ela não estivesse sendo atacada, como se sentir no resto do tempo.

As últimas três aulas eram um pouco perturbadoras; era óbvio que a Open Palm nunca havia ganhado um centavo com essa série. Dana pedia aos espectadores que juntassem alguns artigos caseiros — uma bola de futebol, uma fronha, uma corda elástica — e fabricassem uma cabeça improvisada. "Quando você chutar uma cabeça de verdade, ela não vai quicar tanto, mas haverá um pouco de resistência e você quer estar pronta para isso. Os crânios são mais moles do que você pensa." Na "Aula 10: Piedade e misericórdia antecipadas", eu me perguntei se algum de nós alguma vez assistiu ao vídeo até o fim; Dana parecia agir por conta própria. Com o salto alto fincado na bola de futebol, ela enumerava as razões para permitir que uma pessoa fosse poupada. "Ela tem crianças pequenas. Tem bichos de estimação que provavelmente não serão adotados — por exemplo, um cachorro velho, fedorento e sem dentes. Será que, ao matar o dono do cachorro, você também estaria matando o cachorro? Talvez fosse bom perguntar se ela tem bicho de estimação e então pedir para ver a foto ou pedir que ela descreva o nível de saúde do animal. Por último, motivos religiosos. Estes são pessoais e não se enquadram no âmbito deste vídeo, mas algumas religiões não permitem matar, mesmo em autodefesa. Se você não tiver certeza, melhor verificar com a paróquia, sinagoga ou mesquita mais próxima."

Na manhã seguinte, respirei fundo e me aproximei de Clee, que estava no sofá. Eu tinha uma pergunta para ela.

"Você, hum, sabe onde fica a farmácia mais próxima?"

Ela piscou por uma fração de segundo. Então sua narina esquerda encrespou e os olhos endureceram.

"Sim, eu sei", ela disse, levantando-se vagarosamente. Não chegava a ser uma linha reta, mas era quase.

Eu ensaiava novos enredos todas as tardes enquanto Clee estava no trabalho e os apresentava todas as manhãs, antes de ela sair. Nos primeiros dias era excitante revelar cada um deles como sonhado por minha mente criativa. Mas logo passou a ser frustrante sempre que Clee fazia e dizia coisas que absolutamente não combinavam com o agressor de Dana. Teria sido muito mais fácil se ela simplesmente assistisse ao DVD e decorasse seu papel. No seu dia de folga, coloquei *Combat with No Bat* sobre a mesa de centro enquanto ela dormia. Eu o fiz sem refletir muito, entrei no meu carro e fui para o trabalho. Num sinal vermelho, inspirei todo o ar que podia e congelei. O que eu tinha feito? No momento em que colocasse o DVD para tocar ela saberia que eu havia ensaiado movimentos na frente da TV e decorado falas, como se realmente me importasse com aquilo. Minhas bochechas se inflamaram de constrangimento — agora ela me veria, veria quem eu realmente era. Uma mulher cuja feminilidade era apenas copiada de outra mulher.

"Ponha a mão na minha testa", falei para Jim. "Está ardendo em febre?"

"Não está quente, mas está suada. E você está pálida."

Eu podia vê-la sentada no sofá apertando o play no controle remoto. Todo gesto, todo grito, todo olhar e todo rosnado que eu fizera na última semana era de Dana. *Quem é você?*, ela perguntaria, rapidamente. *Você é Dana? Você ao menos sabe quem você é? Não*, eu diria, entre soluços. *Não sei.* Jim me trouxe o termômetro.

"É do tipo que você enfia no ouvido. Ou prefere ir para casa?"

"Não, não. Não posso ir para casa." Deitei no chão. Na hora do almoço, Phillip me mandou uma mensagem com um ponto de interrogação e um minúsculo emoticon de um relógio. Ele estava esperando havia quase dois meses. Dois meses antes minha vida era ordenada e pacífica. Rolei de barriga para baixo e rezei para que ele me libertasse dessa situação na qual eu mesma me colocara. Qual seria o emoticon para *Me leve para a sua cobertura e cuide de mim como um marido*? Jim colocou uma toalha de papel úmida na minha testa.

Às sete da noite, Nakako pediu que eu acionasse o alarme ao sair. "Você sabe o código, não é?" Eu me forcei a me levantar, saí com ela, tropeçando, e dirigi até em casa tremendo. Estacionei o carro na entrada da garagem e com esforço saí do carro, me preparando para o ridículo.

Mas uma coisa engraçada aconteceu no caminho até a porta de casa.

"Hum, hum, hum", disse uma voz vinda das sombras. Ela apareceu toda

pimpona e colocou a mão na minha lombar. Estava usando um boné de beisebol virado para trás.

"Afaste-se!", eu lati, e ela estacou durante exatamente um, dois, três segundos antes de atacar. Os cinco minutos seguintes foram a comprovação de que meus vizinhos não davam a mínima para mim.

Quando enfim cheguei à porta de casa, a bati atrás de mim e sorri, tocando meu rosto. Claro que não havia lágrimas de verdade, mas eu estava muito emocionada. Ela deve ter praticado o dia todo, ensaiando na frente da TV. Dois adversários podem lutar, enraivecidos, mas aquilo era algo raro. Lembrei da partida de futebol natalina entre os adversários da Primeira ou da Segunda Guerra Mundial. Ela ainda me repugnava, eu ainda atiraria nela na batalha no dia seguinte, mas jogamos aquele jogo até o nascer do sol.

Na noite seguinte fizemos todo o DVD, na ordem certa. "Defendendo-se de gangues" foi a parte mais confusa porque havia dois homens maus e outro homem todo de jeans que não queria se meter em problemas. "Ei", ele dizia aos outros. "Isto não é legal. Vamos dar o fora." Clee se alternava nos papéis dos três homens, sem aviso prévio; tive que parar várias vezes para me orientar.

"O que você está fazendo?", ela sibilou. "Estou aqui."

"Qual deles é você?"

Ela hesitou. Até esse momento não houvera nenhuma menção explícita ao vídeo ou de que fôssemos quaisquer outras pessoas que não nossos furiosos eus.

"Sou o primeiro cara", ela disse.

"O de jeans?"

"O primeiro homem mau."

Foi o jeito como estava de pé quando disse — seus pés plantados firmes, suas grandes mãos à espera no ar. Exatamente como um cara mau, o tipo que chega a uma cidadezinha sonolenta e apronta todo tipo de problema antes de partir a galope. Ela não era o primeiro homem mau de todos, mas o primeiro que eu conhecia que tinha cabelo loiro e usava calça de veludo rosa. Ela mastigava seu chiclete com impaciência.

Navegamos pelo resto da cena e então a repetimos mais duas vezes. Era como dançar uma quadrilha, ou jogar tênis, falei para Ruth-Anne na semana seguinte. "Uma vez que você aprende os movimentos, torna-se instintivo — verdadeiras férias para o cérebro."

"Então você descreve seu prazer como…?"

"Um tantinho teatral, mas sobretudo esportivo. E eu sou quem mais está surpresa, pois nunca fui boa em esportes."

"E Clee? Você acha que o prazer dela também é esportivo?"

"Não." Baixei os olhos. De fato, não era da minha conta falar sobre isso.

"Acha que é algo mais?"

"Para ela pode ser que não seja um jogo, pode ser que seja real. Ela é

misógina, ou algo assim. É o fetiche dela." Descrevi a intensidade de loba que tomava conta dela quando encenávamos. "Mas, claro, isso é seu departamento, não meu. Acha que pode ser algo de ordem psicológica?"

"Bem, eis aí um termo bem amplo."

"Mas preciso, certo?"

"Claro, sim", ela disse, relutante. Pensou que eu estava tentando obter dois diagnósticos pelo preço de um.

"Não precisa dizer mais nada", interrompi, mostrando-lhe a palma das minhas mãos. Para mudar de assunto, indiquei as caixas de comida chinesa com aparência de cheias sobre a sua escrivaninha. "Isso tudo é seu?"

"Bebo muita água", ela disse e acariciou sua garrafinha de água. "No final do dia junto todas elas e esvazio no banheiro de uma vez só."

"O banheiro daqui ou o banheiro de casa?"

"O banheiro daqui!", ela riu. "Ora, dá para imaginar uma coisa dessas? Eu levando para casa um zilhão de embalagens de urinas e fezes? Que bagunça!"

Ela fez que dirigia um carro e nós rimos. Realmente era uma imagem muito engraçada. Rirmos como amigas sempre enfatizava que na verdade não o éramos. Aquilo não era real, como a risada que ela dava em casa.

Ela continuou dirigindo, e eu soltei outra gargalhada. Por que ela não parava?

"E se for de verdade para ela?", a dra. Tibbets disse, baixando de repente as mãos. "A verdade vem e vai, e não é muito interessante."

Seis

O evento para angariar fundos da Open Palm é uma correria todos os anos e nem sequer é muito lucrativo, mas sempre fico tonta enquanto me visto para a ocasião, sabendo que Phillip também está se arrumando. Se fôssemos um filme, alternariam cenas da minha pessoa calçando meias de náilon, Phillip lustrando seus sapatos; eu escovando o cabelo etc. Costumava ser a única vez que eu o via fora do escritório — agora, eu podia dizer *Ele me manda mensagens de texto o tempo todo*, e não seria mentira. Quando me visse usando minha nova blusa cor de caqui, talvez ele se sentisse constrangido ou envergonhado por causa das mensagens. "Oi", eu diria. "Olhe bem aqui." Eu apontaria para meus próprios olhos. "Não há lugar para vergonha na nossa relação, o.k.?" Então será que ele me puxaria para si com ajuda do colar de artesanato comprado numa feirinha que decidi usar novamente? E então, o que aconteceria? Talvez alguém precisasse dar uma carona para Clee até em casa, talvez eu não estivesse disponível. Eu a avisaria assim que ela saísse do chuveiro. Aliás, por que ela estava indo ao evento? Não fora a nenhum evento para angariar fundos da Open Palm desde que era uma garotinha rodopiando pela pista de dança.

Mudei de ideia quando ela saiu pisando firme do banheiro; ela precisava de uma dama de companhia. Sua blusinha forçava as pessoas a olharem para ela, mesmo que não quisessem. Eram apenas dois pedaços de um material preto unidos por um anel dourado gigante — nem de longe um modelito seguro para ir à rua. Eu poderia deixá-la em casa no caminho para a casa de Phillip, se necessário fosse.

"Vai ter bebida?", ela perguntou no trajeto até o Presbyterian Fellowship Hall. Seus pés pontiagudos esfaqueavam o painel do carro; ela desencavara de algum lugar uns sapatos de salto muito alto com várias tiras e fivelas que se cruzavam.

"Alcoólica, não. Não pense que vai ser divertido." Ela trocara a calça de malha por um par de jeans muito, muito justos. Jeans me faziam lembrar de Kirsten. Ele não ousaria levá-la.

"Tudo bem. Jim tem uma coisa para mim."

"Jim da Open Palm? Ele vai levar álcool para você?"

"Não, outra coisa. Você vai ver."

Ficamos em silêncio pelo restante do trajeto.

Suzanne e Carl abraçaram a filha, e Clee me surpreendeu ao corresponder. Fiquei ao lado do abraço triplo como um guarda, ou um docente.

"Cheryl!", Suzanne ganiu assim que se desabraçaram. "O que aconteceu com suas pernas?"

Todos nós baixamos o olhar para minhas panturrilhas. Estavam rajadas de

machucados longos, do velho jeito.

Phillip ainda não estava lá. As meninas do Kick It fizeram uma demonstração de defesa pessoal ao som de rap e então o DJ assumiu. Perguntei a ele se achava que o volume podia estar ligeiramente alto demais.

"Acho que está baixo demais", ele gritou, com uma das mãos segurando um fone contra o ouvido.

"Bem, não aumente."

"O quê?"

"Está perfeito assim!", fiz um sinal de o.k.

Enquanto o fornecedor explicava um problema que estavam tendo com a máquina de café, observei Clee conversando com as meninas do Kick It. Estavam todas vestidas exatamente como ela, e ela parecia conhecer algumas — talvez filhas de amigos de seus pais. Tentei imaginar como seria fazer simulações com uma das outras meninas, uma garota com franja castanha que mostrava a Clee algo em seu celular.

"Então devemos servir menos café? Ou diluí-lo?"

"Sirvam menos."

Era algo impensável — a garota de franja era só uma menina. Clee olhava para mim de tempos em tempos; eu desviava o olhar. Vê-la em público, com os pais, era perturbador. O DJ colocou uma música que era a favorita de todo mundo, e as meninas correram para a pista de dança, os cabelos no ar. Dançavam num estilo hip-hop, e Carl se espevitava entre elas de um jeito propositadamente apatetado que fazia as garotas do Kick It rirem. Ele me avistou e acenou. Estrangulei meu próprio pescoço para explicar que eu estava atolada de tarefas organizacionais. Um laço invisível começou a girar em cima da cabeça de Carl; ele me amarrou. Todo mundo estava observando, então me deixei ser puxada para a pista. Clee olhou para meus quadris, rebolando sob minha saia étnica amassada, e virou de costas, horrorizada. Exagerei um pouco para deixar claro que estava me divertindo a valer e observei enquanto as meninas faziam movimentos que pareciam mais adequados a um clube de striptease do que para angariar fundos para defesa pessoal. Estavam todas de salto alto — nenhuma delas podia fugir correndo de um ataque, isso para não mencionar a dor autoinfligida que seus pés deviam estar passando. "Holla", elas gritavam, "holla!" Aquilo por acaso era uma palavra? Ou será que era *holler*?* As pessoas estavam me olhando de um jeito estranho; vai ver eu não estava "no ritmo" ou coisa assim. Onde estava Phillip? Alguém esbarrou em mim e eu me virei para ver quem era. Era Clee. Ela fez de novo — como se pudéssemos lutar bem ali, nos digladiar até cair no chão. Ou então aquele era o seu jeito de dançar. Ela me deu outro encontrão e dessa vez pousou a mão de leve na minha barriga enquanto estava postada atrás de mim, me contendo de um jeito tal que fazia nossos ritmos se fundirem. Olhei em volta e me dei conta de que se tratava de

uma dança de fato, um monte de gente estava dançando daquele jeito. Eu não podia ver seu rosto, mas dava para perceber que ela estava achando engraçado, que estava tentando fazer as outras meninas rir. E, ei, eu podia lidar com uma piada, por um minuto, mas a música continuou e continuou e a coisa pareceu, francamente, inapropriada. A julgar pela expressão de Suzanne, dava para ver que ela concordava comigo. Eu me desvencilhei fazendo um rápido bamboleio. Meu telefone estava vibrando no meu bolso.

Phillip. A mensagem de texto não mencionava Kirsten. Era só minha e inequivocamente revelava os sentimentos verdadeiros que ele tinha em relação a nós.

FIZ UMA DOAÇÃO — FAVOR MANDAR RECIBO QUANDO DER.

Um texto insosso e respeitável para uma mulher insossa e respeitável. Nunca fomos um casal, de nenhum tipo e em vida nenhuma. Mas, espere aí — meu telefone vibrou de novo. Talvez ele estivesse brincando e essa nova mensagem de texto diria *Eu estava brincando.*

espero que a noite tenha sido um sucesso!

Educado — a única coisa pior do que insosso. Eu esperara tempo demais para responder sobre a minha decisão, e aquele era o meu castigo. Era difícil digitar com a reverberação da música. Pus tudo em maiúscula, como ele, gritando noite afora.

ESTOU QUASE TOMANDO UMA DECISÃO!

Fiquei olhando para o telefone, esperando. Nenhuma resposta.

Acrescentei: :)

Nada.

Esperei mais vinte minutos. Nenhuma resposta. Observei soturnamente o mar de pessoas dançando. Era hora de ir para casa. Jim podia dar conta do resto. Falei para Clee que estava indo embora, e ela me surpreendeu, imediatamente saindo da pista de dança.

"Deixe-me achar Jim."

Jim carregou alguma coisa até o meu porta-malas. Ele perguntou a Clee para que ela queria aquilo, e ela deu de ombros. Estava embrulhado num papel floreado. No espelho retrovisor parecia se mexer.

"O que é?"

"Você vai ver", disse Clee.

Ela carregou aquilo banheiro adentro. Alguns minutos depois senti um cutucão no meu ombro. Ela estava usando um traje de levar porrada. Eu não via um desses desde o final dos anos 90 — a cabeça gigante e as luvas, as ombreiras e a saqueira. Ela imediatamente começou a me agarrar, sem roteiro. Era como ser atingida por um monstro, algo saído de um pesadelo. Esqueci as simulações e lutei para matar. Sem misericórdia, sem hesitação, só sangue. Golpeei Phillip em sua cabeça careca e Kirsten em sua barriga sarada, soquei-os ambos ao mesmo

tempo, martelando-os como a uma porta.

"Eia, eia, eia", ela disse, segurando meus braços, "vá com calma."

Fui com calma.

Clee estava quase estática, menos me atacando do que movendo seu corpo forrado contra o meu. Meus socos lentos pareciam tai chi. Depois de um tempo o alienígena de cabeça gigante simplesmente me imobilizou. Ou me abraçou. Um minuto estranho se passou. Contei até setenta e então tossi. Ela caminhou de ré, tropeçando, e tirou o capacete de espuma. Seu cabelo estava todo desgrenhado, seu rosto, suarento e vermelho.

"Foi uma ideia idiota", ela disse. Nada de amassos.

No dia seguinte Clee anunciou que fora transferida para o turno da noite, por duas semanas. Passei a pisar em ovos em volta dela durante as manhãs, indo para o escritório para que pudesse dormir. Será que ela sentia falta das simulações? Não parecia. Eu estava tendo dificuldade para trabalhar e dormir. Meu telefone estava muito parado. Desde minha resposta, Phillip e eu estávamos num impasse. Eu me arrependia do sorrisinho. Às vezes eu ia ao banheiro às cinco da manhã, quando ela chegava em casa, só para mostrar que eu estava acordada e disponível, mas ela me ignorava, assistindo TV com uma camiseta estranhamente enrolada no corpo, como uma pessoa perdida no deserto. Várias vezes seu travesseiro estava sobre a cabeça, de forma que eu não tinha como saber ao certo se ela estava encolhida em seu saco de dormir ou ainda no trabalho. Uma vez apalpei-o para conferir, e ela se empertigou como uma múmia que fosse acordada, o cabelo emaranhado, os olhos frenéticos.

"Desculpe", sussurrei. "Não sabia se você estava aí dentro."

Ela me fitou, esperando, como se outra explicação estivesse a caminho.

"Pelo jeito como o saco de dormir fica fofo", reiterei, "às vezes não dá para saber… então eu só estava…" Ela voltou a enfiar a cabeça sob o travesseiro.

* * *

Ao final das duas semanas, ela dormiu por um dia inteiro, então tomou uma chuveirada que parecia não ter fim. Enquanto ela estava no chuveiro, Phillip mandou uma mensagem de texto: BANHO. LAVAMOS UM AO OUTRO, MAS SÓ. E então: AINDA PERTO DA DECISÃO? Ele continuava esperando por mim, claro que sim. Mas em vez de sentir alívio fiquei ainda mais agitada. Andei de um lado para o outro na cozinha. O incessante barulho da chuveirada de Clee. Com auxílio de um balde não seria difícil determinar quantos litros o chuveiro usava por minuto. Quando a água finalmente foi fechada, verifiquei o relógio — quarenta e cinco minutos. Nunca tínhamos falado sobre dividir despesas, mas talvez estivesse na hora. Dois cheques, ou eu pago e ela me reembolsa metade?

Que barulho era aquele? Secador de cabelo. Ela estava secando o cabelo com um secador. Ela saiu do banheiro vestida com calças de alfaiataria e uma blusa acetinada, seu cabelo uma linha suave e lustrosa. Seus pés estavam embalsamados em algum tipo de pomada antifúngica mentolada. Se ela ia sair, "Um dia no parque" seria uma boa pedida, e não demoraria muito. Então eu podia ter a casa só para mim. Coloquei minha bolsa no ombro, dei voltas na sala e então sentei no "banco do parque". Ela olhou para a minha bolsa.

"Você vai sair?"

"Não…", respondi, sugestivamente.

"Nem eu."

Foi uma longa noite. Ela arrumou a sala, lavou seus pratos. Lá pelas tantas, a encontrei em pé diante da estante de livros com a cabeça inclinada para um dos lados.

"Você tem algum favorito?", perguntou.

"Não." Fosse o que fosse que ela estava fazendo, me deixava extremamente tensa. Com a TV desligada não havia nenhuma separação nem sensação de privacidade.

"Mas você leu todos eles?"

"Sim."

"Hummm." Ela correu os dedos pelas lombadas, esperando por uma recomendação literária. Um grampo enfeitava seu cabelo liso. Eu estivera olhando para ele sem entender do que se tratava.

"Isso é um…?", apontei para o grampo. "Tem uma imitação de brilhante?" Não fazia nem um pouco seu estilo — o modo como estava colocado parecia acidental, como um pedaço de galho.

"Qual é o problema?"

"Nada. Eu só não tinha certeza se você sabia que estava aí no seu cabelo."

"Como é que eu não saberia? Obviamente fui eu quem colocou ele aí." Ela arrumou o grampo e puxou da prateleira um livro chamado *Mipam*.

"É um romance tibetano", avisei. "Foi escrito no século XIX."

"Parece interessante."

Ela se sentou cuidadosamente no sofá como se ele sempre só tivesse sido um sofá, jamais sua cama, nem um banco de parque ou um carro. O livro estava aberto sobre seu colo, e ela lia ou fazia de conta que lia. Depois de um tempo, desisti e fui para a cama.

Na manhã seguinte ela estava vestida com suas costumeiras calças de abrigo e top de alcinha.

"Minha amiga Kate vem fazer uma visita", ela disse, casualmente. "Ela vai dormir no quartinho de passar roupa."

"Ótimo." Mas não era ótimo. Como é que faríamos qualquer coisa com sua amiga Kate lá? Fazia mais de duas semanas desde a nossa última simulação. Meu

globus não estava de volta, mas eu me sentia toda desconfortável, excitada e pronta para atacar. Se pudéssemos fazê-lo só uma vez, então eu não daria a menor bola para quem nos visitasse.

"Ela está a caminho", Clee disse. "Saiu de Ojai há uma hora."

Montei a cama de armar no quartinho de passar roupa. Estendi as toalhas e sobre elas coloquei a pastilha mentolada sem açúcar.

"Deve chegar a qualquer momento", ela disse.

Polvilhei um pouco de bicarbonato de sódio na lata de lixo.

"Estou vendo ela estacionando", disse Clee. Ela estava atrás de mim. Eu me virei. Ficamos de frente uma para a outra. Ela riu um pouco, acenando a cabeça de descrença. O quê? O que eu estava fazendo para que isso acontecesse? Parecia o evento para angariar fundos, mais uma vez, como se houvesse alguma coisa hip-hop sobre a qual todos sabiam.

"Holla?", falei.

Suas sobrancelhas se arquearam de incompreensão. A campainha tocou.

Kate era uma garota asiática alta com uma risada sonora e um minúsculo crucifixo pendurado entre os seios. Sua caminhonete trazia a reboque um veículo estranho. Ao atravessar a porta, ela disse: "Cadê o tesão", e deu um tapa na bunda de Clee. Então ela empinou o próprio traseiro, e Clee devolveu o tapa.

"Essa é a nossa versão de um *high five*", Kate disse, vindo na minha direção com um sorriso. Ergui minha mão no ar para mostrar que eu preferia a versão normal. Ela me entregou um Tupperware cheio de espaguete cozido.

"Não pense que precisa me alimentar, só vou comer isso."

Eu me escondi no meu quarto até que elas foram lá fora examinar a coisa rebocada pela caminhonete de Kate. Montei a mesa de cartas novamente, liguei meu computador e comecei a trabalhar. Um barulho horrendo veio da entrada de carros. Corri até a sacada esperando ver fumaça, mas Clee e Kate estavam apenas conversando em voz alta ao lado do ensurdecedor veículo, parado no lugar.

"É bem como um ATV** normal, mas é legal em todo lugar", Kate gritou. Estava fumando.

"Não tem os cavalos de um ATV normal", gritou Clee.

"Levando em consideração o tamanho, tem a mesma quantidade — na verdade mais. Se você o aumentasse até o tamanho normal, teria mais cavalos."

"Se aumentasse a parte traseira, pareceria com você."

As duas riram. Kate jogou a bagana na minha calçada.

"Minha bunda está enorme."

"Está mesmo."

"Sean gosta. Diz que gosta de se perder nela."

"Achei que vocês não estivessem mais saindo juntos."

"Não estamos. Ele só me visita e se acaba na minha bunda um pouco e então vai embora." Olhei para a esquerda e para a direita para ver se os vizinhos estavam gostando daquela conversa. "De verdade, é tão grande que nem consigo senti-lo. E então, meu pai estava certo?"

"É, ela é um perfeito Beebe. Não tão ruim quanto a sra. Beebe, mas é ruim."

"Ela com certeza se parece com uma."

Ela quer dizer eu? Uma o quê?

Desci correndo as escadas, acenando, e elas se calaram. Clee chutou o pneu grande do veículo e de repente pulou no assento e deu a partida com um estrondo ensurdecedor. Observamos Kate parar no final da quadra; ela deixou escapar um "opa" e gritou algo que não conseguimos ouvir.

"Quem é a sra. Beebe?"

Kate riu e tapou a boca com a mão de um jeito estranhamente agradável. Ela decerto tinha uma mãe baixinha e agradável.

"Você ouviu? Ai, merda, estávamos só brincando!" Ela observou meu rosto para ver se eu estava brava. "Clee é uma garota legal. Gosta de bancar a durona, mas quando você passa a conhecê-la, ela é uma manteiga. Chamo-a de Princesa Ranúnculo." Ela riu, nervosa, e mexeu no anel do dedo mínimo. "Acho que você conhece meu pai. Seu nome é Mark Kwon."

Mark Kwon, o alcoólatra divorciado com o qual Suzanne havia me arranjado anos atrás. Era o pai dela. Kate Kwon.

A Princesa Ranúnculo veio gritando pela rua. "É muito louco andar nisso!" Fez alguns círculos e então pulou fora. Kate deu um tapinha no assento. "Sua vez, Cheryl."

"Não precisa. Acho que não tenho o tipo certo de carteira de motorista para dirigir…"

Clee me arrastou até o animal grotesco. "Já andou de moto?"

"Não."

"É mais fácil do que você imagina. Suba."

Subi.

"Esse é o acelerador, esse é o freio. Divirta-se."

Pressionei o acelerador o mínimo possível. Kate e Clee observaram enquanto eu muito, muito lentamente me afastava do meio-fio e então, como uma mulher cavalgando uma enorme tartaruga, gradualmente subi a rua. Era interessante estar tão alta e ao ar livre. Eu nunca havia me movido de modo tão agradável em minha própria rua. As casas de meus vizinhos não me pareciam familiares, quase desbotadas. O *put-put* do motor sobressaía entre todos os barulhos normais; eu estava fechada em uma bolha de barulho. Um cachorro latiu em silêncio; uma jovem mãe com um chapéu de sol espalhava protetor solar no rosto choroso de duas crianças pequenas. Elas ficaram imóveis enquanto eu passava à sua frente. Gêmeos. Eu nunca os vira antes. Só que vira, sim.

Aonde você está indo?, perguntaram em uníssono.
Subir o quarteirão, acho.
Mas você vai voltar para nos pegar?
Vou voltar, mas não hoje.

Ficaram de crista caída, os dois. De algum jeito, ambos eram Kubelko Bondy. Por que essa alma vinha me rondando havia tanto tempo? Será que ela permanecia jovem, ou também envelhecia? E será que algum dia desistiria de mim? Essa era a pergunta errada — obviamente seria eu que acabaria desistindo. Era só um hábito, como memorizar placas de carros. Um tiquezinho bobo, só isso. Pisei com força no pedal do acelerador e o mini-ATV deu um pulo à frente, zumbindo pelo quarteirão seguinte. O barulho tirou tudo da minha cabeça. Que meio de transporte mágico. Eu sempre pensara nesses tipos de máquina como brinquedos para pessoas incultas que não se importavam com o meio ambiente, mas talvez não fossem. Talvez fossem um tipo de meditação. Eu me senti conectada com tudo, e o volume do motor me manteve num nível de alerta ao qual não estava acostumada. Continuei despertando e despertando daquilo de novo, e então acordando mais uma vez. Será que todas as coisas das cidadezinhas do sul eram místicas de verdade? E as armas? Eu me virei. Clee e Kate estavam minúsculas, mas eu conseguia vê-las, gesticulando selvagemente para eu voltar. Tentei pisar fundo no acelerador. Num instante eu estava zunindo na direção delas, e elas saíram correndo do meu caminho, aos gritos.

Elas queriam fazer uma festa.

"Não é uma festa. São só algumas amigas minhas e de Clee do colégio que vivem aqui agora", Kate disse. "Algumas das nossas antigas colegas. Certo?" Clee concordou. Estava lentamente virando as páginas de uma revista, de novo dedicada a me ignorar.

"Não posso permitir nada que vá depreciar o valor da casa", falei. "Aí não dá."

"O valor com certeza não se depreciará", Kate disse.

"Vai haver música alta?"

"Nem pensar", ela disse. "Eu nem ouço música."

"E bebidas?"

"Não. Nada."

"Vocês teriam de limpar tudo depois."

"Adoro limpar; é, tipo, meu lance."

"Bem, acho que não tem mal nenhum uma pequena reunião de colegas."

"Estou pensando melhor agora. E na verdade algumas pessoas talvez bebam. Mas posso dizer para deixarem as garrafas em sacos de papel pardo, se você

quiser."

Primeiro chegou um grupo de garotas barulhentas. Então um grupo de rapazes, e Kate conectou seu telefone no meu aparelho de som usando um cabo trazido por um dos rapazes. Tiraram meus artesanatos mexicanos de cima dos alto-falantes, o que gostei. Meu telefone vibrou. ELA SEGUROU MEU MEMBRO RIJO POR UM OU DOIS MINUTINHOS, MAS SEM FAZER MOVIMENTO ALGUM.

Então o rapaz aumentou o volume do aparelho de som ao máximo, de forma que todo mundo precisava gritar se quisesse conversar.

Então uma horda interminável de garotas e rapazes chegou.

Então entrei no quartinho de passar roupa, digitei um bilhete aos vizinhos sobre o barulho e imprimi seis cópias. Uma vez lá fora, me dei conta de que o quarteirão inteiro podia ouvir a música, e que seis não seriam suficientes. Quando voltei para imprimir mais cópias, os rapazes e as moças estavam jogando um jogo que envolvia borrifar álcool uns nos outros.

ADMITO, QUERO GOZAR NA BOCA DELA.

E imediatamente depois disso: RETIRO ESTA ÚLTIMA MENSAGEM, FOI DE MAU GOSTO E DESRESPEITOSA PARA COM KIRSTEN. ESPERO QUE VOCÊ A ESQUEÇA. AGUARDAMOS ANSIOSAMENTE SUA DECISÃO. NÃO SE APRESSE!

Alguns homens chegaram. Nem sequer pareciam jovens; um deles talvez tivesse a minha idade. Sorriu para mim. Pareciam ter levado drogas. Com certeza haxixe ou maconha, talvez mais alguma coisa. Era impossível usar o banheiro — eu estava esperando na fila por mais de vinte minutos até que Kate se inclinou à frente e gritou: "Gente, gente, gente! Essa é a dona desta casa! Seu nome é sra. Beebe! Deixem-na passar na frente!". Ela estava muito bêbada. Eu lhe disse obrigada e em vez de dizer *De nada* ela gritou: "Gente como eu, somos assim!", e me deu sua bebida.

"Tem álcool nisso?", gritei.

"É ponche!", ela gritou no meu ouvido.

Tomei enquanto fazia xixi para economizar tempo, embora na verdade não precisasse de tempo agora. Tinha gosto de álcool. Todas aquelas toalhas no chão, que estava molhado. QUER VER UMA FOTO DELA?, ele escreveu. Deletei.

Inclinei-me sobre a parede que dava para a sala de estar e fiquei observando Clee. Ela pulou nas costas de um garoto e gritou: "Falta! Falta!" com uma mão erguida no ar. Ela sabia que eu a estava observando. Agora ela estava dizendo: "Droga, garota, você precisa se depilar!", e Kate estava dizendo: "Não, não preciso, sou asiática!". Observei-as erguendo as pernas no ar para vários rapazes compararem. Pobre Kate, que tinha que parecer tão ordinária e ser a melhor amiga de alguém como Clee. Alguém cujos olhos, embora um pouco afastados do nariz, tinham um exótico formato felino, alguém cujo cabelo era tão apático e

dourado que parecia estar infinitamente em movimento, como a água, até mesmo na fotografia que encontrei na internet dela fazendo gestos de gangue numa área de alimentação. Alguém cuja boca era realmente macia demais para aparecer em público. Observei as expressões suarentas, famintas dos dois rapazes que Kate elegera para o teste das pernas. Ela estava gritando: "Fechem os olhos para não saberem de quem é a perna!". Os dois rapazes alisavam para cima e para baixo as pernas de Clee e seu pé com chulé, e ela me olhava direto nos olhos. Sustentei o olhar. Fazia quase três semanas desde que fizéramos uma simulação. Por que ela estava aqui, afinal? Meu telefone vibrou. Dei uma olhada na fotografia da tela. Kirsten era baixinha com ombros largos e um cabelo loiro sujo e cortado na altura do queixo que estava ou impregnado de óleo de massagem ou apenas naturalmente muito pegajoso. Ela usava óculos de armação redonda estilo John Lennon e calças de caratê com uma enorme camiseta com a estampa de um aligátor dançando. O aligátor tinha *dreadlocks* verdes, pretos e vermelhos e estava dizendo MSC*** É DEMAIS, CARA. Seu sorriso era enorme e cheio de esperança, repleto de gengivas salivantes. Seus olhos pequenos escancaravam-se, e seus braços estavam estendidos como uma cantora de ópera hesitante. Ou como uma adolescente. Ela era ainda menos atraente do que eu fora nessa idade.

Quando levantei os olhos, Clee já não estava ali. Saí para a rua, e ela também não estava ali. Provavelmente estava em um carro fazendo algo com alguém. Esfreguei minha têmpora; um sibilo. Talvez eu estivesse morrendo, ou bêbada. Caminhei até o meio da rua e então olhei até o final do quarteirão. A pé era difícil lembrar qual era a casa, até que vi as criancinhas na janela. Só a silhueta delas através de uma cortina amarela. Como eram gêmeos, tudo o que faziam era espelhado, como borrões de tinta, uma borboleta simétrica, leite derramado, o crânio de uma vaca. Eu ainda conseguia ouvir os sons mais graves da música, mas, fora isso, estava tudo em silêncio enquanto eu discava.

Phillip atendeu imediatamente.

"Cheryl?"

"Tomei minha decisão", falei, meus olhos fixos na cortina amarela.

Ele deixou escapar um risinho nervoso. "Acho que andei importunando você."

"Sim, de fato, mas cheguei a uma conclusão."

"Algumas mensagens foram bem inapropriadas."

"Todas."

"Eu não tinha certeza se você havia recebido todas elas."

"Recebi."

"Pois você nem sempre respondeu. Eu ficava dizendo a Kirsten que você é muito ocupada."

"Não sou assim tão ocupada."

"Bem, claro, você não enche a sua vida com atividades insignificantes como o

resto de nós."

"Eu ainda não tinha uma resposta, só isso."

"Foi o que eu disse para Kirsten. Você recebeu a que acabei de mandar? A foto?"

"Recebi."

Ele ficou em silêncio. Uma luz se apagou no quarto deles; a cortina amarela ficou escura.

"Posso dizer qual a minha decisão, agora?"

"Sim, claro."

"Vai fundo."

Quando voltei, Clee e outras quatro pessoas estavam em pé no sofá cantando uma música que não parecia ser em inglês. A parte que todos preferiam era *jiddy jiddy jiddy rah rah.* Phillip já estava mantendo relações com Kirsten, eu sentia — do ponto de vista dele. Eu estava nele, nela. A cada vez que cantava *jiddy jiddy jiddy rah rah*, Clee empurrava sua pélvis para a frente, no ritmo, e seu peito balançava. Deus do céu, olhe só esses melões, Phillip arquejava. Sussurrei a palavra.

"Melões."

Ele queria boliná-la através do seu jeans. *Jiddy jiddy jiddy rah rah.* E gozar na boca dela. Ensaboamento mútuo. *Jiddy jiddy jiddy rah rah.* Meu membro estava duro. A música chegava a seu ápice, ela e as outras garotas, as garotas feias, estavam pulando cada vez mais freneticamente, e os rapazes gritavam a plenos pulmões; nem sequer acompanhavam a música, só soltavam uivos, porque a sensação era boa.

Entrei no meu quarto, tranquei a porta, tirei seu sutiã roxo com suas alças brilhantes e enfiei minha cabeça careca entre seus melões. Minha mão grande e peluda desceu até o fecho do seu jeans, e meus dedos, de unhas grossas e graúdas, deslizaram para dentro de sua xoxota. Ela estava molhada e gemendo. "Phillip", ela ronronava. "Enfie." Então eu, em silêncio, tenazmente, fiz amor com sua boca. Aquele era o tipo de mulher jovem que ele merecia — um estouro, não uma garotinha com cara de rato.

Depois de preliminares tão longas, o êxtase foi imediato e incrível. Quando gozei, foi uma tremenda bagunça, sêmen por todos os lugares. Não apenas em seu cabelo e em seus melões e no seu rosto, mas por todo o meu edredom de pluma de ganso e meu cobre-leito. Um fio de sêmen chegou a cair em cima do aparador, melando minha escova de cabelo, minha caixinha de brincos e a foto de minha mãe quando jovem.

Elas não ajudaram a limpar. Fizeram de conta — por volta do meio-dia Kate recolheu algumas garrafas de cerveja e perguntou onde ficava a lata de lixo, mas quando falei: "Isso é reciclável", ela pareceu confusa e se sentou. Clee

vagava a esmo, grogue em sua cueca boxer e sua blusa de alcinha, seu cabelo emaranhado nas costas. Estavam ambas com muita ressaca.

De início pensei que pudesse ter sido uma coisa única que tivesse muito a ver com o ponche. Mas enquanto passava o aspirador de pó, o esfregão, a esponja e o pano nas paredes, tive que olhar para baixo várias vezes para me certificar de que não estava visivelmente pulsando nem crescendo, pois havia muita energia vibrando na minha virilha. Era uma experiência nova para mim. Quando Clee abriu as pernas para eu poder limpar a mesinha entre elas, tive de largar a esponja e me forçar a caminhar até meu quarto. Mantive minha mão sobre a boca de Clee, que gemia, para que Kate não ouvisse. Não a *minha* mão — a de Phillip. Ele enfiava tão forte que suas orelhas peludas balançavam.

Na hora do pôr do sol, Kate pediu pizza.

"É uma pizza de agradecimento", ela disse. "Obrigada."

Clee caiu de boca e eu mordisquei uma fatia pequena.

"Meu pai casou de novo, aliás", Kate disse, mastigando atrás de sua educada mão.

Sorri e acenei. Eu mal conseguia lembrar como era a cara dele, mas seria rude dizê-lo. "Nós nos divertimos, mas foi só um encontro."

"Você se lembra do que estava vestindo?", Kate perguntou.

Clee lançou para ela um olhar severo.

"Não", eu ri. "Foi há muito tempo."

Kate tomou um gole de refrigerante e pigarreou.

"Meu pai disse… ai!" Ela fez uma pausa para inspecionar o lugar onde Clee acabara de chutar. "Meu pai disse que você estava vestida como uma lésbica."

Sorri. Mark Kwon fazendo estardalhaço sobre minha tentativa fracassada de atraí-lo não era nada difícil de imaginar; ele era bem assim. Clee virou a cabeça, como se a conversa fosse chata demais para se aguentar.

"Ele disse isso?"

"É. O que você estava usando?"

"Não lembro." Mas, agora que ela perguntara, eu lembrei.

"Era algo como o que você está usando agora?" Ela apontou para minhas calças e minha camiseta enfiada para dentro.

"Não, isto aqui é só para fazer faxina. Não, acho que foi um vestido longo verde com uma série de botões na frente. Veludo." Eu ainda tinha o vestido.

Por alguma razão, Kate achou aquilo hilário; ela riu e olhou para Clee de boca aberta até que Clee finalmente sorriu.

Kate se divertia muito. Kate não precisava do seu Tupperware de volta. Kate enviava mensagens de texto para Clee sobre Kevin e Zack. Kate estava com dificuldade para abastecer o mini-ATV. Kate queria saber onde ficava o posto de gasolina mais próximo. Kate precisava usar o banheiro uma última vez. Kate

sentada dentro da sua caminhonete, olhando o seu telefone. Kate finalmente, finalmente, foi embora.

Clee fechou a porta e olhou direto para mim, levemente estrábica. Por um momento pensei que ela sabia sobre o que eu andara fazendo. Então ela simplesmente me deu uma bofetada, como se toda a ideia da visita fosse culpa minha e pudesse ter sido evitada. "Brigando dentro de um carro" começou com um tapa (simulado), então continuamos com a simulação. "Venha cá, docinho", ela dizia, agressivamente.

Estávamos de volta, só que era tarde demais — eu estava jogando outro jogo agora. Fiz mímicas de chutes no joelho e cotoveladas, canhestramente girando em torno de uma ereção-fantasma. No final fui mancando até meu quarto, aos tropeços; fechei a porta; e estapeei sua bochecha com minha enorme mão peluda. Momentos depois de eu gozar em sua boca, meu telefone tocou. Se fosse Phillip, perguntaria o que ele havia feito com Kirsten e então o faria com Clee. Era só mais um percalço turvo de nossa jornada juntos; eu sentia o que ele sentia, e era incrível, fenomenal.

Mas era do consultório do dr. Broyard, ligando para confirmar minha sessão na terça-feira seguinte, 19 de junho. Eu me imaginei dizendo para ele que meu nó na garganta se fora e então tentando explicar a cura mencionando sua relação com Ruth-Anne. Eu podia ouvi-la respirando.

"Ruth-Anne?"

"Se precisar cancelar, por favor ligue com antecedência de quarenta e oito horas."

Era ela, definitivamente.

"Poderíamos falar agora? Uma consulta por telefone? Estou no meio de alguns sentimentos novos e complicados."

Ela ficou em silêncio.

"Acho que posso esperar até amanhã."

"Vemos você na quinta-feira, dia 19", ela disse.

---

* Gritar, reclamar com ênfase. (N. T.)

** All-Terrain Vehicle: espécie de quadriciclo de pneus largos, para uso em terrenos acidentados. (N. T.)

*** Agência de cruzeiros internacionais. (N. T.)

Descrevi como era me conectar com a luxúria de Phillip, seu apetite perturbador e suas explosões agressivas, que me faziam convulsionar. Ruth-Anne pareceu pouco surpresa, como se eu estivesse chegando atrasada a minha própria festa.

"Certo. E talvez nem precisemos chamá-la de luxúria de Phillip? Talvez seja só luxúria."

"Bem, não é *minha*. Não é esse o tipo de coisa no qual eu pensaria, sozinha, sem ele."

"Então não acha excitante quando ela ataca você?"

"Tudo o que ela faz comigo, eu finjo que faço com ela sendo Phillip."

"Entendo. E como é que Cheryl Glickman se sente?"

"Eu?"

"Sim, o que você sente?"

Eu, pensei. *Eu. Eu. Eu.* Nada específico me veio à mente.

"Você se masturba até chegar ao orgasmo?"

Sorri para o chão. "Sim?"

"Está perguntando para mim?"

"*Sim*. Me masturbo. Mas isso é só, sabe como é, nos bastidores."

Ruth-Anne assentiu como se eu tivesse acabado de dizer algo muito astuto. Talvez fosse o caso. Eu me perguntei se era sua paciente favorita, ou pelo menos a única capaz de manter uma conversa no seu nível.

"Posso perguntar uma coisa que é meio que relacionada a isso?"

"Claro", ela disse.

"Lembra quando você ligou ontem, sobre a minha consulta com o dr. Broyard?"

A expressão de seu rosto se alterou.

"Bem, não tenho certeza se devo continuar a me consultar com ele — pode ser estranho agora."

"Estranho como?"

"Não estranho, mais como desconfortável. Ver você no papel de recepcionista. E ele. Agora que sei."

Ela me encarou por um bom tempo e me perguntei se eu era sua paciente menos favorita.

"Bem, você quem sabe", ela disse, finalmente. "Mas acho que perdeu o prazo de quarenta e oito horas de antecedência para cancelamentos."

Clee achava que sua cueca rosa a cobria, mas não. Se ela estivesse sentada de pernas cruzadas, eu podia ver o início dos seus pelos pubianos e algo mais. Certa manhã vi um pedaço dos lábios, rosado e livre. Não a carne rígida, escondida, que eu estivera imaginando. Com essa nova informação Phillip tinha que voltar atrás e refazer todo o sexo já feito. Ele realmente queria ver o ânus dela, apesar de que ele não o chamaria assim. Reli todas as suas mensagens de texto, mas não encontrei uma palavra para isso. Fui de *prega*. ADMITO, ele poderia ter escrito, QUERO ENFIAR MEU MEMBRO DURO NAS PREGAS DELA.

Quando ele era mencionado no trabalho, normalmente relacionado a angariar fundos, eu sentia um arrepio de invisibilidade — não que eu *fosse* ele, mas era estranho ouvi-lo ser mencionado tão livremente.

"A doação de Phil Bettelheim foi pequena este ano", Jim disse, "mas ainda estamos em junho, pode ser que ele faça outra. Alguém já lhe explicou a proposta de doação de alto risco?"

Não tínhamos nos falado desde que eu lhe dera a luz verde; pensei que ele estivesse ocupado fazendo tudo o que eu fingia que ela estava fazendo. Essa ideia me provocou uma dor triste, e até mesmo essa dor era excitante. Estava me sentindo muito próxima dele. Nunca poderia ser provado, mas eu suspeitava que estávamos ficando duros ao mesmo tempo, possivelmente ejaculando em uníssono, do mesmo jeito como as menstruações das mulheres às vezes se sincronizam. Me perguntei em que parte do ciclo menstrual Clee estaria.

"Cheryl." Olhei para cima. Um rosto tão igual e tão diferente do dela. "Como está a minha filha? Está se comportando?"

"Oh, sim", falei, rápido demais. "Completamente." Suzanne cruzou os braços, esperando. Ela sabia de tudo.

"Seja franca. Eu sei como ela é." Ela me fitou fundo nos olhos.

"Ela assiste muita TV", sussurrei.

Suzanne suspirou. "Ela puxou a mãe de Carl." Deu um tapinha na própria testa. Por um desconfortável instante, tive um instinto quase protetor para com Clee.

"Ela é mais instintiva", falei.

Ela olhou para o céu, enfadada. "Mas obrigada. Carl e eu estamos pensando em alguma maneira de pagar a você por isso. Não… não me refiro a dinheiro."

* * *

Sua vacuidade de vaca na verdade não me incomodava mais. Ou não fazia diferença — sua personalidade era apenas um pedacinho de salsa decorando ancas morenas e cálidas. Clee subia e descia sentada sobre o membro duro de Phillip, todo dia, muitas vezes por dia, e no início parecia que ele nunca se cansaria de gozar na sua xoxota alada por seus pelos pubianos loiro-escuros. Mas agora, dez dias depois, eu estava com um problema. Seu desejo continuava igual, até mais forte, mas demorava mais e mais tempo para chegar lá — às vezes até

trinta minutos. Às vezes não chegava lá. Tentei posições incomuns, novas locações. Uma das fantasias envolvia Ruth-Anne observando a relação, admirando e aplaudindo com uma aprovação clínica. Era tão improvável que funcionou, durante um tempinho. Mas a menor coisinha podia atrapalhar a libertação de Phillip.

O cheiro do pé de Clee. Antes, era o menor dos meus problemas; agora era um verdadeiro balde de água fria. Phillip às vezes colocava sacos plásticos em seus pés, aprisionando o cheiro com atilhos de borracha simplesmente para poder ficar de pau duro.

Goze na minha xoxota, ela suplicava. *Dentro de mim! Dentro de mim!*, sua xoxota gemia, por entre lábios macios e latejantes.

Só depois que você cuidar dos seus pés, ele latia. *Conheço um cromoterapeuta que é especialista nisso, o melhor do oeste. Diga que fui eu quem mandou você lá.*

Esperei por um momento neutro para poder abordar o assunto, então me empoleirei no braço do sofá. Ela chupava lámen de um potinho.

"Está bom?" Ela parou de comer e franziu o cenho, desconfiada. Não tínhamos trocado falas espontâneas desde a visita de Kate. "Primeiro de tudo: paz. O.k.?"

Ela franziu o cenho e olhou para o V que meus dedos formavam. Eu não fazia ideia do que estava fazendo.

"O.k.", continuei. "Nós moramos juntas, às vezes somos… fisicamente próximas?" Minha voz, aqui, se elevou a uma pergunta; era uma coisa insana de se dizer, dado que eu a comia tantas vezes por dia quanto Phillip. Mas eu me referia às simulações de luta. Ela assentiu, depondo sua sopa. Estava ouvindo com um nível quase desconcertante de atenção. Procurei o post-it no meu bolso traseiro.

"Olhe, não quero ser invasiva, nem dizer algo que possa ofendê-la." Clee balançou a cabeça como *Não, não vou me sentir ofendida.*

"Posso falar francamente, então?"

Ela na verdade riu, e sua boca se abriu num sorriso, um sorriso de verdade. Eu nunca tinha visto aquilo antes. Seus dentes eram enormes.

"Espero que sim", ela disse, agora apertando os lábios como se do outro lado houvesse um oceano de outros sorrisos e risadas e ela estivesse tentando contê-los por mais alguns segundos. Ela fez sinal para eu ir em frente e falar.

Minha mão estivera esperando a deixa, e observei com um horror distante ela avançar para o post-it. Ela o tirou da minha mão e com olhos relaxados e zombeteiros estudou o endereço do dr. Broyard e a data da minha consulta. Quinta-feira, 19 de junho, amanhã. Não restava nada a fazer a não ser seguir adiante com o plano.

"A questão com os seus pés… o cheiro, quero dizer…"

Eu nunca antes vira um rosto mudar de formato como aquela vez. Ele caiu:

todos os traços caíram. Eu me apressei.

"Meu amigo Phillip se consulta com o dr. Broyard por causa de seu pé de atleta. Quando chegar lá, diga à recepcionista que fui eu que a mandei — estou cedendo a você a minha consulta." Apontei para o papel.

Agora seu rosto estava vermelho, prestes a explodir. Seus olhos lacrimejavam. Então ela respirou fundo e, de repente, estava totalmente calma. Mais do que calma… vazia.

A última coisa que eu esperava era que ela comparecesse. Mas na sexta de manhã havia uma gota de cristal pendurada na tranca da janela do banheiro e uma minúscula garrafa de vidro ao lado da sua escova de dente. BRANCO. Aquilo era uma cor? Mas pude perceber só de olhar para seu cabelo loiro, por trás; ela estava súbita, mas profundamente diferente. Era impossível nomear a coisa. Não mais feliz nem mais triste ou menos fedorenta. Só mais branca. Mais pálida. Eu mal podia esperar pela terapia; Ruth-Anne a vira agora. O que talvez fosse o X da questão.

Eu me reclinei no sofá de couro. "Então. O que achou de Clee?"

"Pareceu bem jovem."

Concordei. Na maneira ideal ela diria "formosa" ou "curvilínea" de uma forma clinicamente aprovadora. Mas Ruth-Anne parecia ter encerrado sua avaliação.

"Você diria que ela é como você havia imaginado?"

"Mais ou menos, sim."

"Qualquer homem ficaria duro de olhar para ela, certo?" Eu estivera esperando ter coragem suficiente para usar uma das palavras de Phillip na frente de Ruth-Anne, e tive. Estava funcionando; minha virilha parecia quente e cheia de sêmen. Assim que chegasse em casa eu usaria a fantasia de Ruth-Anne assistindo.

De repente Ruth-Anne se levantou.

"Não", ela latiu, unindo as mãos como que num tapa violento. "Pare imediatamente."

Meu sangue gelou. "O quê? Quê?"

Ela cruzou os braços, deu uma volta em torno da própria cadeira, então se sentou mais uma vez.

"*Não* está bem. Não está bem ter a ver comigo. O.k. com Phillip, o.k. com um faxineiro, ou com um bombeiro ou um garçom. Comigo, não."

Ela estava falando comigo como se eu não entendesse a língua que ela falava. Me senti um gorila. Meu dedo foi até meu olho; talvez ela tivesse me feito chorar. Não, não fizera.

"Não quero fazer parte disso." Sua voz estava um pouco mais branda agora; ela gesticulou na direção da janela. "Há um mundo cheio de pessoas que você

pode usar, mas não eu. Entende?"

"Sim", sussurrei. "Desculpe."

Meu constrangimento ensombreceu o resto da manhã. Tentei dobrar um par de suas calcinhas fio dental, mas isso só piorou as coisas, meus dedos ficavam atrapalhados e atabalhoados enquanto Phillip sonoramente se afastava. Tentei trabalhar. Tomei um banho. Por causa dos longos cabelos de Clee, o ralo ficara gradualmente obstruído a ponto de a água encher o boxe como uma banheira e eu ter que correr para terminar o banho antes que transbordasse. Clee voltou para casa e vestiu os shorts que deixavam seus lábios à mostra. Eu estava furiosa e o banheiro estava uma bagunça e eu estava sempre dura, mas não conseguia ejacular mais.

Chamei o encanador. Corra, falei. Estamos completamente entupidas aqui. Era um latino gorducho sem queixo e com olhos que ficaram úmidos à visão da efervescente mulher sobre o sofá. Eu mal podia esperar; gesticulei na direção do chuveiro enquanto corria para o meu quarto. "Bata quando tiver terminado." Era melhor do que Ruth-Anne; era como a primeira vez com Phillip. Os olhos do encanador estavam grandes de admiração quando ela entrou no banheiro sem camiseta. No início ele titubeou, não queria se meter em problemas. Mas ela implorou e pressionou o cós largo e matronal das calças dele. No final das contas, ele não era tão educado quanto parecia. Não, senhor. Ele tinha certa fúria mal contida, possivelmente de alguma injustiça racial e questões imigratórias, e deu vazão a tudo aquilo. Então arrumou o ralo e, para testá-lo, eles se ensaboaram mutuamente. O reparo saiu por duzentos dólares. Mostrei a Clee a tela que recolhia os cabelos e como esvaziá-la; ela me olhou como se eu fosse invisível. Será que ainda estava brava pelo negócio do pé? Não tive tempo de refletir a respeito; de repente, havia muito a ser feito.

Um sujeito magrelo, com jeito de nerd, que vi na Whole Foods: Clee o seguiu porta afora até seu carro, implorou que a deixasse segurar seu membro rijo por um ou dois minutos. Um pai indiano que educadamente me pediu informações, com a mulher a reboque: Clee esfregou sua xoxota em todo o corpo dele e solucionou a rigidez dele, o homem gemia de êxtase quando sua mulher entrou. Nervosa demais para dizer qualquer coisa, ela esperou em silêncio enquanto o marido esporrava nos seios de Clee. Velhos vovôs que não faziam sexo havia anos, adolescentes virginais chamados Colin, mendigos tomados por hepatite. E então todo e qualquer homem que eu já conhecera. Todos os meus professores, do jardim de infância até o ensino fundamental e a faculdade, meu primeiro senhorio, todos os meus parentes homens, meu dentista, meu pai, George Washington, tão duro que sua peruca caiu para o lado. Tentei exercitar Phillip aqui e ali, por exemplo, convidando-o a entrar nela por trás enquanto eu era um velho na boca dela — mas isso foi só por culpa, na verdade não acrescentei nada.

Talvez estivéssemos ambos liberando geral. Ou talvez Kirsten, sendo real, levasse a melhor sobre minhas hordas de homens imaginários. Sobretudo, eu estava ocupada demais para sentir culpa; quase não havia momento em que eu não estivesse me acariciando. O carteiro entregou uma caixa, e antes que eu pudesse abri-la Clee teve de abrir suas calças modelo-do-governo; ajudei-o a enfiar sua pequena protuberância dentro dela. Os pênis estavam ficando cada vez mais abstratos e improváveis — eu não conseguia pôr freio neles. Alguns eram ligeiramente tortos, outros, pontudos e esbeltos no final como um tubérculo silvestre, ou serrilhados como uma pinha carnuda. Levei a caixa até a cozinha e a abri com uma faca de carne. O que poderia ser, o que poderia ser? No exato momento em que abria as abas com as mãos, me dei conta, com horror, do que se tratava. As lesmas de Rick. Cem delas, todas com as antenas no ar. Rastejavam sobre pedaços umas das outras, entranhas amareladas e viscosas incrustadas com camadas de lesmas movendo-se umas sobre as outras, centenas de antenas cegas e tateantes, e o cheiro — um odor pútrido. Meu telefone estava tocando.

"Olá?"

"Cheryl, é Carl, ligando da loja de celulares. Estou testando um telefone. Chamada gratuita! Como está a ligação?"

"A ligação está muito boa."

"Não ouve ruído algum? Nenhum eco?"

"Não."

"Vamos tentar a função viva voz. Diga algo."

"Viva voz. Viva voz." Havia uma lesma na minha mão; derrubei-a de novo na caixa.

"É, está funcionando. É um telefonezinho bacana."

"Devo desligar?"

"Não quero que pense que liguei apenas para testar o telefone."

"Não tem problema."

"Espere aí, deixa eu perguntar para o cara se a gente pode falar mais um pouco."

Ouvi enquanto ele perguntava se havia um limite de tempo para a ligação gratuita. Um homem aparentemente agressivo disse: "Fale o dia inteiro, se quiser". Clee estava de joelhos, e minha mão se encontrava de novo dentro das minhas calças antes mesmo de eu me dar conta do que acontecera. Latejava; o que havia em meus dedos das lesmas estava fazendo minhas partes privadas arderem. Mas só uma voz agressiva não bastava — ela não podia chupar uma voz. Carl estava ali parado, para ver, mas não consegui terminar de compor a imagem. Clee andou pela loja de joelhos, a boca aberta como de um peixe.

"Podemos falar o dia inteiro!", Carl disse.

Clee estava indo direto no seu pai. *Não, não*, pensei. *Ele não*. Mas meus dedos

já estavam se acelerando, se concentrando.

"Como vai tudo? Como vai Clee?"

Clee se grudou nele bem quando ele dizia seu nome. Desnecessário dizer, ele ficou chocado.

"Ela está ótima." Era difícil esconder a falta de fôlego. "Está adorando o trabalho."

Chocado, mas não descontente. Havia algo que parecia muito correto naquilo tudo, errado, claro, mas certo. Ele colocou a mão na nuca dessa cabeça familiar e a empurrou para baixo algumas vezes, ajudando-a a encontrar o ritmo certo.

"Vou até aí na sexta-feira — que tal eu levá-la para um jantar chique?"

Todas as outras pessoas na loja de telefones celulares ficaram estarrecidas; alguém sussurrou algo sobre a lei, mas o homem da voz agressiva observou que as mãos da lei estavam amarradas, pois não havia nudez envolvida. Ele tinha razão — a fralda da camisa de Carl se dividia em cima de seu membro e estava enfiada na boca de Clee, de forma que cada vez que ela se afastava essa cortina a acompanhava. Para a frente e para trás, para a frente e para trás. Carl de repente fez um ruído de guerra para indicar que estava prestes a gozar. Ele quisera durar mais, mas seu orgulho paternal o dominara.

"Isso seria ótimo", falei, com fervor.

"Vou escolher um bom lugar", ele disse. E então ejaculou, não na boca da filha, o que realmente seria contra a lei, mas atrás da própria camisa, para o alto. A mão de Clee estava lá embaixo, discretamente ordenhando as últimas gotas. Uma onda de náusea e tristeza me lavou. Eu sentia falta do membro familiar de Phillip. Onde eu estava agora, e onde estava ele? As lesmas estavam por todo lado. Não apenas sob os pés e coladas às paredes da cozinha, mas por todo o resto da casa. Não eram do tipo lerdo. Uma estava procriando assexuadamente sobre a cúpula de um abajur. Observei duas desaparecerem sob o sofá. Será que aquilo era o fundo do poço ou meu problema poderia piorar? Era um problema. Eu tinha um problema.

Algo parecido com isso já acontecera comigo uma vez. Quando eu fiz nove anos um tio bem-intencionado me mandou um cartão de aniversário. Não era, de fato, um cartão apropriado para uma garotinha; um grupo de pássaros agressivos com chapéus libertinos jogava cartas, com charutos nos bicos. Dizia algo que não consigo lembrar, mas lá dentro havia uma frase, como um vírus ou um parasita replicante que espera por um hospedeiro. Quando abri o cartão, ele saiu voando, se agarrando ao meu cérebro com garras nem um pouco misericordiosas: "Pássaros alados voam lado a lado". Não podia ser dito só uma vez, apenas repetido e repetido e repetido. *Passarosaladosvoamladoalado, passarosaladosvoamladoalado.* Dez milhões de vezes por dia: na escola, em casa, no banho, não havia como me esconder. Só diminuía quando eu me distraía; a

qualquer momento um pássaro ou um bando ou um charuto ou uma carta de baralho ou qualquer coisa podia relembrá-lo. *Passarosaladosvoamladoaladopassarosaladosvoamladoalado.* Eu me perguntava como é que viveria uma vida plena e normal, como me casaria, teria filhos, manteria um emprego com aquele obstáculo. Fiquei sob esse feitiço, entra e sai, por um ano inteiro. Então, de forma bastante involuntária, o mesmo tio me mandou um cartão por meu décimo aniversário. Este tinha na frente uma pintura de Norman Rockwell com uma menina cobrindo os olhos. Dizia: "Um ano mais velha? Mal posso esperar para ver!". E então, na parte interna: "Pois o que está acontecendo com você, está acontecendo comigo". Era como um tiro. Cada vez que um bando de pássaros encardidos começava a descer, eu entoava *Oqueestaacontecendocomvoceestaacontecendocomigo* e eles imediatamente se dispersavam. O tio está morto, mas o cartão ainda está na minha penteadeira. Não me falhou uma única vez.

"Até agora", terminei, gravemente, me inclinando à frente no sofá de couro. "Não funciona com esse novo feitiço."

Ruth-Anne anuiu cheia de compaixão. Estávamos deixando de lado meu comportamento inapropriado da sessão da semana anterior.

"Então precisamos de um antídoto", ela disse. "Um corretivo, como o cartão, para esse feitiço em especial. Mas não *Oqueestaacontecendocomvoceestaacontecendocomigo*, é curto demais."

"Foi o que pensei, que talvez fosse curto demais."

"Você precisa de algo que ocupe um pouco de tempo."

Tentamos pensar num antídoto mais longo.

"Que músicas você conhece? 'O Come, All Ye Faithful'? Conhece essa?"

"Na verdade não sei cantar. Não consigo manter o tom", falei.

"Não acho que seja um problema, você só precisa conhecer as palavras. 'Mary Had a Little Lamb'?"

Bali "Mary Had a Little Lamb".

"O que acha?"

"Bem…" Não quero menosprezar a ideia. "Não tenho certeza de querer cantar 'Mary Had a Little Lamb' o dia todo."

"Claro que não. Isso vai deixar você mais doida do que os boquetes. De que música você gosta? Há alguma música de que você goste?"

Havia uma música. Uma garota na faculdade a tocava o tempo todo; eu estava sempre esperando ouvi-la no rádio.

"Acho que não consigo cantá-la."

"Mas você sabe a letra?"

"Sim."

"Apenas fale. Como um cântico."

Fiquei com calor e com frio. Estava tremendo. Coloquei a mão sobre a minha

testa e comecei.

"*Will you stay in our Lovers' Story?*"

Era terrível.

"É do David Bowie."

Ruth-Anne balançou a cabeça, tentando me encorajar.

If you say you won't be sorry
'Cause weeeee believe in youuuu.

Continuei engasgada; o ar não estava entrando nem saindo da minha garganta normalmente.

Soon you'll grow so take a chance
With a couple of Kooks
Hung up on the romaaaaancing[*]

"É só o que sei."

"Como está se sentindo?"

"Bem, sei que a melodia não estava certa, mas acho que talvez eu tenha capturado um pouco da energia da música."

"Me refiro a Clee."

"Oh."

"Você deu um tempo."

"Acho que sim."

Na manhã seguinte, levantei cedo, esperando pela primeira oportunidade de testar a música. Tomei uma chuveirada, cautelosamente. O feitiço estava se mantendo à distância. Me vesti e acenei para Rick — ele estava observando as lesmas, descontente.

"Bom dia!", saí na rua com uma caprichada xícara de chá.

"Essa situação está fora do controle."

"Sim, eu sei. Encomendei demais."

"Vou cuidar de quatro delas. Esse é o número de lesmas que estou preparado para supervisionar. Não tenho treinamento para cuidar de todo um rebanho."

"Talvez você possa chamá-las? Organizá-las?"

"Chamar por elas? Como?"

"Um apito de lesmas?"

As palavras mal haviam saído da minha boca quando Clee começou a chupar o minúsculo apito de lesmas entre as pernas de Rick. Ele estava chocado etc.

"Rick, vou cantar uma música agora."

"Acho que não vai funcionar. Elas não têm ouvidos."

"*Will you stay in our Lovers' Story...*" Rick educadamente baixou os olhos. Já vira coisas mais loucas quando morava na rua. "*If you stay you won't be sorry, 'cause weee belieeeve in you.*"

Meio que funcionou. Não foi como dizer *abracadabra* para fazer um coelho

desaparecer, puf. Foi como dizer *abracadabra* bilhões de vezes, dizê-lo por anos a fio, até que o coelho morresse de velhice, e então continuar dizendo até que o coelho houvesse se decomposto completamente e tivesse sido absorvido pela terra, puf. Requeria dedicação, coisa que eu tinha assim que acordava — mas minha resolução decaía com o passar do dia. Enfrentando a alternativa de cantar ou bolinar sua xoxota quente através do jeans, eu sempre concluía que o dia seguinte era o dia para começar.

Carl estava usando sapatos elegantes que faziam claque-claque na calçada, como sapatos de sapateado. Houve alguma confusão sobre quem deveria se sentar no assento da frente — eu, porque era mais velha, ou Clee, porque era a filha. Sentei no assento de trás. Rodamos em silêncio.

O vinho pareceu estragado a Carl; ele pediu outra garrafa.

"É por isso que deixam você prová-lo", ele disse. "Querem que você fique satisfeito."

Clee parecia entediada, mas eu a conhecia bem demais e sabia que era apenas fachada. Como eu, ela estava se perguntando por que estávamos ali. Seus mamilos, porém, não pareciam nem um pouco entediados; estavam tesos, atentos sob um vestido tubinho verde e justo. Era muito difícil cantarolar a música e conversar polidamente ao mesmo tempo.

Carl me mostrou seu novo telefone celular e eu fiquei um pouco enjoada. E se ele estivesse ali porque eu o havia chamado, lhe dando uma vontade irresistível e inapropriada de ver a filha? Mas ele não estava olhando para ela. Ele tomou um longo gole de vinho, me observando por cima da armação dos óculos.

"Há quanto tempo conhecemos você, Cheryl?"

"Vinte e três."

"É muito tempo. Muito comprometimento, muita confiança."

Ao dizer *confiança*, ele gesticulou para Clee; ela estava de olhos arregalados e mordiscando uma cutícula. Ele sabia. Kristof lhe contara sobre os vídeos antigos que eu pegara emprestados. Ele adivinhou o resto. Hematomas. O traje de levar porrada que estava faltando.

"Acho que você sabe o que vou dizer."

A expressão de seu rosto era severa. Meu peito ficou pesado.

"Suzanne também queria estar aqui. De modo que falo por nós dois." Ele ergueu a colher no ar. "Cheryl, você nos daria a honra de participar do conselho?"

Clee fechou os olhos por um momento, se recuperando do susto. Carl viu uma vermelhidão tomar conta do meu rosto; por sorte o rubor não tinha legendas nem acenava sinais explicativos. Deixei minha cabeça cair.

"Carl e Suzanne e Nakako e Jim e Phillip podem ficar sozinhos no conselho", comecei, "eles são os melhores para estar no conselho, me junto a eles embora

não seja de grande ajuda, porque não sou boa em participar do conselho."

Carl tocou meus ombros com uma colher — algo que não fazíamos no escritório e, provavelmente, tampouco era feito no Japão. Então ele ergueu seu copo.

"A Cheryl."

Clee ergueu seu copo, e talvez tenha sido apenas nosso alívio compartilhado, mas de repente senti quase uma ternura por ela. Eu realmente não havia pensado muito nela nos últimos tempos, além de mentalmente tentar enfiar tubérculos e pólipos na sua vagina e na sua boca. Como será que ela estava? O vinho era bastante forte; seus vapores se ampliaram por trás da minha testa. Carl voltou a encher meu cálice.

"Phil Bettelheim está saindo. Então temos uma vaga a preencher."

Meu rosto não se alterou, me certifiquei disso.

"Mas não temos ressentimentos. Ele fez uma grande doação ao sair."

Sorri no meu guardanapo. Claro que o objetivo de estar no conselho era ficar próxima a ele, mas ocupar seu lugar era interessante, também. Quase melhor. Pela primeira vez compreendi os charutos e a urgência de acender um e se recostar.

Tanto Clee quanto eu havíamos pedido o filé mandarim; o meu foi colocado na minha frente com uma fala qualquer, mas o de Clee foi depositado diante dela em câmera lenta. Olhei para o longo e vermelho esôfago do garçom, enquanto ele engolia a seco. Passara-se algum tempo desde a última vez que eu vira esse tipo de coisa acontecer na realidade, e de repente não parecia uma ideia tão fantástica ela segurar o membro duro desse homem por um ou dois minutos. Principalmente porque Phillip estava ali, inchando sob a mesa. Fuzilei o garçom com o olhar para informá-lo de que ela já estava comprometida; ele se afastou rapidamente.

Três minutos depois ele estava de volta para perguntar como estavam as coisas. Ele usou a pergunta para lamber os melões de Clee com seus olhos caninos.

"Aquele garçom foi muito inadequado", falei, depois que ele saiu. Isso acidentalmente saiu numa voz grave, brusca, a voz de Phillip. Foi algo sutil; Carl não reparou. Mas Clee inclinou a cabeça, piscando. Ela lançou a mão no ar, fazendo sinal ao garçom.

"Acho que tem alguma coisa errada com a minha cadeira."

"Oh, não", ele disse, consternado.

"É, acho que desfiou o meu vestido."

O garçom parou por um momento e então cautelosamente se inclinou à frente e inspecionou o *derrière* de Clee.

Ela se virou e deu um sorrisinho para ele, então seu cavanhaque malandro veio à frente; a energia dos dois se conectou como um aperto de mão, uma

combinação de manterem relações logo, logo.

"Meu nome é Keith", ele disse.

"Oi, Keith."

Soltei meu copo com força, fazendo barulho, e Keith e Clee trocaram olhares de medo fingido. Ele pensou que eu era mãe dela. Não tinha experiência suficiente para adivinhar que eu poderia estar de pau duro e tremendo de raiva. Quão chocado ele não ficaria quando eu a derrubasse sobre a mesa, levantasse seu vestido e arrombasse sua xoxota apertada com meu pau. Eu a estocaria com ambas as mãos erguidas no ar, mostrando a todos no restaurante, incluindo os chefs e subchefes e ajudantes e garçons, mostrando a eles que eu não era mãe dela.

A cada prato eles ficavam mais à vontade com o corpo um do outro. Ele recitou as opções de sobremesa enquanto lhe fazia uma massagem nos ombros.

"Você o conhece?", Carl perguntou, confuso.

"O nome dele é Keith", ela disse.

Mas quando Keith foi atrás de Clee porta afora e pediu seu número de telefone, ela disse: "Por que você não me dá o seu?".

No caminho até em casa, ela ficou em silêncio.

E no momento em que fechei a porta da frente, ela agarrou meu cabelo e puxou minha cabeça para trás. Um tolo ruído de engasgo escapou de mim. Não se tratava de uma simulação; ela estava lutando à velha maneira. Demorei um momento para me reorganizar — para trocar de lugar com ela e me tornar Phillip. Ele a empurrou contra a parede. Sim. Fazia tempo desde que o fizéramos com satisfação; era exatamente dessa libertação que eu precisava. Ela o mereceu, por seu comportamento vadio. Ela estapeou meus peitos, algo que nunca fizera antes e que não fazia parte de nenhuma simulação que eu já vira. Me custou muita concentração experimentar como seria golpear os dela. Talvez por causa disso eu estivesse com uma expressão facial agressiva ou masculina, não sei. Não sei o que ela viu.

"O que está fazendo?", ela disse, dando um passo para trás.

"Nada."

Ela respirou fundo algumas vezes. "Você está pensando merda."

"Não, não estou", tratei de falar.

"Sim, está sim. Você estava cagando em mim. Cagando na minha cara ou algo assim."

Embora eu realmente não estivesse, acho que em termos gerais eu estava, de fato. Achei que estivera cagando nela sem cessar no último mês. Ela estava esperando que eu dissesse algo — que me explicasse, que me defendesse.

"Não estava" — eu relutava em dizer a palavra — "cagando."

"Cagando, mijando, ejaculando, que seja. Estava por todo o meu…", ela gesticulou sobre seu rosto, cabelo, peito. "Certo? Estou certa?"

"Desculpe", falei.

Ela pareceu profundamente traída, tão traída quanto o personagem mais traído de Shakespeare.

"Pensei que *você*, pelo menos você saberia" — sua voz encolheu até um sussurro — "ser gentil."

"Sinto muito mesmo."

"Você sabe quantas vezes isso já aconteceu comigo?" Ela apontou para o próprio rosto como se ele estivesse de fato coberto por algo.

Pensei em vários números — setenta e três, quarenta e nove, cinquenta.

"Sempre", ela disse. "Isso sempre acontece."

Ela deu as costas e, como não tinha quarto próprio, foi para o banheiro, trancando a porta atrás de si.

O mapa-múndi desgrudou-se da parede e caiu sonoramente no chão. Voltei a pendurá-lo, lentamente. Eu a magoara. Ela também tinha sentimentos, e eu a magoara. Fitei a porta do banheiro, com uma mão apoiada na parede para me dar estabilidade.

Ruth-Anne disse para eu seguir em frente. Para não me preocupar sobre se a música estava ou não funcionando — apenas cantar. Eu tivera alguns castos e esperançosos dias, mas algo sempre me puxava para baixo novamente. Certa vez comecei a sonhar que Clee estava no chuveiro de Phillip, os dois se ensaboando mutuamente, e quando acordei, enquanto gozava, fingi que ainda estava dormindo. Outra vez enfiei seu pau duro na boca dela por um segundo apenas para provar que eu era dona do meu próprio nariz e podia fazê-lo uma vez sem voltar a cair no mesmo feitiço, mas acabou que eu não era dona do meu próprio nariz, o feitiço era, e fazê-lo uma vez significava fazê-lo outras quinze vezes nos dois dias seguintes, rapidamente seguidas por um pântano de vergonha. E Clee sabia — agora de alguma forma ela sabia dizer quando eu estivera recentemente ejaculando nela. Ela conversou com Kate ao telefone sobre quanto mais dinheiro precisava para conseguir ter sua própria casa; não faltava muito.

Às vezes eu só conseguia murmurar "*Will you stay in our Lovers' Story?*", mas funcionava melhor quando dava tudo de mim, liberando-o com inspirações cheias e profundas, fosse mentalmente ou no meu carro a todo o volume: "*If you stay you won't be sorry!*". Se ela não estivesse em casa, eu o fazia com alguns movimentos tipo tai chi que pareciam trazer o exercício mais profundamente para a minha consciência. Algum progresso estava acontecendo nas canalizações de esgoto na frente de casa; estavam serrando a pavimentação com um guincho ensurdecedor, e a cada vez que dava ré, o veículo amarelo fazia *bip, bip, bip, bip.* Era necessária uma concentração inacreditável para cantar mentalmente e manter o ritmo da música contra o ritmo oposto dos bipes. Cantei junto com os bipes três dias seguidos, de cinco a sete horas por dia, antes de finalmente sair de

casa pisando firme. A máquina amarela era bem incrível, vista de perto; a enormidade de sua garra fazia de mim uma anã. E o homem ao qual ela pertencia, seu mestre, era proporcional à garra. Ele estava bebendo Gatorade em grandes goles; sua cabeça estava inclinada para trás, e suor escorria nas laterais de seu rosto enorme e carnudo. Esse era exatamente o tipo de homem cujo membro eu adoraria que Clee chupasse.

"Com licença", falei. "Sabe me dizer quanto mais de ré vocês vão precisar dar hoje? Moro naquela casa. O bipe é muito alto."

"Um monte." Ele olhou para trás. "É, ainda vamos dar muita ré hoje."

Uma brisa fresca passou por nós, e eu imaginei como não seria boa a sensação daquilo em seu rosto suado, mas foi só. Eu não sabia como qualquer outra coisa era para ele.

"Desculpe pelo barulho", ele acrescentou.

"Não tem problema", falei. "Agradeço por tudo o que estão fazendo."

Ele se empertigou um pouco, e eu esperei para ver se sua constrangida dignidade, tão madura em termos de potencial, mexeria com Clee. Mas não, nada — o feitiço fora quebrado. Eu havia cantado a canção com empenho e frequência suficiente: agora nunca mais precisaria cantá-la. Caminhei na direção da casa, percebendo a laranjeira do vizinho pela primeira vez. Quase não parecia real. Inspirei o aroma cítrico, o oceano, a poluição — eu sentia o cheiro de tudo. E via tudo. Meu fôlego ficou preso na garganta. Caí junto ao meio-fio, nocauteada pela visão de uma mulher de meia-idade que não conseguia tirar as mãos de si mesma. Carros passaram, alguns rápidos, alguns desacelerando, para observar e se perguntar o que estaria acontecendo.

---

* "Você ficará na nossa história de amor?/ Se você diz que não vai se arrepender/ Pois acreditamos em você/ Logo você vai querer se arriscar/ Com uns malucos/ Desistir do romance." (N. T.)

Oito

Ela não me atacou por todo o mês de julho. Nem falou comigo. Nem olhou para mim. *Eu* era a vulgar de nós duas, eu *a* sujara, e não o contrário. Como é que as coisas haviam chegado a isso e como eu poderia limpar meu nome? Eu estava pronta para me jogar em ações penitentes assim que uma oportunidade se apresentasse, mas tal não aconteceu. Em vez disso, as horas se arrastavam, e a cada dia útil ela estava um pouco mais perto de se mudar da minha casa. O que, é provável, seria melhor, embora o pensamento fosse nauseante, absurdamente nauseante.

No último dia do mês, uma onda de calor baixou bem no meio da noite, acordando todas as coisas vivas e colocando-as umas contra as outras. Olhei para fora pela janela da cozinha, para a noite sem lua, escutando. Um bicho estava sendo maltratado no pátio dos fundos, possivelmente um coiote atacando um gambá — mas, bem, não de forma muito ágil. Depois de alguns minutos, Clee saiu pé ante pé da sala de estar e parou a um ou dois metros de mim. Ouvimos os guinchados se alterarem enquanto o animal se aproximava da morte; o tom entrara no espectro do registro humano, com cada esforço contendo uma vogal familiar. Se palavras começassem a se formar, então eu iria lá fora e as quebraria. Palavras, até mesmo palavras cruamente formadas, mudariam o jogo por completo. Claro que seriam acidentais — do mesmo jeito como um ser humano sob tortura poderia acidentalmente emitir ruídos que significassem algo para um porco —, mas ainda assim eu teria de interferir. Nós duas ficamos escutando, esperando por uma palavra. Talvez *socorro*, talvez um nome, talvez *Não, por favor*.

Mas a coisa morreu antes disso, um silêncio abrupto.

"Não acredito em aborto", sussurrou Clee, balançando a cabeça, pesarosa.

Tratava-se de uma maneira pouco usual de pensar a respeito, mas que fosse: ela estava falando comigo.

"Acho que deveria ser ilegal", ela acrescentou. "Você também?"

Agucei os olhos na direção dos cantos escuros do jardim. Não, eu não achava. Eu assinara petições que asseguravam que não fosse. Mas parecia que ela estava se referindo ao que tínhamos acabado de fazer, ou de não fazer.

"Decididamente sou partidária da vida", falei, querendo dizer com isso não que eu era pró-vida, mas apenas que era um dos fãs da vida. Ela balançou a cabeça várias vezes, concordando. Caminhamos de volta para a cama com um sentimento de formalidade, como dois diplomatas que tivessem assinado um tratado de importância histórica. Eu não fora perdoada, mas o ar na casa mudara. No dia seguinte eu pediria informações. *Sabe onde fica a farmácia?* Vi

Clee sorrir de alívio, como se eu a tivesse convidado para dançar. Tudo perdoado.

O dia seguinte começou com um telefonema. Suzanne estava indignada.

"Não quero saber de nada disso. E não me sinto culpada. Acordei você?"

"Não." Eram seis da manhã.

"Se ela fosse levar adiante, eu ficaria furiosa, mas me sentiria impelida a participar. Mas, de acordo com a mãe de Kate, não é essa a ideia. É apenas uma estupidez idiota. Ela está fazendo isso para poder se sentir uma garota cristã ridícula, como Kate, como todas elas."

Houve uma pequena comichão em meu cérebro, como o sentimento de estar prestes a lembrar a palavra que designa alguma coisa. Eu sabia que entenderia do que ela estava falando em cerca de um segundo.

"Você tem a minha permissão para chutá-la porta afora imediatamente — na verdade, insisto que o faça. Ela precisa experimentar um pouco da realidade. Quem é o pai? Ela pode morar com ele."

O pai. Papai Noel? Ai, vai, sai? Será que tinha algum líquido escorrendo do meu ouvido? Olhei no espelho; não havia nada. Mas foi interessante ver meu rosto mudar. Ele fez uma performance muito grandiosa e teatral de uma pessoa ficando estupefata: a boca se abriu, os olhos ficaram grandes e salientes, a cor se foi. Em algum lugar, uma marreta golpeou um címbalo gigante.

A palavra para a coisa sobre a qual estávamos falando era *grávida*.

Clee estava grávida.

Havia muitas maneiras de ficar grávida? Na verdade, não. Era possível engravidar de um chafariz? Não. Meu ouvido retumbava tão alto que eu mal conseguia entender Suzanne me perguntando se eu sabia quem era o pai; até mesmo minha própria resposta foi difícil de ouvir.

"Não", gritei.

"Kate também não sabia. Clee está aí?"

Abri minha porta o mínimo possível. Clee estava sentada sobre o saco de dormir. Seu rosto parecia inchado de tanto chorar, ou talvez fosse mesmo da gravidez.

"Está", sussurrei.

"Bem, por favor, diga-lhe que ela está sozinha. Diria eu mesma, mas ela não está atendendo meus telefonemas. Na verdade, sabe do que mais? Não fale com ela. Só não a deixe ir embora. Chego aí em uma hora e meia."

Clee quebrara o contrato. Não previa isso, claro que não, por que preveria? Que me importava? Que contrato? Não tínhamos um contrato. Enfiei minha cara na cama, sufocando a mim mesma. Será que era o encanador? Claro que não podia ser o encanador; aquilo fora imaginário. Mas algo não imaginário acontecera, provavelmente não só uma vez, mais provavelmente diversas vezes, com várias pessoas. Ela era assim. Tudo bem. Não era problema meu. Ela podia

manter tantas relações não imaginárias quanto quisesse. Claro, ela precisaria ir embora imediatamente; nosso contrato estava desfeito. Que contrato? Onde foi que fizeram? Na minha cama? Eu mesma jogaria os sacos de lixo com suas coisas na rua. Vesti roupas confortáveis para poder fazê-lo mais agilmente.

O Volvo de Suzanne se aproximou em silêncio; ela decerto desligou o motor no último quarteirão. Tentei fazer um sinal positivo da janela, mas ela não me viu. Ela também estava usando roupas esportivas e parecia ter dado gritos de guerra durante todo o trajeto, e agora estava pronta para matar. Houve uma batida curta e alta na porta, um bico de metal ou as chaves. Enchi o peito e saí do quarto, com o rosto duro.

Clee estava espiando por uma fresta da cortina da sala. Olhou do rosto cheio de ódio de sua mãe para o meu, das minhas roupas esportivas para as de sua mãe. Com os braços cruzados sobre o estômago ela recuou até chegar junto à parede onde estavam seus sacos de lixo. Toc, toc, toc, repetiu o bico de metal. Toc, toc. Meus olhos pousaram nos pés descalços de Clee; um estava em cima do outro, protegendo-se. Toc, toc, toc. Nós duas olhamos para a porta. Eu tremia um pouco. Suzanne começou a caminhar de um lado para o outro.

Escancarei a porta num supetão. Não a porta grande, mas a portinhola. Era grande o bastante para abarcar todo o meu rosto. Eu pressionei-o contra o retângulo da portinhola e baixei os olhos para Suzanne.

"Ela ainda está aí?", ela perguntou, apontando de forma conspiratória para as janelas.

"Não acho que ela queira ver você agora", a porta disse.

Suzanne piscou; seu rosto se desfez em confusão. Pressionei meu corpo contra a porta de carvalho. *Continue assim.*

"Não tem ninguém em casa. Não entre."

"O.k., Cheryl, haha. Muito teatral. Deixe-me falar com Clee."

Olhei para Clee. Ela fez que não com a cabeça e me deu um minúsculo sorriso de gratidão. Redobrei meus esforços, tripliquei-os.

"Ela não quer falar com você."

"Ela não tem opção", Suzanne rugiu. A maçaneta se agitava desesperadamente.

"Fechadura dupla", falei.

Ela bateu com o punho contra a pequena grade de metal que cobria o meu rosto. Era para isso que a tal grade servia. Ela examinou o próprio punho e então olhou para seu carro, estacionado, e para o carro de Clee atrás dele, seu carro velho. Por um momento ela pareceu apenas uma mãe, cansada e preocupada, sem chegar a um meio gracioso de se expressar.

"Vai ficar tudo bem", falei. "Ela vai ficar bem. Eu garanto."

Ela me fitou com olhos miúdos; o retângulo estava começando a machucar meu rosto.

"Você me autoriza pelo menos a usar o banheiro?", ela perguntou, friamente.

Fechei a portinhola por um momento.

"Ela quer usar o banheiro."

Os olhos de Clee resplandeciam.

"Deixe-a entrar", ela disse, calculadamente magnânima.

Destranquei a porta e a abri inteiramente. Suzanne hesitou, lançando para a filha um olhar desleixado preparado de última hora. Clee apontou para o banheiro. Ouvimos Suzanne fazer xixi e dar descarga e lavar as mãos. Ela saiu da casa sem olhar para nenhuma de nós duas; o Volvo se afastou, roncando.

Clee tomou um longo gole de uma Pepsi diet sem gás e jogou a garrafa vazia vagamente em direção ao lixo da cozinha. A garrafa repicou no linóleo algumas vezes. Entendi. No calor do momento, ela me perdoara temporariamente, sem querer. Com toda aquela confusão, eu esquecera de fazer a cama; fiz menção de sair dali para arrumá-la.

"Então", Clee disse, em voz alta. Parei. "Não sei muito sobre saúde e coisas assim. Mas imagino que você provavelmente sabe o que eu deveria comer. Tipo vitaminas, essas coisas."

Eu me virei e olhei para ela da porta do meu quarto. Ela estava em pé na Lua, e se eu respondesse, também estaria na Lua, ao seu lado. Com ela e longe de tudo o mais. Parece tão distante, mas basta estender a mão e tocá-la.

"Bem", falei, devagar, "para começar, você deveria tomar vitaminas para gestantes. E até quando você já foi?" A expressão *até quando* simplesmente saiu da minha boca, como se estivesse esperando ali esse tempo todo.

"Onze semanas, acho. Não tenho cem por cento de certeza."

"Mas tem certeza de que quer um bebê?"

"Oh, não." Ela riu. "Vai ser dado para adoção. Dá para imaginar? *Eu?*"

Eu ri, também. "Não quis ser rude, mas…"

Ela fez que segurava um bebê nos braços, ninando-o freneticamente com um sorriso maníaco.

Na décima segunda semana, era só um tubo neural, uma espinha sem costas; na semana seguinte a ponta superior do tubo se achataria até formar uma cabeça, com zonas escuras em ambos os lados, que se tornariam olhos. Eu lia essas descrições em voz alta para ela a cada semana do site Grobaby.com.

"Com prisão de ventre? A culpa é dos hormônios da gestação. Está na hora de focar nas fibras." Ela estava constipada, admitiu, começara naquela semana. O site tinha uma misteriosa habilidade de prever o que ela estava prestes a sentir, como se seu corpo estivesse seguindo as deixas das atualizações semanais. Com isso em mente eu frequentemente reiterava partes que me pareciam importantes. ("Mãos e pés com membranas de nadadeiras aparecem esta semana. Mãos e pés: esta semana. São tipo *nadadeiras*.") Quando eu

acidentalmente pulei uma semana, as células fizeram uma curva e surgiram os dedões, esperando por mais orientações. Ela tomava as vitaminas e comia a minha comida, mas a ideia de fazer um checkup pré-natal a enojava.

"Irei quando estiver mais perto", ela disse, curvada sobre o saco de dormir. Deixei o assunto para lá por um momento. Falar com ela desse jeito parecia um papel a ser interpretado — não de todo diferente da "Mulher pedindo informações". "Mulher cuidando de moça grávida."

"Não quero que ninguém do sistema médico me toque", ela acrescentou, algumas horas depois. "Tem que nascer em casa."

"Mas mesmo assim você precisa se consultar. E se houver alguma coisa errada?" De alguma maneira, eu sabia exatamente qual a coisa a ser dita, como se eu tivesse visto Dana dizê-lo num vídeo.

"Não vai ter problema nenhum."

"Tomara que não. Porque às vezes simplesmente não dá certo — você acha que tem um bebê na barriga mas são só partes desconexas, e quando você faz força tudo sai parecendo uma canja."

Quando o dr. Binwali nos mostrou o embrião com o ultrassom, eu tinha certeza de que Clee iria chorar como todo astronauta que já viu a Terra do espaço, mas ela virou o rosto e não olhou para o monitor.

"Não quero saber o sexo."

"Oh, não se preocupe, ainda é cedo demais para saber", disse o médico. Mas seus olhos se grudaram com força no teto, evitando a visão de suas próprias pernas abertas. Ela queria dizer: nunca. Esperava nunca vê-lo.

"A vovó pode estar curiosa para ver a pontinha da coluna", ele disse, tocando na tela.

Nenhuma de nós duas o corrigiu. Estávamos deslizando sobre trilhos agora; a gente de bem do mundo conduzia suavemente mães e filhas, abrindo portas e carregando sacolas, e nós assim permitíamos que fosse.

Sua forma física deveria ter aberto lugar para uma aparência fértil, mas era seu queixo avantajado que eu notava agora e seu jeito desengonçado de se mexer. Isso, mais a barriga grande, criava uma imagem peculiar, quase assustadora. Quanto mais grávida parecia, menos mulher ela era. Quando estávamos na rua, em público, eu tentava averiguar se outras pessoas se assustavam ou se tinham uma reação mais lenta. Mas aparentemente eu era a única pessoa que o percebia.

"'Décima sétima semana'", li. "'Nesta semana seu bebê desenvolve gordura corporal (bem-vindo ao clube!) e seu conjunto único de impressões digitais.'" Não dava para dizer se ela estava escutando. "Então: faça gordura e impressões digitais esta semana", resumi. Ela tirou uma lesma da mesinha e a entregou para mim. Deixei-a cair no balde com tampa junto à porta; Rickas estava coletando.

“‘Esta semana seu bebê está pesando cento e setenta gramas e tem o tamanho de uma cebola.’”

“Diga apenas ‘o bebê’, e não ‘seu bebê’.”

“O bebê tem o tamanho de uma cebola. Quer que eu leia a ‘Dica das leitoras’?”

Ela deu de ombros.

“‘Dica das leitoras: não é necessário gastar muito com roupas de maternidade: pegue emprestadas as camisas sociais do seu marido!’”

Ela olhou para baixo, para sua barriga. Parecia uma barriga de cerveja espreitando sob sua blusinha de alcinhas.

“Tenho uma camisa que você pode usar.”

Clee me seguiu até meu closet. As roupas estavam todas limpas, mas coletivamente elas tinham um cheiro oleoso, íntimo, que eu nunca percebera antes. Ela começou a mexer nos cabides. De repente puxou um vestido de veludo longo e o ergueu.

“É o vestido sapatão”, ela disse.

O vestido que eu usara no meu encontro com Mark Kwon, o pai de Kate. Ela o encontrara rápido demais. Tinha mangas longas com minúsculos botões descendo por todo ele, da beirada da saia longa até a gola alta. Trinta ou quarenta botões.

“Provavelmente ainda serve em você.”

“Acho que não.” Uma mulher mais velha, de sangue azul e com cabelo branco e brincos de pérolas genuínas poderia ter ficado elegante naquilo. Qualquer outra pessoa mais jovem ou mais pobre pareceria um soldado de um desses países em que mulheres empunham armas automáticas. Peguei minha camisa-vestido masculina listrada. Ela a levou até o banheiro mas, quando saiu, ainda estava usando a blusa de alcinha.

“Não faz meu estilo”, ela disse, me devolvendo a peça de roupa.

“É natural para você?”, perguntei. “Estar grávida?”

“É natural”, ela disse. “É o sistema médico que torna isso não natural.”

Sua amiga Kelly dera à luz em casa, numa banheira. A mesma coisa com sua amiga Desia. Existia todo um grupo de garotas em Ojai que haviam dado seus bebês para adoção por meio de uma organização cristã chamada Philomena Family Services. Todas elas pariram em casa, com parteiras.

“Mas aqui, em LA, os hospitais são realmente bons, então você não precisa fazer isso.”

“Você não precisa me dizer o que eu não preciso fazer”, ela disse, estreitando os olhos. Por um átimo de segundo pensei que ela iria me empurrar contra a parede. Mas não, claro que não. Aquilo já era.

Todo mundo na Open Palm estava a par e achava que era incrível de minha

parte acolhê-la daquele jeito.

"Ela já estava morando lá… eu só não a pus para fora."

"Mas você sabe o que eu quero dizer", Jim disse. "Arriscando seu emprego." Meu emprego não corria risco nenhum; Suzanne e Carl de tempos em tempos farejavam notícias de Clee com meus colegas de trabalho. Depois de cada consulta pré-natal eu me certificava de espalhar as atualizações. Todo mundo imaginava que eu sabia quem era o pai, mas não. Eu não sabia de nada. Parecia impossível abordar o assunto sem também relembrar o *nosso* passado, as simulações, minha traição. O acordo tácito era que não olharíamos para trás.

Na metade do segundo trimestre, vi Phillip. Ele estava estacionando seu Land Rover bem no momento em que eu saía do escritório. Me escondi atrás do batente de uma porta e esperei por vinte minutos enquanto ele continuava sentado no carro, falando ao telefone. Provavelmente com Kirsten. Eu não queria pensar naquilo. Quando enfim caminhei até o meu carro, minhas pernas tremiam e eu estava encharcada de tanto suor.

Todas as noites eu a ouvia ir desajeitadamente até o banheiro, se batendo contra o batente da porta e então mais uma vez, ao sair. Era uma tortura.

Até que uma noite eu gritei, da cama: "Cuidado!".

Ela parou abruptamente e pela minha porta entreaberta eu a vi em pé à luz da lua, tocando o próprio abdômen inchado, com um olhar de choque, como se a ficha da gravidez tivesse lhe caído somente agora.

"Foi com Keith?", gritei.

Ela não se mexeu. Eu não sabia dizer se ela estava acordada ou se caíra de novo no sono, ainda em pé.

"Foi algum dos caras da festa? Aconteceu na festa?"

"Não", ela disse, asperamente. "Foi na casa dele."

Ele tinha uma casa chamada sua casa e aconteceu lá e foi sexo. Isso era ao mesmo tempo mais ou menos do que eu gostaria de saber.

"É um pesadelo", ela disse, segurando a barriga.

"É?" Eu estava desesperada para saber mais. Ela cambaleou de volta até a cama. "É?", gritei de novo, mas ela se fora, já semiadormecida. Só podia ser um pesadelo, uma pessoa crescendo dentro de você, alguém cuja cara você esperava nunca ver.

* * *

Na manhã seguinte tentei uma abordagem mais dura.

"Acho que, por razões de segurança, eu deveria saber quem é o pai. E se algo acontecer com você? A responsabilidade é minha."

Ela pareceu surpresa, quase um pouco enternecida.

"Não quero que ele saiba. Ele não é uma boa pessoa", Clee disse, em voz baixa.

"Por que você transaria com alguém que não é uma boa pessoa?"

"Não sei."

"Se não foi consentido, então deveríamos entrar em contato com a polícia."

"Foi consentido. Ele só não é o tipo de pessoa que geralmente me atrai."

Como foi que chegaram ao consentimento? Será que votaram? Será que todo mundo a favor disse *sim?* Sim, sim, sim. Fui até o quartinho de passar roupa e voltei com uma caneta, um pedaço de papel e um envelope.

"Não vou abrir, prometo."

Ela foi até o banheiro, para escrever o nome. Quando saiu de lá, enfiou o envelope entre dois livros na prateleira e então cuidadosamente colocou a lingueta de uma lata de refrigerante na frente dos livros. Como se fosse impossível recolocar no lugar uma lingueta de lata de refrigerante.

Agi rapidamente, marcando uma sessão de terapia emergencial antes que Clee tivesse tempo de pensar mais a fundo sobre confiar em mim. Quando fui para trás da tela do xixi, pedi que Ruth-Anne olhasse dentro da minha bolsa.

"Há um envelope fechado e um envelope aberto e vazio", falei. "Abra o que está fechado."

"Rasgo?"

"Abra-o do jeito como você abriria normalmente um envelope."

Um ruído de rasgo estabanado.

"O.k. Está aberto."

"Tem um pedaço de papel com um nome?"

"Sim, quer que eu leia para você?"

"Não, não. É um nome de homem?"

"Sim."

"O.k." Fechei os olhos como se ele estivesse em pé do outro lado da tela. "Escreva esse nome."

"Onde?"

"Em qualquer coisa, num cartão de controle de sessões."

"O.k. Pronto."

"Já?" Era um nome curto. Não era um nome incomum, longo, estrangeiro com muitos acentos e tremas que uma pessoa precisaria conferir. "O.k., agora coloque o pedaço de papel de volta no envelope aberto e feche-o."

Então houve um complicado farfalhar de papéis e uma batida.

"O que está fazendo?"

"Nada. Deixei cair os envelopes. Bati a cabeça na mesa enquanto os pegava do chão."

"Você está bem?"

"Um pouco tonta, na verdade."

"O envelope está fechado?"

"Sim, agora está."

"Ótimo, agora ponha o envelope na minha bolsa e coloque o cartão com o nome em algum lugar em que eu não possa vê-lo."

Ela riu.

"O que tem de engraçado?"

"Nada. Escondi num lugar ótimo."

"Terminou, então? Vou sair daqui. O.k.?"

"Sim."

Ruth-Anne estava com os olhos arregalados e sorrindo com as mãos atrás das costas. O envelope, em muitos pedacinhos, estava espalhado pelo tapete. Quando você registra alguma coisa no tabelionato, há um sentimento dignificado em relação ao procedimento, mesmo que o tabelião seja apenas um vendedor de papelaria. Eu imaginava que seria mais tipo assim.

"O que você tem aí atrás?"

Ela abriu as mãos vazias à frente. Agora estava revirando os olhos para o lado de um jeito estranho.

"O que está fazendo? Para o que você está olhando?"

Seus olhos voltaram, num pulo. Ela apertou os lábios, arqueou as sobrancelhas e deu de ombros.

"O cartão está ali?"

Ela deu de ombros de novo.

"Não quero saber onde está." Sentei no sofá. "Isso provavelmente é antiético." Esperei que ela me incitasse a falar mais. Ainda faltavam dez minutos para o fim da sessão. Ruth-Anne se sentou e esfregou o queixo, segurando o cotovelo e acenando a cabeça de forma significativa. Ela parecia estar saindo do papel de terapeuta de um jeito zombeteiro, como uma criança fingindo ser um terapeuta. "Não quero quebrar a promessa que fiz para Clee", continuei, "mas também quero ter a opção de saber. E se houver um problema? E se precisarmos do histórico médico dele? Você acha que é errado?"

Algo deslizou pela parede. Os olhos de Ruth-Anne se arregalaram, mas ela conseguiu ignorá-lo com grande competência.

"Isso foi o cartão?"

Ela assentiu, vigorosamente. Ela o escondera atrás de um de seus diplomas. Agora estava no chão. Desviei os olhos.

"Não precisa ser escondido como um ovo de Páscoa. Apenas coloque na gaveta da sua escrivaninha." Ela pegou o cartão, num pulo, e o levou não até a escrivaninha, mas porta afora até a mesa da recepção, fechando a gaveta sonoramente como se o cartão fosse um vilão, pronto para fugir.

"Onde estávamos?", ela perguntou, ao voltar, sem fôlego, e retomando a pose de terapeuta.

"Eu tinha perguntado se você achava isso errado."

“E eu já respondi.” De repente a dra. Tibbets era ela de novo, digna e inteligente.

“O que quer dizer?”

“Você queria brincar como uma criança, então brincamos.”

Eu me deixei cair no sofá, e meus olhos doeram de lágrimas secas. Era por isso que ela era tão boa, sempre encontrando uma maneira de conduzir tudo até a beira do penhasco.

“Pode jogar fora o cartão”, falei, num fio de voz.

“Vou guardá-lo ali pelo tempo que você quiser. Nossa vida está cheia de travessuras de crianças, Cheryl. Não fuja de suas travessuras, apenas perceba: ‘Oh, estou vendo que quero brincar como uma garotinha. Por quê? Por que quero ser uma garotinha?’.”

Desejei que ela não me fizesse responder a essa pergunta.

“Você já considerou a possibilidade de nascer uma segunda vez?”, ela perguntou.

“Tipo renascer?”

“Renascimento. Dr. Broyard e eu pensamos que poderia ser uma boa ideia.”

“Dr. Broyard? Você fala com ele sobre mim?”

Ela fez que sim.

“E a confidencialidade terapeuta-paciente?”

“Isso não se aplica a outros médicos. Um pneumologista esconderia informação de um neurologista?”

“Ah, certo.” Eu não tinha me dado conta de que eu era um caso tão sério.

“Nós temos certificação” — ela gesticulou na direção da parede — “para trabalhar em equipe.”

Apertei os olhos para ver o certificado. RENASCIMENTO TRANSCENDENTAL — CERTIFICAÇÃO DE MESTRADO II.

“Você realmente acha que é necessário?”

“Necessário? Não. Só o que é necessário é que você coma o suficiente para sobreviver. Você era feliz no útero?”

“Não sei.”

“Depois de uma sessão conosco, você *vai* saber. Vai lembrar de quando era uma só célula, então uma blástula, se expandindo e se contraindo violentamente.” Ela fez uma careta, contraindo o tronco com um estremecimento tortuoso e então expandindo o corpo num suspiro. “Toda essa agitação está dentro de você. É um fardo pesado para uma garotinha.”

Eu me imaginei deitada no chão com a virilha de Ruth-Anne no topo da minha cabeça. “Por que o dr. Broyard precisa estar presente?”

“Boa pergunta. O bebê pode ter consciência até mesmo antes da fecundação, como dois animais separados — o esperma e o óvulo. Então gostamos de começar por aí.”

"Com a fecundação?"

"É apenas um ritual que simboliza a fecundação, claro. O dr. Broyard faz o papel do espermatozoide e eu faria o papel do óvulo. A sala de espera" — ela indicou a sala de espera — "se torna o útero e você entra por aquela porta para nascer de novo."

Olhei para a porta.

"Ele está aqui com a mulher este final de semana, uma viagem especial. Que tal domingo às três horas?"

"O.k."

Ela relanceou para o relógio; nosso tempo estava acabando.

"Será que eu deveria…?", e apontei para os pedaços de papel no chão.

"Obrigada." Ela verificou as mensagens no seu telefone enquanto eu me ajoelhava e juntava os pedaços do envelope. Levei-os para fora comigo, sem querer entupir sua cesta de lixo.

Depois de voltar a enfiar o envelope entre os livros e a reposicionar a lingueta de lata de refrigerante, cliquei *voltar* no site Grobaby.com. Nada sobre blástulas se expandindo e contraindo. Mordiscando minha unha observei o desenho de um feto. O site não era um manual. Se a coisa dentro de Clee estava de algum jeito dependendo da minha narração, haveria enormes lacunas de desenvolvimento. Imaginei um embrião preguiçoso, enviando mensagens de texto, mastigando chiclete, formando órgãos vitais pela metade.

Embriogenese chegou no dia seguinte; esbanjei para pagar pelo frete expresso. Suas novecentas e vinte e oito páginas não eram claramente divididas em semanas, então me pareceu mais seguro começar pelo começo. Esperei até Clee terminar de comer seu *kale* com *tempeh*. Ela se instalou no sofá, e eu limpei a garganta.

"'Milhões de espermatozoides viajam numa grande corrente, útero acima e trompas de Falópio adentro'."

Clee levantou a mão. "Eia. Não sei se quero ouvir isso."

"Já aconteceu. Só estou recapitulando."

"Eu preciso ouvir?" Ela pegou seu telefone e seus fones de ouvido.

"Acho que música pode perturbar — ele tem que ouvir a minha voz."

"Mas a minha cabeça está aqui em cima."

Ela vasculhou o telefone, encontrou algo com um ritmo bate-estaca e me fez sinal para prosseguir.

"'O espermatozoide bem-sucedido'", eu discursava, me inclinando na direção de sua barriga redonda, "'funde-se com o óvulo, e seu núcleo funde-se com o núcleo do óvulo para formar um novo núcleo. Com a fusão das membranas e dos núcleos, os gametas se tornam uma célula, um zigoto'." Eu podia vê-lo claramente, o zigoto — brilhante e redondo, cheio de memória elétrica de quando era dois, mas agora amaldiçoado com a eterna solidão de ser apenas um.

A tristeza que nunca se vai. Os olhos de Clee estavam fechados, e sua testa estava úmida; havia não muito tempo ela era dois animais, o esperma de Carl e o óvulo de Suzanne. E agora a mesma coisa estava acontecendo dentro dela, uma nova e triste criatura estava se formando da melhor maneira possível.

Na manhã seguinte, cumprimentei meus chefes com empatia; seria de pensar que algo feito de você pelo menos falaria com você. Suzanne e Carl não tinham notícias de Clee havia meses. Eles estavam sentados tão longe de mim quanto possível, as mãos entrelaçadas sobre a mesa, numa demonstração de civilidade. Jim sorriu, de forma a nos deixar à vontade; era minha primeira reunião no conselho. Sarah tomou notas na minha velha cadeira, um pouco à parte. Recebi as boas-vindas formais, e a saída de Phillip foi registrada.

"Ele não está muito bem de saúde", Jim explicou. "Voto a favor de enviarmos a ele uma cesta de queijos." Mais provavelmente ele estava com vergonha demais para dar as caras — e deveria estar. Dezesseis! Uma namorada de dezesseis anos de idade! Quando Suzanne argumentou contra os benefícios de aposentadoria para Kristof e o resto da equipe do estoque, me vi me levantando do meu assento e dando um soco no ar como uma pessoa que entendia um pouco sobre sindicatos. Tomar o lugar de Phillip era maravilhosamente animador. Quando todos votaram a meu favor, Suzanne fez com a boca: "Touché". Ela estava estudando meu cabelo e minhas roupas, como se eu fosse uma pessoa nova ali. Chamei Sarah de *srta.* Sarah — como uma servente. Suzanne riu disso e pediu à srta. Sarah que nos trouxesse mais café.

"Você pode sentar, Sarah", Jim disse. "Essas duas estão só brincando." Me senti embriagada de camaradagem. Todos esses anos eu estivera procurando um amigo, mas Suzanne não precisava de uma amiga. Mas uma rival — isso atraía sua atenção. Quando a reunião foi encerrada, nós duas fomos até a cozinha e fizemos xícaras de chá, em silêncio. Esperei que ela começasse a conversa. Beberiquei. Ela também. Depois de um tempo me dei conta de que *aquilo* era a conversa; estávamos conversando. Ela estava me dando a sua bênção para cuidar de sua jovem filha e eu estava aceitando a incumbência humildemente. Quando Nakako entrou, Suzanne saiu. Pelo bem das aparências, manteríamos distância.

Ruth-Anne me avisara para não deixar o carro no estacionamento; não havia ninguém para atender no domingo. Estacionei na rua. Uma mulher idosa estava limpando o elevador quando subi. Com destreza, ela borrifou um produto de limpeza na porta quando esta se fechou atrás de mim, e então começou a limpar os botões, fazendo cada um deles se acender enquanto os polia, mas educadamente se atendo aos números acima do meu andar.

A porta estava fechada; eu tinha chegado cedo. Desliguei meu telefone para ele não tocar durante o renascimento. Sentei no corredor. Eles estavam quase

quinze minutos atrasados. Aparentemente não eram assim tão profissionais quanto a seu trabalho paralelo — era um arranjo mais casual. Bem, eu não era uma tola por estar exatamente na hora? Depois de algum tempo lembrei que a consulta estava marcada para as três horas, não para as duas; eu estava quarenta minutos adiantada. Fiquei andando de um lado para o outro. Ninguém trabalhava no final de semana; o prédio estava deserto. O consultório de Ruth-Anne ficava no final de um longo corredor conectado a outro longo corredor por outro longo corredor. Uma planta em H. Era útil saber disso — eu nunca tivera total clareza sobre a planta daquele andar do prédio. *De que outra maneira posso usar esse tempo de forma construtiva?*, perguntei a mim mesma. *O que tenho para fazer que precisa ser feito de todo jeito?* Voltei correndo para a porta, me virei, percorri todos os corredores — era um exercício ótimo, e não era pequena a distância percorrida. Trinta ou quarenta circuitos H provavelmente totalizavam um quilômetro e meio, duzentas calorias. Depois de sete Hs, eu estava coberta de suor e sem fôlego. Quando estava correndo perto do elevador, ele apitou. Acelerei, dobrando na extremidade do corredor bem quando as portas se abriram.

"Mas o atendente do estacionamento não trabalha nos finais de semana", Ruth-Anne estava dizendo. "Nunca trabalhou." Passei correndo reto pela porta do consultório e dobrei mais adiante. Eu precisava de um minutinho para recuperar o fôlego e limpar o rosto.

"Oh, não", ela disse.

"O quê?"

"A chave está no meu outro chaveiro. Comecei a usar uma corrente nova e…"

"Nossa, Ruth-Anne."

"Volto para pegá-la?" Sua voz estava estranhamente alta, como um rato sobre um cavalo.

"Quando você chegar de volta, a sessão já terá terminado."

"Você podia ir trabalhando com ela até eu chegar."

"No corredor? Ligue para ela e cancele."

Ela demorou um pouco para encontrar meu número no seu celular.

"Direto na caixa de mensagens. Ela provavelmente está estacionando. Tenho certeza de que vai estar aqui em um ou dois minutos."

Era difícil controlar meu arquejo e o meu nariz sibilando. Eu devia ter me afastado mais no corredor, mas era arriscado demais me mover agora.

O dr. Broyard suspirou. "Isso nunca funciona direito", ele disse. Parecia que estava tirando o papel de algum doce. Agora algo estava estalando em sua boca. "Por alguma razão."

"Renascimento?"

"Essas… coisas que você inventa para me ver quando estou com minha família."

Ruth-Anne ficou em silêncio. Ninguém disse nada durante um bom tempo; ele começou a mordiscar o doce.

"Ela vem, ou isso foi coisa sua, para que a gente ficasse em pé juntos no corredor e… o quê? Trepar? É isso o que você quer? Ou só quer me chupar? Me lamber como um cachorro?"

Um barulho agudo indistinto pareceu vir dos respiradouros, então se transformou num conjunto de engasgadas úmidas, convulsivas. Ruth-Anne estava chorando. "Ela está vindo, eu juro. É uma sessão de verdade. É sim."

Ele mordeu o doce furiosamente.

Enfiei meu cabelo atrás das orelhas e alisei as sobrancelhas — seria constrangedor para todo mundo, mas pelo menos ele saberia que ela não era uma mentirosa. Respirei fundo e dobrei no corredor, pisando firme.

"Você…", o choro era tão violento que ela mal conseguia falar. "Você disse aquilo porque quer que eu" — a parte final da frase saiu num piado estridente — "chupe você?"

Minha marcha a ré foi silenciosa e rápida. Ninguém tinha me visto.

"Não, Ruth-Anne. Não foi isso o que eu disse." Ele suspirou de novo, mais alto dessa vez.

"Porque", ela disse, "talvez eu estivesse disposta." Dava para ouvir sua tentativa de esboçar um sorrisinho por entre o nariz entupido e o rímel borrado.

Bem lá no início ela nem sequer gostava dele. Via sua arrogância e sua tendência a ignorar o que lhe pudesse ser inconveniente. O doutor ficou surpreso, então estupefato, quando ela apontou esses defeitos. Isso o fez querer manter relações com ela, apenas para colocá-la no lugar. Mas ele era casado, e não valia a pena. Ela não era seu ideal físico de mulher — um pouco velha demais, com ombros largos um pouco masculinos, mandíbulas equinas. Ela sabia disso; era algo que estava tão claro quanto se ele tivesse dito: "Você é um pouco velha demais, tem os ombros largos, um pouco masculinos, a mandíbula equina". O insulto a mantinha interessada, isso e o fato de que ele era casado. Nada a inspirava tanto quanto imaginar a sra. Broyard, toda esposa, obcecada por preparar o jantar e pela consistência do cocô dos filhos. Finalmente ela o dobrou. Uma noite, depois de uma aula de renascimento, ele chorou no cálice de vinho e admitiu que ele e a mulher passavam por um momento difícil. Foi nessa noite que ela sugeriu o arranjo; o descreveu como uma espécie de terapia. Ele disse que confiava nela e pela primeira vez em vários meses essa confiança foi a base da dinâmica deles. Ela era sua recepcionista, mas era como se ele estivesse trabalhando para ela. Ela o guiava em todas as coisas que ele fazia com ela. Era agradável, e ele na verdade gostava dela um pouco. Ela se sentia satisfeita e em paz. Gradualmente ele ganhou confiança, e o jogo ficou mais quente. Era uma coisa aeróbica e excitante para ele; nos melhores momentos, ele admirava sua constituição física e a força de seus ombros. Uma mulher menor teria se cansado

mais rápido, mas ela tinha uma resistência notável.

Mas, por fim, ela o desejava mais do que ele a ela, o que a deixou num nível abaixo. Não havia jeito de derrubar uma mulher que já estava caída no chão. Suas relações continuaram por algum tempo, ritualisticamente, então encolheram para uma camaradagem descompromissada. E então, enfim, para nada, já havia alguns anos.

"Aonde você está indo?", ela fungou.

Ele estava caminhando na minha direção. Seu braço se estendeu no corredor onde eu estava enquanto ele usava a parede para alongar o ombro, com uma mão repousando a poucos centímetros da minha teta. Olhei para baixo, observei a mão e ela se retirou. Ele gemeu e caminhou de volta até Ruth-Anne.

"Deixe-me pagar um salário normal para você. Minha secretária em Amsterdam ganha três vezes o que você ganha."

"Mas ela é uma secretária de verdade."

"Você é uma secretária de verdade."

Como uma pessoa que leva uma bofetada, ela não disse nada.

"No que você é diferente de uma secretária de verdade? Me diga. Faz anos, Ruth-Anne. Anos."

O contrato, pensei. *Referência aos termos do contrato.*

Ela ficou em silêncio.

"Se você não aceita um salário normal, vou arranjar uma secretária que aceite."

Ruth-Anne pigarreou. "O.k. Contrate outra secretária." Agora a voz parecia dela de novo, calma e inteligente.

"Sim, vou fazer isso. Obrigado. Acho que é o melhor para nós dois", ele disse. "Vamos embora?"

"Vá você. Vou esperar um pouco mais."

Dr. Broyard riu um riso cansado. Ele ainda não acreditava que eu realmente estivesse a caminho. "Tem certeza?"

Ela não tinha nem um pouco de certeza, isso era claro como o dia. Ela estava lhe dando uma última chance de escolhê-la, de ficar, ficar para sempre, de honrar todas as complicações dela e viver com ela num novo mundo de amor e sexualidade.

"Sim, tenho certeza." Dava para ouvir o sorriso esboçado por ela. Última chance, dizia. A derradeira.

"Bem, pode ser que eu não a veja antes de Helge e eu partirmos. Vamos falar pelo telefone quando eu estiver de volta a Amsterdam, o.k.?"

Talvez ela tenha acenado com a cabeça. Ele caminhou até o elevador. Apertou o botão e nós duas ouvimos, minha terapeuta e eu, e esperamos que essa parte chegasse ao fim — a parte em que ele já havia ido embora, mas ainda estava conosco. Ouvimos o elevador subir, as portas se abrindo e fechando, e então uma

longa descida, que ficava cada vez menos e menos nítida, mas parecia nunca ter fim. Ela se deixou deslizar até o chão, soluçando. Algo no prédio se desligou, o aquecimento ou a refrigeração; tudo ficou ainda mais silencioso. Tentei não ouvir seus soluços úmidos, engasgados. Depois de um tempo ela assoou o nariz, alto e forte, juntou sua bolsa e partiu.

Foi um sentimento maravilhoso estar de volta ao meu carro quentinho, dirigindo para casa, para Clee. Liguei o telefone; havia uma nova mensagem.

"Olá, Cheryl, é Ruth-Anne, são três e cinquenta de domingo. Você faltou à consulta das três horas para o renascimento. Como você não cancelou com pelo menos vinte e quatro horas de antecedência, você terá de pagar a integralidade da consulta. Por favor faça um cheque nominal em meu nome. Vejo-a na nossa sessão de sempre na terça-feira. Fique bem."

Não tinha remédio. Liguei de volta e marquei uma sessão emergencial. Eu teria de lhe dizer o que tinha feito e admitir que estava me debatendo com minha opinião sobre ela. Ela parecia patética e desesperada para mim agora. Obcecada.

"Bom, muito bom", ela provavelmente diria. "Continue." Acabaria que esta seria a chave: testemunhar essa troca entre a mãe primordial e o pai primordial.

"Mas eu estava basicamente espionando!", eu choraria.

"Foi essencial você fazer o papel de alguém espionando, uma criança levada", ela diria, excitada porque pela primeira vez em sua carreira clínica de vinte anos um paciente teria mudado de campo — esse era um termo psiquiátrico, "mudar de campo". Significava que tudo podia ser exposto pelo que era de verdade, toda pergunta poderia ser respondida, com total franqueza entre médico e paciente, levando a uma verdadeira amizade inaugurada pelo terapeuta com o reembolso de todos os seus honorários em um só volumoso montante. Dr. Broyard agora apareceria usando uma máscara que seria um mero esboço de seu próprio rosto, e seria revelado que toda a conversa no corredor era uma farsa — aquilo *era* o renascimento.

"Você testemunhou a fecundação ao contrário, e sobreviveu a ela. É algo muito forte."

"Mas como você sabia que eu chegaria adiantada?", eu diria, incrédula, quase duvidando.

"Olhe seu relógio", dr. Broyard diria. Meu relógio estava uma hora atrasado. Dr. Broyard tiraria sua máscara, revelaria um rosto muito parecido, então Ruth-Anne fingiria que seu rosto era uma máscara, e como sua pele estava um pouco flácida, pareceria, por um momento, que ela poderia de fato descascar. Mas ela não descascaria, felizmente. Todos nós riríamos, e então riríamos sobre como era bom rir. Uma massagem nos pulmões, um de nós diria.

Agora eu estava quase sentindo que não precisaria ir à consulta emergencial, mas fui de todo jeito. Eu estava curiosa para ver se realmente iria receber todo o

meu dinheiro de volta num montante volumoso; parecia improvável, mas se eu havia realmente mudado de campo, achava que era nada mais que justo. Isso se mudar de campo fosse uma coisa de verdade, coisa que, enquanto eu estava sentada no sofá de couro, lembrei que não era. Expliquei sobre ter chegado adiantada e ter ouvido toda a conversa deles.

Os olhos de Ruth-Anne se arregalaram. "Por que você não disse alguma coisa?"

"Não sei. Realmente não sei. Mas você acha que talvez possa ser porque era importante que eu fizesse o papel de um filho" — já dava para ver que ela não achava isso — "levado? Espiando?"

"Não entendo como você pôde fazer isso." Ela escondeu o rosto com as mãos. "É uma violação enorme."

A menos que isso também fizesse parte da sua farsa? Sorri um pouco, tateante.

"Só para registrar, acho que você fez a coisa certa", eu disse. "Rompendo."

Ruth-Anne pôs-se de pé, demorou um pouco prendendo seu longo cabelo num rabo de cavalo e disse que nosso trabalho chegara ao fim.

"Percorremos todo o caminho que podíamos percorrer juntas. Você quebrou o acordo de confidencialidade médico-paciente."

"Isso não é para proteger o paciente?"

"É uma via de mão dupla, Cheryl."

Esperei para ver o que aconteceria a seguir.

"Então, adeus. Darei um desconto por hoje, já que não fizemos uma sessão inteira. Vinte dólares."

Parecia que ela estava falando sério, então peguei meu talão de cheques.

"Você não tem dinheiro?"

"Acho que não." Olhei na carteira, só tinha notas de um.

"Quanto você tem?"

"Seis dólares?"

"Pode ser."

Dei-lhe o dinheiro, incluindo as duas metades de uma nota de um dólar que havia anos tinha intenção de colar.

"Pode ficar com esta."

Ao tirar o carro do estacionamento, eu a senti observando meu carro de sua janela do décimo segundo andar. Eu estava maravilhada com o processo terapêutico. Aquilo estava fazendo muito por mim, ser abandonada daquele jeito. Nosso trabalho mais forte até o momento.

Nove

Todas as mulheres do curso pré-natal de Clee tinham vinte ou trinta e poucos, exceto a professora, Nancy, que tinha a minha idade. Sempre que fazia uma referência a como eram os obstetras vinte anos antes, quando *ela* teve os *seus* filhos, Nancy olhava para mim; era impossível não dar um aceno com a cabeça, em concordância, como se eu estivesse relembrando. Às vezes eu até mesmo bufava, lamentosa, acompanhando Nancy, e todos os jovens casais sorriam respeitosamente para mim, uma mulher que passara por tudo e agora estava apoiando sua bela porém solteira filha. Recebemos folhetos com códigos coloridos aos quais nos referir durante o nascimento caso nos esquecêssemos de como contar o tempo entre as contrações ou o que visualizar para relaxar. Aprendemos como se faz força para expulsar o bebê (como fazer xixi), o que beber durante o parto (isotônicos e mel) e o que comer depois do parto (a própria placenta). Clee parecia estar fervorosamente registrando cada pequeno detalhe, mas um olhar mais atento no seu caderno revelava páginas de rabiscos entediados.

No último trimestre, os sistemas musculosqueletal e hematopoiético se completaram, e Clee parou de se mexer. Ela largava seu imenso corpo no sofá e lá ficava, querendo que tudo fosse levado até ali e buscado. A Princesa Prometida.

"Lembre-se do que Nancy disse na aula pré-natal", avisei.

"O quê?"

"Sobre como é importante se manter ativa. Tenho certeza de que os pais do bebê agradeceriam se você não assistisse TV todos os segundos do dia."

"Na verdade, esse é o programa preferido deles", ela disse, aumentando o volume de *America's Funniest Home Videos*. "Então é melhor acostumar o bebê de uma vez."

"O programa favorito de quem?"

"Dos pais do bebê. Amy e Gary."

Ela riu de um cachorro andando de um lado para o outro com uma lata presa no focinho.

"Você os conheceu?"

"O quê? Não. Eles moram em Utah ou algo assim. Escolhi pelo site."

Chamava-se ParentProfiles.com; uma mulher da Philomena Family Services havia lhe mandado o linkmeses antes.

"Por que Amy e Gary?" Naveguei pelas páginas e mais páginas de casais limpinhos e desesperados. "Por que não Jim e Gretchyn? Ou Doug e Denice?"

"Gostei das coisas favoritas deles."

Cliquei em "favoritos". A comida preferida de Amy era pizza e nachos, e a de Gary, sorvete de café. Ambos gostavam de cachorros, de restaurar carros antigos e do *America's Funniest Home Videos*. Gary gostava de futebol americano e basquete estudantil. A tradição festiva preferida de Amy era fazer biscoitos de gengibre em formato de casa.

"Qual coisa favorita deles era sua coisa favorita também?"

Ela olhou por cima do meu ombro.

"Não tinha algo sobre patos? Desce mais." Ela apertou os olhos para a página. "Talvez fosse outra pessoa. Biscoitos de gengibre no formato de casas… gosto disso."

"Esse foi o fator decisivo?"

"Não. Mas olhe só o celeiro." Ela tocou a imagem do cabeçalho.

"Isso é uma foto de agência — aparece em todas as páginas."

"Não, é o celeiro deles." Ela tentou clicar no celeiro. "Não faz mal, já foi oficializado."

"Você mandou um e-mail para eles?"

"Carrie mandou, da PFS. Não preciso nunca conhecê-los."

Pronto. Formulários já haviam sido preenchidos.

"Você foi até um escritório e assinou os documentos?"

"Carrie me mandou um negócio. Fiz tudo pela internet."

Uma lesma estava tentando escalar a estante de livros. Coloquei-a no balde de Rick.

"Você pôs quem é o pai?"

"Eu disse que não sabia. Não tem nenhuma lei que me obrigue a dizer."

Cliquei novamente em Amy e Gary. Pareciam legais, a não ser por Gary. Gary parecia estar usando óculos de sol mesmo sem usá-los. Um usuário cool. Cliquei em "Nossa carta para você". "Compreendemos que essa deve ser uma fase muito, muito difícil na sua vida. O amor e a compaixão que você está demonstrando para com seu filho são incomensuráveis." Olhei para Clee.

"Você diria que essa é uma fase tremendamente difícil na sua vida?"

Ela olhou em torno no cômodo, tentando verificar se era o caso.

"Acho que estou bem." Ela acenou a cabeça algumas vezes. "É, estou legal."

Franzi o cenho de altivez. "São os hormônios."

Eu era boa naquilo. Eu era uma boa mãe. Eu queria dizer isso a Ruth-Anne — era agonizante que ela não soubesse. Mas talvez ela soubesse. Talvez eu ainda estivesse sob seu olhar, de algum modo. Enfiei o cabelo atrás das orelhas e sorri para o computador.

"Vá para o Grobaby.com", falei para Clee.

Digitei *Embriogenese*. "Precisamos ler o sistema musculosqueletal. Não seria legal ser desleixado com isso." Mas ela pariria em três semanas. Mesmo sem nenhuma orientação, seu corpo provavelmente conseguiria terminar a tarefa dali

em diante. Cliquei em Grobaby.com. "'Falar, cantar ou cantarolar para seu bebê é uma maneira divertida de criar um vínculo durante a gravidez. Então afine a voz e sinta-se na Broadway!'."

"E se a pessoa não quiser criar um vínculo com o bebê?", ela disse, fitando a televisão.

Cantarolei um pouco, limpando a garganta. "Você se importa se eu tentar?"

Ela mudou o canal no controle remoto e levantou a camisa.

Era realmente enorme. Havia uma perturbadora linha escura que descia do umbigo. Coloquei meus lábios perto a ponto de sentir seu calor radiante, e ela titubeou um pouco.

Cantarolei baixinho e cantarolei alto. Cantarolei mantendo notas longas como uma pessoa sábia de outro país que conhecesse alguma coisa antiga. Depois de um tempo, meu tom grave pareceu se dividir e se harmonizar, e pensei que eu estava fazendo aquele belo cantarolar gutural dos habitantes da República de Tuva.

Seus olhos estavam na TV, mas seus lábios estavam tensos, e parecia que ela tentava entrar no meu ritmo. E ela estava com medo, de repente isso ficou óbvio. Ela tinha vinte e um anos e a qualquer momento agora poderia dar à luz, naquela casa, provavelmente naquele sofá. Tentei cantarolar de forma a tranquilizá-la. Tudo vai ficar bem, cantarolei, não há nada com que se preocupar. A barriga de Clee saltou na direção dos meus lábios — um chute; nós aumentamos nosso volume num uníssono de surpresa. Me perguntei se haveria um impasse sobre como terminar a cantoria, mas nossos hums simplesmente foram ficando baixinhos, como se partindo por vontade própria, como um trem.

Na aula pré-natal aprendemos que seu rosto incharia quando a hora estivesse próxima. Ou talvez ela começasse a limpar as paredes com um feroz instinto de arrumar o ninho. Essa foi difícil de imaginar — como ela saberia onde eu guardava as esponjas?

Clee se levantou com o nascer do sol, certa de que um gato havia feito xixi na casa.

"Cheire aqui", ela disse, farejando minhas prateleiras. Eu não sentia cheiro algum. Ela seguiu as pegadas invisíveis do invasor por toda a casa. "Deve ter entrado, feito xixi e saído." Puxou para o lado a cortina do chuveiro. "Só o que podemos fazer é procurar o buraco pelo qual ele entrou." Então passamos a primeira hora do dia procurando pelo buraco, até que ela de repente se sentou no sofá com um soluço. Pôs ambas as mãos sob a barriga e olhou para mim, surpresa. Uma contração.

"Talvez não haja gato nenhum?", falei.

"É, não tem gato nenhum", ela disse, rapidamente, como se eu estivesse com a faísca muito atrasada.

Liguei imediatamente para a parteira, descrevendo o xixi do gato, o buraco, e agora as contrações. Qualquer informação era valiosa, não para um médico, mas certamente para a nossa sábia parteira, que tinha quinze anos de experiência. "Acha que é hora de você vir?" Eu tentava não soar desesperada demais. "Ou será cedo demais?"

"Estou em Idaho", ela disse. "Mas não se preocupe, vou voltar agora mesmo. Vou dirigir o mais rápido possível."

"Dirigir?"

"Estou trazendo o carro de uma amiga até Los Angeles, para ela." Antes de fazer um juízo apressado, tentei por um momento me colocar no seu lugar. O que ela deveria fazer, não trazer o carro? Que tipo de amiga isso faria dela? O tipo de amiga que é parteira.

"Acho que nós vamos para o hospital."

Ela riu. "Não se preocupe, todo mundo sempre acha que o bebê já está quase saindo. Esse bebê não vai a lugar algum por no mínimo doze horas. A boa notícia é: pode me ligar o quanto quiser. Estou totalmente disponível por telefone."

Falei a Clee para não se preocupar, o bebê ainda demoraria mais doze horas.

"Não consigo aguentar isso por tanto tempo", ela grunhiu. Estava cravando as unhas no sofá. "Vamos ligar para a Carrie, da PFS, ela tem que contar aos pais." Um barulhinho baixo estranho saiu do seu peito e seus olhos saltaram.

"Talvez devêssemos ligar para os *seus* pais?", sugeri.

"Tá de brincadeira?"

As contrações pareciam mais próximas uma da outra e mais longas do que deveriam, mas eu não tinha certeza se estávamos contando o tempo direito. E na verdade não se devia contar o tempo no início; o folheto azul da aula sugeria convidar amigos, ir ao cinema ou sair para dançar. Seria a primeira vez que faríamos qualquer uma dessas coisas, mas mencionei-as para Clee.

"Alguma dessas coisas lhe apetece?"

Ela balançou a cabeça e gemeu de um jeito aterrorizante. Passei para os folhetos rosa. Tentamos uma das visualizações da aula — cada contração era uma montanha. "Imagine a montanha, você já subiu metade dela, agora está lá em cima, agora você vai descer pelo outro lado e é mais fácil, quase acabou."

"Não consigo mantê-la na minha mente", ela sussurrou. "Não tenho um pensamento visual."

Tentei dar mais realidade à ideia, descrevendo o topo escarpado, sua imponência. "Pense na imagem da nota de um dólar, a montanha." Peguei uma da bolsa. Não havia montanha alguma na nota de um dólar — era uma pirâmide. "Foque nisto aqui, você está na base", falei, segurando a nota suja na frente da sua cara.

"O.k." Ela grudou os olhos na pirâmide. "Está começando." Usei um grampo de cabelo para traçar seu progresso no lado da subida. "Rápido demais", ela

disse. A pirâmide era tão minúscula que era difícil, de início, ir tão lentamente como necessário. Mas logo dominamos a coisa, e a cada vez que uma nova contração vinha, ela pegava a nota de um dólar e a jogava para mim, e subíamos na direção do olho flutuante. Era uma ferramenta oferecida pelo governo às mulheres em trabalho de parto; podia ser gasto inúmeras vezes, mas apenas para comprar uma contração.

Às sete horas, Rick entrou com sua chave. Estávamos na metade da pirâmide, de forma que o ignorei. Ele usou o banheiro e nos observou da porta. Uma vez que desceu o outro lado da pirâmide, Clee pediu que eu lhe dissesse para ir embora.

"Vou ficar no jardim", ele disse, tentando deslizar porta afora.

"Não quero que ele me escute", Clee gemeu. "Nem que me veja pelas frestas das janelas."

Rick se encolheu e se retirou. Meu telefone tocou.

"Sou eu", disse a parteira. "Como ela está indo?"

"O.k. Estamos fazendo uma visualização."

"Isso é ótimo, perfeito. A flor se abrindo?"

"Não, a montanha."

"Há montes de montanhas enormes aqui. Você já esteve em Idaho?"

"Você ainda está em Idaho?"

"É uma estrada linda, mas não é fácil, sabe?" Parecia que ela estava tentando abrir um pacote de salgadinho com os dentes. "Eu tinha um namorado que morava aqui. Rural demais para mim. Me pergunto o que foi feito dele."

Ela estava entediada. Estava ligando porque estava entediada.

Clee jogou a nota de um dólar para mim e desliguei. A jornada estava ficando mais lenta e mais difícil.

"Não aguento mais", ela disse.

"Vá até o olho. Está vendo o que diz no topo? '*Annuit Coeptis*'."

"O que é isso?"

"'Ele aprova nosso empreendimento.' Deus aprova."

Ela expirou ferozmente. "Não estou brincando. Não aguento mais."

Seu rosto parecia louco e inchado. Seu cabelo loiro havia escurecido por causa do suor e estava grudando no rosto. Ela atabalhoadamente tirou seus shorts; desviei os olhos e vi Rick entrando pé ante pé no quarto. Por que ele ainda estava lá? Pulei os folhetos rosa e passei para os brancos.

"Você está na transição", falei. A professora havia falado sobre isso — era um bom sinal.

"O que quer dizer?" Era quase como se ela não tivesse assistido às aulas comigo.

"A dor não fica pior que isso."

"Nunca?"

"Bem, talvez nunca na sua vida. Não sabemos como você vai morrer — pode ser que seja pior." Eu estava tergiversando, é claro. Posicionei meu rosto bem na frente do seu. "Você consegue", falei. Ela olhou para mim como se eu tivesse a resposta para todas as perguntas. Estava confiando em toda e qualquer palavra que eu dissesse.

"O.k.", ela disse, repentinamente agarrando meus braços com as mãos. "Está começando."

Agora o dólar foi deixado de lado, gasto. Durante cada contração ela morou nos meus olhos, sem nunca piscar, sem nunca desviar o olhar, apertando meus braços como se fossem apoios de aço. Eu não era forte o bastante para aquilo, mas isso era um problema para mais tarde.

"Ela já não deveria estar aqui?", Clee arquejou. Eu vinha lhe dizendo que a parteira estava a caminho, o que não era de todo mentira. Eu estava esperando por uma pausa, durante a qual eu explicaria a situação, calmamente discutiríamos as alternativas e então voltaríamos ao trabalho de parto para ter o bebê.

"Ela está dirigindo o carro de uma amiga de Idaho até a Califórnia. Ela não vai chegar a tempo. Temos de ir para o hospital."

"Sério? Isso é verdade?"

Fiz que sim.

Ela estava chorando, e agora outra contração começava. "Eles vão me abrir, não quero que me cortem." Ela começou a fazer xixi. Então, com o xixi ainda escorrendo perna abaixo, baixou a cabeça até o chão e vomitou. Ela estava explodindo e se desintegrando. Tentei limpá-la, mas ela rolou até a parede. "Se não formos, isso significa que o bebê vai morrer?"

"Não, não. Claro que não." Ela disse obrigada; a única coisa com que se importava era não ir para o hospital. Se eu tivesse que fazer tudo de novo, eu teria dito *provavelmente. Pode ser que ele sobreviva, mas provavelmente não*. Além disso, eu a arrastaria até o dr. Binwali no momento em que a parteira disse *Idaho*. Porque a coisa toda estava agora saindo do controle; o hospital parecia uma área de parada que deixáramos passar horas antes. Clee deu um grito. "Será que devo fazer força?"

"Você está com vontade de fazer força?"

"Eu preciso."

"O.k., só um pouco. Deixe-me ligar para a parteira."

Mas ela não me deixava sair, até que tivesse terminado de fazer força. A parteira estava com o rádio ligado muito alto — uma música country, pareceu.

"O que eu preciso para o nascimento?", gritei.

"Ela mudou de estágio? Vocês precisam ir para o hospital."

"Ela está fazendo força. Vamos ter o bebê aqui. Preciso ferver água? O que eu faço?"

Ela desligou o rádio.

"Merda. O.k. O mínimo que você precisa são três toalhas limpas, um pouco de azeite de oliva, uma bacia com água quente, uma tesoura cirúrgica bem afiada e um pedaço de barbante limpo."

Eu corria pela casa, pegando as coisas enquanto ela as enumerava. Rick estava na cozinha, derramando água fervente numa xícara.

"Eu preciso dessa água!", gritei.

Ele se abaixou e tirou o cadarço do tênis. "Já tem água quente no quarto", disse, deixando o cadarço cair dentro da xícara. "Acho que não tem barbante, mas isto aqui vai funcionar." Ele estava arregaçando suas mangas sujas e lavando as mãos na pia da cozinha com uma ríspida autoridade.

Clee urrava no outro cômodo.

"Você sabe como fazer isso?"

Ele assentiu, modestamente. "Sei."

Estudei seu rosto. Não estava inchado nem perturbado; seus olhos estavam límpidos, seu cenho estava aguçado, embora bronzeado demais por passar muito tempo na rua. Um ótimo cirurgião que caíra em desgraça — má prática da medicina, penúria, mendicância. Não verifiquei nada disso, apenas o segui até o quarto. Ele suavemente colocou a xícara sobre o meu criado-mudo, ao lado de uma tigela fumegante. As tesouras e o azeite de oliva estavam esperando, e uma pilha de toalhas. O chão estava coberto com plástico preto de sacos de lixo. Sorri debilmente de alívio.

"Você já fez isso."

Seu cenho se franziu e ele começou a falar, uma resposta que já se anunciava terrivelmente mais longa e mais complicada do que *Sim*. Clee gritou, rastejando quarto adentro, de quatro.

Ela estava gritando tanto que a coroa estava aparecendo. Um bebê real. Ela queria dizer que ele estava coroando, mas não estava.

Expliquei que estávamos nas mãos de Rick e também o modo como ele havia lavado as mãos. Esperei que ela não reparasse na nuvem de insegurança pairando pelo cômodo. Mas ela já passara dessa fase.

"Posso fazer força agora mesmo? Quero que ele saia."

Meu coração deu um pulo. Ele. Eu havia esquecido o bebê. Até então, ela estava parindo o parir — as contrações e barulhos e líquidos. Tinha alguém lá dentro.

Demos-lhe água e isotônico Recharge e um pouco de mel. Eu tinha esquecido dessas coisas antes, mas com Rick aqui era mais fácil pensar. Ele sugeriu que eu lavasse as mãos antes da próxima contração. Mas era tarde demais. Ela se acocorou e com um grito de outro mundo suas pernas lentamente se abriram para revelar uma porção perfeita de cabeça. Clee se abaixou e a tocou.

"Não tem rosto", ela disse.

Rick pegou minhas mãos e derramou Purell nelas. Então abanou as mãos no ar, indicando que eu deveria fazer o mesmo. Batemos as mãos. Clee de repente se reclinou e pareceu pegar no sono. Levantei minhas sobrancelhas para Rick, e ele fez um gesto tranquilizador com a mão, indicando que era normal. Colocou seu rosto na frente dela e numa voz baixa, pouco familiar, disse: "Vai sair na próxima força que você fizer". Clee abriu os olhos e assentiu obedientemente, como se os dois partilhassem uma história antiga.

"Inspire fundo", disse Rick. Ela inspirou fundo. "Expire rápido e faça força. Mais força."

Saiu com uma golfada de líquidos e Rick o pegou. Um menino. Parecia morto, mas eu sabia, dos vídeos de partos a que assistimos na aula, que era normal. O silêncio era terrível, porém. E havia um cheiro de sujeira. Rick inclinou o bebê de lado e ele tossiu. E então se retorceu. Não como uma pessoa fazendo o primeiríssimo de seus sons, mas como um corvo velho — um pouco cansado, um pouco resignado. Então silêncio de novo. Rick deitou o bebê no chão e cortou o cordão umbilical com uma tesourada temperada da minha tesoura de aparar unhas. Ele amarrou o cadarço higienizado no toco do bebê. Clee tentou se levantar e caiu num agachamento convulsivo. Um monte de moelas saiu do meio de suas pernas. A placenta. Ela se deitou na cama. "Você pega ele."

Ele não pesava quase nada. Suas pernas estavam cobertas de um lodo verde, como sopa de lentilha, e seus olhos reviravam como um velho bêbado tentando ter paciência. Um velho bêbado pálido, com braços e pernas moles.

"Ele está pálido, não está?", falei.

Olhei para a pele de Clee, bronzeada mesmo agora.

"Você não é branca. O pai dele é branco?"

Tentei pensar em todos os homens muito brancos do mundo de Clee. O bebê era tão branco que era quase azul. Quem conhecíamos que fosse azul? Quem, quem, quem conhecíamos que fosse azul? Mas essa pergunta era só uma fantasia engraçada, um nariz de palhaço bobo no pensamento que eu estava tendo de verdade.

"Ligue para o 911", falei.

Clee levantou sua cabeça sonolenta e Rick congelou.

O telefone estava aos pés dele; ele o apanhou devagar.

"Sopa de ervilha. Aprendemos isso na aula. É mau sinal. Ligue para 911."

O bebê estava azul mais escuro agora, quase roxo. *Segundos*, pensei, *temos alguns segundos*. De repente houve um som de asas gigantes se abrindo — era o corpo de Clee desgrudando dos sacos de lixo. Ela estava em pé. Sua mão grande arrancou o telefone da mão de Rick. Ela discou e disse o endereço, sabia o código postal, sabia dar uma rua de referência, o atendente estava dando instruções, ela claramente transmitiu todas elas — "enrole-o numa toalha", "cubra o topo da cabeça", e eu seguia cada orientação com uma destreza incomum, como se

estivéssemos ensaiando essa simulação fazia anos, essa simulação de salvamento de bebê, e agora era a nossa chance de encená-la. Rick observou tudo do canto, despenteado e encolhido; ele era de novo o jardineiro sem casa.

As pessoas da ambulância gritavam e distribuíam equipamentos por todos os lados como uma equipe tática. Um cobertor bege foi enrolado em Clee. Uma mulher mais velha de porte atlético estava contando em cima do bebê. Talvez tentando calcular quantos segundos se passaram desde que ele morrera. Ela não pararia nunca, contaria para sempre, se ele estivesse morto havia tanto tempo.

Rickme entregou um Tupperware logo antes de eu subir na ambulância.

"Eu lavei", ele gritou. "Está limpo."

Espaguete, pensei. *Espaguete da Kate, para caso fiquemos com fome*.

Dez

Uma coisa enorme foi enfiada na sua minúscula garganta. Um cordão foi implantado no seu umbigo delicado. Ele estava coberto de adesivos. Uma rede de cabos e tubos foi tecida entre ele e muitas máquinas barulhentas, que emitiam bipes. Quase não havia bebê suficiente para acomodar todas as coisas que tinham que ser conectadas nele.

"Será que eles sabem?", Clee sussurrou da cadeira de rodas.

Estávamos agarradas à mão uma da outra entre as dobras dos nossos trajes hospitalares — um pequeno cérebro formado pelos nós dos nossos dedos entrelaçados. Espiei em torno, para as enfermeiras. Todo mundo sabia que aquele bebê seria dado para adoção.

"Não faz mal. Desde que *ele* não saiba."

"O bebê?"

"O bebê."

Mas não havia pensamento mais terrível do que aquele bebê lutando pela vida sem saber que estava completamente sozinho no mundo. Ele não tinha ninguém, não ainda — do ponto de vista legal, podíamos sair caminhando porta afora e nunca mais voltar. Ficamos ali como dois criminosos mesmerizados que haviam esquecido de fugir do local do crime.

Meu próprio cérebro e seus pensamentos eram apenas um ruído distante. Só o que importava era que a cada poucos segundos ela ou eu apertávamos mais o punho, o que significava, *viva*, *viva*, *viva*. Um saco de sangue foi trazido; era de San Diego. Eu fora ao zoológico de lá uma vez. Imaginei o sangue sendo tirado de uma zebra musculosa. Isso era bom — humanos estavam sempre se esquivando de dores amorosas e pneumonia, sangue animal seria muito mais forte, *viva*, *viva*, *viva*. Um homem parrudo com uniforme cirúrgico nos levou para o lado.

"Ele está criticamente estável. Se a saturação dele começar a cair, vocês terão de deixá-lo em paz."

Ele mostrou a Clee como enfiar as mãos pelos buracos da incubadora de acrílico transparente. A palma do bebê milagrosamente se curvou em torno do dedo dela. Isso é só um reflexo, o homem disse. *Viva*, *viva*, *viva*.

Clee cantarolava uma canção enrolada que eu mal podia ouvir; de início soou como uma reza, mas depois de um tempo percebi que era só "Ohhh, querido menino, oh, querido menino", uma vez depois da outra. Ela só parou quando o médico principal veio até nós, um indiano alto. Seu rosto estava muito sério. O rosto de algumas pessoas sempre tem essa aparência, é o jeito como foram criadas. Mas à medida que ele falava ficou claro que não era uma dessas

pessoas. *Mecônio* foi repetido várias vezes; lembrei a palavra das aulas do pré-natal: excremento. Mecônio havia sido aspirado, levando a HPP. Ou HPB. Ele falava devagar, mas não devagar o suficiente. *Óxido nítrico*. *Ventilação.* Acenamos com a cabeça inúmeras vezes. Éramos atores acenando a cabeça na TV, maus atores sem capacidade de fazer alguma coisa parecer real. Ele terminou com as palavras *monitorado de perto*. Esquecemos de perguntar se o bebê sobreviveria.

Uma enfermeira jovem e dentuça sugeriu que Clee se deitasse numa sala de emergência no andar da maternidade. Clee disse que estava bem e a enfermeira respondeu: "Na verdade, você está sangrando muito". A parte de trás do seu traje estava totalmente ensopada. Ela se deixou cair na cadeira de rodas, de repente se sentindo bastante mal. Seus olhos estavam estranhamente afundados. Eles nos chamariam, a enfermeira disse, se algo mudasse. Olhamos uma para a outra soturnamente. Se não saíssemos dali, então não teríamos como receber um terrível telefonema.

"Eu fico", falei, e Clee foi levada porta afora.

Eu tinha medo de olhar para ele. Havia outros dez ou quinze bebês, cada um ligado a uma máquina barulhenta que regularmente soava um alarme; os alarmes encobriam-se uns aos outros, criando um caos ondulante. No outro lado da UTI neonatal, outro grupo de médicos e enfermeiras rodeava algo pequeno e imóvel. Os pais se afastaram um do outro para fazer com que todos nós soubéssemos que a culpa era do outro, que nunca, nunca seria perdoado, por toda a eternidade. A oração deles era raiva pura. A mãe levantou os olhos para mim; desviei o olhar.

Sem a mão de Clee para segurar, meus pensamentos libertaram-se assustadoramente. Eu podia pensar em qualquer coisa. Podia pensar: *Por que estou aqui?* E: *Isto vai terminar em tragédia*. E: *E se eu não souber lidar com isso, e se eu enlouquecer?* Comecei a chorar lágrimas gigantes.

Rá. Eu estava chorando.

Era fácil agora, estupidamente fácil. Limpei o nariz com as mãos, contaminando-as. Saí de novo até o vestíbulo e lavei-as mais uma vez; a água quente na minha pele me deixava nauseada. Dessa vez pediram que eu registrasse meu nome ao entrar. Em *Relação com bebê* escrevi *avó* porque era o que todo mundo achava que eu era.

Eu me forcei a olhar para o corpinho minúsculo e cinza. Seus olhos estavam fechados. Ele não sabia onde estava. Não podia deduzir, a partir dos bipes e ruídos dos pés no linóleo, que estava em um hospital. Ele não sabia o que era um hospital. Toda e qualquer coisa era nova, e nada fazia sentido algum. Como um filme de horror, mas ele nem sequer podia fazer tal comparação, pois nada sabia sobre esse gênero cinematográfico. Ou sobre horror em si, medo. Ele não podia pensar *Estou com medo* — ele nem sequer conhecia *eu*. Fechei os olhos e

comecei a cantarolar. Era mais fácil fazê-lo lá em casa, quando ele ainda estava dentro dela. Dessa vez pareceu um programa de TV ridículo, nós três flutuando num torpor, acreditando que estaríamos sempre bem. Aquilo era a vida real. Cantarolei por tanto tempo que comecei a ficar tonta. Quando terminei de piscar, ele me fitava direto nos olhos. Ele piscava, lentamente, cansado.

Familiarmente.

Kubelko Bondy.

Alisei meu traje hospitalar e enfiei o cabelo atrás das orelhas.

Estou constrangida de admitir que eu não sabia que era você, até agora, falei. Ele me deu o mesmo olhar de reconhecimento que vinha me dando desde que eu tinha nove anos — só que cansado, como um guerreiro que arriscou tudo para voltar para casa, semimorto diante da porta da frente. Agora era insuportável que ele precisasse ficar deitado, sem ser tocado, a não ser por agulhas e tubos. Abri as portinholas redondas e cuidadosamente segurei sua mão e seu pé. Se ele morresse, morreria para sempre; eu nunca mais veria outro Kubelko Bondy.

Está vendo, isso é o que fazemos, comecei. *Existimos no tempo. É isso que é viver; você está vivendo tanto quanto qualquer outra pessoa.* Dava para ver que ele estava se decidindo. Ele estava experimentando e não havia chegado a nenhuma conclusão ainda. O lugar aconchegante, escuro de onde ele viera *versus* esse mundo reluzente, seco e cheio de bipes.

Tente não se basear nesta sala para suas decisões, não é representativa do mundo inteiro. Em algum lugar o sol é quente numa folha macia, nuvens tomam formas, de novo, de novo, uma teia de aranha é quebrada, mas ainda funciona. E, para caso ele não gostasse muito de natureza, acrescentei: *E é uma época realmente incrível em termos de tecnologia. Você provavelmente vai ter um robô, e isso vai ser a coisa mais normal do mundo.*

Era como tentar convencer alguém a descer do parapeito de uma janela.

Claro, não há uma escolha "certa". Se você escolher a morte, não vou ficar brava. Eu mesma já quis optar por ela algumas vezes.

Seus enormes olhos esforçaram-se para olhar para cima, na direção das atraentes luzes fluorescentes.

Sabe do quê? Esqueça o que acabei de dizer. Você já faz parte disso. Você vai comer, vai rir de coisas idiotas, vai ficar acordado a noite toda para ver como é, vai se apaixonar dolorosamente, vai ter seus próprios bebês, vai ter dúvidas e arrependimentos e aspirações e manter um segredo. Você vai envelhecer e ficar decrépito, e vai morrer, exausto de tanto viver. Só então você vai morrer. Não agora.

Ele fechou os olhos; eu o estava deixando exausto. Era difícil desacelerar o ritmo da minha mente. A enfermeira asiática com óculos saiu para seu intervalo de almoço e foi substituída por uma enfermeira com cara de porco e cabelos curtos. Ela me olhou de cima a baixo e sugeriu que eu fizesse uma pausa.

"Coma algo, dê uma volta. Ele vai estar aqui quando você voltar."

"Ele vai?"

Ela fez que sim. Eu não queria abusar e perguntar se ele iria viver em geral, ou só até eu voltar. E se eu não fosse, ele ainda assim viveria?

Eu vou embora, mas só por um tempinho. Era impossível deixá-lo.

Deixei-o.

Minha culpa foi abrandada por alívio: era agradável sair daquela sala aterrorizante, de romper tímpanos. Segui as indicações até a maternidade, atordoada pelos corredores calmos e cheios de coisas cotidianas.

Houve uma confusão no posto de enfermagem.

"Como foi que você disse que era o nome dela?"

"Clee Stengl."

"Hummm. Hum, hum, hum, hummmm." A enfermeira gorducha procurou num computador. "Tem certeza de que está no hospital certo?"

"Lá na UTI neonatal eles disseram a ela para vir para cá, ela estava…", fiz um gesto indicando o fundilho das minhas calças, para indicar que Clee estava sangrando. Lembrei de seus olhos afundados e de repente senti que Clee estava correndo um sério risco, lutando pela vida naquele exato instante. Uma enfermeira mais velha lia uma revista e nos observava à distância. Eu me debrucei sobre o balcão.

"Você está procurando… em todos os lugares?" O que eu queria dizer era que talvez ela estivesse em uma sala de cirurgia de emergência, ou na UTI, mas eu não queria dizê-lo. "Stengl. Talvez você tenha colocado uma vogal entre o g e o l? Não tem vogal, ela é meio sueca. Muito loira." E, para caso fosse de alguma ajuda, acrescentei: "Sou a mãe dela".

A mulher mais velha depôs a revista. "Emergência", ela disse em voz baixa para a outra enfermeira, em pé atrás dela. "Dois zero nove, acho. Parto em casa."

A porta do quarto 209 estava semiaberta. Ela estava numa cama mecânica de hospital, usando uma bata hospitalar. Um tubo corria do seu braço até um saco de líquido pendurado. Cle estava dormindo, ou não — seus olhos estavam tremendo.

"Oh, que bom", ela disse ao me ver. "É você."

Sentei-me ao lado dela, sentindo-me estranhamente submissa e nervosa. Seu cabelo estava arrumado em duas tranças — eu nunca a vira assim. Pensei em Willie Nelson ou em um americano nativo.

"Acho que ele está bem, por ora. Uma enfermeira disse que eu deveria sair dali."

"Eles me falaram."

"Ah."

Parecia que ela estava naquele quarto havia séculos e que sabia tudo sobre o hospital ao passo que eu estivera vagando como um mendigo.

"Que saco é esse?"

"É só soro, eu estava desidratada. O dr. Binwali me examinou. Ele disse que vou ficar bem."

"Ele disse isso?"

"É."

Olhei para o teto por um minuto. Agora que chorar era fácil, era fácil demais.

"Pensei que talvez" — eu ri um pouco — "você estivesse morrendo."

"Por que eu estaria morrendo?"

"Não sei. Bobagem."

Não era uma troca que teríamos tido antes, mas agora havíamos passeado de ambulância juntas, ouvindo a sirene lá de dentro. Foi aí que ela pela primeira vez agarrou a minha mão.

Uma enfermeira entrou.

"Vocês chamaram?"

"Você me daria um pouco mais de água?", Clee perguntou.

A enfermeira saiu com a jarra, deixando um cheiro metálico estranho.

Eu senti que não podíamos dizer nada, sabendo que ela logo estaria de volta. A enfermeira tornou a entrar com a jarra, seu cheiro de cobre duplicou. Esperei primeiro que ela saísse e então que seu aroma fosse embora atrás dela.

"Você pode me fazer um favor?", Clee perguntou. "Aquele Tupperware?"

O espaguete de Kate. Estava sobre uma cadeira de plástico.

Clee tirou a tampa e baixou a cabeça, enfiando a boca no pote. Ela fez uma concha com a mão e começou a enfiar comida na boca. Não era espaguete. Claro que não — a visita de Kate fora meses e meses antes. Eu me levantei e olhei para a janela para não ter de ver aquilo. Eu ainda podia vê-la no reflexo, mas não a coisa sanguinolenta que ela estava comendo. O que acontece quando você come uma porção tão grande de você mesma? Ela estava reclinada agora, apenas mastigando, mastigando, mastigando. Ela havia enfiado uma porção muito grande na boca, e agora tinha de dar um jeito. O vidro tinha uma camada de tinta ou filme âmbar que a fazia parecer antiquada. Era impressionante o quão diferente aquela mulher era de Clee. Então ela fechou o pote cuidadosamente, clic, limpou as mãos num guardanapo, bebeu um copo de água e deitou a cabeça na cama inclinada. As tranças repousavam sobre seu peito e ela parecida tomada de tristeza, como uma fotografia do Dust Bowl.* Você simplesmente sabia que toda a sua vida seria difícil, cada segundo dela.

"Se ele sobreviver", ela disse, "vai ficar todo torto?"

"Não sei."

"Amy e Gary não vão querer ele", Clee disse, lentamente. "O que acontece com bebês assim, que não são adotados?"

Ela estava olhando para mim agora, no reflexo do vidro. Era a mesma cor sépia e triste.

Fiquei sentada ao lado de Kubelko Bondy o restante da tarde, observando seus dedos miniaturas enrolados em volta do meu dedão. Eu sabia que era um reflexo — suas mãozinhas agarrariam até uma cenoura —, mas nunca ninguém me segurara tão firme por tanto tempo. Quando eu suavemente tirei a mão, ele agarrou o ar. *Volto amanhã de manhã.* Pois agora era verdade.

Dormi numa cama de armar entre a cama de Clee e a janela. Um bebê chorou à noite, incessantemente, sem parar, e então de repente ficou em silêncio. Um carrinho passou ruidosamente pelo corredor e alguém perguntou: "Quem?", e alguém respondeu: "Eileen". Um alarme soou e foi desligado e soou de novo até que foi desligado de vez. Dormi por um minuto ou dois e acordei como a velha eu de sempre, imperturbável e anestesiada, até que tudo voltou como uma carcaça flutuante. Abandoná-lo seria como matar alguém e escapar impune. Eu seria assombrada para sempre. Para que servia a vida, afinal? Estava terminado.

Ele está lá, sozinho. Talvez nem mesmo vivo. Eu queria gemer. Onde estava a verdadeira avó, o pastor, o chefe da tribo, deus, Ruth-Anne? Não havia ninguém. Só nós.

A cama de armar era terrível. Eu me sentei e pus os pés no chão; o colchão fez um V ao meu redor.

"Você está indo embora?", ela sussurrou. "Por favor não vá."

"Não estou indo embora."

Ela levantou a cama. O som do motor era alto demais.

"Tive uns pensamentos ruins", ela disse.

"Eu sei. Eu também." Não era uma simulação em que algo reconfortante pudesse ser dito, como *Tudo vai ficar bem*. Nada ficaria bem, esse era o problema. Eu me levantei e procurei sua mão; talvez pudéssemos fazer o punho novamente. Ela agarrou todo o meu braço.

"De verdade, não me deixe aqui."

Seus olhos estavam enormes, seus dentes batiam. Ela estava tomada por um pânico louco. Tirei o cobertor da minha cama e o enrolei em volta de seus ombros, aumentei a temperatura do termostato embora não tivesse certeza de que estava ligado. Enchi a jarra com água quente do banheiro e fiz compressas quentes com a toalhinha branca do hospital.

Clee perguntou se deveria ligar para seus pais.

"Acho que é uma boa ideia."

"Você acha?"

"A filha deles teve um bebê. Eles vão querer saber."

"Eles não são assim."

"É uma coisa biológica, eles não têm como evitar."

"Mesmo?"

Fiz que sim, com ar de entendida.

Ela discou. Comecei a sair na ponta dos pés, mas ela balançou a cabeça com

ênfase e com um dedo afiado indicou a cadeira.

"Mãe, sou eu."

A cadência da voz de Suzanne era abrupta; eu não conseguia distinguir nenhuma palavra.

"No hospital. O bebê nasceu.

"Não sei, a gente ainda não sabe. Ele está na UTI neonatal.

"Ainda não deu tempo, foi tudo muito louco.

"Eu falei que ainda não deu tempo. Não liguei para ninguém.

"Não, a Cheryl está aqui.

"Eu não sei, foi assim que aconteceu. Ela veio na ambulância."

A voz de Suzanne ficou alta; me aproximei da janela para não ouvi-la.

"Mamãe…

"Mamãe…

"Mamãe…"

Clee desistiu e segurou o fone longe do ouvido, à frente; os ruídos agudos se distorciam violentamente, quebrando-se no ar. Será que ela estava segurando o telefone assim para ser engraçada e rude? Não. Ela estava hiperventilando. Sua mão estava agarrando a barriga; algo estava acontecendo lá dentro. Eu me inclinei na direção do telefone — a voz sarcástica dizia acidamente, "… aparentemente não sou mais sua mãe; fui substituída…". Me deu vontade de dar um soco na cara de Suzanne, estrangulá-la e arrastá-la até o chão e bater sua cabeça contra o linóleo vezes sem conta. A sua (bang) filha (bang) está numa pior (bang). Seja gentil com ela.

Gesticulei para Clee desligar, e ela me olhou com olhos selvagens de incompreensão.

"Desligue", sussurrei. "Desligue de uma vez."

Sua mão me obedeceu; o telefone ficou em silêncio.

Pedi desculpas por incentivá-la a telefonar. Ela disse que nunca antes havia desligado na cara da mãe.

"Mesmo?"

"Nunca."

Ficamos sentadas em silêncio. Depois de um momento ela se serviu de um pouco de água e bebeu o copo inteiro.

"Quer mais?", eu me levantei para pegar o copo. "Quer que eu chame a enfermeira?"

"Vai ser a mesma de antes?"

"Ela tinha um cheiro estranho, não tinha?"

"Tinha um cheiro de metal", Clee disse, gravemente.

Eu ri.

"Tinha, sim", ela falou. "O cheiro fez meus dentes doerem!"

Aquilo também foi engraçado. Pus a mão na grade da cama, rindo; eu estava

me sentindo ligeiramente histérica. A risada de Clee era uma gargalhada feia; sua boca ficou enorme. Lá estava aquele sorriso que eu vira uma vez antes. Ela estava olhando para os meus lábios; limpei-os com a mão enquanto parava de rir. Tínhamos terminado de rir. Ela ainda estava olhando para minha boca; mantive minha mão sobre ela. Em silêncio ela tirou meus dedos de lá e me beijou suavemente. Ela se afastou um pouco, engoliu, e então começou de novo. Estávamos nos beijando. Durante um tempo, beijei pensando que não era aquele tipo de beijo. Beijei seus lábios incomumente macios, cheios, vezes sem conta e refleti, de modo razoável, que um monte de famílias se beijavam bastante nos lábios, pessoas francesas, gente jovem, gente que morava em fazendas, romanos… Depois de algum tempo a hipótese caiu por terra; suas palmas estavam acariciando minhas costas, meu cabelo, ela segurou meu rosto. Acariciei suas tranças várias vezes, como se tivesse querido tocá-las por um milhão de anos e nunca fosse me cansar delas. Depois de um longo tempo, dez ou quinze minutos, o beijo desacelerou. Houve uma série de beijos de encerramento, beijos de adeus, beijos dados como tampas em caixas — então a tampa saía do lugar e precisava ser recolocada. Isso, *isso* é o beijo derradeiro — não, *este* é o último beijo. Este é o último, de verdade. E agora estou só dando aquele beijo de boa noite.

Ela desligou a luz junto a sua cama. Recuei e me aconcheguei na cama de armar. Ela baixou a cabeceira da sua cama mecânica; o barulho do motor encheu o quarto. Então silêncio.

Eu nunca estivera tão acordada em toda a minha vida. O que isso queria dizer? O que isso queria dizer? Fazia anos que eu não beijava ninguém. Era um pouco nauseante. Eu queria beijar mais. Provavelmente não aconteceria de novo. Estávamos no meio de uma crise. Era o tipo de coisa que acontece do nada numa crise no meio da noite. O que significava? Corei ao lembrar do jeito faminto como eu me comportara. Como se estivesse morrendo de vontade de fazê-lo. Quando na verdade era a última coisa que passava pela minha cabeça. Ergui meu dedo indicador no ar — a última coisa a passar pela minha cabeça! —, o júri era inescrutável. Como estaríamos de manhã? Kubelko Bondy. De alguma maneira era difícil acreditar que ele iria morrer, já que ele era parte daquilo. "Macio" era a palavra errada. "Acetinado?" "Suave?" Uma nova palavra, eu a inventaria naquele momento mesmo… que letras eu usaria? S, com certeza. Talvez um O. Era assim que palavras eram criadas? Como eu anunciaria a palavra? Quem eu contataria a respeito?

De manhã sua cama estava vazia. Calcei os sapatos voando e peguei o elevador até a UTI neonatal. Os corredores de linóleo eram intermináveis e fluorescentes e o episódio do beijo era algo remoto, apenas um dos muitos acontecimentos dramáticos do dia anterior. Com sorte, hoje seria seu segundo dia

de vida. Lavei minhas mãos e vesti o traje hospitalar. Clee estava debruçada sobre a incubadora transparente, cantarolando seu hino do "querido menino". Suas tranças não existiam mais. Sem olhar para mim, ela deu um passo para trás, para me dar lugar.

O tubo enfiado na garganta parecia mais enorme hoje, como se ele tivesse encolhido durante a noite. Seus olhos pretos e cansados se abriram quando o médico indiano alto surgiu atrás de nós.

"Bom dia." Ele apertou nossa mão. "Por favor, venham comigo." Seu rosto estava severo e me ocorreu que agora iríamos receber a notícia de que o bebê não sobreviveria. Talvez ele já tivesse morrido, tecnicamente falando, e apenas as máquinas estivessem dando a ilusão da vida. Clee me olhou, apavorada.

"Ela pode ficar com o bebê?", perguntei. "Ele acabou de acordar."

Atravessei a sala atrás do médico. Eu estava louca por um advogado e o direito de fazer um telefonema. Mas esses direitos eram para pessoas que iam presas. Nós não tínhamos nada. O que quer que ele me dissesse seria a nova realidade e simplesmente teríamos de aceitá-la. O médico me estacionou na frente de uma mulher magrela com um folheto.

"Esta é a avó do bebê Stengl", ele disse, me apresentando.

"Meu nome é Carrie Spivack", disse a mulher, andando animadamente à frente.

"Carrie é da Philomena Family Services."

E o médico se virou para ir embora, do nada. Eu o segurei.

"Não deveríamos esperar para ver se…"

Ele baixou o olhar para seu bolso. Minha mão estava enfiada lá. Tirei-a.

"Se o quê?"

"Se ele sobrevive?"

"Oh, ele vai sobreviver. É um menino forte. Só precisa nos mostrar que consegue usar os pulmões."

Carrie da Philomena Family Services estendeu a mão novamente. Eu a abracei, o graveto frágil que ela era. *Ele vai sobreviver.*

Ela deu um passo atrás, se livrando dos meus braços; não era esse tipo de cristã.

"Estou aqui para falar com a sua filha… é aquela ali?"

"Não."

"Não é?"

"Agora não é uma boa hora."

"Claro que não."

"Claro que não?"

"Ela está se despedindo", Carrie disse.

"Pode demorar um pouco."

"Você tem razão. Há um arco de adoção."

“Um arco?”

“Um início, um meio, e um fim. O fim é sempre o mesmo.”

“Bem, não sei.”

“Isso porque ela está no início. Ninguém sabe, no início. Ela está no caminho certo.”

“Quanto tempo demora?”

“Não muito. Eu gosto de deixar as pessoas bem à vontade e deixar os hormônios agirem.”

“Mas aproximadamente?”

“Três dias. Em três dias ela vai ser ela mesma, de novo.”

Carrie disse que voltaria no dia seguinte e que não nos preocupássemos com nada. Amy e Gary estavam a caminho.

“Eles estão vindo para cá?”

“Ela não precisará conhecê-los. Aqui está o meu cartão, apenas lhe diga que ela não está sozinha.”

“Ela *não* está sozinha.”

“Ótimo.”

A cabeça de Clee estava apoiada na incubadora. Os olhos dele estavam fechados novamente.

“Quem era aquela?”

“O médico disse que ele vai sobreviver. Disse que ele é um menino forte.”

Ela se empertigou. “Um menino forte?” Seu queixo estava tremendo. Ela destravou uma das portinholas circulares e colocou a boca no lugar onde normalmente se enfiava o braço. “Você ouviu isso, menino querido?”, ela sussurrou. Os bracinhos magros, manchadinhos, repousavam molemente contra o minúsculo torso. “Você é forte.”

Olhei para o outro lado da sala — será que três dias incluíam o dia de hoje? Ou será que ontem era o primeiro dia e hoje já era o segundo dia? Será que ela estava contabilizando que nós havíamos nos beijado e beijado e beijado na noite anterior? Estremeci de constrangimento.

Uma enfermeira passou rápido por nós. “Licença”, ela disse, ocupada demais para o *com*. Olhei para o outro lado da sala, para os pais que culpariam um ao outro por toda a eternidade. O lugar deles era ali, os dois, igualmente, assim como as enfermeiras e os médicos e Clee. Ninguém reconhecia a intrusa entre eles, mas não tardaria. Eu fora sugada pelo drama da situação e, equivocadamente, me envolvi.

Era hora de ir para casa.

Ele iria sobreviver, Carrie Spivack estava ali, em três dias, fosse a partir do dia anterior ou daquele dia, Clee receberia alta sem o bebê. Eu faria faxina, prepararia a casa. Eu me imaginei tirando os sapatos e colocando-os no rack do

vestíbulo. Engraçado como até poucos minutos antes eu pensava que esse medo, esse limbo, duraria para sempre. Tentei sorrir para ver se realmente era engraçado, haha. Minha mão foi até a garganta quando ela se contraiu violentamente. *Globus hystericus*. Eu pensara que ele se fora para sempre, mas claro que não. Nada nunca muda, na verdade.

Eu me debrucei sobre o lado oposto da incubadora. Seus dedinhos se agitavam como plantas submarinas. Como eu o reconheceria, se nossos caminhos se cruzassem mais tarde, na vida? Aquelas mãozinhas de algas estariam enterradas dentro de mãos normais de homem. Eu nem mesmo poderia reconhecê-lo pelo nome, pois ele não tinha um.

Quase!, falei. Não havia jeito bom de se portar, então eu estava sendo cavalheiresca, lanceando meu próprio coração. *Nós chegamos bem perto. Vejo você da próxima vez!*

Kubelko Bondy olhou para mim incrédulo, mudo.

Eu me virei e saí da UTI neonatal antes que Clee erguesse o olhar. Desci pelo elevador e atravessei o lobby. Saí do lobby para a rua. O sol era ofuscante. Pessoas passavam apressadas por mim, pensando em sanduíches e suas frustrações. Onde eu havia estacionado? No estacionamento. Procurei meu carro, andar por andar, fileira por fileira. Ambulância. Eu viera na ambulância. Eu teria de chamar um táxi. Não tinha meu celular comigo. Estava no quarto. O.k. Volte e pegue-o. Entrar e sair novamente. Voltei de elevador até o sétimo andar. Tudo parecia igual, a enfermeira com cara de porco ainda tinha cara de porco. Como esse mundo era bom, com suas grandes e reais preocupações. Lá estava o casal que se culpava um ao outro — eles estavam de mãos dadas e sorrindo com ternura. Eu era um fantasma, espionando minha velha vida, sem mim. Quarto 209. Clee voltaria da UTI neonatal a qualquer momento. Meu celular: pegá-lo e dar no pé.

Ela estava sentada na beira da cama, chorando. Algo terrível acontecera no curto período em que eu não estava lá. Ela olhou para mim e fez um ruído raivoso e disforme.

"Eu não conseguia encontrar você. Procurei por toda parte."

Nada terrível havia acontecido.

"Eu estava só tentando dar um telefonema." Dei um tapinha no meu telefone, no meu bolso, para mostrar a ela. Meu telefone estava no meu bolso; estivera lá o tempo todo. Eu voltara por causa de alguma outra coisa.

A parte final do seu choro saiu num suspiro depois do primeiro beijo. Demos início a uma série de impacientes beijos nos cantos, como se estivéssemos apressadas demais para dá-los do jeito certo; então nossas bocas se transformaram em dedos, tateando por sobre saliências e recôncavos dos nossos rostos. Ela parou, afastou um pouco o rosto e olhou para mim. Sua boca estava aberta e seus olhos mexiam-se lentos, pensativos. Estava estudando meu rosto

como se tentasse desmontá-lo, encontrar algum atrativo nele — ou talvez descobrir como chegara lá, como aquilo podia estar acontecendo.

"Venha cá", ela disse, erguendo o lençol branco engomado.

"Não tem lugar para nós duas." Sentei cuidadosamente na beirada da cama.

"Entre."

Tirei meus sapatos, e ela lenta, dolorosamente, se encolheu num dos lados da cama de solteiro. A largura somada dos nossos quadris mal cabia entre as grades.

Recomeçamos, lentamente, dessa vez. E profundamente. Seu peito, livre sob o traje do hospital, pressionado contra o meu; ela enfiou a língua em mim com movimentos fortes, maduros, e eu segurei seu rosto com as mãos, aquela pele macia, doce. Não se parecia em nada com as coisas que eu fizera com ela na minha cabeça. Phillip e o encanador e todos os outros homens não haviam entendido absolutamente nada. O negócio era beijar. De repente ela congelou, num estremecimento.

"Você está com dor?"

"Na verdade, sim", ela disse, um pouco seca. Era perturbador o quão rapidamente ela mudara.

"Talvez você precise tomar mais algum líquido?" Olhei para o saco de soro. "Será que chamo a enfermeira?"

Ela riu, áspera. "Só deixe eu pensar noutra coisa por um minuto." Ela expirou longamente, de forma controlada. "Acho que não estou pronta para ter esse tipo de sensação."

"Que sensação?", perguntei.

"Sexual."

"Oh."

Às onze eu trouxe almoço para nós da cafeteria do subsolo; ela comeu a sopa minestrone e as bolachas e o pão de ló e o suco de laranja, e então precisou tirar uma soneca. Mas só depois de beijar meu pescoço ao mesmo tempo que acariciava meu cabelo curto com a mão. Era como um sonho, em que a pessoa mais improvável está doida por você — uma estrela de cinema ou o marido de alguém. Como era possível? Mas a atração é mútua e inegável; é a razão para ela mesma. E, tal como uma surpresa na lua ou no campo de batalha, o sentimento de assombro era nativo daqueles lugares. O ambiente do quarto 209 era fétido, o cheiro de uma flor exótica em vez da coisa natural que Carrie Spivack descrevera. Ou talvez ela dissesse que as coisas muitas vezes ficavam bem sexuais logo antes da entrega do bebê no terceiro dia; talvez aquilo fizesse parte do arco. O dia seguinte seria o terceiro dia.

Esperei que ela acordasse e, quando isso não aconteceu, subi sozinha até a UTI neonatal. Um casal tirando o avental enquanto eu vestia o meu. Estavam falando sobre carros usados.

"Você jamais compraria um carro sem conferir os pneus antes", ele disse,

embolando seu avental e o jogando no lixo reciclável, por engano.

"Compraria sim, se você estivesse dando um salto de fé e confiando que Deus saberia com o que você saberia lidar."

"Tenho quase certeza de que Deus não ia querer que você comprasse uma banheira velha caindo aos pedaços."

"Bem, agora é tarde", ela disse, fechando a mão em punho em volta da alça da bolsa. Ela parecia mais velha do que na foto do ParentProfiles.com, os dois pareciam. Exalavam sua velha casa em Utah, seus tapetes velhos defumados com fumaça de cigarro. Esse seria o cheiro da vida dele, o cheiro dele.

"É?", Gary disse. "É tarde demais… legalmente falando?" Ele estava com medo. Na verdade não queria o carro que eles haviam comprado. "Sim, é tarde", ela disse. Então olhou para ele de um jeito *Não vamos falar sobre isso na frente dessa mulher*. Eram pessoas terríveis, até mesmo um pouco piores do que a média. Ganhei tempo, mexendo nas mangas do meu avental. Será que eu deveria me apresentar, ou tentar matá-los? Nada muito violento, apenas o suficiente para não mais existirem. Amy me fez um aceno educado quando saíram. Acenei de volta, observando a porta se fechar. Me ocorreu que o médico havia dito apenas que o bebê sobreviveria. Não que ele correria, ou que comeria comida, ou que falaria. Sobreviver significava apenas não morrer, não necessariamente incluía plumas e paetês.

Os olhos de Kubelko Bondy estavam bem abertos e expectantes.

Absolutamente tudo em você é perfeito, falei para ele.

Você voltou, ele disse. Fiz que sim com a cabeça e tentei inventar uma promessa que me livrasse daquela responsabilidade.

Adoro seus ombrinhos queridos, falei. *Sempre vou adorar.*

Clee dormiu até o meio-dia e então voltamos juntas à UTI. Ela colocou o braço em torno de mim no elevador e o manteve ali enquanto percorremos o corredor. Nossos quadris batiam-se um contra o outro num ritmo difícil e sincopado. Passamos pelo casal que outrora culpava um ao outro, e eles acenaram sem hesitar. Pensei comigo que aquelas seriam para sempre as primeiras pessoas para as quais eu "saí do armário". Pareceram muito tolerantes. Algumas das enfermeiras olhavam, silenciosamente atônitas com nossa nova intimidade. Ou talvez porque estivessem agora lidando com dois jogos de pais e nós não éramos os pais de verdade. Clee me deu um selinho nos lábios na frente da incubadora. Desse jeito silencioso, nos assumimos diante do bebê.

Carrie Spivack também estivera ali; seu cartão da Philomena Family Services estava enfiado na etiqueta de plástico em que se lia Recém-Nascido Stengl. Afanei-o como um prestidigitador e o enfiei no bolso.

"Não podemos continuar chamando ele de 'bebê'", sussurrei.

"O.k. Você tem um nome?"

Isso me enterneceu, ela pensar que eu tinha algum direito de nomeá-lo.

Imaginei como eu tentaria explicar o nome Kubelko Bondy.

"Você é quem tem que escolher, você é a mãe dele."

Ela riu, ou me pareceu um riso — terminou numa deglutição meio engasgada. Percebemos uma enorme mancha vermelha no seu minúsculo bracinho. Acenei para uma enfermeira loira-farmácia.

"Olá, pequenino", ela coaxou, verificando o monitor dele. "É um grande dia para você." Ela exalava perfume, talvez para encobrir o cheiro de cigarro. A marca: uma queimadura de cigarro. Eu me senti viva de raiva. Mas eu era uma gerente, e sabia como lidar com aquilo; eu já a via chorando, depois do que eu teria a dizer.

"Ele vai sair da ventilação mecânica hoje, mais tarde", ela continuou. "Então esperamos que ele tenha uma respiraçãozinha boa."

Clee e eu nos olhamos, alarmadas. Respirar. Aquilo estava no topo da nossa lista de coisas que esperávamos que ele pudesse fazer.

"Você vai participar da retirada da ventilação?", falei, nervosamente. *Por favor, não.*

"Sim. Vamos colocá-lo no CPAP — ar contínuo — e ver como ele se adapta." Ela piscou. Não era uma piscada gentil, era uma piscada que dizia todas as outras enfermeiras e todos os empregados da Open Palm me falaram sobre você, e agora — piscada — vamos nos vingar. Olhei para seu crachá. CARLA. Era tarde demais para comprar para Carla um vale-presente ou um fazedor de smoothie Ninja com capacidade para cinco xícaras. Talvez um doce ou café.

Ela olhou para a marca no braço dele e fez um barulho parecido com um clique.

"Às vezes quando tiram o acesso, fica uma marca. Mas se eu o tivesse tirado" — ela piscou de novo — "não teria ficado marca nenhuma."

A piscada era um tique nervoso. Não era cruel nem conspirador, era só uma mania. Obviamente fumar não era permitido na unidade de tratamento intensivo pré-natal. Observei enquanto ela arrumava os fios em torno do corpinho dele para que não o incomodassem. Seus dedos eram rápidos, como se ela já tivesse feito aquilo novecentas vezes antes.

Clee perguntou que horas a ventilação mecânica seria retirada.

"Está marcado para as quatro horas. Vocês podem visitá-lo logo depois — ele vai estar sedado, mas vai estar muito mais confortável."

"Obrigada, Carla", falei. "Agradecemos por tudo o que está fazendo." Não era suficiente, soava falso e tolo.

"De nada." A enfermeira sorriu com todo o rosto; ela não achou tolo.

"Mesmo", repeti, com veemência, "agradecemos por tudo o que está fazendo."

Às quatro e meia ligamos para a UTI neonatal do andar de baixo.

“Está demorando um pouco mais do que o previsto”, disse a recepcionista. “O médico ainda está com ele. Ligaremos quando estiver pronto.”

“É o médico alto, indiano?”

“Sim, dr. Kulkarni.”

“Ele é bom, não é?”

“É o melhor.”

Desliguei.

“Ele está com o médico alto indiano e parece que ele é o melhor.”

“O dr. Kulkarni?”

Pedi a Clee que recitasse os nomes de todas as enfermeiras e de todos os médicos enquanto os anotava. O enfermeiro baixinho, parrudo, era Francisco; a asiática dentuça de óculos era Cathy; Tammy era a da cara de porco.

“Como você sabe tudo isso?”

“Eles usam crachá.”

O quarto ficou escuro, e não ligamos as luzes. Ligaríamos as luzes quando as boas-novas chegassem e, se não chegassem, viveríamos no escuro daquele jeito para sempre.

Mais quinze minutos se passaram. E mais cinco minutos. Levantei da cama de armar e acendi as luzes fluorescentes.

“Vamos dar um nome a ele”, falei.

Clee piscou para a luz.

“Você pensou num nome?”

Ela estendeu um dedo no ar e tomou um gole de água. *Ela se esqueceu de pensar num nome. Está improvisando um neste momento.* Meu velho desprezo por ela estava intacto.

“Tenho dois nomes”, ela disse, e limpou a garganta. “O primeiro pode parecer do tipo que não combina com ele agora, mas acho que vai combinar mais tarde.” Fiquei com vergonha por meu desprezo. A vergonha pareceu amor.

“O.k.”

“Vou dizer”, ela falou, hesitante.

“Diga”.

“Gordinho.”

Esperei sem esboçar expressão alguma, para ver se esse era realmente o nome.

“Porque” — seus olhos de repente cheios de lágrimas, a voz alquebrada — “ele *vai* ser gordo um dia.”

Pus meu braço em torno dela. “É realmente um nome muito legal. Gordinho.”

“Gordinho”, ela sussurrou, chorosa.

“Acho que nunca conheci ninguém com esse nome.” Massageei suas costas. “Qual é o outro?”, perguntei como quem não quer nada, sabendo que o outro

seria o nome, independentemente de qual fosse.

Ela respirou fundo e, ao expirar, disse: "Jack".

Às cinco horas e trinta minutos ligaram para nos dizer que a ventilação havia sido removida e que ele estava respirando bem no CPAP. Corremos para o andar de cima.

Sem um tubo grande enfiado na boca, sua aparência era completamente diferente. Tratava-se de um bebê, um bebezinho lindinho com uma presilha no nariz.

"Oi, Jack", Clee sussurrou.

Jack é seu nome agora, expliquei. *Mas Kubelko Bondy vai ser sempre o nome da sua alma.* Respirei fundo e me forcei a acrescentar: *Você também vai ter um terceiro nome, o nome que Amy e Gary vão lhe dar. Talvez seja Travis ou Braden. Não sabemos ainda.*

Ficamos cada uma de um lado da incubadora e cada uma de nós enfiou ali uma mão. Ele apertou o dedo de Clee na mãozinha direita e o meu dedo na esquerda. Ele pensou que eram dedos de uma só pessoa, uma pessoa com uma mão velha e uma mão jovem. Ficamos assim por vinte e cinco ou trinta minutos. Minhas costas começaram a doer, e minha mão estava ficando dormente. De tempos em tempos Clee e eu olhávamos uma para a outra por sobre a caixa de acrílico, e a minha barriga se revirava. Um capelão entrou e começou a abençoar os bebês. Olhei em volta para ver se aquilo era legal. E a separação entre igreja e Estado? Ninguém dava bola. Lá pelas tantas ele parou na frente de Jack e antes que eu pudesse acenar que não com a cabeça, Clee fez que sim. Sua oração ocupou todo o espaço entre nós três; meu rosto formigava e minha cabeça girava, tonta. Eu me senti sagrada, quase casada.

Enquanto voltávamos de braços dados até o quarto 209, me dei conta de que a mulher caminhando sonoramente à nossa frente no corredor era Carrie Spivack. Sutilmente diminuí nosso passo e esperei até que ela desaparecesse à esquerda ou à direita. Mas é claro que isso não aconteceu, pois ela estava se dirigindo para o nosso quarto. Aquele era o terceiro dia. Um pouco mais à frente havia um extintor de incêndio e uma janela. Escolhi a janela. Falar era arriscado, então apenas gesticulei, fazendo um movimento amplo na direção da vista. Clee olhou para baixo, para o estacionamento. O casal que antes estava se culpando um ao outro caminhava lentamente na nossa direção, parando com sorrisos assombrados para tentar ver o que estávamos olhando. Nós quatro olhávamos para fora da janela. Um homem de meia-idade estava ajudando uma velhinha a sair da cadeira de rodas e embarcar no assento da frente de uma van.

"Isso será nós, algum dia", disse a esposa do casal que antes se culpava um ao outro. "Eu e Jay Jay." O marido lhe afagou o ombro. Adivinhei que Jay Jay era o nome do bebê deles.

As pernas da velhinha não funcionavam, então seu filho a ergueu da cadeira de rodas para o assento do passageiro em um só prolongado e ágil movimento. As mãos de sua mãe estavam unidas no seu pescoço, apegando-se à vida. Amy do casal Amy e Gary um dia se seguraria ao pescoço de Jack daquele jeito. No momento, era minúsculo demais, mas um dia ele seria um homem forte de meia-idade, talvez até mesmo musculoso ou corpulento. Ele transportaria a mãe com um movimento muito mais ágil do que aquele homem era capaz, dizendo: *Isso, mãe, deixe-me afivelar seu cinto e estamos prontos para ir.* Fui dominada pelo ciúme; tive de desviar o olhar.

Carrie Spivack se empertigou enquanto nos aproximávamos, aguçando os cantos do seu sorriso e abrindo nossa porta como uma recepcionista. Clee entrou direto, pensando que se tratava de só mais uma enfermeira querendo conferir sua pressão sanguínea.

"Tenho certeza de que você não se importa de nos dar um momentinho a sós", Carrie Spivack me disse. Ela compreendera que eu não era a avó. Nem alguma pessoa relevante. Atrás dela Clee deu uma erguida de ombros confusa e um pequeno meio sorriso. O mesmo meio sorriso que os passageiros do *Titanic* deram a seus entes queridos no píer enquanto o navio se afastava. *Bon voyage*, Kitty! *Bon voyage*, Estelle!

Flutuei de volta pelo corredor até o elevador.

"Desce?" Era um jovem casal de origem latina segurando um recém-nascido. Balões azuis erguiam-se do braço da cadeira de rodas.

"O.k., vou descer."

O casal estava vibrando; aquele era o momento mais incrível de sua vida. Estavam prestes a levar seu bebê ao mundo, ao mundo de verdade. O bebê tinha montes de cabelos pretos aparentemente úmidos e era mais rechonchudo que Jack. Quando as portas se abriram, o jovem pai olhou para trás, para mim, e eu lhe fiz um aceno, como a dizer: *É, sua vida, aí está, vá fundo.* E lá se foram.

Caminhei pelo saguão. Passei por todos os números do meu telefone; não havia ninguém para quem ligar. Mecanicamente apaguei todas as minhas mensagens salvas, exceto a que eu havia deixado para mim mesma, no ano anterior. Os dez NÃOs em volume máximo pareciam lamentos, uma mulher inconsolável uivando pela rua: NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO NÃO.

Não havia ninguém na cafeteria, exceto o caixa. Pedi um pouco de água quente; veio com uma fatia de limão e um guardanapo. Beberiquei muito lentamente, queimando a boca a cada vez. Três das paredes eram brancas, e a quarta era pintada em tons de rosa e laranja. Foi necessário algum esforço para entender que se tratava de um mural de um pôr do sol num lugar como a Toscana ou a Rodésia. A porta pela qual eu entrara ficava na parte da praia; à esquerda do sol, um porta-toalhas de papel vazio pendia aberto como uma mandíbula negligente, estupefata. Nem um só pensamento podia existir quanto ao

que estava acontecendo lá em cima. Era impensável. Um rodapé fora pintado ao longo da parte inferior da parede, colocando o observador em um terraço ou numa casa de vila ou talvez num pequeno palácio. O ar salgado encheu meu nariz; ondas gigantes quebravam-se nas pedras abaixo, uma após a outra após a outra. Chorei e chorei. Gaivotas lamentavam-se próximo ao teto. Lá ao longe uma figura caminhava pela praia. Ele ou ela estava vestido num traje branco e esvoaçante. Cabelo dourado e sorriso mediterrâneo. Ela acenava. Limpei meu rosto com o dorso das mãos. Ela caiu na cadeira a meu lado.

"Procurei no saguão antes", ela disse.

"Fiquei um pouco ali." Assoei o nariz num guardanapo de papel.

Ela olhou em torno. "Não está muito cheio, né?"

"Não."

Ela pressionou o dedo contra minha fatia de limão e então o lambeu.

"Eu não tinha me dado conta de que este lugar era tão, tipo, Jesus."

"Que lugar?"

"Philomena etc. Se Amy e Gary não o quisessem, ele iria para outra família cristã nojenta."

Uma coisa estranha começou a acontecer com o mural. O sol começou a despontar, muito, muito lentamente.

"Mas a moça foi legal — não tentou me pressionar nem nada. Eu só falei que a minha situação tinha mudado." Ela pegou a minha mão.

Ou talvez sempre estivera despontando; talvez fosse um mural de um nascer do sol, não de um alvorecer. *Oh, meu menino. Meu doce Kubelko Bondy*.

"Não estou enganada quanto a isso, estou?", Clee perguntou, se endireitando na cadeira. "Isso entre nós?"

"Não, você está certa", sussurrei.

"Achei que sim." Ela voltou a se acomodar na cadeira, estendendo as pernas num amplo V. "Mas a comunicação… sabe como é. Acredito em comunicação."

Falei que eu também acreditava, e ela disse que achava que Jack era um bebê bem bacana e que, embora não tivesse planejado se tornar mãe, não parecia assim tão difícil, a menos que seu filho fosse um idiota, coisa que ela tinha cem por cento de certeza que não era. "Além disso", ela acrescentou, "achei que você ficaria empolgada."

Falei que estava empolgada. Oito ou nove perguntas me vieram à mente quanto à nossa relação e à minha relação com o menino, mas eu não queria desfazer nada ao assustá-la. Ela esfregou o dedão com força na palma da minha mão e disse: "Preciso de um apelido para você".

"Talvez Cher?", sugeri.

"*Cher?* Parece nome de velha. Não, deixe-me pensar por um minuto."

Ela pensou com os nós dos dedos contra a cabeça e então disse: "O.k., já sei.

Boo”.

“Boo?”

“Boo.”

“Tipo um fantasma?”

“Não, tipo Boo, tipo você é a minha Boo.”

“O.k. É interessante. Boo.”

“Boo.”

“Boo.”

---

* Fenômeno climático que assolou parte dos Estados Unidos na década de 1930 com tempestades de areia. (N. T.)

Assim que ficaram sabendo que Clee iria ficar com o recém-nascido Stengl, as enfermeiras deram a ela uma bomba de leite e lhe disseram para bombear a cada duas horas.

"Mesmo que não saia nada, continue bombeando", disse Cathy. Carla acenou com a cabeça, concordando. "Não olhe para as mamadeiras, só relaxe. Vai vir. Traga para nós toda e qualquer gota, e vamos dar para ele quando tirarem o acesso."

Clee riu, nervosa, segurando a bomba longe do corpo. "Não sei. Sim. Não. Acho que não." Ela a entregou de volta para Cathy. "Não é meu lance."

Naquela noite, uma mulher de idade com compleição de barril chamada Mary empurrou uma bomba para dentro do nosso quarto. "Sou a consultora de lactação deste hospital e do Cedars-Sinai. Consigo tirar leite de mosca." Expliquei que Clee não iria amamentar; Mary replicou com um discurso rápido sobre o leite materno diminuir o risco de o bebê ter diabetes, câncer, problemas pulmonares e alergias. Clee desabotoou a camisa, enrubescendo, a cabeça baixa. Seus seios eram longos e róseos. Eu nunca os vira antes. Mary pressionou diferentes cones sobre os mamilos com uma eficiência brusca.

"Comigo, você recebe o tamanho certo. Você é tamanho grande."

A cabeça baixa de Clee estava imóvel, seu rosto completamente tapado pelo cabelo.

Mary conectou as mamadeiras aos cones e ligou a velha máquina. *Chup-pa, chup-pa, chup-pa.* Os mamilos de Clee eram ritmadamente sugados para fora e então relaxavam.

"Como uma vaca. Você já esteve numa fazenda? Exatamente como uma vaca. Segure isto aqui agora." Clee segurou os cones contra os seios.

"Está saindo alguma coisa?" Mary espiou as mamadeiras. "Não. Bem, continue assim. Dez minutos a cada duas horas."

Assim que Mary saiu, desliguei a máquina.

"Isso foi horrível, lamento muito."

Clee voltou a ligá-la sem levantar os olhos.

Chup-pa, chup-pa. Seus mamilos se tornavam grotescamente alongados a cada sucção.

"Você pode me dar um pouco de privacidade?", ela disse.

Rapidamente caminhei para o outro lado do quarto.

"Não gosto que olhem para os meus seios. Não gosto muito deles."

"Desculpe", falei. "Eu gostaria de poder fazer isso."

Chup-pa. Chup-pa.

"Por quê?"

"Só acho que eu não me importaria."

Chup-pa.

"Acha que eu não consigo produzir leite?"

"Não. Eu não quis dizer isso."

"Acha que uma vaca consegue e eu não?"

Chup-pa, chup-pa.

"Não, claro que você consegue! *E* uma vaca! Vocês duas conseguem!"

Nenhum leite saiu naquela noite. Ela programou o despertador do seu telefone para as duas da manhã, as quatro e as seis. Nada. Às oito, Mary veio verificar.

"Alguma coisa? Não? Continue. Pense no seu bebê. Qual o nome do bebê?"

"Jack."

"Pense no Jack."

Clee se acorrentou à máquina. Ela não queria ir até a UTI neonatal sem nada de leite, então subi sozinha e contei a Jack o quão duro sua mãe estava dando para fazer sua deliciosa refeição. Quando voltei, ela continuava bombeando. Mamadeiras vazias.

"Falei a ele que a mamãe estava dando duro."

"Você me chamou de mamãe para ele?"

"Mãe? Mamãezinha? Como você quer ser chamada?"

Chup-pa, chup-pa. Seus olhos fervilhavam de frustração.

"Que merda." Ela deu com o punho na bomba de leite, derrubando da mesa uma xícara e um garfo com um incrível estardalhaço.

Chup-pa, chup-pa, chup-pa.

Era hora do nascer do sol, e ela estava acariciando minha orelha. Eu estava sonhando que a bomba de leite estava ligada, mas não, tudo estava em silêncio, o sol nascia, e ela acariciava minha orelha. Traçando suas bordas perfeitas com o dedo. A primeira luz do dia estava entrando no minúsculo quarto. Sorri para ela. Ela sorriu e apontou para sua mesinha de cabeceira. Leite. Duas mamadeiras, cada qual contendo três milímetros de leite amarelo.

Clee recebeu alta na manhã seguinte. Mas Jack, é claro, não. Dr. Kulkarni disse que ele seria liberado quando pudesse beber sessenta mililitros de leite e digeri-los adequadamente.

"Eu chutaria duas semanas", ele disse. "Ou menos. Ou mais. Ele precisa nos mostrar que consegue sugar a própria comida; sugar e engolir."

Ele começou a se afastar. Clee estava aguardando com sua bolsa e usando suas próprias roupas. Agarrei a manga dele.

"Sim?", perguntou o médico. Hesitei; eu estava demorando um pouco para juntar todos os aspectos da minha pergunta. Estava me perguntando se minha vida, a vida na qual eu tinha um filho e uma bela e jovem namorada, poderia existir fora de um hospital. Ou seria o hospital o seu invólucro? Será que eu era

como o mel, pensando que se tratava de um pequeno urso, sem se dar conta de que o urso é apenas o formato do frasco onde está contido?

"Posso adivinhar o que passa por sua cabeça", o dr. Kulkarni disse.

"Mesmo?"

Ele fez que sim. "É cedo demais para dizer, mas ele está se recuperando maravilhosamente bem até agora."

Dissemos a Jack que estaríamos de volta na manhã seguinte e então saímos e então voltamos de novo porque eu não tinha dito eu te amo — *eu te amo, meu docinho* — e saímos de novo, atravessando hesitantemente a porta da frente para a luz do sol. Ficamos de mãos dadas no banco traseiro do táxi. Minha rua tinha a mesma aparência de sempre. Meu vizinho, duas portas abaixo, estava colocando suas latas de lixo no lugar e observou enquanto manquejávamos até a porta. Clee começou a tirar os sapatos.

"Não precisa fazer isso."

"Não, eu quero."

"É sua casa tanto quanto minha, agora."

"Eu me acostumei."

Tudo estava como tínhamos deixado. Havia sangue seco por todo o quarto. Lesmas estavam dependuradas no teto da cozinha. Toalhas estavam caídas em lugares estranhos. As bacias de água quente de Rick repousavam sobre o criado-mudo, frias. Enquanto Clee usava a bomba de leite, limpei tudo rapidamente, tirando seu saco de dormir do sofá e o enfiando no armário das roupas de cama.

Antes de subir na minha cama pela primeira vez, ela murmurou um pedido de desculpas pelo cheiro dos seus pés.

"A cromoterapia não funcionou."

"Não funcionou para mim também."

"Você sabia que a mulher do dr. Broyard é a famosa pintora holandesa Helge Thomasson?"

"Ele contou para você?"

"Não, uma pessoa que estava na sala de espera."

"A recepcionista?"

"Não, outro paciente."

Entramos para debaixo das cobertas e nos demos as mãos. Trair uma dona de casa era compreensível, ele poderia tê-lo feito apenas pela estimulação intelectual — mas que vergonha para o dr. Broyard não estar à altura do desafio representado por Helge Thomasson. Eu nunca ouvira falar nela, mas se tratava obviamente de uma mulher formidável. Clee pôs a mão sobre minha barriga por um momento e então a recolheu.

"O dr. Binwali disse que eu poderia fazer sexo em oito semanas."

Sorri como uma tia nervosa. O assunto não surgira desde aquele primeiro dia. Me perguntei se sua antiga agressividade voltaria. Talvez fosse como uma

simulação. Poderíamos começar no "banco do parque" — ela agarra meu seio. Mas, em vez de me debater, simplesmente a deixo me estuprar. Será que teríamos de comprar um pênis de borracha? Eu tinha visto uma loja para esse tipo de coisa ao lado de um pet shop num centro comercial no Sunset Boulevard.

"Os músculos", ela disse. "Eles não contraem."

Um orgasmo. Era isso o que ela não podia ter antes de oito semanas.

"Mas eu poderia, sabe, por você. Se você quiser."

"Não, não", falei, rapidamente. "Vamos esperar. Até que nós duas possamos." Eu gostava desse jeito de falar em que os verbos principais eram deixados de fora. Talvez nunca os disséssemos.

"O.k., ótimo." Ela apertou minha mão. "Espero conseguir esperar tanto tempo", acrescentou.

"Eu também. É tão difícil esperar."

Acordei num sobressalto como um passageiro de um avião — por um momento pude sentir quão alta eu estava e senti um adequado medo de cair. Eram três da manhã. Havíamos acabado de deixá-lo lá. O minusculozinho. Ele estava sozinho na UTI neonatal em sua caixa de plástico. Oh, Kubelko. Um uivo se espiralava dentro de mim; a dor parecia inumana. Ou talvez esse fosse meu primeiro sentimento humano. Será que eu vestiria minhas roupas e dirigiria até o hospital naquele instante? Esperei para ver se o faria. Olhei para seu cabelo loiro espalhado pelo travesseiro que eu geralmente prensava entre as pernas. Nada daquilo duraria. Era tudo um sonho absurdo. Fugi da consciência.

O rádio e o sol estavam radiantes. "Que tipo de música você curte?", Clee perguntou, passando por algumas estações mal sintonizadas. Esfreguei os olhos. Eu nunca tinha usado o rádio-relógio de outra maneira que não como um relógio.

"Aposto que você gosta disso." Ela parou numa estação de música country e olhou para mim. "Não?" Ela continuou procurando, olhando para minha cara. Tipos diferentes de músicas barulhentas passaram.

"Talvez isso."

"Isso?"

"Gosto de música clássica."

Ela aumentou o volume e se reclinou, passando o braço em volta de mim. Eu não tinha um tipo preferido de música. Em algum momento teria de confessar.

"Esta pode ser a nossa música", ela sussurrou. Ela mal podia esperar para começar a ter uma namorada.

Ouvimos até o final, para saber o nome; era insuportavelmente longa. Enfim um britânico esnobe falou. Era um canto gregoriano do século XVII chamado "Deum verum".

"Não precisa ser esta a nossa música."

"Tarde demais."

Visitávamos Jack todas as manhãs e todas as tardes. A cada vez que entrávamos na UTI neonatal usando avental e com as mãos limpas, eu receava as notícias, mas ele estava ficando mais forte a cada dia. Clee achava que o pior já havia passado, e parecia que provavelmente era o caso; todas as enfermeiras diziam que ele era o bebê branco mais duro na queda que jamais haviam visto. Transformamos o quartinho de passar roupa num quarto de bebê e compramos macacões e fraldas e lenços umedecidos e um berço e um trocador e um colchonete para o trocador e uma capa para o colchonete do trocador e uma espécie de bandeja fofa chamada de "dorminhoco" e um kit de primeiros socorros e uma banheira no formato de baleia e xampu para bebê e toalhas e cueiros de bebê e paninhos e brinquedos barulhentos e livros de tecido e uma babá eletrônica com câmera e uma bolsa de fraldas e uma lata de lixo para fraldas e uma bomba de leite cara com sua própria sacola para ser carregada. Ainda demoraria pelo menos uma semana até que Jackpudesse mamar, mas ele vinha bebendo o leite de Clee engenhosamente com o auxílio de um tubo de alimentação.

"Tem um motor realmente forte", Clee disse, admirada. "É o mesmo motor usado em instrumentos elétricos e batedeiras que os padeiros profissionais usam para fazer massa de pão. O mesmíssimo motor." Ela usava a alça da sacola atravessada sobre o peito como a bolsa de um mensageiro de bicicleta.

Entrar em lojas juntas foi um novo prazer, assim como estar no carro, ou num restaurante, ou caminhar do carro até o restaurante. A cada vez que o cenário mudava, nós éramos novinhas em folha mais uma vez. Passeamos pelo shopping Glendale Galleria de braços dados, cabeça erguida. Eu gostava de ver os homens a comerem com os olhos e ver o jeito como a cara deles mudava quando eu pegava sua mão. Eu! Uma mulher que era velha demais para estar à altura, que na verdade nunca estivera à altura, nem mesmo quando jovem. Qualquer pessoa que questione que satisfação pode ser tirada de uma namorada não muito inteligente com a metade da sua idade, nunca teve uma. Tudo é bom. É como usar algo lindo e comer algo delicioso ao mesmo tempo, o tempo todo. Phillip sabia — ele sabia e tentou me dizer, mas eu não lhe dera ouvidos. Eu não podia deixar de me perguntar se ele ficara sabendo das notícias sobre mim e Clee.

Ela era mais do que jovem, era cavalheiresca: segurava a porta para mim, carregava sacolas — não pagava coisas, pois não tinha dinheiro, mas apontava para o que achasse que ficaria bem em mim. Ela me arrastou para uma loja de lingerie para eu comprar umas "cortininhas", como ela chamava. As peças que ela escolheu eram cheias de babados e com jeito de menininha, totalmente inapropriadas para alguém da minha idade, com o meu corpo. Pelos pubianos

pretos e brancos tipo arame saíam para fora da calcinha inteiramente pink, mas ela não chegou a ver — apenas pediu que eu as usasse fora da loja.

"Você está com as cortininhas?"

"Sim."

Ela jogou o braço por cima do meu ombro.

Quando Tammy, a enfermeira com cara de porco, nos perguntou se já tínhamos começado o pele-com-pele, nós duas ficamos vermelhas. Nunca tínhamos estado nuas juntas.

"Pele-com-pele ajuda a regular os batimentos cardíacos do bebê e a respiração e, é claro, é ótimo para o vínculo mãe-bebê."

"Não", sussurrei, finalmente entendendo. "Não o seguramos ainda."

"Quem quer ser a primeira?"

"Cheryl", Clee disse, rapidamente. "Porque eu preciso muito ir ao banheiro."

Tammy olhou para mim. Ela pensava que eu era a mãe de Clee até o momento em que viu a gente se beijando junto ao elevador. Tirei a blusa e o sutiã e os coloquei no encosto de uma cadeira. Tammy domou os fios e os tubos de Jack, cuidadosamente levantando-o da incubadora. Ele fez caretas e se retorceu no ar como uma lagarta. Ela o acomodou entre meus seios e ajustou seus bracinhos e pernas de forma que sua pele e a minha tivessem a maior área de contato possível, ajeitando um cobertorzinho rosa e fino sobre nós dois. E então ela saiu.

Olhei para trás de mim. Clee estava no banheiro. O queixinho de Jack estava se movendo; seus aparelhos estavam quietos. Ele deu uma fungada e seus enormes olhos pretos se abriram e olharam para cima.

Oi, ele falou.

Oi, falei.

Estivéramos esperando por isso desde que eu tinha nove anos. Eu me reclinei e tentei relaxar enquanto minha mão amparava suas pernas inteiras e o bumbum. Eu me senti uma estátua de algo virtuoso. *Cá estamos. Cá estamos, de verdade*. Era difícil me concentrar no presente, o momento ficava pulando ao redor como uma mancha solar. Do outro lado da sala, Jay Jay estava acomodado no peito da sua mãe na mesma posição e coberto pelo mesmo cobertor rosa. Sorrimos uma para a outra.

"Como é o nome dele?", ela sussurrou.

"Jack", sussurrei de volta.

"Mesmo?"

"É."

"*Ele* também", ela disse, apontando para Jay Jay.

"Você tá brincando."

"Não."

“Que coincidência!”

“Não se mexa.” Era Clee; ela fez uma foto com seu telefone e então beijou minha orelha.

“Adivinhe qual é o nome daquele bebê?”, falei.

“Jack, eu sei”, ela disse. “Foi daí que tirei a ideia.”

“Você escolheu o nome do bebê deles para o nosso bebê?”

Clee pareceu aborrecida. “Não conhecemos eles — nunca vamos vê-los de novo. Achei um nome legal.”

A mãe do outro Jack parecia tanto lisonjeada quanto ofendida. Clee deu tapinhas carinhosos bem na moleira do nosso Jack, decidida. Será que tudo aquilo era real para ela? Será que ela achava que se tratava de algo temporário? Ou talvez fosse este o objetivo do amor: não pensar.

Ela se comportava um pouco mais como uma hóspede agora, dobrando suas roupas e arrumando-as numa cuidadosa pilha sobre a minha cômoda, ainda que descuidadamente derrubasse todos os meus cremes e todas as minhas joias. Nos primeiros dias depois de voltarmos do hospital, tentamos comer na mesa da cozinha e conversar, mas vi que simplesmente não era natural para ela, então passei a sentar junto no sofá e ver televisão durante o jantar. Até cheguei a comer refeição de micro-ondas algumas vezes; tinham todas o mesmo gosto doce e marrom, até mesmo as comidas muito salgadas. Eu lavava os componentes da bomba de tirar leite e a ajudava a etiquetar as mamadeiras com as datas; ela tirava fotos de nós e as enfeitava com um aplicativo chamado Heartify. Éramos crianças brincando de casinha — era excitante escovar nossos dentes lado a lado, fingindo que estávamos acostumadas a isso. Talvez ela tenha pensado que eu já havia feito tudo aquilo antes, já que eu estava tendo uma queda tardia por coabitação — ideias simplesmente me vinham. No primeiro final de semana, comprei um quadro-negro e o pendurei ao lado do calendário, sobre o telefone.

"Para recados de telefone. O giz está nesse pires. Tem de todas as cores, mais branco."

"Todo mundo liga para o meu celular", ela disse, "mas posso escrever aí as mensagens para você. Se quiser que eu atenda. Normalmente deixo cair na caixa de recados."

"Na verdade você pode escrever o que quiser no quadro-negro. Poderíamos usar para dizeres de motivação, tipo cada domingo redigimos uma frase para a semana." Escrevi NÃO DESISTA em giz azul e então apaguei. "Foi só um exemplo. Podemos alternar as semanas."

"Não conheço tantas frases assim."

"Ou só para contas… tipo, se você quiser saber quantas vezes fez alguma coisa, pode anotar aqui."

Ela olhou para mim por um momento e então pegou o giz lilás e fez um traço no canto superior esquerdo do quadro.

"Exatamente", falei, colocando o giz de volta no prato.

"Quer saber para o que é?"

"Para o que é?"

"Para cada vez que penso: *eu te amo*."

Antes de levantar o olhar arrumei todos os gizes de forma a comporem uma fileira. Não sorrindo, não, ela estava séria e excitada. Dava para ver que aquele era o tipo de coisa que Clee havia muito tempo planejava dizer a uma mulher.

“Está vendo como está lá no alto, no canto?” Seus lábios na minha orelha. “Deixei bastante espaço para o futuro.”

Tammy disse que estava na hora de tentar a amamentação. “Volte para a mamada das quatro. Primeiro filho, certo? A enfermeira de plantão vai ajudá-la a pegar o jeito.”

Olhei para Clee. Ela estava piscando para o teto.

Às quatro, havia uma nova enfermeira, jovem, com cabelo curto, Sue. Ela verificou sua prancheta.

“Então a mãe” — seus olhos se moviam sem parar entre nós — “vai amamentar pela primeira vez?”

“Na verdade, não”, Clee disse, com firmeza. “Decidi continuar com a bomba.”

“Oh”, Sue disse. Ela estava olhando em volta, na esperança de que alguma outra enfermeira se interessasse.

“Lin é seu nome de casada?”, Clee perguntou, tocando o crachá da enfermeira com um sorriso malandro.

Sue Lin sorriu para a prancheta, ajustando a caneta nela até que a derrubou no chão.

“Não, quero dizer, é, não sou… você pode dar mamadeira.”

Observei Clee caminhar pisando fundo até a incubadora.

“Não é importante que ela amamente?”, perguntei. “Para criar vínculo?”

Sue corou. “Sim, claro. Na próxima vez ela terá que amamentar.”

Mas ela não o fez, se esquivava a cada vez. Eu aprendi a segurar a minúscula mamadeira como uma caneta, cutucar seus lábios até que ele os abrisse, apontar o bico na direção do céu da boca.

Este é o leite de Clee, não meu.

Era importante dar crédito, quando devido. Ele sugava e engolia com os olhos grudados nos meus.

A fotografia que Clee escolheu para o anúncio de nascimento era aquela dele e de mim que ela tirara com o celular. Ela massageava meus ombros enquanto eu criava o anúncio no meu laptop.

“O texto pode ser um pouco mais divertido?”, ela perguntou.

“Você quer dizer, uma fonte diferente?”

“Pode ser.”

Pus tudo em letras gorduchas, tipo de cartuns, de brincadeira.

“Está legal”, ela disse. Tinha razão. As letras de cartum tinham certo amor à vida, e não era exatamente isso o que estávamos comemorando?

Jack Stengl-Glickman
Nasceu em 23 de março de 2013
2,438 gramas

Enviamos a comunicação para todos os amigos de Clee, seus pais, Jim e todos os funcionários da Open Palm, os parentes de nós duas e todas as outras pessoas nas quais pudemos pensar, exceto Rick, a quem não tínhamos como contatar. Rick provavelmente pensava que Clee e eu éramos lésbicas desde sempre. Para todos os demais não deixaria de ser um choque, mas todo mundo respondeu com a mesma e adequada palavra: "parabéns". Algumas pessoas, como Suzanne e Carl, não responderam. Quando Clee estava dormindo, em silêncio escrevi um e-mail para Phillip e colei o anúncio. Com certeza ele já ouvira falar da minha namorada muito jovem, a essa altura. Fitei seu nome na tela. Claro, tem jovem e jovem. Dezesseis era jovem demais. Improvavelmente jovem. Peguei meu telefone e rolei até que encontrei a fotografia da garota com o aligátor rastafári. Quem era ela? Pois não era K-ear-sten. Não existia uma Kirsten; de repente ficou óbvio. Nenhuma garota de dezesseis anos anseia por um homem de quase setenta anos. Engasguei em silêncio e sorri. As mensagens de texto eram um jogo! Um joguinho entre dois adultos que consentiram. Que flerte suculento ele era. Apaguei o anúncio de nascimento e então, ctrl + V, colei de novo. Como expor a coisa? O que dizer? Ou seria melhor ligar? Ou mandar uma mensagem de texto? Ou visitá-lo, simplesmente?

Baixei os olhos para minhas mãos; estavam apertando uma à outra como duas damas de honra nervosas.

No que eu estava pensando?

Apaguei o e-mail, fechei o computador e apaguei a luz. Clee estava atravessada na cama como uma pessoa caindo; me aconcheguei em volta dela.

Lá pelo final da semana nós duas demos uma passada na Open Palm. Clee fez circular seu celular entre todos os presentes, e Nakako e Sarah e Aya uivaram para as fotos de Jack e comentaram como ela estava magra. Eu faltara muito ao trabalho. Jim disse para eu não me preocupar. Tinha direito a seis semanas de licença-maternidade mais os dias por licença médica — mas ele estava com dificuldade de me olhar nos olhos.

"Quer ver o novo banner da Kick It?" Ele o desenrolou no chão e eu chamei Clee.

"O que você acha, amor?"

"Não entendo nada disso, Boo." Ela acariciou minha lombar. Dissimuladamente escaneei a sala para ver a reação. Michelle estava vermelha. Jim mantinha os olhos no chão. As demais pessoas estavam trabalhando.

"Mas é isso que é legal, amor, você tem olhos frescos."

Jim me puxou para o canto.

"Você sabe que não tenho problema nenhum com isso. Estou feliz por você."

"Obrigada."

"Mas não sou eu quem manda aqui."

"O que quer dizer?"

"Carl e Suzanne estão aqui… estão com Kristof no depósito."

"Eles estão no depósito neste instante?"

"Estão esperando vocês irem embora."

Saí na rua e percorri as quadras que nos separavam do depósito. Eles estavam espiando pelas enormes janelas, mas rapidamente se viraram quando me aproximei. Pedi que Kristof tirasse uma folga de dez minutos.

"Na verdade, Kristof, você pode ficar", Suzanne disse. "Fique exatamente onde está." Kristof ficou imóvel entre nós, um dos pés congelado no meio de um passo.

Ergui meu telefone. "O neto de vocês é lindo. Gostariam de ver?"

"Você sabe o que significa uma *persona non grata*?", Carl perguntou.

"Sim."

"É *pessoa ingrata* em latim."

Kristof fez menção de dizer alguma coisa e então parou. Talvez ele soubesse latim.

"Para o bem de Clee, não vamos despedi-la, mas você é uma *persona non grata*. E não está mais no conselho."

Kristof olhou para mim, esperando minha reação. Guardei meu telefone. Não era difícil apreciar a situação do ponto de vista deles; tinham confiado em mim, e olhe só o que aconteceu.

"Ficar com Jack foi decisão dela", falei.

Kristof olhou para Suzanne e para Carl.

"Não se trata do bebê. Se trata do relacionamento inapropriado com a nossa filha."

Kristof meneou a cabeça na minha direção.

Jack. O nome do neto de vocês é Jack.

"Vocês não sabem nada do nosso relacionamento."

"Temos uma ideia bastante boa."

"Não transamos."

"Sei."

Kristof também não parecia acreditar naquilo.

"O médico disse que ela não pode fazer sexo antes de oito semanas."

"Oito semanas desde quando?", Kristof perguntou.

"Desde o nascimento."

Suzanne e Carl trocaram um olhar de alívio.

"Dezoito de maio", continuei. "Talvez vocês queiram anotar na agenda. É

nesse dia que manteremos intercurso sexual." Me dei conta de que provavelmente aquele não era o termo certo, mas segui adiante. "E então todos os dias depois desse. Muitas vezes por dia, em todas as posições, em todos os lugares, provavelmente até mesmo aqui."

Kristof deixou escapar um gritinho de entusiasmo e então se segurou. Tarde demais. Suzanne o demitiu na mesma hora — com o rosto cheio de arrependimento por coisas que ela não havia ceifado antes de desabrocharem.

Tínhamos encontrado uma verdadeira rotina. Dormíamos, visitávamos Jack por duas horas, então fazíamos coisas na rua e almoçávamos fora, voltávamos para casa, tirávamos uma soneca, visitávamos Jack por mais uma hora, às oito estávamos em casa, assistíamos TV até a meia-noite ou uma hora e então íamos para a cama. Dormíamos muito, pois tínhamos essa posição incrível — Clee me abraçava pelas costas e nossos corpos se grudavam como dois Ss.

"Não são muitas as pessoas que poderiam fazer isso", falei, apertando seus braços.

"Todo mundo faz isso."

"Mas não se encaixando tão perfeitamente como nós."

"Qualquer casal pode fazê-lo."

Às vezes eu olhava para seu rosto sorridente, sua carne viva, e ficava estupefata por quão precário era amar uma coisa viva. Ela poderia morrer por mera falta de água. Não me parecia muito mais seguro do que se apaixonar por uma planta.

Depois de duas semanas, parecia que aquela era a única maneira como jamais tínhamos vivido. Ainda nos beijávamos com frequência, geralmente um buquê de selinhos. Um acrônimo de nossos primeiros e profundos beijos. O que, de certa forma, era mais íntimo, porque só nós sabíamos o que significava.

"Não devemos pressioná-los a nos deixar trazê-lo para casa", Clee disse. Um selinho.

"Não, claro que não." Um selinho de volta. Outro selinho. Um terceiro. Ela tirou a cabeça.

"Você estava pressionando um pouco hoje de manhã."

"Eu estava? O que eu disse?"

"Você disse: 'Mal podemos esperar'. Mas podemos. Podemos esperar para sempre, se for o melhor para ele."

"Bem, não *para sempre*. Ele não pode envelhecer na UTI neonatal."

"Poderia, se fosse melhor para ele. Quando disserem que ele está pronto para sair, nós vamos perguntar: 'Vocês têm cento e doze por cento de certeza?'."

Mas não era assim; não foi uma conversa. Jack fez uma ressonância magnética, que deu normal. No dia seguinte tomou sessenta mililitros de leite, fez um cocô saudável, e foi declarado pronto para ser liberado. Havia formulários a

serem preenchidos; ele recebeu vacinas. Enquanto assinava nossos papéis de alta, dr. Kukarni disse que o recém-nascido Stengl havia se recuperado completamente — "Embora não seja necessário muita coisa para ser um bebê. Vocês saberão mais em um ano."

Clee e eu trocamos um olhar.

"Mas ele se recuperou completamente", falei, controlando minha voz.

"Sim, mas, como com qualquer criança, vocês só saberão se ele consegue correr quando ele correr."

"O.k. Entendo. E além de correr? Deveríamos manter o olho aberto para qualquer outra coisa no futuro?"

"Oh, o futuro. Entendi." Uma sombra caiu sobre o rosto do médico. "Você está com medo de que seu filho venha a ter câncer? Ou que seja atropelado por um carro? Ou que seja bipolar? Ou autista? Ou que tenha problemas com drogas? Não sei, não sou vidente. Bem-vinda ao mundo de quem tem filhos." Ele girou a cadeira e se foi.

Clee e eu ficamos ali, boquiabertas. Carla e Tammy trocaram olhares eloquentes.

"Não se preocupe", Tammy disse, "vocês vão saber se algo estiver errado. Uma mãe sempre sabe."

"Apenas se certifiquem de ele atingir os marcos de desenvolvimento", disse Carla. "Sorrir é o primeiro. Vocês precisam ver um sorriso até…" — ela contou nos dedos — "4 de julho. Não um sorriso reflexo, mas um sorriso de verdade." Ela abriu a boca, produzindo um sorriso infantil meio doido, e então o recolheu. Tammy entregou para cada uma de nós o boneco de um bebê com mandíbula móvel e nos escoltou até um quarto com uma televisão. Nós nos sentamos, confusas, segurando os bonecos.

"Reanimação cardiorrespiratória em bebês", a enfermeira sussurrou, apertando play no controle remoto. "Quando tiverem terminado é só sair." Ela se esgueirou dali, fechando a porta atrás de si docemente.

Ficamos sentadas lado a lado e observamos a mãe se aproximar do seu bebê, que não respirava. "Maria?" Ela chacoalhou o bebê. "MARIA!" Seu rosto era a máscara do horror. Ela discou 911 e então, como não sabia fazer reanimação cardiorrespiratória em bebês, esperou, uivando, enquanto o bebê provavelmente morria embaixo do seu nariz.

Assopramos ar desesperadamente dentro da boca dos bonecos e pressionamos seu peito em locais sujos, quase gastos. Nunca antes havíamos feito uma simulação de forma tão apaixonada. Olhei de soslaio para Clee, me perguntando se ela se lembrara dos vídeos explicativos a que nós duas assistíramos havia bastante tempo. Isso aqui também era autodefesa, de certo modo. Agora a pobre Maria estava se engasgando com uma uva.

"Não sei se consigo fazer isso", Clee disse, empurrando seu boneco para o

lado.

"Você consegue", tranquilizei-a. "Já está quase terminando." Mas ela ficou olhando para mim, calando algum significado impronunciável, específico. A maternidade. Ela não sabia se conseguia dar conta. Desviei o olhar, continuando a pressionar as costas do meu bebê-boneco, uma, duas, três vezes, então colei meu ouvido à sua boca, tentando escutar uma respiração.

Treze

Em casa não havia aparelhos. Se a pressão sanguínea ou os batimentos cardíacos ou a saturação de oxigênio de Jack subissem ou caíssem, não havia como saber. Ele comia a cada hora; Clee quase nunca não estava tirando leite, e eu estava sempre aquecendo, lavando ou segurando uma mamadeira. Ela voltava para o sofá e Jack dormia na cama comigo, no dorminhoco. A cada poucos segundos, eu tinha que colocar a mão sobre ele para acalmá-lo, mas eu não conseguia pegar no sono assim porque, senão, o peso da minha mão o sufocaria. Ficava deitada, segurando o peso da minha própria mão, por horas. Isso levou a um problema de dor excruciante no ombro e no pescoço que normalmente teria sido minha principal preocupação. Ignorei-a. Ele tinha cólica — depois de cada mamadeira, se contorcia e dava pinotes de agonia por horas a fio. "Faça alguma coisa faça alguma coisa", gritava Clee. Seus intestinos paravam de se mexer. Eu massageava seu estômago e movimentava suas perninhas, como se andando de bicicleta. Estava claro que havia algo muito errado com ele; um sorriso por volta de 4 de julho parecia, na melhor das hipóteses, improvável, já que ele era pouco mais do que um monte de intestinos. Seu rosto estava coberto de arranhões, mas nenhuma de nós duas tinha coragem de cortar suas unhas. Meu ombro piorou. Depois da primeira semana levei o dorminhoco do Jackpara o chão e passei a dormir a seu lado, ali. Eu não lhe dava banho porque tinha medo de que ele escorregasse das minhas mãos, ou que seu umbigo se abrisse. Então, certa noite, acordei às três da manhã certa de que ele estava apodrecendo feito uma carcaça de galinha. Apenas quando eu o estava baixando na pia me dei conta de que aquela era uma hora bizarra para dar banho num bebê e comecei a chorar, pois ele era tão confiante — eu podia fazer qualquer coisa que ele me acompanharia, o pequeno tolo.

Clee só tirava leite. Às vezes ela dormia enquanto tirava leite. Na maior parte do tempo, assistia TV no mudo. Se eu não conseguia encontrá-la, ela estava lá fora, sentada no meio-fio. Quando reclamei que ela não estava ajudando, perguntou: "Você quer que ele tome fórmula?". Como se ela quisesse realmente ajudar, mas não conseguisse. Ela era a pior pessoa possível com quem fazer aquilo — era evidente agora, mas o que eu podia fazer? Não havia tempo para discutir, e Jack ainda não fizera cocô. Haviam se passado doze dias. Todos os pratos estavam sujos, e Clee tentou lavá-los todos ao mesmo tempo na banheira — disse que já fizera assim antes. O ralo entupiu na hora, e então o encanador gordo veio, o mesmo; Jack deu uma olhadinha nele e fez um cocô enorme que arrebentou as fraldas; queijo cottage amarelo por todo lado. Chorei de alívio, beijando-o e limpando seu bumbum magrinho. Clee disse Desculpe e eu disse

Não, *me* desculpe, e naquela noite voltei para a cama, me perguntando por que diabos eu pensara que dormir no chão ajudaria em alguma coisa. Clee continuou no sofá. Tudo bem, ainda tínhamos quatro semanas até a data de consumação estabelecida pelo dr. Binwali.

Além de fazer cocô e comer e dormir, ele soluçava e fazia sons grudentos de um pterodátilo, bocejava e, experimentalmente, colocava a linguinha atrapalhada pelo minúsculo O de seus lábios. Clee perguntou se ele podia enxergar no escuro, como um gato, e respondi que sim. Mais tarde me dei conta do meu engano, mas eram cinco da manhã e ela estava dormindo. No dia seguinte, esqueci. A cada dia eu esquecia de lhe dizer que ele não enxergava no escuro como um gato, e a cada noite eu me lembrava, com uma urgência crescente. E se aquilo continuasse por anos e eu nunca dissesse a ela? Meu corpo estava tão cansado que muitas vezes flutuava ao meu lado ou acima de mim, e eu tinha de recolhê-lo, como a uma pipa. Enfim uma noite escrevi "Ele não enxerga no escuro" num pedaço de papel e o deixei próximo do seu rosto, enquanto ela dormia.

"O que é isso?", Clee perguntou no dia seguinte, mostrando a tira de papel.

"Oh, obrigada, sim. Jack não enxerga no escuro, como os gatos."

"Eu sei."

De repente, fiquei insegura sobre como aquilo começara. Talvez ela nunca tivesse perguntado. Deixei o assunto para lá com pensamentos sombrios quanto à minha própria mente. Na noite seguinte fui tomada pela suspeita de que aquele bebê não era Kubelko Bondy, afinal de contas, que eu fora enganada. Uma hora depois, decidi que Jack era o bebê *de* Kubelko Bondy — ele dera à luz o minúsculo bebê e nós estávamos apenas dando uma de babá até que Kubelko Bondy crescesse o suficiente para cuidar dele.

Mas, e se você é o bebê de Kubelko Bondy, então, onde está Kubelko Bondy?

Eu sou Kubelko Bondy.

Sim, você tem razão. Ótimo. É mais fácil assim.

Enrolei meu braço em torno de sua forma, aninhada como uma trouxinha. Tentar segurá-lo era como tentar segurar um muffin, ou uma xícara. Simplesmente não havia área útil suficiente. Com muito cuidado, beijei cada uma das bochechinhas manchadas. Sua vulnerabilidade acabava comigo, mas será que "amor" era a palavra certa para isso? Ou será que se tratava só de uma piedade febril? Seu terrível choro rasgou o ar — estava na hora de mais uma mamadeira.

As mamadas da noite eram à uma, às três, às cinco e às sete da manhã. A das três da manhã era a pior de todas. Todas as demais horas retinham alguns elementos de civilização, mas às três horas eu ficava olhando para a Lua, segurando o filho de outra pessoa que roubara a única vida que eu tinha. Todas as noites meu plano era aguentar até o nascer do dia e então elencar minhas

alternativas. Mas ficava nisso — não havia alternativa. Houvera alternativas, antes do bebê, mas nenhuma delas fora seguida. Eu não voara para o Japão sozinha para ver como era por lá. Eu não fora a boates nem dissera *Conte-me tudo sobre você* para estranhos. Eu nem mesmo fora ao cinema sozinha. Eu havia sido reservada quando não havia nenhuma razão para tal e coerente quando coerência não era importante. Nos últimos vinte anos, eu vivi como se estivesse tomando conta de um recém-nascido. Fiz Jack arrotar na palma da minha mão, sustentando seu pescoço mole na curva do meu dedão. A bomba de Clee começou na sala. Não o benigno *chup-pa* da bomba do hospital; a bomba nova era estridente, soava mais como *hutz-pa, hutz-pa*. Uma condenação perpetuamente em construção — quem achamos ser, assumindo aquela criança? *Hutz-pa, hutz-pa, hutz-pa.*

Mas, quando o sol nascia, eu chegava ao ápice da minha autocomiseração e me lembrava de que, de todo jeito, eu ia mesmo morrer no final daquela vida. Que diferença fazia, no fundo, se eu a passasse assim — cuidando daquele menino — e não de algum outro jeito? Eu seria sempre uma pessoa presa; ele não havia me roubado a habilidade de pegar um avião ou viver para sempre. Passei a ter estima por freiras, não do tipo conscrito, mas mulheres modernas que escolhiam a vocação. Se você fosse perspicaz o bastante para saber que essa vida consistiria basicamente em abrir mão de coisas que você desejaria, então por que não ficar realmente boa em abrir mão das coisas, em vez de tentar obtê-las? Essas revelações exóticas surgiram involuntariamente, e comecei a entender que a falta de sono e a vigília e as mamadas constantes eram uma forma de lavagem cerebral, um processo pelo qual meu velho eu estava sendo moldado, lenta, mas sob uma força estável, numa nova forma: uma mãe. Doía. Tentei manter algum nível de consciência enquanto isso acontecia, como observar minha própria cirurgia. Esperei conseguir manter um pequeno cantinho da velha eu, apenas o bastante para com ele conseguir advertir outras mulheres. Mas eu sabia que era pouco provável; quando o processo se completasse, não me sobraria nada com que me queixar, não doeria mais, eu não me lembraria.

Clee nunca tocava em Jack, a menos que eu o entregasse a ela, e então ela o segurava longe do próprio corpo, com as perninhas balançando. Carinha é como ela o chamava.

"As mãos do Carinha parecem estranhas para você?"

"Não. O que quer dizer?"

"Ele não tem, tipo, nenhum controle sobre elas. Já vi gente assim — adultos, sabe, em cadeiras de rodas."

Eu sabia o que ela queria dizer, eu também já vira gente assim. Observamos enquanto ele agitava os membros, erraticamente.

"Ele é muito novo. Nada importa, até ele sorrir. Quatro de julho."

Ela fez que sim, sem muita segurança, e perguntou se precisávamos de algo da

rua.

"Não."

"Acho que vou sair, mesmo assim."

Agora que estava completamente recuperada, ela saía bastante, o que às vezes era um alívio; eu só precisava tomar conta dele, em vez de dele e dela. Isso me fazia sorrir, porque eu parecia muito uma dona de casa dos anos 50; ela era meu grande fardo. Será que isso poderia ser um apelido?"

"Você é meu Grande Fardo."

"Sim."

"E eu sou sua Boo."

"Isso."

Só que ela não era como um marido dos anos 50, porque não trazia bacon para casa. Clee tentou reaver seu emprego no Ralphs, mas havia uma nova pessoa encarregada das contratações agora — uma mulher. Dê uma sondada, falei. Fique antenada, nunca se sabe. Ela deu uma sondada, uma mensagem de texto para Kate: *Sabe de algum emprego?????????????*

Apesar da minha exaustão, depilei todo o meu pelo pubiano no dia 17 de maio, à véspera do último dia da oitava semana; eu tinha bastante certeza de que ela iria preferir isso à minha penugem grisalha. Suzanne também lembrou do dia especial e me mandou uma mensagem de texto alusiva: *Por favor, reconsidere*.

Na noite do dia 18, coloquei Jack no canguru e dei voltas na quadra com ele sem parar até que ele estivesse profundamente adormecido. Eu o abaixei até o berço e mantive as mãos na sua cabeça e nos seus pés, contei até dez, então tirei as mãos de uma só vez num movimento ágil e delicado e saí de fininho do quarto de passar. Escovei o cabelo para trás das orelhas, vesti as "cortininhas" pink e deixei a porta aberta.

Foi meio que um alívio quando ela não chegou. Eu não queria que o sexo tomasse conta de nossa vida — filmes proibidos para menores e equipamentos de borracha e tudo o mais. De tempos em tempos eu verificava o quadro-negro para ver se havia novos tracinhos indicativos de contagem. Ainda nenhum, mas a pequena marca lilás ainda estava lá. Folheei o calendário contando as semanas até 4 de julho. Quando ele sorrisse tudo o mais entraria nos trilhos, tracinhos brotariam como grama.

Calhou que a irmã da mãe de Kate era uma organizadora de festas que empregava uma equipe de catering.

"É um emprego de verdade", Clee disse, "não como no Ralphs. É uma carreira."

"Então ela é tia de Kate?"

Jack peidou sonoramente na fralda.

"É irmã da mãe dela. Meu sonho é aprender tudo e então começar minha

própria empresa."

"Uma empresa de organizar festas?"

"Não necessariamente, mas talvez. É uma ideia. Rachel, da equipe, vai começar uma empresa que faz pipocas com vários sabores. Ela já tem toda a pipoca. Está no quarto dela."

"Você quer fazer isso?" Coloquei Jacknos seus braços.

"O quê?"

"Trocá-lo."

Quando já haviam se passado oito semanas e sete dias, raspei os pelos novamente e vesti de novo as cortininhas. Porque, se não se contasse a primeira semana, que ela provavelmente não contara, então esta seria a última noite da oitava semana.

Depois daquela noite, não voltei a raspar meus pelos.

Para os eventos, ela tinha que usar uma camisa de smoking branca e uma gravata-borboleta preta de garçom. Ela ficava incrível, claro; por isso fora contratada. Na primeira noite, chegou em casa às duas da manhã.

"Fizeram uma bagunça tão grande… fiquei horas limpando", reclamou.

Com muito ruído ela descarregou um saco de papel cheio de garrafas de champanhe pela metade e cupcakes e um maço de guardanapos impressos com zac & kim.

"Psiu." Apontei, furiosa, para a babá eletrônica. Haviam sido necessárias quatro voltas na quadra para fazê-lo dormir.

Ela deixou cair o saco de papel vazio como uma batata quente.

"O.k., preciso falar uma coisa."

Seu rosto estava estranho e sério. Meu estômago embrulhou. Ela estava rompendo comigo.

"Sabe quando conto coisas para você? Você nem sempre parece interessada. Tipo, você não faz perguntas, e isso me faz achar que você não dá bola. Não sorria. Por que você está sorrindo?"

"Desculpe. *Estou* interessada. No que eu não estava interessada?"

"Bem, é só um exemplo que me ocorreu agora, quando falei a você sobre a empresa de pipoca que Rachel vai montar. Você não perguntou nada a respeito."

"Sim, entendo o que quer dizer. Acho que talvez nesse caso específico você me fez um relato bem completo, de forma que não havia perguntas a serem feitas."

"Eu consigo pensar numa pergunta."

"Qual?"

"Que sabores? Essa seria a primeira pergunta que uma pessoa realmente interessada faria."

"O.k. Tem razão."

Ela se virou, esperando.

"Que sabores?"

"Está vendo, aí é que está: mamão, leite, chocolate ao leite, chiclete — todos sabores assim. Você já comeu pipoca com sabor de chiclete?"

"Não. Já masquei chiclete e já comi pipoca, mas não…"

"Não como uma coisa só."

"Nunca como uma coisa só."

Duas da manhã era cedo. Às vezes as festas terminavam às três e ela ficava até as cinco limpando. Certa vez ela e Rachel tiveram de levar um pódio de mármore para Orange County às quatro da manhã para que a irmã da mãe de Kate não precisasse pagar mais um dia de aluguel. Às vezes Clee chegava bêbada em casa, o que simplesmente fazia parte do trabalho.

"É que sobra tanta bebida", ela praguejava.

Ela desabotoava sua camisa de smoking e tirava o leite alcoólico. *Hutz-pa, hutz-pa, hutz-pa*. Virei-o no ralo e ela me deu um selinho. Então outro beijo mais longo que tinha um sabor engraçado.

Ela observou minha expressão. "Estou com gosto de tequila?"

Fiz que sim.

"Você gosta?"

"Não sou de beber muito."

"Bem, precisamos embebedá-la uma hora dessas, minha senhora."

Senhora não era, na verdade, um dos seus apelidos para mim; fez que me sentisse velha. Ela pôs as mãos em meus quadris.

"Onde está aquele vestido?"

"Que vestido?"

Ela fez uma cara feia, uma de suas velhas caras de má.

"Esquece."

A TV foi ligada; entrei no quarto e fechei a porta. A qualquer hora que eu estivesse sozinha agora, eu caía num estupor de surpresa, com os braços apertados contra o corpo, tentando encontrar a velha eu naquela nova vida. Normalmente não ia muito longe — Jack chorava e eu entrava em movimento, esquecendo de mim de novo. Se ele não chorasse, meus pensamentos se tornavam cada vez mais tortuosos e frenéticos, que era o que estava acontecendo agora. Me dei conta de que vestido ela estava falando.

Ela corou ao me ver. Seus olhos se fixaram nas moedas de um centavo do meu sapato e lentamente subiram por todo o comprimento do vestido de veludo, botão por botão. Quando chegou ao meu rosto, ela recuou um passo e deu uma boa olhada na cena toda. Seu rosto era de choque, quase de dor. Ela correu os dedos por sua franja e enxugou as mãos na calça do abrigo algumas vezes. Nunca ninguém me olhara daquele jeito antes, como uma fantasia que tomou vida.

Ela se levantou e baixou a cabeça, me beijando no pescoço logo acima da gola alta. O jeito como me puxou para baixo foi brusco. Não como antes, só um

pouco. O que me deixou chorosa — aquilo também éramos nós. Ela fugiu na direção dos meus pés, bem junto da bainha. Eram botões difíceis, quase um pouco grandes demais para as casas. Ela se grudou com afinco em cada um como se fosse o primeiro, sem jamais aprimorar qualquer truque ou técnica de desabotoar. Pensei que eram mínimas as chances de ela chegar até meu púbis antes de Jack chorar, se é que era para lá que ela se dirigia. Quando ele não chorou, fiquei preocupada que estivesse morto, mas como não queria ser a pessoa a encontrá-lo, fiquei no chão. Seus dedos abriram caminho até acima da minha cintura. Observei a forma oval e séria de seu rosto enquanto ela penava até meu peito. Seu hálito alcoólico era ansioso de expectativa. Era um som excitante; qualquer pessoa de qualquer orientação ficaria excitada de ouvir aquilo. Quando o botão abaixo do meu queixo foi desfeito, ela cuidadosamente abriu os dois lados do vestido, como um peixe aberto ao meio. Eu não estava usando as cortininhas nem nada mais. Ela voltou a se sentar com seus saltos altos, fixou os olhos nos meus seios suados e começou a murmurar algo com hálito de álcool.

"Cheryl dá conta sozinha… Estou me juntando a ela, embora não seja de grande ajuda…"

Ela rapidamente murmurou o resto, como se fosse a Oração do Senhor. Deitada no chão era difícil me curvar para indicar que estava prestando atenção, mas quando o fiz ela arrancou as próprias calças de abrigo e a própria tanga num só movimento ágil e se abaixou, alinhando seu monte loiro-escuro com o meu, com toquinhos grisalhos. Levantei a cabeça para beijá-la; ela fechou os olhos e pigarreou enquanto movia o quadril ligeiramente para um lado. Com grande concentração ela começou a se esfregar no meu osso púbico. Era bastante peso e eu não tinha certeza sobre onde pôr minhas mãos. Elas flutuaram sobre suas nádegas nuas por algum tempo antes de ali pousarem. Apertei. Não havia como negar que aquilo era bom, mas era difícil de conduzir a sensação até qualquer tipo de clímax. Fechei os olhos e Phillip me incentivou: "Pense no seu lance". Passara-se muito tempo desde que eu pensara no meu lance. Firmei os pés e tentei gerar uma reação, uma fantasia dentro da fantasia, mas em algum momento do caminho meus olhos se abriram. Seus peitos inchados estavam pressionados contra meu peito liso e cabeludo e eu senti sua xoxota molhada deslizando contra meu membro rijo. Apertei sua bunda tão forte quanto possível e meti para cima; a sensação era incrível, eu a possuía, eu a estava possuindo. Meti de novo e de novo até que ejaculei em ondas firmes e tempestuosas, inundando-a. Clee observou meu rosto se contorcer e acelerou, e sua esfregação se tornou constrangedoramente intencional. Tentei me deixar levar pelo movimento, mas era rápido demais para duas pessoas, então fiquei parada, como um bom poste para um cachorro se esfregar. O cheiro de seus pés levantou-se em ondas, alternando-se com ar limpo. Eu podia sentir a barriga flácida onde

Jack vivera. Ela continuava se mexendo; algo estava machucando. Enfim ela estremeceu e enrijeceu os ombros com um gemido agudo que quase soou falso. Eu sabia que me acostumaria àquilo. Talvez na próxima vez eu até emitisse algum som.

Ela rolou de cima de mim e rapidamente colocou sua tanga de volta e a calça de abrigo. Ela se pôs de pé num salto e quase caiu para trás, rindo.

"Oh, meu Deus", ela disse, não para mim, apenas para o ar. "Oh, meu Deus."

Parecia que estava terminado, então comecei a abotoar o vestido.

"Vou pedir uma pizza agora mesmo e comer tudo." Ela já estava discando. "Você quer? Não, né?"

"Não."

Liguei e desliguei a babá eletrônica para me certificar de que a tela não estava congelada.

"Ele não se mexe há um tempão."

Ela olhou para a tela. "Como assim?"

"É que ele não se mexeu."

"Isso é ruim?"

"Não, se ele estiver vivo."

"Será que você deveria ir lá ver?"

"E acordá-lo?"

Fiquei sentada sozinha com a babá eletrônica, colocando a ponta da minha unha contra o peito dele para medir qualquer movimento que pudesse indicar respiração. A resolução não era boa o suficiente. *Vou sair na rua gritando, é a primeira coisa que vou fazer. Depois, sem planos.*

Quando o entregador de pizza tocou a campainha, o bebê acordou. Quando consegui fazê-lo dormir de novo, ela já havia comido tudo.

No dia 3 de julho Jack chorou, com algumas pausas, o dia inteiro, como se soubesse que aquele era o último dia para um sorriso e estivesse terrivelmente triste por perder o prazo.

Não tem problema, apenas tire isso da cabeça.

Mas estou sentindo um vindo aí.

Sem pressa.

Clee passou meia hora o importunando com barulhos e caretas, e então desistiu e saiu para a rua pisando firme. Observei-a andar de um lado para o outro, fumando e falando ao telefone.

No dia 4 fomos até o Ralphs e Clee ganhou um cachorro-quente grátis para funcionários, embora não trabalhasse mais lá. O gerente pegou Jack no colo e uma mulher chamada Chris o pegou no colo e o açougueiro o pegou no colo e então Clee o pegou, realmente o aninhando, como se o fizesse o tempo todo. Ele tentou se agarrar a um dos botões da sua camisa de smoking. Ela a usava todos os

dias agora, mesmo quando não estava trabalhando. E calças verdes, do Exército. Seu estilo de vestir mudara silenciosa e completamente ao longo do último mês. Caía-lhe bem. Quando ela começou a ficar impaciente, o jovem empacotador de cabelo ruivo pegou Jack de seus braços e o jogou para cima, no ar.

"Cuidado", falei.

"Ele gosta", disse o rapaz. "Olhe!"

Clee e eu olhamos para cima para o nosso bebê e ele sorriu, olhando para baixo, para nós. Nós rimos alto e nos abraçamos e ao jovem empacotador e a Jack. O marco de desenvolvimento fora alcançado.

Depois de sorrir veio rir, então rolar sobre o próprio corpo. Os dias e as noites começaram a se normalizar; três da manhã se tornou uma hora como qualquer outra. Os primeiros meses eram difíceis para todos os novos pais, uma provação, na verdade — e nós tínhamos passado! E era verão. Lavei as roupas de cama. Abri todas as janelas e fiz o que pude para arrumar o pátio, podando e arrancando ervas daninhas enquanto Jack rolava em cima de uma coberta. Rick teria de esvaziar o balde de lesmas, se algum dia voltasse; estava quase cheio. Clee usava shorts jeans e empregou parte do dinheiro ganho com catering para comprar a bicicleta elétrica velha de sua amiga Rachel, pois Rachel estava comprando uma nova. Elas andavam juntas nos finais de semana e estavam pensando em se juntar a uma equipe de ciclistas.

"Porque somos rápidas pra caralho!", ela disse, alto, tirando o capacete.

"Talvez Jack e eu possamos ver vocês competirem." Eu me vi sentada junto de um cooler, segurando o bebê e acenando uma bandeirola. Protetor solar.

Seu rosto se fechou. "Não é assim. Não há corridas."

"Oh, o.k. Você falou em equipe, então pensei…"

Ela pegou algo na cozinha e voltou para a rua. Olhei para fora da janela da frente com Jack equilibrado em meu quadril. Ela estava lavando as rodas de sua bicicleta com a mangueira e escovando-as com minha escovinha de limpar legumes. A maior parte do peso que ela ganhara na gravidez havia desaparecido. Seus novos seios, até mesmo maiores, pareciam quase irreais, mas de um jeito maravilhoso. Ela desligou a água e deu um passo atrás, admirando a bicicleta brilhante. Muitas pessoas teriam dificuldade de manter as mãos longe dela. Será que ela esperava isso de mim? Claro que sim.

Naquela noite, vesti as cortininhas. Era constrangedor demais pavonear-se seminua, então usei meu robe de banho e o deixei cair uma vez que eu estava ao lado dela no sofá. Ela demorou um pouco para tirar os olhos da TV e então o fez. Por um segundo apenas.

"Eu", ela estava piscando rapidamente, "preciso de aviso prévio."

Vesti o robe de novo.

"O.k. Quanto de aviso prévio?"

"O quê?"

"É que não sei se você quer dizer uma hora, ou um dia, ou…"

Ela olhou para os próprios joelhos como uma adolescente levando um sermão dos pais. Depois de algum tempo a pergunta se evaporou; não podia ser respondida agora. Levantei e fiz um pouco de chá.

Eu ainda lhe dava um selinho de vez em quando, mas seus lábios pareciam rígidos, um tantinho recuados. Às vezes eu desejava que pudéssemos resolver tudo lutando, como nos velhos tempos, mas era impossível e precisaríamos contratar uma babá. E eu na verdade não queria lutar com ela; ela nem sequer estava sendo má. Clee lavava seus pratos e zelosamente aparava a grama dos fundos usando botas de borrachas sujas que iam até os joelhos. Quando foi que comprara essas botas? Ou será que eram botas de Rick, as que ele usava para cuidar do jardim? A melancolia parecia fincada em meu peito, como se eu sentisse falta do jardineiro sem-teto. Ou como se sentisse falta do passado — o hospital, as enfermeiras, os botões de emergência, sua aparência com tranças e o gorro de algodão que não servia direito. A primeira marca lilás ainda estava no canto alto do quadro-negro, mas alguém que não soubesse do que se tratava podia pensar que era apenas parte de outra coisa que não fora completamente apagada.

Era uma ideia que eu estava desenvolvendo. Eu pensara nela apenas durante alguns segundos, então a deixei de lado. Uns dias mais tarde, quando Jack estava dormindo, eu me forçava a pegá-la novamente e a pensar nela mais um pouco. Era como uma grande tapeçaria; não queria ver a imagem inteira até que estivesse pronta. E a razão era: porque a imagem era muito triste.

Tínhamos nos apaixonado; aquilo ainda era verdade. Mas, com condições psicológicas adequadas, uma pessoa podia se apaixonar por qualquer outra pessoa, ou por qualquer coisa. Uma mesa de madeira — sempre de quatro, sempre em pé, sempre lá para quando você precisa. Qual era a vida útil desses amores improváveis? Uma hora. Uma semana. Alguns meses, na melhor das hipóteses. O fim era uma coisa natural, como as estações, como envelhecer, como frutas amadurecendo. Essa era a parte mais triste — não havia ninguém a quem culpar e nenhum jeito de reverter tudo.

De forma que agora eu estava apenas esperando ela me abandonar, levando consigo o menino que legalmente não era meu filho. Um dia, em breve, eles iriam embora. Ela o faria abruptamente, para evitar uma cena. Iria para casa; Carl e Suzanne ajudariam a criá-lo. Não estavam falando com ela agora, mas isso mudaria quando ela chegasse à soleira deles com um bebê e uma trouxa de tecido roxo sobre o ombro. Com essa nova compreensão da minha situação veio uma espécie de tremedeira e perda de apetite; eu segurava Jack com mãos frias, sempre à beira das lágrimas. Pela primeira vez na vida, entendi a televisão, por que todo mundo assistia. Ajudava. Não a longo prazo, claro, mas minuto a

minuto. A única comida pela qual eu tinha apetite era irreal, salgadinhos não orgânicos e cookies e uma coisa especialmente viciante que era ambas as coisas — um tipo de cookie frito e salgado. Quando terminavam, eu deixava Jack com ela e corria até o Ralphs.

"Se ele acordar e chorar, espere cinco minutos antes de entrar. Ele provavelmente vai voltar a dormir depois de dois minutos."

Ela fazia que sim, tipo *Sim, sim, sim, eu sei*. Estava tirando leite. "Pode comprar aquele refrigerante de pomelo para mim?"

Dirigindo para casa, me dei conta de que tinha esquecido o refrigerante. Então pensei: *Não faz mal. Porque ela não vai estar lá quando eu chegar em casa. Nenhum dos dois estará.* É claro, seu carro não estava na entrada.

Seria perverso entrar na casa apenas momentos depois de ela ir embora. Eu precisava deixar as coisas se assentarem um pouco, decantarem. E, além disso, eu não conseguia me mexer, de tanto que chorava. Uivos desabridos. Acontecera. *Oh, meu bebê. Kubelko Bondy.*

De repente seu Audi prateado parou ao lado do meu, dois pacotes de dois litros de Pepsi diet no assento do passageiro, Jack dormindo na cadeirinha. Nós duas saímos dos carros.

"Deixei-o chorar durante cinco minutos, mas ele não parou", ela sussurrou sobre o capô. "Então levei-o para dar uma volta."

Depois daquilo, eu mantinha Jack comigo, sempre, e tentava fazer coisas das quais ele fosse se lembrar, em nível celular, depois que ela o levasse embora. Organizei um passeio até o calçadão do píer de Santa Monica, cheio de visões e sons estimulantes, indeléveis.

"Posso levar uma amiga?", Clee perguntou.

"Que amiga?", perguntei.

"Deixe pra lá, não faz mal."

O píer estava cheio de centenas de pessoas obesas comendo formas gigantes de massa frita e algodão-doce de cores fluorescentes. Clee comprou uma bolacha Oreo frita.

"Isso vai fazer leite doce", falei, pensando nas propriedades inflamatórias do açúcar.

"O quê?", ela gritou acima do ruidoso barulho de uma montanha-russa. A cada vez que ela passava, uma mulher latina erguia seu bebê alto no ar e ele ria, com braços e pernas; ele achava que estava andando na montanha-russa. Na vez seguinte que o carrinho passou, ergui Jack em uníssono; daquilo ele se lembraria. A mulher sorriu para mim e fiz um gesto de deferência, para que ela soubesse que eu não estava tentando me impor, ela era a líder. Erguemos nossos bebês no ar várias vezes, mostrando para eles como era ser uma mãe, estar aterrorizantemente apaixonada, sem ter a opção de desembarcar. Meus braços ficaram cansados, mas não cabia a mim decidir quando encerrar. Como eu

ansiava ser qualquer uma daquelas pessoas perambulando a esmo numa liberdade tão fácil. De repente a montanha-russa parou com um ruído surdo; as portas se abriram num estrondo e uma horda de homens e crianças saiu na direção da minha camarada latina, rindo de pernas bambas da viagem. Eu mal tive forças de acomodar Jack no canguru; meus braços pendiam como macarrão cozido.

E Clee se fora.

Segurei a respiração e fiquei perfeitamente parada enquanto a multidão nos contornava.

Ela esperara até eu ficar distraída.

Sua amiga viera apanhá-la.

Estavam na metade do caminho até San Francisco.

Ela deixara Jack.

Segurei seu rosto nas mãos e tentei manter minha respiração estável. Jack ainda não sabia. Era terrível, um crime. Ou talvez esse fosse o plano dela o tempo todo, uma escolha generosa e madura. Meus olhos miraram para cima. Ela acreditava em mim, que eu era capaz. E eu era. O alívio se misturou com o choque de ser abandonada. Caminhei em círculos, hesitantemente até a saída, então até o banheiro, depois surdamente observando um pai magrinho falhar na tentativa de alvejar um pato de borracha com uma arminha, bang, bang… bang. Ela também o estava observando. Ela estava bem ali, com sua camisa de smoking, comendo um pretzel gigante. O pai magrelo desistiu, e Clee olhou em torno naturalmente, procurando a próxima coisa para olhar. Ela nos viu e acenou.

"Você acha que a arma é adulterada?"

"Provavelmente", falei, tremendo.

"Vou tentar mesmo assim. Pode segurar isto?"

Outro mês se passou e eu me dei conta de que talvez ela não soubesse. Talvez eu esperasse durante anos. Clee poderia envelhecer naquela casa, com seu filho e a funcionária de seus pais, sem jamais saber que estava fadada a me abandonar. Sua impaciência se gastaria, seu cabelo loiro ficaria de um branco-acinzentado e ela ganharia corpo. Quando tivesse sessenta e cinco, eu teria oitenta e tantos — apenas duas mulheres velhas com um filho adulto. Não era o arranjo dos sonhos para nenhuma de nós, mas talvez fosse bom o bastante. Essa revelação foi de grande conforto para mim, e pensei que poderia me sustentar indefinidamente, como um pão secreto. Então, certa tarde, Jack e eu estávamos voltando do parque quando vimos algo ao longe.

O que é aquilo junto ao meio-fio?, ele perguntou.

É uma pessoa, falei.

Uma pessoa cinzenta curvada à frente. Clee. Seu cabelo não era cinzento, mas sua pele sim. E seu rosto. Curtida e alquebrada por um fardo tão pesado que qualquer um podia ver: ali estava uma mulher que odiava sua vida. E aquele era

o jeito como ela estava planejando suportar tudo: sentada no meio-fio, fumando. Havia quanto tempo ela estava deprimida? Meses, era óbvio agora. Ela fumava ali fora desde que trouxéramos Jack para casa. Deve acontecer o tempo todo: uma paixão ocasional domina o curso natural da vida de alguém e não há nada que se possa fazer a respeito. Olhei para Jack; suas sobrancelhas estavam arqueadas de inquietação.

Ela pode ser muito cheia de energia, assegurei para ele. *E divertida*.

Ele não acreditou em mim.

Ela levantou a cabeça e observou enquanto íamos na sua direção. Sem acenos, apenas um peteleco que mandou seu cigarro para a sarjeta.

Um dos meus programas de TV favoritos era sobre a sobrevivência de um homem na natureza selvagem. Num episódio recente, parte do pé do homem ficava presa sob uma rocha e ele não tinha escolha a não ser cortá-lo fora com um pequeno serrote. Ele serrou e serrou e então jogou a parte do próprio pé nos arbustos. Estava preto e azul. No nosso caso, o pé teria de cortar fora a si mesmo, para libertar o homem. Para libertar Clee. Eu o faria amorosamente, cerimoniosamente, mas com a mesma determinação férrea. Estremeci; um pequeno lamento escapou de mim. Não seria como na primeira vez em que a mãe de Kubelko o levara embora, eu não tinha nove anos. Eu nunca me recuperaria. Mas não podia ficar com ele mantendo-a perto de mim, não era digno de uma mãe, nem de uma esposa, nem fadado a terminar bem. Pegue o serrote. Serre e serre e serre e serre.

Velas de verdade podem causar incêndios, então comprei substitutas elétricas que se acendiam ao serem agitadas. O CD de canto gregoriano não era a "nossa música", mas era muito parecido com o que ouvíramos no rádio naquela primeira manhã. Coloquei para tocar, calmamente, e liguei as luzes. Jack e eu fitamos as chamas de plástico flutuando no escuro; entre elas havia uma vela de verdade, a coluna de romã e groselha que eu lhe dera quase dois anos antes. O cômodo tremulava e brilhava. Tentei chorar em silêncio, para que o bebê não percebesse. Com a boca contorcida, aberta, lágrimas correndo para dentro dela. Era o pensamento de ser sozinha novamente, depois de ter sido três… de silêncio e perfeita ordem depois de todo aquele barulho.

Eu tinha quarenta minutos para fazê-lo dormir antes que Clee chegasse do trabalho. Dei-lhe banho como se pela última vez. A cantiga de ninar que cantei para ele saiu como um hino fúnebre, então abri *Little Fur Family*,* mas o conto era devastadoramente aconchegante demais, consideradas as circunstâncias. Jack começou a se contorcer e agitar.

Por que tão pouca fé?, ele perguntou.

Expliquei que fé não tinha nada a ver com a questão, nem sempre era possível ter tudo o que a gente queria. Mas ele tinha razão. Uma mãe de verdade joga o

próprio coração por sobre a cerca e depois se inclina atrás dele.

Fechei *Little Fur Family*, liguei as luzes e o segurei no colo.

Fiquei toda comovida, não é? Que bobinha. Nós vamos dizer adeus um milhão de vezes e olá um milhão de vezes só no curso de sua longa, longa vida.

Jack levantou os olhos para mim; ele estava se perguntando o que acontecera com a historinha para dormir.

O.k. Um dia, comecei*, quando você for grande, vou esperar por um avião e você vai estar nele. Você estará vindo da China ou de Taiwan e eu vou ficar em pé quando seu voo for anunciado. Clee também vai ficar em pé, ela estará lá. Nós vamos esperar com todas as outras mamães e papais e maridos e esposas, lá no final do longo corredor de chegada. Passageiros vão começar a fluir pelo corredor. Eu vou procurar, procurar, meu coração vai bater forte, onde, onde, onde — e então vou ver você. Jack, meu bebê. Lá vai estar você, alto e bonito com sua nova namorada ou seu novo namorado. Vou acenar loucamente. Você não vai me ver, e então de repente vai me enxergar. Você vai acenar. E eu não vou conseguir me conter, vou começar a correr pelo corredor. É demais, mas, uma vez que comecei, não consigo parar. E adivinha o que você vai fazer? Você também vai correr. Você vai correr na minha direção e eu vou correr na sua e, à medida que nos aproximarmos, nós dois vamos começar a rir. Vamos rir e rir e correr e correr e correr e uma música vai tocar, instrumentos de sopro, um hino crescente, nenhum par de olhos secos na casa, os créditos subirão. Chuva de aplausos. Fim.*

Ele dormiu.

O canto gregoriano ainda estava tocando quando ela chegou do trabalho. Eu estava esperando no quarto, à luz de velas. Ela enfiou a cabeça pela porta, surpresa. Servi tequila no copinho do qual eu só tinha um; nos últimos dezesseis anos servira para guardar presilhas de cabelo empoeiradas.

"Que luzes estranhas", ela disse, bebericando e olhando em volta. O CD estava numa faixa diferente agora, um hino silencioso. Mudas, subimos na cama.

Deitei-me com ela e ela se enrolou em mim, à velha maneira, dois Ss.

O canto inteiro tocou, e então um novo começou, uma voz solitária numa catedral infinita, subindo e ecoando e louvando. O cantor estava enlevado e iluminado de gratidão, não por alguma coisa, mas por toda a sua vida, até mesmo pela agonia. Até mesmo em latim era possível entender que ele estava agradecendo a Deus em particular pela agonia, pelo jeito como lhe possibilitava abrir caminho tão firmemente no mundo. Apertei seus braços, e elas os cerrou mais forte à minha volta.

"Você precisa se mudar."

Ela congelou. Visualizei o homem cortando fora o dedo do pé. Fechei meus olhos e serrei e serrei.

"Você precisa morar em seu primeiro apartamento, aprender a cuidar de si

mesma, ser livre. Se apaixonar."

"Estou apaixonada."

"Isso é bom. Você dizer isso."

Ela não o repetiu.

Como ela estava atrás de mim, por bastante tempo não soube o que estava acontecendo. Então ela respirou sonoramente, aspirando seu ranho choroso.

"Não sei como vou"… ela fungou no meu pescoço… "cuidar dele."

Contei até nove.

"Eu poderia… se você quisesse… deixá-lo aqui. Quero dizer, só até você se organizar."

Ela chorava agora de um jeito que eu podia sentir: com o corpo inteiro tremendo.

"Acho que sou a pior mãe de todos os tempos", ela tossiu.

"Não, não, não. De jeito nenhum."

O CD continuou tocando e tocando. Talvez tenha recomeçado do início, era difícil dizer. Dormimos. Acordei e dei uma mamadeira para Jack. Voltei, deslizei para dentro dos seus braços, dormi e dormi. A manhã se perdera no caminho para casa. Ficaríamos deitadas assim para sempre, para sempre dizendo adeus, sem jamais nos separarmos.

---

* Pequena família peluda. (N. T.)

Catorze

Clee pensou que seria mais prático se eu me tornasse uma guardiã legal. "Porque pode demorar até eu me organizar."

"Faz sentido", falei, segurando meu fôlego. Agora que estava decidido, ela fez planos muito rapidamente, com um ímpeto que não lhe era comum. Fui informada de uma audiência no tribunal; ela dirigiu cantarolando o caminho todo. Acontece que quase todo mundo pode sequestrar legalmente o seu filho, desde que você fique em pé na frente do juiz e lhe diga que está "totalmente de acordo". Uma assistente social viria me visitar quatro vezes no ano seguinte, e Clee teria sua própria casa.

"Ficamos mais do que felizes em poder ajudá-la com o aluguel", Suzanne me garantiu. "Obviamente deveríamos ter feito isso lá no início. Todos os pais cometem erros. Você vai ver. Quando você vai voltar ao trabalho?" Ela pensava que tinha vencido — que estávamos competindo por sua filha e que, no final das contas, ela vencera.

Falei para Clee que ela podia parar de tirar leite já que teríamos de começar a usar fórmula de todo jeito, mas ela prometeu suprimento de leite materno para um mês.

"E quando vier visitar às sextas-feiras, posso tirar leite."

"Seu leite terá secado. Não tem problema — ele está com sete meses. Você já fez o que tinha que fazer."

Lágrimas encheram seus olhos. Lágrimas de alegria. Eu não tinha me dado conta de que ela detestava tanto assim tirar leite.

Não dissemos que a última noite foi a última noite, mas o dia seguinte foi o dia em que ela deveria se mudar para seu apartamento na Studio City, e daí ela dormiria lá na noite seguinte e na noite seguinte por anos até que se mudasse, provavelmente para um apartamento maior, talvez com alguém, alguém com quem ela se casaria, talvez tivessem filhos. Em algum momento ela teria a minha idade e Jack entraria para a faculdade e aquele tempo, aquele breve tempo em que vivemos juntas, se tornaria apenas um tanto de lenda familiar sobre um acidente e uma amiga da família e sobre como tudo correu para todo mundo. Os detalhes seriam lavados aos poucos; por exemplo, não seria contada como uma grande história de amor americana do nosso tempo.

Na manhã seguinte, seus sacos de lixo estavam alinhados junto à porta. Se chegassem mais perto, sairiam marchando sozinhos. A famosa Rachel veio ajudá-la com a mudança.

"Ouvi dizer que você está começando uma empresa de pipoca com sabores", falei, fazendo Jack arrotar sobre meu ombro. Ela estremeceu ligeiramente.

"Acho que dá para chamar assim. Quero dizer, tecnicamente é o que é."

Clee escancarou a porta da frente e agarrou dois sacos, de olho na nossa conversa. Rachel era muito magrinha e tinha cara de judia. Estava vestindo uma blusa com listras diagonais em cores pastel que parecia saída dos anos 80; tratava-se de uma piada sobre o quão tolos eram os tempos antes de ela nascer.

"Será que entendi errado? Clee disse que você iria fazer pipoca sabor chiclete?"

"É realmente difícil de explicar, pois estou trabalhando em muitos níveis diferentes." Ela jogou o maior saco sobre o ombro. "Fico surpresa que ela tenha mencionado isso a você."

"Bem, ela só me falou do nível pipoca de chiclete."

Ela me olhou de cima a baixo e para cima de novo, aterrissando não nos meus olhos, mas no meu pescoço.

Clee xingou lá dentro, agarrando o último saco. "Isso é tudo!"

"Mesmo?" Olhei em volta. "O banheiro?"

"Já olhei."

"Está bem, então."

Ela esfregou o topo da cabeça de Jack. "Adeus, Carinha. Não se esqueça da tia Clee." Tia. Quando foi que ela decidira aquilo? Ele agarrou seu cabelo; ela se desvencilhou. Rachel pegou seu telefone e deu as costas; aquele era o momento alocado para o nosso adeus. Clee parecia nervosa. Eu duvidava que ela viesse todas as sextas-feiras às dez da manhã. Ela abriu os braços como um urso amigável. "Obrigada por tudo, Cheryl. Ligo à noite para vocês."

"Não precisa."

"Vou ligar."

Observamos ela entrar no carro e se afastar e então ficamos caminhando pela casa. Os cômodos tinham um som diferente, como se o pé-direito tivesse ficado mais alto, vazio.

Eu costumava ser sempre assim, expliquei. *É assim que a casa normalmente é.*

Ela não deixou nada?, ele perguntou. *Nada?*

Procuramos em todos os cômodos. Ela fora bem cuidadosa. O envelope entre os livros se fora; o mesmo com a lingueta da lata de refrigerante. Finalmente encontramos uma coisa que ela esquecera.

Levei a gota de cristal do banheiro e a pendurei na cozinha acima da pia. Jack a observou se bater contra o vidro algumas vezes, e então girar, em silêncio.

Arco-íris. Indiquei um rebanho deles deslizando pela parede. Sua pequena boca abriu-se num espanto pasmado.

Isso sim é mais o tipo de coisa que eu estava esperando, ele disse. *Com certeza vai ser o meu principal interesse, minha área de concentração.*

Arco-íris?

E tudo o mais como isso.

Não há nada como isso. Arco-íris são solitários; eles são a única coisa do tipo.

O cristal começou a girar no outro sentido, enviando a frota brilhante sobre o corpinho de Jack. Dava para ver que ele não acreditava em mim; parecia de fato improvável. Vasculhei meu cérebro por outros fenômenos da mesma espécie. Reflexos, sombras, fumaça — coisas que eram primos lentos e distantes, na melhor das hipóteses. Não, arco-íris são sui generis em termos de espetacularidade, todo e qualquer um deles é impressionante, jamais um arco-íris soturno, jamais com apenas uma das cores. Sempre todas as cores e sempre na ordem certa. Ela não ligou.

Todos os dias eu derretia um bloco de leite congelado e observava Jack beber o que Clee havia bombeado exatamente um mês antes, cada mamadeira rotulada com uma data. Primeiro ele bebeu o dia em que fizemos amor; devorou tudo numa talagada. Ele bebeu o dia em que o exibimos no Ralphs. Bebeu o leite algodão-doce do dia no píer. A última leva era da manhã em que ela foi embora, e esse leite estava cheio de planos dos quais eu não sabia. Quando terminou essa mamadeira, ela se fora de verdade, toda e qualquer gota dela. Mas era difícil abrir mão do hábito de lembrar o que acontecera um mês antes, então continuamos. Enquanto bebia sua primeira mamadeira de fórmula, lembrei da nossa primeira noite sozinhos, a casa amargamente silenciosa até que liguei a TV. Lembrei de lembrar de ter feito amor e de chorar em cima de Jack, bem sobre seus olhos. Quando já fazia dois meses inteiros que Clee se fora, lembrei de descongelar o último leite e de pensar que ela realmente se fora agora, toda e qualquer gota. Eu o fiz arrotar, e foi só — não comecei tudo de novo com uma rememoração tripla.

Ela não apareceu nas primeiras duas sextas-feiras, nem na sexta-feira seguinte. Liguei várias vezes para deixar um gentil lembrete, mas seu telefone só tocava e tocava. Eu a imaginei em uma sarjeta úmida em algum lugar. Ela era exatamente o tipo de mulher que acaba sendo assassinada.

"Não quero alarmá-los", falei, calmamente. "Mas achei que você deveria saber."

"Nós a vimos ontem", Suzanne disse.

"Oh. E como ela está?"

"Está feliz como um molusco no seu novo apartamento — você tinha que ver, ela e Rachel pintaram as paredes de um monte de cores loucas. Você conheceu Rachel?"

"Rachel mora lá?"

"Oh, sim, são inseparáveis. E devo dizer que são lindinhas juntas… Clee é doidinha por aquela menina. Sabia que Rachel estudou na Brown? A alma mater

de Carl?"

"Quando você fala 'doidinha', o que quer dizer?"

"Elas estão apaixonadas."

Guardei todos os pratos exceto meu conjunto e a minúscula colher de plástico de Jack. Cobri a TV com o tecido tibetano. Tirei o tecido e larguei a TV no meio-fio, junto com as latas de lixo. Enquanto tudo voltava a seu devido lugar, eu explicava meu sistema a Jack, incluindo caronas etc.

Está vendo, assim a casa praticamente se limpa sozinha.

Ele esfarelou um biscoito de arroz no próprio colo.

Então, se você estiver lá no depósito de lixo, não precisa se preocupar com coisas apodrecendo.

Ele derrubou uma caixa de blocos de plástico no tapete.

Meu plano para brinquedos era não me preocupar em tentar mantê-los no lugar, já que isso seria uma batalha sem fim, mas abordá-los como os pratos: menos. Joguei todos eles numa mala, exceto uma bola, um chocalho e um urso. Esses podiam estar em qualquer lugar, mas, idealmente, não amontoados um com o outro. Dois deles poderiam estar no mesmo cômodo, mas eu preferia que o terceiro ficasse noutro lugar, senão ficaria caótico demais. Ela queria uma namorada. Alguém com quem andar por aí. Explorar o corpo, sua feminilidade, e assim por diante. Era tão trivial. Jack se perguntava para onde todos os seus brinquedos iam; engatinhava pela casa toda procurando por eles. Tratei de desencavar a mala e a esvaziei no meio da sala. Copos e blocos de empilhar, carros macios e bichos de pelúcia, livros de páginas acartonadas e elos barulhentos com olhos saltados e rabos texturizados. Meu sistema na verdade não era aplicável a bebês. Bebês estragavam tudo. Plano secreto para entrar na cama e nunca mais sair? Arruinado. Tendência de fazer xixi em jarras quando muito triste? Arruinada.

A cada dia eu caminhava até o parque com Jack no carrinho. Parávamos e observávamos os homens jogando basquete, nos perguntando se Clee alguma vez assistira àqueles homens e se eles a haviam admirado. Havia um homem careca fortão para cujo apartamento ela poderia muito bem ter ido. Ele não fez nenhum sinal de reconhecimento, mas por que deveria pensar que o bebê de uma mulher que ele nunca vira antes era seu filho?

Você sente algum tipo de afinidade com qualquer um desses homens?

Jack não sentia. Ele estava crescendo e em alguns dias parecia muito menos com Clee e muito mais com outra pessoa. Sua expressão quando perturbado não era incomum — eu já vira gente, homens, com sobrancelhas que se encrespavam daquele jeito. Mas eu não conseguia identificar a sensação; era um pensamento rarefeito, como um sonho que foge quando você se aproxima dele. Observávamos pessoas correndo e crianças mais velhas brincando no

escorregador e nos balanços.

Um casal deitado na grama sorriu para Jack.

Eles nos conhecem?

Não. As pessoas sorriem para você porque você é um bebê.

Agora estavam acenando. Era Rick e uma mulher. Caminharam até nós.

"Eu estava dizendo: 'É ela? Não, sim, não.'"

"Ele estava dizendo isso mesmo!", a mulher concordou. "Estava mesmo. Sou a Carol." Ela estendeu a mão.

Olhei em torno no parque. Será que moravam ali? Eu não estava vendo pá nem saco de dormir por perto. Carol era limpa e comum; parecia uma professora de faculdade.

"Este é ele?", Rick perguntou, os olhos úmidos.

"Jack, sim."

Ele fez o seu parto.

Você está de brincadeira.

"Nunca vou me esquecer daquele dia. Ele estava azul como um mirtilo — não falei isso?"

A mulher fez que sim, enfaticamente. "Você chegou em casa, largou seus apetrechos de jardinagem e disse: 'Meu bem, você nunca vai acreditar no que acabei de fazer'." Ela enfiou as mãos nos bolsos da saia e sorriu. "Mas não foi a primeira vez que você ajudou num aperto, meu bem."

Rick era ou o mendigo com quem ela morava e que ela chamava de "meu bem", ou então seu marido.

"Trabalhei um pouco como médico no Vietnã", Rick murmurou, com discrição. "Ele *com certeza* parece muito saudável."

"Ele está bem agora."

"Mesmo?", os olhos de Rick eram tristes e arregalados. "E a mãe?"

"Ela está ótima."

Carol lhe deu uns tapinhas nas costas. "Ele não dormiu bem por semanas depois do nascimento."

"Eu deveria ter ligado", Rick disse. "Tive medo de ouvir más notícias."

Quando não estava cuidando do jardim, ele nem sequer era sujo. Por que eu havia decidido que ele era um mendigo? Porque sempre chegava a pé. Não tinha carro. Olhei para Rick de soslaio, me perguntando se ele percebera meu engano. Mas, se não é um mendigo, você jamais imaginaria que outra pessoa pensaria que você fosse. Apontei na direção da minha casa e disse que já estava quase na hora da soneca de Jack.

"Nós também estávamos de saída", Carol disse, apontando na mesma direção. "Moramos algumas quadras mais para cima."

Um vizinho com pendor para a jardinagem e sem jardim. Só isso. Seria aquela a primeira de muitas iluminações? Estaria eu prestes a ser assolada por verdade após verdade? Mais provavelmente se tratava apenas de um caso único.

Um caso isolado de identidade confundida, expliquei.

Um simples engano, Jack concordou.

Caminhamos juntos e Rick insistiu em ver como estava o quintal dos fundos.

"Que bagunça. Eu não devia ter deixado as coisas assim. Como estão as lesmas?"

Eu não conseguia lembrar da última vez em que vira uma. O balde estava vazio. Parecia que tinham ido embora com Clee.

Carol apanhou limões do meu limoeiro e fez limonada na minha cozinha.

"Não se preocupe comigo, pode fazer suas coisas."

Caminhei com Jack pela casa, ensinando-lhe os nomes das coisas.

Sofá.

Sofá, ele concordou.

Livro.

Livro.

Limão.

Limão.

"Está tão quieto aqui", disse Carol, limpando as mãos no meu pano de prato.

"Gosto de manter tudo tranquilo por causa do bebê."

"Você conversa com ele?"

"Claro que converso com ele."

"Que bom. Os bebês precisam."

Eles deixaram limonada e prometeram voltar na quinta seguinte com uma quiche. Tranquei a porta. *Será que eu falo com ele?* Eu não fazia nada *a não ser* falar com ele! Coloquei Jack em cima do trocador.

O dia inteiro! Eu vinha falando com ele havia décadas.

Vamos lá, é bom, não é? É bom estar limpinho e sequinho.

O.k., claro, eu não gritava com ele como um condutor de trem. Mas minha voz interna era muito mais audível do que a de muitas pessoas. E incessante.

Agora vamos colocar suas calças.

Acho que era possível que alguém de fora visse como se estivéssemos nos movimentando em perfeito silêncio.

Snap, snap, snap, lá vamos nós. Prontinho.

Acariciei-lhe a barriguinha e observei seu rosto sorridente. Era um pensamento devastador, o pequeno Jack inocentemente vivendo em um mundo mudo. E todas aquelas palavras, todos os termos afetuosos — será que não escutara nenhum deles?

Limpei minha garganta. "Eu te amo."

Sua cabeça balançou, de surpresa. Minha voz era baixa e formal; eu parecia um pai de madeira do século XIX. Continuei. "Você é uma batatinha doce." Soou literal, como se eu estivesse fazendo Jack saber que era um vegetal, uma raiz, um

tubérculo. “Você é um bebê”, acrescentei, para o caso de haver qualquer confusão quanto ao último ponto. Ele esticou o pescoço, tentando ver quem estava ali. Claro que ele havia me ouvido falar, mas sempre com outra pessoa ou ao telefone. Acomodei-o sobre a cama e beijei suas bochechas gordas várias vezes. Ele fechou os olhos, tolerando graciosamente.

“Não se preocupe, não sou só eu. Você tem outras pessoas.”

Quem?, ele disse. Não, ele não disse. Apenas esperou o que seria a próxima coisa a acontecer.

Suzanne me cumprimentou enquanto tirava os sapatos, acho que querendo dizer que era fascista da minha parte insistir naquilo.

“Você segue algum outro costume japonês ou só esse?”, Carl perguntou.

“Só esse.”

“Procuramos em toda parte por um presente de bebê e então, no último momento, descobrimos uma loja de chapéus realmente incrível”, disse Carl, andando devagar pela sala. “Quero dizer, aqueles chapéus pareciam de museu — de um museu brincalhão. Eles poderiam facilmente cobrar centenas de dólares, mas a maioria custava vinte dólares ou menos.”

“Mas eles não tinham tamanho para bebês”, Suzanne disse.

“Eram tamanho único. Pensamos que talvez se ele tivesse uma cabeça grande… uma cabeça de adulto…”

Jack sorriu timidamente enquanto seus avós o olhavam pela primeira vez, avaliando o tamanho do seu crânio.

“É grande demais”, Suzanne disse, tirando um tilintante chapéu de bobo da bolsa. Jack mergulhou na direção do chapéu.

“Guizos”, enunciei. “Guizos. Você nunca viu guizos, viu? Ele adorou, obrigada.” Jack desistiu dos guizos e tentou enfiar a mão inteira na minha boca. Começara a fazê-lo desde que comecei a falar em voz alta com ele. Ele também vinha agarrando páginas de livros, sacudindo qualquer coisa que chacoalhasse, empilhando copos, rolando pelo chão, mastigando a perna de uma girafa de borracha e docemente me procurando cada vez que ficávamos separados por mais do que alguns segundos. Ou talvez nenhuma dessas coisas fosse nova. Talvez eu apenas as tivesse observando mais agudamente desde que o véu do meu diálogo interno fora erguido. Ele parecia cada vez menos com Kubelko Bondy e cada vez mais com um bebê chamado Jack.

Suzanne sorriu, enfiando o chapéu de bobo na própria cabeça. “Quer contar para ela, meu bem?”

“Vamos acrescentar vinte dólares no seu próximo contracheque”, Carl anunciou. “Pedimos que você os receba e coloque num envelope…”

“É um fundo”, Suzanne interrompeu, fazendo barulho com os guizos. “Algum dia, quando a cabeça dele for grande o bastante, o dinheiro estará esperando por ele.”

“Pensamos que seria mais especial desse jeito”, Carl disse. “Olhe só para ela… não parece uma bela duendezinha?”

Todos nós olhamos para Suzanne com o chapéu. Se alguém parecia com uma duendezinha, não seria o bebê entre nós? Mas ela piscou os cílios coquetemente e balançou as mãos cheias de veias como se fossem asas.

Mostrei-lhes a casa. No quarto de Jack, Carl sussurrou algo para Suzanne, e ela perguntou se aquele fora o quarto de Clee.

“Este era o meu quartinho de passar roupa. Clee dormia no sofá, no início, e mais tarde dividimos o meu quarto.”

Eles se olharam com o rabo do olho. Carl tossiu e apanhou uma ovelhinha de pelúcia.

“Ovelha”, falei para Jack. “O vovô está segurando a sua ovelha.”

Eles dois franziram o cenho desconfortavelmente. Suzanne cutucou Carl com o cotovelo.

“Que bom que você mencionou isso”, ele disse.

Suzanne aquiesceu vigorosamente, de olhos fechados; Carl limpou a garganta.

“Jack parece uma pessoa interessante e esperamos ter a chance de conhecê-lo. Mas gostaríamos que isso se desse no tempo dele.”

Suzanne entrou na conversa. “Será que temos interesses e valores comuns? Ele tem curiosidade por nós e pelo tipo de coisa que é importante para nós?”

“Acho que talvez sim”, arrisquei. “Quando for um pouco maior.”

“Exatamente. Até lá, é um relacionamento forçado.” A veemência de Suzanne estava agitando os guizos do seu chapéu. Jack se encolheu, assustado; ele achou que aquilo era a coisa mais engraçada que jamais acontecera. “Supostamente devemos fazer os papéis de ‘avós’ [*guizos, guizos*] e ele deve incorporar o de ‘neto’ [*guizos, guizos*]. Isso simplesmente parece vazio e arbitrário para nós, como algo inventado pela Hallmark.”

Carl afogou um pequeno riso à menção da Hallmark e esfregou o pescoço de Suzanne, enquanto ela continuava.

“Jovens interessantes entram na nossa vida todos os dias e nós os adoramos, são fascinantes, fazem perguntas. Talvez, mais para a frente, Jack seja como esses jovens.”

“Pode ser que nem saibamos que é ele”, Carl murmurou.

“Não vamos saber que é ele e ele não vai saber que somos nós — apenas seremos pessoas que genuinamente se gostam.”

Suzanne dobrou o chapéu de bobo [*guizos, guizos*] e voltou a enfiá-lo na bolsa. Ela parecia aliviada de ter concluído o discurso e se livrado dele.

“Quer segurá-lo?”, perguntei.

Suas mãos se ajustaram a Jack muito facilmente. Ele levantou os olhos para ela, se perguntando se os guizos voltariam.

Quinze

Certa sexta-feira, às dez horas, alguém bateu na porta e eu pensei: *Bem, quem diria, talvez ela não tenha se esquecido de nós completamente*. Limpei o nariz de Jack e arrumei meu cabelo atrás das orelhas. Meu coração se acelerou enquanto me aproximava da porta. Rachel havia rompido com ela. Ela não tinha outro lugar aonde ir. Passei os dedos por sobre meus lábios para me certificar de que estavam limpos. Era provável que ela fosse uma lésbica totalmente desabrochada agora. Se tentasse me beijar, eu a impediria e diria: *Consideremos essa escolha, o que significa? O que estamos dizendo sobre quem somos e sobre quem queremos ser?* Talvez ela estivesse mais verbal agora; talvez Rachel tivesse libertado isso nela. Eu mal podia esperar para conversar com outro adulto, em voz alta.

Era um jovem ruivo, magricela, com um crachá do Ralphs: DARREN. O empacotador.

"Clee está?"

Jack tentou arrancar o crachá.

"Não está. Ela não mora mais aqui."

"Mesmo?" Ele olhou para dentro, por cima do meu ombro. Dei um passo ao lado para que ele pudesse ver que ela não estava ali.

"Só nós."

Ele olhou para Jack e para mim, passando os dedos na ponta branca de muitas pequenas espinhas que formavam como que uma barba em seu queixo e em suas bochechas róseas. Quatro de julho. Fora ele quem fizera Jack sorrir.

"O.k.", ele disse. "Tchau, Jack, tchau, mamãe do Jack." Ele se dirigiu para a varanda, em seguida passando pela televisão junto ao meio-fio. Observei-o descer a rua correndo. Mamãe do Jack. Ninguém nunca me chamara disso antes. Mas, do ponto de vista de Jack, nenhuma outra pessoa era mais sua mãe. Olhei para sua pequenina mão, tão confiantemente agarrada ao meu braço. Era uma coisa muito comum de se ser, mas de repente fiquei sem ar, como se tivesse acabado de chegar ao topo de um lugar muito alto. Maternidade. Ele se agitou; entrei e lhe dei uma espátula de plástico. Ele a bateu no balcão, smack, smack, smack. Fiquei em pé, segurando seu corpo quentinho, observando seu rosto compenetrado. Estava vermelho demais, ele precisava de mais bloqueador solar. Smack, smack. E mais leitura — eu lia para ele, mas não todas as noites. E só tínhamos passado umas poucas horas na UTI neonatal com ele. Não era suficiente. Fora o suficiente para nós na época, mas agora aquilo me assombrava. Vinte e quatro horas por dia ele ficara lá, deitado, sozinho. Haveria outros crimes imperdoáveis, eu podia senti-los se aproximando — coisas que em

retrospecto se tornariam meus maiores arrependimentos. Eu estaria sempre correndo atrás da máquina, com meu amor. Que terrível. Jack jogou a espátula no chão e choramingou. Eu a apanhei, smack, smack. Ele riu, eu ri. Terrível. Eu o beijei e ele me devolveu o beijo com uma boca bem aberta e cheia de baba. Terrível.

"Ah, meu menino", eu disse. "Meu menino, meu menino. Amo tanto você. Isso só pode terminar em choro, e eu nunca vou me recuperar."

"Ba-ba-ba-ba", ele disse.

"Sim. Ba-ba-ba-ba."

Dois dias depois, Darren apareceu no segundo degrau da minha varanda como um corredor alongando os músculos da panturrilha.

"Pensei em deixar meu número de telefone, para a próxima vez em que você falar com ela."

Convidei-o para entrar enquanto eu terminava de alimentar Jack, no cadeirão.

"Tentou ligar para ela?"

"Não precisa", ele disse, rápido demais. Havia ligado muitas vezes para ela. Eu me perguntei se devia falar para ele sobre Rachel.

"Você precisa de uma televisão?", apontei para a calçada. "O pessoal do lixo não a leva."

"Tenho uma tela plana. Você devia comprar uma."

"Fico querendo levá-la para o Exército de Salvação."

Ele coçou o rosto. "Eu levo para você até o Exército de Salvação."

"Mesmo?"

"Claro." Ele gesticulou para Jack de um jeito que fez que eu me sentisse rude, como se Exército de Salvação fosse uma casa de má reputação.

Ele ficou sentado na cozinha com Jack enquanto eu juntava mais algumas coisas para ele levar. "Gu gu gu", Darren dizia, fazendo uma careta. "Ga ga ga."

No dia seguinte ele me trouxe o recibo do Exército de Salvação num pequeno envelope.

"Para os impostos. Era uma doação deduzível do imposto de renda." Ele se apoiou no batente da porta, esperando. Convidei-o para entrar. A verdade era, explicou enquanto eu lavava os pratos, que ele tinha pena de mim e de Jack. "Sozinhos e tudo o mais. Se quiser, posso passar aqui para ver como estão. Não me importo."

"É muito generoso, Darren. Mas realmente estamos bem."

Terças-feiras eram o dia dele; ele chegava depois de Rick ir embora. Desmontava caixas e as colocava na lixeira de reciclagem, me ajudava a pegar coisas no alto. Ele disse que eu deveria ver o topo da geladeira da sua mãe — era

limpo como um prato de porcelana.

"Daria para comer em cima dela. Na verdade, é uma boa ideia — vou comer em cima dela esta noite. Vou simplesmente pôr meu espaguete lá em cima."

Enquanto instalava minha nova e minúscula TV de tela plana, ele contou uma longa história sobre o carro de uma prima. Ele não parecia nem um pouco preocupado com a possibilidade de a história me aborrecer; simplesmente continuou e continuou, sem nem sequer usar técnicas básicas de narração para torná-la interessante. Às vezes ele brincava com Jack enquanto eu ia ao banheiro ou fazia comida para nós. Ele precisava ter cuidado, pois o bebê era fascinado por suas espinhas. Certa vez sua ágil mãozinha arrancou a casquinha de uma espinha madura e pus e sangue jorraram. Abaixo da acne havia um esqueleto dos bons. Não um esqueleto magnífico, mas um esqueleto perfeitamente bom, solícito. E alto.

Lembrei exatamente onde Ruth-Anne colocara o cartão: na gaveta do meio da mesa da recepcionista. Se ela estivesse com um paciente, eu talvez pudesse entrar sorrateiramente e pegá-lo sem ela jamais saber. Jack olhou para si mesmo no teto espelhado do elevador, jogando a cabeça para trás no canguru. Meu coração estava descompassando enquanto passávamos pelo familiar corredor. *Ruth-Anne,* eu diria*, podemos esquecer o passado?* Talvez fosse melhor não colocar a coisa como uma pergunta. *Esqueçamos o passado.* Isso era bom. Quem poderia discutir com isso?

Escancarei a porta. Não havia ninguém na mesa da recepcionista. Fui direto para a gaveta do meio; era difícil alcançá-la com Jack no canguru, e o cartão não estava lá onde achei que estivesse. E de repente me dei conta de que eu não estava sozinha — uma jovem estava lendo uma revista num canto. Ela sorriu para nós e disse que a recepcionista acabara de sair. "Acho que foi até o banheiro. O dr. Broyard deve se atrasar um pouco." Fiz um gesto de agradecimento e castamente me sentei, como se não tivesse recém-tentado roubar o lugar. Dr. Broyard. Será que eu havia inconscientemente calculado o momento da minha visita para evitar Ruth-Anne? Ruth-Anne diria que sim. Olhei por cima da cabeça de Jack para uma nova pintura de uma tecelã ameríndia. Talvez fosse de Helge Thomasson. A tecelã estava tecendo um tapete. Ou desfazendo. Talvez estivesse destruindo um tapete como um ato de resistência não violenta. Me perguntei se a nova recepcionista era muito bonita. Pobre Helge.

A jovem lentamente folheava as páginas de *Better Homes and Gardens*. Ela ficava olhando Jack de um jeito que fazia que eu me lembrasse de mim — como se eles partilhassem algum entendimento secreto. Era meio nauseante. Ela depôs a revista e pegou outra.

Demorei um pouco.

Mas a reconheci.

Ela não estava usando a camiseta com o aligátor com penteado rastafári, mas as luzes fluorescentes refletiam nos seus óculos estilo John Lennon, e seu cabelo, embora mais longo do que na fotografia, era loiro e espinafrado. Me perguntei quem ela seria — filha de um amigo? Sua sobrinha?

"Kirsten." Falei para Jack, para o caso de esse não ser mesmo o nome dela.

Ela virou rapidamente a cabeça. Por um momento parecia algo milagroso, como uma boneca ou um desenho que tomasse vida.

"Acho que talvez tenhamos um amigo em comum", falei. "Phillip?"

Ela franziu a testa.

"Phil? Phil Bettelheim?"

"Oh. Phil. Isso."

Seu rosto endureceu-se devagar e ela me olhou de cima a baixo.

"Você é… Cheryl?"

Fiz que sim.

Ela derrubou a cabeça para trás, olhando para o teto, e respirou fundo de um jeito longo e dramático. "Não acredito que finalmente estou conhecendo você."

Sorri, polida. "Acho que nós duas ficamos sabendo deste lugar com Phillip. Phil."

"Eu falei *para ele* sobre o dr. Broyard", ela disse. Acariciei as costas de Jack, para fazê-la entender que eu estava pouco me lixando. Ela parecia uma jovenzinha muito amarga e pouco atraente.

"Phil não me disse que você tinha um bebê, mas acho que faz tempo que não o vejo. Não desde você-sabe-o-quê, na verdade." Ela deu um sorrisinho, como se tivesse um segredo do mal.

"Acho que não sei do que se trata."

"Não desde que você disse a ele para" — ela fez uma espécie de tubo com os dedos e enfiou um dedo da outra mão ali — "comigo."

Meus olhos se abriram e olhei em volta para me certificar de que estávamos sozinhas.

"Fiquei muito surpresa" — ela se inclinou à frente — "por você ter feito aquilo. Que mulher diria para um velho fazer sexo com uma criança?"

Era como ser acusada de um crime cometido em um sonho.

"Lamento muito", sussurrei. "Não achei que você existisse de verdade." Ou achei. Então não achei mais.

"Bem" — ela estendeu ambos os braços —, "existo."

Era difícil saber o que dizer. Certamente a recepcionista estaria de volta a qualquer momento. Kirsten bateu a parte de trás da cabeça contra a parede, em silêncio, algumas vezes.

"Espero que não tenha sido muito terrível", falei, enfim.

"Não foi nada de mais. Ele precisava assistir a alguma coisa antes, no seu telefone. Isso levava tempo."

Eu não fazia ideia do que ela estava falando, mas acenei como se entendesse.

"Ei." Ela estalou os dedos. "Vamos mandar para ele uma foto de nós duas juntas. Vai deixá-lo apavorado."

"Mesmo?"

Ela segurou o telefone com o braço estendido, longe do corpo, e rapidamente se inclinou para o meu lado. Seu cabelo tinha cheiro de cloro. Jack se inclinou na direção da lente com sua boca molhada, tapando nós duas.

O flash disparou, a porta se abriu, e a recepcionista voltou à mesa da recepção. Era Ruth-Anne. Por um breve momento congelou ao me ver.

"O doutor vai recebê-la, Kirsten."

Kirsten passou rápido por mim sem nem sequer me olhar.

Estávamos sozinhas.

"Oi, Ruth-Anne." Eu levantei e fui até a recepção.

Ela arqueou as sobrancelhas, como se estivesse prestes a negar que aquele fosse seu nome, mas tampouco iria confirmá-lo.

"Só vim por causa do cartão. Lembra? Com o nome." Apontei para Jack e ela piscou, parecendo tomar consciência dele pela primeira vez.

"Você está se referindo a um cartão de visitas?" Ela gesticulou para os cartões do dr. Broyard no display de acrílico, logo abaixo dela.

"Não, o cartão que eu lhe pedi que guardasse. Você o guardou aí dentro." Apontei para a gaveta do meio da escrivaninha.

"Lamento não poder ajudá-la, mas você com certeza pode levar vários cartões de visita."

Sua androginia de ossos amplos se fora. Ela cuidadosamente cuidara de um milhão de pequenos detalhes: estava mais coquete. O cabelo longo estava preso para trás com uma faixa de tecido xadrez. Sua blusa justa fora pensada para minimizar seus amplos ombros, com eficiência. Todo o seu corpo parecia ter encolhido. Sentada, ela de fato parecia uma mulher pequena, delicada.

Dr. Broyard apareceu segurando uma pasta de arquivo. Enquanto ela olhava para ele, toda a sua atitude mudou; ela se iluminou. Não com uma luz vital, mas como uma fina casca iluminada por dentro por uma luz elétrica. Ela pegou a pasta e ele a largou — a milímetros dos dedos dela. Flutuou até o chão. Ruth-Anne hesitou e então atabalhoadamente se abaixou para pegá-la. Quando seu rosto reapareceu, estava sorrindo na esperança de que ele tivesse apreciado a visão traseira, mas ele se virou e voltou a entrar no consultório. Seu sorriso se ampliou em dor, e ao ver seus dentes também pude ver o osso da mandíbula que os sustinha, e seu crânio com as órbitas vazias e todo o seu esqueleto rangente. Pude ver até seu cérebro; estava tremendo de fixação.

Apenas o nome dele num pedaço de papel poderia libertá-la. Até mesmo uma palavra *parecida* com Broyard — *barnyard*, *backyard** — a jogava num exaustivo looping de fantasias. Tudo o mais em sua vida, incluindo sua própria

clínica terapêutica, era falso. O feitiço consumia noventa e cinco por cento de sua energia, mas ela ficava surpresa ao ver que ninguém percebia; sua versão de magros cinco por cento bastava. Ela mantinha uma lista na sua mesa de todas as coisas que costumavam fazê-la feliz:

Música Zydeco
Cachorros
Meu trabalho
Dias chuvosos
Comida thai
Surf corporal
Meus amigos

Mas ela não conseguia gerar tristeza e arrependimento suficientes para se libertar. Ela vivia para os três dias por ano em que ele a substituía em seu próprio consultório e quando então trabalhava para ele. Graças à pura força de vontade ela se tornou o que uma vez ele dissera desejar que sua esposa fosse: pequena, feminina, com uma elegância ligeiramente conservadora. Ser aquela mulher, aquela recepcionista, era sua única alegria. "Alegria" é a palavra errada: alimentava o feitiço, e então o feitiço podia continuar, o que, afinal, é a única coisa que um feitiço quer fazer.

Ruth-Anne encheu a pasta. Olhando para suas costas grandes era mais fácil lembrar da minha terapeuta, que era tão ousada e tão prestativa, mesmo operando aos cinco por cento. Eu devia isso a ela.

Demorei um tempo até engrenar, mas depois de alguns segundos balançando em cima dos meus saltos altos comecei a rebolar ao ritmo fanhoso. Ruth-Anne levantou as sobrancelhas, esperando que eu estivesse apenas alongando as pernas. Comecei desajeitadamente, sem melodia, mas com muita energia.

Will you stay in our Lovers' Story
If you stay you won't be sorry

Ela ergueu o olhar, ou, melhor, o feitiço ergueu o olhar, lentamente, com asco. O feitiço, com sua faixa de cabelo de tecido xadrez, estava se encolerizando. Olhava de mim para a porta do consultório do dr. Broyard para suas próprias e monstruosas mãos e de novo para mim, enquanto eu aumentava o volume da minha voz:

'Cause weeee believe in youuuu

Jack estava gostando; ele se balançou e agitou no canguru.

Soon you'll grow so take a chance
With a couple of Kooks

Hung up on romaaancing

Eu só sabia o refrão, então recomecei imediatamente.

Will you stay in our Lovers' Story

Algo estranho estava acontecendo com Ruth-Anne. Não parecia ser coisa boa. Ela estava suando; rodelas grandes e úmidas estavam rapidamente se expandindo nas laterais da sua blusa. Ela estava se dissolvendo. Se aquilo era a coisa errada a fazer, então era muito errada. Fechei os olhos, envolvi Jack com os braços e cantarolei:

If you stay you won't be sorry
'Cause weeeee believe in youuuu

A parte do "*in you*" soava mais forte do que o resto, cheia e ressoante. Abri os olhos. Suor escorria pelo rosto dela e sua boca estava apontada para o céu, como se estivesse cantando para os deuses, implorando que intercedessem naquela questão, para libertá-la do feitiço. Cantamos juntas:

Soon you'll grow so take a chance
With a couple of Kooks
Hung up on romaaancing

Mas eles não existem, os deuses. A única maneira de quebrar o feitiço é quebrando o feitiço. Então ela enfiou os dedões nas axilas suadas, tentando entrar na batida, incorporá-la. Chegamos ao fim e voltamos ao início do refrão:

Will you stay in our Lovers' Story
If you stay you won't be sorry

Seus ombros estavam crescendo, quase rasgando a blusa. Maquiagem derretia nas rugas em torno de seus olhos, e sua mandíbula galopava enquanto ela cantava. Dr. Broyard abriu a porta, ajustando os óculos e nos observando com um sorriso estupefato — Kirsten espiava atrás dele. Tarde demais, doutor! Tarde demais! O feitiço fora estilhaçado em dez milhões de pedaços, espalhados demais para serem reunidos.

Mas eu estava errada. Ao ver minha expressão triunfante, Ruth-Anne entendeu quem a estava observando; sua voz imediatamente se transformou em nada. Por um átimo de segundo ela pareceu devastada, seus olhos selvagens de decepção. Então o feitiço baixou e ela confortavelmente voltou a se aninhar nele, quase aliviada, parecia. Ela se sentou e rolou a cadeira até o computador. Fiquei diante dela, meus braços pendurados, o peito arquejando, mas seus olhos não saíam da tela. Enquanto ela recolocava a faixa no cabelo, me virei para sair.

"Seu cartão, senhorita."

"O quê?"

"Seu cartão de consultas."

Sem um piscar de olhos ela me entregou um cartão com a anotação de uma consulta que eu não tinha.

Coloquei-o no porta-luvas. Agora que o tinha, eu não queria olhá-lo. Claro que era Darren. Por que quebrar uma promessa para descobrir algo que eu já sabia? Esse sentimento me carregou por todo o caminho até em casa. Calmamente dei a mamadeira para Jack e o deitei para sua soneca da uma hora. Mas no exato momento em que fechei a porta do quarto, a equanimidade acabou e eu mal podia esperar para chegar até o porta-luvas. Levei o cartão para dentro de casa, na mão fechada, e me sentei no sofá. Abri meus dedos, alisei o cartão e o virei.

Não era Darren.

Rasguei o cartão em pedacinhos antes de lembrar, tarde demais, da velha crendice de que fazemos uma pessoa nos ligar quando rasgamos seu nome.

O telefone tocou quase que imediatamente.

"Você parece a mesma", ele disse. "Kirsten parece bem mais velha, mas você está igual. E o carinha na frente — qual o nome dele?"

"Jack", sussurrei. Caí de joelhos sobre uma almofada.

"Jack. Ele é um fofo… com que idade ele está?"

"Dez meses."

Ele tossiu — ele já sabia disso, havia feito os cálculos. Minha têmpora estava febril, eu estava ardendo. Oxigênio. Com a almofada embaixo de um braço me arrastei até uma janela aberta e apontei a boca na direção da tela.

"É ótimo ouvir sua voz, Cheryl. Faz muito tempo."

Phillip e Clee.

Como foi que se conheceram? Como isso era sequer possível? Mas por que não? Se era possível com uma jovem, por que não com outra?

"Acho que lhe devo um pedido de desculpas", ele continuou. "Eu estava num lugar difícil da última vez em que falamos."

"Não precisa", desengasguei. Eu não conseguia me lembrar sobre o que estávamos falando.

"Não", ele disse, "eu *quero* pedir desculpas. Eu devia ter ligado quando fiquei sabendo que ela estava… mas é claro que eu não sabia ao certo. E então quando eu vi a foto dele…", sua voz se foi. Respirei fundo, umidamente, e ele deixou escapar um soluço de alívio, como se minhas lágrimas permitissem as suas. Não era o momento para um de seus longos choros; eu esperava que ele soubesse disso. Assoei o nariz ruidosamente numa meia. Houve silêncio por um minuto. A cortina voou contra meu rosto.

"Tive uma ideia", ele disse, enfim. "Vou até aí."

Na porta, ficamos apenas olhando um para o outro. Ele parecia muito mais velho; havia bolsas pesadas sob seus olhos. Eu me sentia como uma esposa que

esperara em vão que o marido voltasse da guerra, e agora, vinte anos depois, lá estava ele. Antigo, porém familiar. Ele entrou e olhou em volta.

"Onde está ele?"

"Cochilando. Mas vai acordar logo."

Ofereci a ele algo para beber. Limonada? Água?

"Você me daria apenas um pouco de água quente?" Ele tirou um pacote de saquinhos de chá do bolso traseiro. "Eu lhe ofereceria um, mas é uma fórmula especial, feita pelo meu acupunturista. Para os pulmões."

Sentamo-nos no sofá segurando nossa xícara, esperando. Ele ficou olhando para mim, tentando avaliar meu humor ou me mostrar o quão receptivo estava. Como se eu fosse ter vontade de falar a respeito.

"Por que você saiu do conselho?", perguntei, enfim.

Ele agarrou a oportunidade na hora, entrando numa longa descrição sobre sua pobre saúde e uma viagem recente à Tailândia, como o fez sair de si. Cada palavra que ele falava era um tédio, mas coletivamente sua melodia me embalou. Tentei resistir, mas só o peso dele, em libras e onças, era um alívio. Ter sido sempre a pessoa mais pesada da casa fora exaustivo. Beberiquei meu chá e me recostei no sofá. Quando ele fosse embora eu teria de recolocar o peso sobre meus próprios ombros, mas isso era um problema para depois.

"Sinto-me estranhamente em casa aqui", Phillip disse. Ele olhava para minha estante de livros e para os descansos de copo da mesa de centro como se cada coisa contivesse uma memória. Com o canto de olho vi na babá eletrônica Jack começando a se agitar. Tive um desejo súbito de prolongar esse momento, ou de postergar o seguinte, mas um grasnido alto e seguro ecoou.

"Vou pegá-lo", falei.

"Vou junto."

Ele me seguiu até o quartinho, com o bafo na minha nuca. Será que haveria alguma semelhança inconfundível?

"Bom dia, meu docinho", falei. Eles não tinham nenhum traço em comum, mas a semelhança podia ser sentida; estava latente. Deitei Jack no trocador. Ele estava com um cocô bem sujo, muitos lenços umedecidos foram necessários. Phillip assistia a tudo de um canto.

"Você tem uma conexão especial com ele, não é?"

"Tenho."

"É lindo de ver. A diferença de idade meio que desaparece, não é?"

Seu ânus estava vermelho. Besuntei-o com creme antiassaduras.

"Vocês são apenas um homem e uma mulher", Phillip ponderou, "como qualquer outro casal."

Parecia que eu estava colocando a fralda nele em câmera lenta; eu não conseguia fazer as abas pararem, ficavam abrindo.

"Sou mais tipo a mãe dele."

"O.k." Ele deu de ombros, concordando. "Eu não tinha certeza de como você estava encarando a coisa."

As calças não estavam entrando facilmente; duas pernas enfiadas num só buraco. Phillip espiava por cima do meu ombro, observando o esforço.

"Ouvi dizer que houve algumas… complicações. Um começo difícil?"

"Não foi nada. Ele está bem."

"Oh, que bom, é ótimo saber. Então ele vai poder correr, fazer esportes, tudo isso?" Ele estava fazendo que sim, então balancei a cabeça também.

No momento em que puxei para cima o elástico da cintura de Jack, Phillip o pescou do trocador, bem de debaixo da minha mão e na direção do teto com um barulho de avião. Jack deu um grito, não de alegria. Phillip tossiu e logo voltou a baixá-lo.

"Mais pesado do que parece." Quando estava seguramente instalado sobre o meu quadril, Jack olhou fixo para o velho de barba.

"Esse é o Phillip", falei.

Phillip estendeu a mão e apertou a mãozinha fofa de Jack, agitando seu bracinho mole.

"Olá, homenzinho. Sou um velho amigo dos seus avós."

Levei um tempo até entender a quem ele se referia.

"Acho que eles não se veem assim."

"É compreensível. A última coisa que eu tinha ouvido falar é que ela ia dá-lo para adoção. E que ninguém sabia quem era o pai."

Havia uma pergunta escondida na sua voz — ele tinha noventa e oito por cento de certeza, mas não estava seguro. Talvez ela tivesse dormido com outros homens.

"Esse era o plano, inicialmente", falei.

"Parece que ela teve muitos parceiros."

Não respondi àquilo.

Nós nos sentamos no quintal dos fundos enquanto Jack comia uma banana amassada. Phillip estava deitado de barriga para cima na grama e inspirava o ar cálido, dizendo: Ah, ah. Jack experimentou colocar uma pedra na boca; eu tirei. Fomos mais para a sombra; descrevi meus planos de fazer uma pérgola para bloquear um pouco o sol.

"Tenho um cara ótimo para isso", Phillip disse. "Vou pedir que venha na semana que vem. Segunda-feira?"

Eu ri e ele disse: "Ela ri! Eu a fiz rir!".

Tentei franzir o cenho.

"Se não gostar dele, apenas diga: 'Não sei por que você está aqui, Phillip é louco'."

"Phillip é louco."

"Isso."

Eu ficava achando que ele estava prestes a ir embora, mas ele continuava. Brincou com Jack na sala enquanto eu preparava o jantar. Eu me mexia em silêncio, tentando ouvi-los, mas não fizeram muito barulho. Quando dei uma espiada, Jack estava mastigando um hambúrguer de borracha com Phillip sentado no chão a um ou dois metros, com seus joelhos duros num ângulo estranho. Ele me fez um sinal positivo com o polegar.

"O jantar está pronto, mas preciso pôr Jack para dormir."

Dei a Jack sua papinha, banho, mamadeira.

Phillip ficou me observando enquanto eu cantava a música de ninar e acomodava Jack no berço. Sorrimos admirando o bebê e então olhando um para ao outro até que desviei o olhar.

Pedi desculpas pelo jantar. "São só sobras."

"É por isso que eu gosto de sobras. Por serem algo comum. É assim que as pessoas comem! E por que não?"

Depois do jantar assistimos a *60 Minutes* na nova TV de tela plana.

"Este é o único verdadeiro programa de TV que restou", ele disse, colocando o braço sobre o encosto do sofá, roçando meus ombros. Tentei relaxar e focar no programa. Era sobre como táticas de controle de revoltas poderiam ser usadas contra gangues. Quando vieram os comerciais, Phillip apertou o mudo. Observamos em silêncio uma mulher lavar o cabelo.

"Olhe só para nós", ele disse. "Somos como dois velhos casados." Ele deu uns tapinhas no meu ombro. "Eu estava pensando nisso enquanto dirigia para cá, sobre todas as nossas vidas juntas." Ele olhou para mim de soslaio. "Você ainda pensa isso?"

"Acho que sim", falei. Mas eu estava pensando em Clee. Eu fora sua inimiga, então sua mãe, então sua namorada. Três vidas numa só. Ele tirou o mudo. Assistimos a oficiais de polícia indo de porta em porta para se integrarem à comunidade. Na pausa comercial seguinte ele entrou em detalhes sobre seus pulmões; estavam ficando rígidos. Chamava-se fibrose pulmonar. "Quando sua saúde se vai, esse tipo de coisa passa a ter muita importância."

"Que tipo de coisa?"

"Isto." Ele apontou para mim e para a sala. "Segurança. Amigos em quem você pode confiar, que estão sempre com você." Não falei nada e ele olhou para mim nervoso. "Estou me precipitando, não estou?"

Olhei para minhas coxas; era impossível pensar com ele a meu lado, esperando.

"Claro que pode contar comigo", falei. Foi um alívio; ficar brava com ele era muito cansativo. Ele pegou minha mão, envolvendo-a com as suas de três formas diferentes, como um cumprimento de gangue. Ele acabara de ver dois homens

na TV fazer igual.

"Eu sabia que podia. Não quero acusar ninguém nem dar nomes, mas digamos apenas que os jovens não têm os mesmos valores que as pessoas da nossa geração."

Minha boca se abriu para lembrá-lo de que eu tinha apenas quarenta e três, mas então lembrei que eu agora tinha quarenta e quatro. Quase quarenta e cinco. Velha demais para querer provar algo com isso.

Depois de *60 Minutes* ele foi até o carro e pegou sua escova de dentes elétrica. "É a escova que guardo no carro." Não é que não enxergasse à noite, mas ele se sentia cada vez menos confortável dirigindo à noite.

"Não é um incômodo?", ele perguntou da varanda, tirando os sapatos.

"Não, não, de forma alguma."

Escovamos os dentes lado a lado. Ele cuspiu, então eu cuspi, então ele cuspiu. Ele enfiou o carregador na tomada acima do balcão; tinha resquícios amarronzados calcificados em seus sulcos e ranhuras.

"Não se preocupe", ele disse, "vamos comprar uma para você." Levei muito tempo secando as mãos enquanto ele urinava sonoramente, sentado.

Tudo bem se ele dormisse com sua cueca boxer? Claro. Vesti minha camisola no closet, me perguntando qual de nós dois deveria dormir no sofá. Quando saí de lá, ele estava na minha cama. Deu tapinhas no lugar a seu lado. Por um momento senti um frio na barriga, então me lembrei sobre sermos um casal de velhos. Tínhamos superado tudo aquilo, e seus pulmões estavam enrijecendo. Peguei um copo de água para cada um de nós na cozinha e os coloquei nos criados-mudos.

"Vamos resolver o sexo?", ele perguntou.

"O quê?"

"Um homem e uma mulher… dormindo juntos. Não quero que seja uma questão."

Meu coração bateu forte. Não fora assim que eu outrora imaginara tudo, mas talvez houvesse algo muito bonito naquilo. Ou honesto. Ou, pelo menos, íamos fazer sexo.

"O.k.", falei.

"Você não parece muito entusiasmada."

"Estou!"

"Ótimo. Espere aí."

Ele foi trotando até a sala e voltou com seu telefone celular e um tubinho minúsculo de uma loção rosa; ele apoiou o telefone contra meu frasco de vitaminas. Eu estava com dificuldade de controlar minha respiração e minha mandíbula estava tremendo de nervosismo. Phillip olhou para a minha camisola de estampa floral e coçou a barba algumas vezes. Então uniu as mãos numa sonora palma.

"Então. O negócio é o seguinte: se você quiser assistir, você pode, mas não precisa — não faz diferença para mim. Eu só preciso que você fique de costas e pronta quando eu disser *agora*." Ele me passou um dos meus travesseiros. "Se puder colocar isso embaixo dos quadris, ótimo." Ele encheu as bochechas de ar e expirou. "O.k.?"

"O.k.!", falei, positivamente. Eu estava me sentindo péssima por ele, só que ele não parecia constrangido. Ele clicou o telefone. Gemidos e grunhidos saltaram antes de ele rapidamente tirar o som e se inclinar à frente. A cama balançava, tudo estava em silêncio. Era a isso que Kirsten se referia quando disse que ele tinha que assistir algo no telefone durante muito tempo. Muito quanto? Sem fazer barulho, levantei minha camisola acima dos quadris. Preparei o travesseiro embaixo de mim para o caso de ele dizer *agora*. Pensei em acariciar suas costas. Havia muitos pequenos buraquinhos nelas, uma área de cabelo grisalho e sardas e manchinhas vermelhas. Coloquei a palma da mão entre suas omoplatas; ela balançou com seu corpo. Tirei. Depois de alguns minutos ele pegou o telefone, rolou, fez alguns cliques e se preparou de novo. Olhei para a babá eletrônica; Jack estava docemente estatelado com os braços acima da cabeça. Seria fácil ou difícil dormir depois daquilo? Talvez eu tivesse de secretamente tomar algumas pílulas homeopáticas para dormir. Fechei os olhos para testar quão perto estava o sono.

"Agora."

Meus olhos se abriram na hora; rapidamente abri as pernas e ajustei o travesseiro enquanto ele rolava sobre si mesmo e para cima de mim, seu pênis vermelho e brilhante de loção com perfume de rosas. Ele deu algumas estocadas até encontrar o buraco. Ele enfiava muito rápido, para dentro e para fora, então desacelerou. Um pouco dolorido, mas a queimação se desfez numa sensação de mornidão. Ele inspirava e expirava em movimentos longos e medidos.

"Estou pronto", ele disse, depois de um minuto. Ele se inclinou sobre mim e pressionou os lábios contra os meus. Era um pouco difícil com a barba. Ele parou e tirou os cabelos da sua boca. Nossos dentes se chocaram.

"Estou pensando naquela música folk sobre galinhas e galos velhos", ele sussurrou, estocando. "Como é que é?"

"Não sei." Limpei minha boca.

"'Cluck, cluck, cock-a-doodle-doo e eles bateram os bicos…' Algo assim. Quer ficar por cima?"

Seus olhos estavam nos meus seios. Talvez fosse melhor se ficassem pendentes, em vez de amassados. Mas fiz que não. Em cima dele eu não conseguiria pensar na minha fantasia.

Apertei as pernas e fechei os olhos. Deveria ter sido fácil, mas foi necessária uma concentração feroz para imaginar que ele estava em cima de mim. Tive de apagá-lo completamente e reconstituí-lo, focando em seu peso imaginário em

oposição à sua verdadeira massa. Como sempre, ele me incentivou muito; vezes sem conta disse para eu pensar na minha fantasia. Eu estava quase chegando ao pico da exaustão quando o Phillip real interrompeu.

"Abra os olhos."

Para lhe agradar abri os olhos por um segundo e vi sua boca franzida num anel apertado; ele estava forçando ar para dentro e para fora. Rapidamente voltei a fechar os olhos.

Tudo estava bagunçado agora, então desisti da fantasia e tentei imaginar que o pênis dentro de mim era minha própria versão do membro de Phillip, e que eu era quem estava enfiando, em Clee. Uma vez que peguei o jeito, a cena pareceu muito real. Como uma lembrança.

"Onde foi que você a conheceu?", arquejei.

"Quem?" Ele parou os movimentos por um momento, e então continuou. "No consultório de um médico. Uma sala de espera."

"Dr. Broyard."

"Isso. Jens."

Ela está lendo uma revista e ele se senta. Ele fala algumas trivialidades sobre a esposa do médico, sobre ela ser uma pintora renomada. Ele não a reconhece, até que pergunta seu nome.

"Clee."

Ele sorri, juntando as peças, olhando-a de cima a baixo. Quais as chances de eles se encontrarem casualmente desse jeito? Altas. Naquela sala de espera, as chances são maiores do que a média. Por isso que a mandei para lá. Ele diz que acha que conhece os pais dela.

"Você está ficando na casa de Cheryl Glickman? Da empresa deles?"

Ela pisca ao ouvir meu nome. Eu sou a mulher que acabara de lhe dizer que seus pés tinham mau cheiro; eu ainda podia ver seu enorme sorriso e como ele se desfez. Ela me *desejava* e eu a mandara ao médico. Sua perna começa a tremer de raiva; Phillip coloca sua enorme mão nela. Ela olha para sua barba grisalha, suas sobrancelhas desgrenhadas. "Como é mesmo seu nome?"

Até mesmo da sua mesa Ruth-Anne consegue ver o que vai acontecer em seguida. Espermatozoide entra no útero, fertiliza o óvulo, zigoto, blástula, e daí por diante. A consciência de Jack começa nesse dia.

Eu não o fiz, mas fiz tudo certo para que ele fosse feito.

Eu queria você tanto assim.

Olhando para a babá eletrônica, fiquei maravilhada pensando na rede de pessoas que o haviam criado e lágrimas orgulhosas incharam por trás das minhas pálpebras. Meu filho.

"Tudo bem?"

Fiz que sim, escondendo minha alegria. Phillip rolou de cima e de dentro de mim.

"Tudo bem", ele arquejou. "Também não consigo gozar mais. E provavelmente é mais seguro se eu não tentar — apesar de que… que beleza, hein?" Ele esfregou minha coxa suada algumas vezes. "Quero que você saiba que não tenho medo, mas…" Ele engoliu. "Não, não é verdade. Tenho muito medo. Mas não tenho medo de ter medo."

Concordei balançando a cabeça. Sobre o que estávamos conversando? Jack rolou para o lado e então de barriga para cima de novo.

"Fiquei alerta esse tempo todo, desde que eu era jovem — para não me pegar de surpresa. Quero saber quando chegar, quero recebê-la."

Estávamos falando da morte.

"*Oh, olá*, vou dizer. *Entre. Deixe-me pegar minhas coisas antes de irmos.* Mas em vez de pegar qualquer coisa vou simplesmente abrir mão de tudo. Adeus, casa, adeus, dinheiro, adeus, ser um homem bacana e maravilhoso. Adeus, Cheryl."

"Adeus."

"E então vou sair porta afora, por assim dizer."

Eu podia ver a porta, eu a trancando atrás dele. O quarto ficou estranhamente frio, quase como uma cripta. Jack estava de barriga para baixo agora.

"Tenho um testamento e planos para o funeral e assim por diante, mas se você não se importa…"

De repente, Jack chorou; o choro explodiu da babá eletrônica, rasgando a noite.

"… se você não se importa", Phillip levantou a voz para ser ouvido por cima do choro, "vou lhe contar alguns dos detalhes. Você já ouviu falar dos EcoPods? Eu gostaria de ser enterrado num desses."

"Eu preciso…", apontei para a babá eletrônica. Phillip ergueu um dedo em riste.

"Não são legalizadas, mas se você…"

Jack soluçava; me pus de pé. Phillip olhou para mim, as sobrancelhas franzidas. "É apenas a segunda vez que conto isso para alguém."

O bebê chorava, incrédulo. Eu nunca deixara de ir quando ele chorava. Pulei da cama e corri do quarto.

Era um dente rasgando a gengiva. Uma mamadeira não o acalmou, então caminhei com ele pela casa. Não funcionou, então pus o canguru sobre a camisola e o instalei lá. Vesti um casaco por cima e me esgueirei para a varanda. Meus sapatos estavam bem ali, esperando.

O céu parecia clarear enquanto caminhávamos. Mas o nascer do sol ainda demoraria horas; talvez fosse só a lua, ou meus olhos se ajustando. Em vez de caminhar em círculos grandes como eu costumava fazer, desbravamos novos terrenos, quadra por quadra. Na segunda-feira o homem viria ver a pérgola. Phillip e eu teríamos escovas de dente elétricas idênticas. A coisa com o telefone

e ele dizer *agora* logo seriam normais. Assim como assistir a *60 Minutes*. Jack olhou bem para cima, de repente calmo, os olhos fixos num par de luzes piscantes.

"Avião." Esfreguei suas costas. "Um dia você vai andar num avião." Desapareceu da vista. O mundo parecia cálido e seguro, como se estivéssemos protegidos, num vasto cômodo. Ele esticava o pescoço para um lado e para o outro. Acariciei sua cabeça.

"Todos os outros bebês do mundo estão dormindo", sussurrei.

Minhas pernas estavam loucas para se mexer, quase pulando. Eu poderia seguir assim para sempre, meus braços envoltos na única coisa que realmente importava, uma mamadeira cheia num bolso e minha carteira no outro. Tínhamos tudo do que precisávamos. Quão longe eu caminharia? Será que eu conseguiria chegar até aquela área montanhosa ao longe? Eu nunca percebera realmente aqueles enormes picos; pareciam ter surgido do chão havia pouco, iluminados pela cidade. Caminhei por uma hora sem ter um pensamento sequer, Jack havia muito adormecido contra meu peito. A maioria dos lares estava completamente no escuro ou iluminada apenas por uma TV. Um homem levou seu aspersor de grama para fora. De resto, apenas gatos, em toda parte. As montanhas permaneceram do mesmo tamanho por horas, como se eu as empurrasse à frente com cada passo. Então de repente elas estavam logo ali; eu estava aos pés de uma. Será que eu seria impelida a escalá-la? Estava difícil ver o topo agora; me inclinei para trás, com uma mão na bundinha quente de Jack. Não podia ser vista de tão perto. Dei as costas e caminhei para casa.

Às cinco da manhã, Phillip se mexeu. Ele acordou num sobressalto quando me viu vestida, escovando o cabelo.

"Não sei se você toma cafeína. Fiz um pouco de *oolong*", falei.

Sua cabeça gingou para o outro lado, para a xícara fumegante sobre o criado-mudo. Suas roupas estavam cuidadosamente dobradas ali, com a escova elétrica em cima. Eu havia enrolado o fio num pequeno maço. Ele demorou um pouco para absorver cada uma dessas coisas. Então lentamente se levantou e começou a se vestir no escuro. Eu me apoiei na parede oposta e beberiquei meu chá enquanto o observava.

"Imagino que o clima na Tailândia seja ótimo para os pulmões. Talvez lar seja lá?"

"Talvez, não sei. Tenho muitas opções."

"Só uma ideia."

Ele abotoou e enfiou a camisa para dentro das calças, calçou as meias pretas.

"Seus sapatos estão na varanda."

"Isso mesmo."

Caminhamos até a sala, nossas xícaras do dia anterior descansando no escuro

sobre a mesinha de centro.

"Ele está dormindo profundamente, mas se você quiser dar uma última olhadinha…" Segurei a babá eletrônica à sua frente. Phillip a segurou, mas hesitou antes de olhar para a tela.

"Ele pareceu um pouco distante para você?", ele perguntou.

"Distante? Jack?"

"Talvez eu o tenha interpretado mal. Acho que tive uma recepção fria." Ele espremeu os olhos eloquentemente para a forma adormecida. De repente se empertigou e me devolveu a babá.

"Duvido que ele seja meu. Sabe como eu sei? Não sinto nada aqui." E cutucou o próprio peito com os dedos duros; o som era oco.

Fiquei em pé junto à porta e observei enquanto ele calçava os sapatos; ele me fez uma pequena saudação da varanda, então desceu atabalhoadamente a escada. Fechei a porta da frente, sem fazer barulho, e deitei no sofá. Melhor tentar dormir um pouco antes de o dia começar.

---

* "Jardim de um celeiro" e "quintal dos fundos", respectivamente. (N. T.)

Epílogo

O voo de volta da China estava cheio de famílias e demorou bastante tempo para todo mundo desembarcar. Então teve uma fila sem fim na alfândega e o adolescente no início da fila não conseguia encontrar o passaporte. Finalmente eles passaram pelo longo corredor para a área de desembarque. Mães e pais e maridos e esposas ao final da sala exclamavam e abraçavam. Enquanto caminhavam, ele limpou o rosto com a mão e alisou o cabelo. Ela olhou para ele, nervosa.

"Estamos atrasados?"

"Um pouco. Não faz mal."

"E se ela me odiar?"

"Impossível."

"Como devo chamá-la? Sra. Glickman?"

"Chame de Cheryl."

"É aquela? Aquela mulher que está acenando?"

"Onde?"

"Lá no finalzinho. Com a mulher loira. Está vendo?"

"Oh. É. Parece que ela envelheceu. Clee também veio, essa é a Clee."

"Ela está tão feliz em ver você… oh, ela está correndo."

"É."

"É bem longe."

"A gente podia encontrar com ela no meio do caminho — vamos correr?"

"Mesmo? Estou com minha sacola. E que tal você correr e eu alcanço vocês?"

"Não, não. Podemos caminhar."

"É só que… minha sacola. Oh, nossa. Ela vai mesmo correr até a gente."

"É."

"Vá, ande."

"Tem certeza?"

"Sim. Me dê sua sacola. Eu alcanço vocês. Vá."

Ele correu na direção dela e ela correu na direção dele e à medida que começaram a chegar perto um do outro ambos começaram a rir. Riam e riam e corriam e corriam e corriam e uma música começou a tocar, instrumentos de sopro, um hino crescente, nenhum par de olhos secos na casa, os créditos subiram. Chuva de aplausos.

Agradecimentos

Eu gostaria de agradecer a Melissa Joan Walker, Rachel Khong, Sheila Heti, Jason Carder, Lucy Reynell, Lena Dunham e Margaux Williamson por lerem versões deste livro e por reagirem com tanta honestidade. Um obrigado especial para Eli Horowitz, que leu muitas versões e foi de muita, muita ajuda. Obrigada a Megan e Mark Ace pelo nome de família Clee, a Khaela Maricich por me mandar a música "Kooks", de Bowie, e para meu pai, Richard Grossinger, por autorizar que eu citasse seu livro *Embriogenese*. Obrigada a Michele Rabkin por conversar comigo sobre adoção e a Alok Bhutada por responder perguntas sobre aspiração de mecônio. Obrigada a Jessica Graham, Erin Sheehan e Sarah Kramer por tomar conta tão bem do meu filho enquanto eu escrevia. Obrigada a minha agente, Sarah Chalfant, por dizer "você vai ter um bebê E vai escrever um romance" e por muitas outras verdades fortes e inspiradoras. Obrigada a Nan Graham por seu apoio leal e infalível a minha jornada titubeante e por um feedback de mestre. Por último, obrigada a Mike Mills, a quem este livro é dedicado. Seu amor e sua coragem e sua disposição a interagir me fazem superar todo e qualquer dia.



Miranda July é cineasta, artista e escritora. Escreveu, dirigiu e atuou em *O futuro* (2011) e *Eu, você e todos nós* (2005), que recebeu um prêmio especial do júri no Sundance Film Festival e quatro prêmios no Festival de Cannes, incluindo o Caméra d'Or. Os textos ficcionais de July foram publicados em *The Paris Review*, *Harper's* e *The New Yorker*; sua coletânea de contos, *É claro que você sabe do que estou falando* (2007), recebeu o prêmio internacional Frank O'Connor para narrativa curta e foi publicado em 23 países. O livro de não ficção *O escolhido foi você* foi publicado em 2011. Em 2000 July criou o site participativo Learning to Love You More, com a artista Harrell Fletcher, e um livro sobre a experiência foi publicado em 2007; o trabalho está agora no acervo do San Francisco Museum of Modern Art. Ela criou *Eleven Heavy Things*, um jardim de esculturas interativo, para a Bienal de Veneza de 2009, e em 2013 mais de 100 mil pessoas assinaram seu trabalho artístico à base de e-mails *We Think Alone* (encomendado por Magasin 3, Estocolmo). Em 2014 estreou a performance com participação da plateia *New Society* no Walker Art Center e lançou o aplicativo Somebody, um novo serviço de mensagens de texto. Criada em Berkeley, Califórnia, July vive em Los Angeles.

Copyright © 2015 by Miranda July
Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
The First Bad Man

Capa
Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa
Miranda July e Lee Noble

Preparação
Manoela Sawitzki

Revisão
Jane Pessoa
Isabel Jorge Cury
Márcia Moura

ISBN 978-85-438-0370-8

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Catorze

Quinze

Epílogo

Agradecimentos

Sobre a autora

Créditos